

ALEXANDRA BUJOKAS DE SIQUEIRA

O JORNAL E A EDUCAÇÃO
Leitura crítica, comunicação e
criatividade no Ensino Fundamental

Marília
1999



ALEXANDRA BUJOKAS DE SIQUEIRA

ALEXANDRA BUJOKAS DE SIQUEIRA

O JORNAL E A EDUCAÇÃO

Leitura crítica, comunicação e

O JORNAL E A EDUCAÇÃO

Leitura crítica, comunicação e
criatividade no Ensino Fundamental

1410000952



001.55
S619j
952-tese

ALEXANDRA BUJOKAS DE SIQUEIRA

O JORNAL E A EDUCAÇÃO

Leitura crítica, comunicação e
criatividade no Ensino Fundamental

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", campus de Marília, para a obtenção do título de Mestre em Educação (Área de Concentração: Ensino na Educação Brasileira)

ORIENTAÇÃO: PROF^A DR^A MARIA ALICE FARIA



Marília
1999

DADOS CURRICULARES DA AUTORA

Alexandra Bujokas de Siqueira

NASCIMENTO: 23.10.1973 - Itaporanga - SP

FILIAÇÃO: José Antonio de Siqueira
Yvone Bujokas de Siqueira

1991 - 1994 Curso de graduação
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"
Campus de Bauru
Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação
Comunicação Social - habiliação em Jornalismo

1995 - 1999 Curso de Pós-graduação em Educação
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"
Campus de Marília

*Dedico este trabalho a todos os professores que
sabem que a concretização do sonho de dias me-
lhores passa, necessariamente, pela sala de aula.*

AGRADECIMENTOS

A professora Maria Alke Faria, pela orientação

Ao professor José Manoel Ferreira do Vale, pelo incentivo

A professora e amiga Sônia Cabestre, pela companhia e pela diversão

A professora Maria de Lourdes T. Pitelli, pela confiança

As professoras que participaram do curso

Ao Danilo, pelo amor e pelo incentivo

A minha mãe, Yvone, por tudo

Dedico este trabalho a todos os professores que sabem que a concretização do sonho de dias melhores passa, necessariamente, pela sala de aula.

AGRADECIMENTOS

À professora Maria Alice Faria, pela orientação

Ao professor José Misael Ferreira do Vale, pelo incentivo

À professora e amiga Sônia Cabestré, pela companhia e pela diversão

À professora Maria de Lourdes T. Pitolli, pela confiança

Às professoras que participaram do curso

Ao Danilo, pelo amor e pelo incentivo

À minha mãe, Yvone, por tudo

"Quando os cidadãos souberem que a jornal pode mentir
ou, pelo menos, que ele pode apresentar como definitivas
soluções que são apenas de aspectos parciais dos proble-
mas, impõem-se pela vida quando estiverem aptos a discutir
com liberdade, mas também com ousadia, quando tiverem
uma forte fé baseada na investigação experimental e na
realidade (...), haverá, então, qualquer coisa de diferente
nas nossas democracias."

CÉLESTIN FREINET

SUMÁRIO

Introdução	3
Capítulo 1 - Ler o mundo e ler o jornal	13
Capítulo 2 - Como os professores lêem o jornal	20
Capítulo 3 - Fundamentação teórica	46
Capítulo 4 - Fundamentação pedagógica	66
Capítulo 5 - A produção das fichas	74
Capítulo 6 - Aplicações nas Unidades Pedagógicas	168
Considerações finais - Ponto de partida e ponto de chegada	181
Referências Bibliográficas	186
Índice	189
Resumo	
Apêndice	

“Quando os cidadãos souberem que o jornal pode mentir ou, pelo menos, que ele pode apresentar como definitivas soluções que não passam de aspectos parciais dos problemas impostos pela vida; quando estiverem aptos a discutir com prudência, mas também com ousadia, quando tiverem uma formação baseada na investigação experimental e na criatividade (...), haverá, então, qualquer coisa de diferente nas nossas democracias.”

CÉLESTIN FREINET

SUMÁRIO

Introdução	8
Capítulo 1 - Ler o mundo e ler o jornal	13
Capítulo 2 - Como os professores lêem o jornal	20
Capítulo 3 - Fundamentação teórica	46
Capítulo 4 - Fundamentação pedagógica	66
Capítulo 5 - A produção das fichas	74
Capítulo 6 - Aplicação nas Oficinas Pedagógicas	168
Considerações finais - Ponto de partida e ponto de chegada	181
Referências Bibliográficas	186
Anexos	189
Resumo	
<i>Abstract</i>	

INTRODUÇÃO

Desde que o professor Célestin Freinet começou a usar o jornal em suas atividades pedagógicas na escola operária de Saint Paul de Vence, na França, em 1930 (talvez a primeira experiência significativa na área que se tem notícia), muitos educadores e pesquisadores das áreas de Comunicação e Educação vêm sistematizando métodos para o uso da imprensa na sala de aula. As técnicas e propósitos variam de acordo com a postura pedagógica adotada pelas escolas e professores — que vão desde a leitura descompromissada e ingênua, até a que procura identificar fatos e versões, valores e significados da informação dentro do contexto social caracterizado por contradições. Menos comum, esta última prática encontra respaldo na escola empenhada em formar alunos críticos e atuantes no processo de transformação da sociedade.

A preocupação com uma leitura crítica da mídia se justifica pelo fato de que, evidentemente, o exercício da cidadania passa pelo acesso à educação — compreendida desde a alfabetização até a aquisição de conhecimento para a atuação profissional e intelectual — e os meios de comunicação têm importante papel no processo educativo, já que permitem ao sujeito conhecer os problemas do seu tempo. Ou, pelo menos, deveria ser assim.

Ismar de Oliveira SOARES (1989: 25) destaca três funções básicas que teriam os meios de comunicação: informar, transmitir a herança cultural e oferecer opção de lazer. A questão é, no mínimo, complexa. Informação, aqui deve ser entendida como um dado que provoca desordem em um estado inicial de equilíbrio, segundo as definições da Teoria da Informação sistematizadas por J. Teixeira COELHO NETO (1980: 120). Isto é, pode-se imaginar uma situação em que o leitor mantém uma crença sobre um aspecto do exercício da cidadania, por exemplo e, neste caso, uma matéria que traz informação sobre o assunto deve provocar uma desordem no equilíbrio da crença, que deverá ser revista pelo indivíduo em função da necessidade de considerar o dado novo. Assim, deve-se avaliar que tipo de informação seria veiculada pelos meios inseridos em uma sociedade de classes e controlados pelas camadas hegemônicas.

É discutível, inclusive, a qualidade da cultura transmitida por esses veículos. E as opções de lazer, por sua vez, muito provavelmente se resumiriam ao consumo de bens simbólicos produzidos pela indústria cultural, muitas vezes vista pelos críticos como a "indústria da evasão".

Ademais, deve-se considerar o fato de que, em uma sociedade capitalista, os meios de comunicação, em sua maioria, estão nas mãos de proprietários do capital, que têm como objetivo principal a multiplicação do lucro, obtido através da comercialização de espaços publicitários. A

inserção de conteúdo informativo, neste caso, é útil enquanto viabiliza o comércio de publicidade. Em situações extremas, a informação seria acidental.

Críticos da comunicação de massa já destacaram, inclusive, mecanismos que tornam a notícia um produto vendável e barato. São comuns na imprensa em todo o mundo, por exemplo, práticas de “cobertura de fatos” como perseguir pessoas públicas que se envolvem em escândalos pontuais de corrupção, reduzindo a questão àquela circunstância específica. Assim, fotos comprometedoras, depoimentos explosivos de pessoas que já fizeram parte da vida do sujeito etc, passam a ganhar destaque nos jornais. As circunstâncias que geraram o escândalo, os problemas políticos relativos ao fato (a princípio, informação que faz diferença) são abordados de maneira superficial. Porque é dessa forma que o produto se torna atraente. A banalização alcança a massa com mais eficiência.

Questões como essas levam muita gente a se indagar que tipo de receptor deve ser formado para os produtos da mídia, considerando-se, é claro, a preocupação em conquistar a cidadania. E as experiências têm-se multiplicado. A França, por exemplo, sedia diversas instituições que reúnem pesquisadores das áreas de Comunicação e Educação preocupados em sistematizar o uso da imprensa na escola, já que, de forma caótica e alienada, as mensagens da mídia são recebidas por olhos e ouvidos dispersos pelo mundo. Naquele país se destacam centros como o CLEMI, o *Centre de Liaison de l'Enseignement et des Moyens d'Information*, que desenvolve programas e materiais pedagógicos destinados à leitura crítica da mídia na escola. Em Portugal, o jornal *Público* promove concursos anuais para premiar os melhores jornais escolares. O desempenho de professores e alunos em relação ao uso do jornal na escola é, inclusive, divulgado no boletim *Público na Escola*.

No Brasil, há pelo menos duas décadas, educadores, estudiosos da comunicação e jornalistas vêm se empenhando em desenvolver experiências de sucesso na área. A UCBC, União Cristã Brasileira de Comunicação Social, por exemplo, é autora do projeto LCC — *Leitura Crítica da Comunicação*, que sistematiza técnicas de análise dos conteúdos dos meios de comunicação utilizadas em núcleos escolares e comunitários. A entidade também promove congressos anuais para discutir mecanismos de democratização dos meios de comunicação, onde pesquisadores da área se reúnem para relatar suas experiências, inclusive com leitura crítica na escola e produção de jornais escolares. O Sepac, Serviço da Pastoral da Comunicação, vinculado às Irmãs Paulinas, tem produzido cursos e livros sobre o tema. A Intercom, Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, dedicou seu encontro anual de 1985 às questões do relacionamento entre a Comunicação e a Educação, e até a proposta curricular de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental da Secretaria de Estado da Educação do governo de São Paulo propõe o uso de textos jornalísticos na sala de aula.

Em qualquer perspectiva, a educação crítica para receber as mensagens da imprensa constitui um desafio para aqueles que se propõem a realizar tal tarefa. De início, dois problemas surgem para o desafiante: o desinteresse dos alunos pela leitura de jornais e o despreparo da maioria dos professores e, em especial dos professores da rede pública de ensino.

O desinteresse pelo jornal é um fenômeno que não exige grandes reflexões para ser explicado. Como observou o professor José MARQUES DE MELO (1985: 49), a "*leitura diária de jornal representa um indicador civilizatório bastante expressivo. Qualquer país que envereda pelo desenvolvimento econômico, repartindo melhor o produto social entre seus habitantes, registra sempre a progressão das tiragens de jornais*". No âmbito específico da escola, o desinteresse pela imprensa vem se somar ao desinteresse pelos conteúdos em geral, principalmente por causa do modelo pedagógico desgastado, que precisa ser revisto.

O desinteresse também se justifica pelo fato de que a leitura de jornais só faz diferença para o cidadão integrado à engrenagem social. Não é de admirar, então, que o grande contingente de pessoas que vive mais ou menos à margem do sistema (e que ocupa os bancos das escolas públicas) não se interesse pelo jornal. Para quem não tem poder de decisão, não faz diferença saber ou não que rumos tomam a política e a economia do país, por exemplo. É fundamental, então, que o uso da imprensa na sala de aula venha acompanhado da reflexão e da mudança na própria postura pedagógica dos educadores, se o modelo usado for o conservador autoritário. É preciso acabar com a prática da transmissão do conhecimento em módulos desligados da realidade social, e desenvolver no aluno o espírito da participação democrática, da luta pela conquista de direitos — possível quando se conhece os problemas contemporâneos que, bem ou mal, estão estampados nas páginas dos jornais.

A falta de preparo dos professores não é assunto para ser debatido no presente trabalho mas, se o sistema educacional do país ainda não se empenhou em formar alfabetizadores eficientes, o que se dirá da formação de professores críticos. E, embora os Parâmetros Curriculares Nacionais publicados pelo MEC considerem que *algumas tecnologias informacionais como livros, jornais e revistas já fazem parte da escola há muito tempo* (1998: 142), o que se tem visto na prática é a significativa falta de familiaridade dos professores com a imprensa em geral. Por isso, não é à toa que muitos educadores enxergam no uso do jornal um tremendo abacaxi que provavelmente contribuirá para o desmoronamento de todo o esquema do conhecimento estagnado e pouco significativo. Esquema que tem gerado tédio e revolta nos alunos, afugentando as crianças da escola.

Este trabalho é mais uma aceitação do desafio. Aqui, o objetivo é produzir um material pedagógico abrangente e prático, com informações para o professor e sugestões de atividades para estimular a leitura de jornais, efetuar avaliação crítica da imprensa e, se possível, produzir boletins escolares que ofereçam um contraponto ao tratamento dos fatos de importância social dado pela imprensa de massa. O fio condutor que liga os diversos assuntos abordados nas fichas é a preocupação em evidenciar os mecanismos de produção do jornal, qualificando-o como um produto comercial sujeito aos mesmos problemas que limitam outros produtos da indústria cultural, às vezes com mais, às vezes com menos intensidade.

A tese principal que norteou a produção das fichas de informações e atividades é a possibilidade da leitura crítica desde que o leitor conheça os mecanismos de produção da notícia. Conhecendo o percurso desde a ocorrência do fato até a impressão dos dados no jornal, os filtros

que selecionam informações e orientam a interpretação do acontecido e os limites da prática jornalística, o leitor terá condições de duvidar do jornal, questionar a postura dos meios, fazer sugestões e recusas, enfim, ser participativo. A sociedade está carente de leitores desse tipo.

O presente trabalho é composto de quatro etapas, definidas com vista a alcançar o objetivo geral de oferecer ao professor de português de 5ª a 8ª série um material prático para efetuar a leitura crítica de jornais com seus alunos. Inicialmente, foi realizada uma pesquisa através de questionários distribuídos aos professores de Língua Portuguesa, História e Geografia das escolas estaduais de Bauru. O questionário procurou identificar aspectos do preparo (e do despreparo) dos professores para ler criticamente os jornais, preferências e rejeições em relação à mídia, e atividades que realizam em sala de aula, usando jornais. Posteriormente, verificou-se que as atividades tais como estão propostas nas fichas seriam melhor aproveitadas pelos professores de Português — que usam o jornal como suporte de leitura. Os docentes de História e Geografia usam jornais como documentos complementares para despertar a curiosidade dos alunos sobre fatos históricos que compõem o currículo escolar. Assim, uma matéria sobre o lançamento do filme “Guerra de Canudos” é usado como ponto de partida para o estudo do episódio em sala de aula. Ou fotos sobre a seca no Nordeste brasileiro iniciam os estudos sobre os fenômenos meteorológicos. Portanto, a rotina de produção da notícia e a comparação de versões não seriam atividades bem sucedidas nas aulas de História e Geografia, por causa da falta de estrutura curricular e do tempo limitado. Embora todos tenham respondido o questionário, somente os professores de Português receberam o material.

Tabuladas as respostas, dados menos ou mais previsíveis foram considerados na segunda etapa, a da elaboração das fichas. Tempo disponível semanalmente para usar o jornal, falta de repertório para efetuar a leitura crítica e considerável desconhecimento da rotina de produção da notícia por parte do público foram exemplos de dados que orientaram a seleção e a estratégia de abordagem dos conteúdos das fichas. Os resultados do questionário e os critérios para produção do material serão expostos com mais detalhes nos capítulos 2 e 4 e 5.

Na terceira etapa, foram realizadas as oficinas pedagógicas, na sede da Delegacia de Ensino de Bauru. Os professores participaram de quatro oficinas, de oito horas cada, realizadas com periodicidade mensal, entre abril e junho de 1997. A mecânica das aulas, bem como a avaliação da receptividade dos professores serão expostas no capítulo 6.

Finalmente, a quarta etapa procura avaliar os resultados do trabalho. De antemão, uma questão se sobressai: que critérios devem ser considerados para saber se o material alcançou os resultados planejados? De fato, não há como mensurar resultados de maneira rigorosa, já que, entre o conteúdo das fichas e o aprendizado dos estudantes, há a influência de uma série de fatores externos à pesquisa. Assim, por exemplo, o despreparo dos professores para lidar com o assunto (e que 32 horas de curso não seriam suficientes para resolver), a irregularidade no repertório dos alunos — alguns já são leitores porque têm motivação em casa, outros sequer dominam a leitura — e a ausência de assinatura de jornais são fatores que certamente dificultaram o alcance dos resultados; mas que

não tiveram como ser evitados.

Ademais, aqui, a principal preocupação é criar um material adequado, para que cada professor o utilize segundo o ritmo e a complexidade mais apropriados para sua turma. Assim, pode-se considerar que as impressões manifestadas pelos professores durante a realização das oficinas, as respostas sistematizadas em um questionário preenchido pelos participantes ao final do curso e uma nova leitura atenta do material, considerando a avaliação dos docentes, oferecem parâmetros para uma avaliação final do trabalho. A produção dos alunos, recolhida no final de 1998 (em anexo), serve como mais um dado de referência, mas não é considerada o meio exclusivo de avaliação.

Uma última observação é necessária nesta introdução. O desenvolvimento deste trabalho se torna particularmente relevante se se considerar o novos Parâmetros Curriculares Nacionais definidos pelo governo federal. De fato, os PCNs cobram do professor a utilização de novos suportes de leitura. Assim, ao lado dos tradicionais textos literários, outros gêneros como a publicidade e os jornais devem ser usados na prática da sala de aula. Entretanto, o professor precisa estar familiarizado com as particularidades de cada suporte, caso contrário, longe de aprimorar o ensino da linguagem, tais atividades vão gerar muita confusão. Tome-se dois exemplos para explicar melhor. Embora os textos publicitários e jornalísticos convivam lado a lado nas páginas dos jornais, a princípio, pelo menos, as funções de cada um são radicalmente diferentes. Enquanto a publicidade é arquitetada para seduzir o leitor usando apelos emotivos e não racionais, o jornalismo procura trazer dados objetivos que instigam o raciocínio levando o leitor a confrontar seu repertório com o dado novo e, conseqüentemente, ficar informado. Os estilos, inclusive, são diferentes e os recursos visuais recebem tratamentos diversos.

Portanto, se a sistematização e a ordenação de informações são passos fundamentais para o aprendizado crítico, é necessário que cada suporte receba tratamento adequado.

Não é o caso abrir aqui uma discussão sobre as lacunas no texto do MEC mas, de fato, os PCNs cobram o uso dos diversos gêneros na sala de aula — uns mais e outros menos familiares ao professor — sem, no entanto, propor estratégias definidas de abordagem. Fica, portanto, uma falta, que trabalhos como este podem ajudar a solucionar.

Como já foi destacado, o método de elaboração das fichas destaca os problemas conseqüentes da prática jornalística limitadora para formar o leitor crítico. Entretanto, conhecer as técnicas de construção da notícia não basta. É preciso que o leitor tenha familiaridade com o processo social de produção da informação e saiba localizar o papel ideológico dos jornais no espaço social marcado por contradições. Isto é, a leitura do mundo, precede a leitura do jornal. O próximo capítulo trata desta questão.

LER O MUNDO E LER O JORNAL

Muniz SODRÉ (1971: 7), citando o sociólogo Lucian W. Pye, observou que, numa sociedade, o processo de comunicações é coincidente com o processo político — e com as conseqüentes diretrizes econômicas. Assim, a história da imprensa brasileira, desde a sua fundação, vem marcada pelo modo peculiar como o processo político se desenvolveu no país. Desde o período colonial, a sociedade brasileira foi caracterizada por uma política elitista, pela negação da participação popular nos processos de decisão e pela marginalização econômica. Mesmo depois da proclamação da República, a estrutura social manteve-se praticamente intocada. Neste contexto, os primeiros jornais, ou são organizações pertencentes ao governo, ou são empresas de natureza particular mas que contam com apoio governamental. E ao governo estão atreladas.

As transformações políticas e econômicas ocorridas no final do século XIX e início do século XX, mais especificamente, a industrialização (e o surgimento da classe operária), a dinamização do comércio interno, o processo de urbanização, a criação de escolas públicas e a descentralização administrativa (com a criação das Províncias que depois se tornariam Estados), criaram um novo quadro para atuação da imprensa no Brasil. Ou, pelo menos deveriam. Nessa época, a imprensa começa também a ser utilizada pela classe operária, como instrumento de divulgação de reivindicações trabalhistas ou de defesa dos interesses das classes populares. Entretanto o que se viu foram pequenos jornais, de tiragem reduzida e curta duração. No mesmo período, começam a surgir as primeiras empresas jornalísticas que vêem no jornal não apenas fonte de poder político, mas uma maneira de reproduzir o capital. *"O jornalismo assume, portanto, uma estrutura operacional típica das empresas capitalistas (...). São organizações que se mantêm com recursos provenientes da publicidade, mas que, diante das limitações do capitalismo periférico, não podem se dar ao luxo de dispensar subsídios estatais¹".*

O jornalista Paulo Nogueira, em artigo publicado no jornal *Unidade*, do Sindicato dos Jornalistas profissionais no Estado de S. Paulo, afirma que *"mesmo na ditadura (...) os jornais que publicavam receita de bolo no lugar de matérias (...) ganharam muito, como se vê nos documentos oficiais de hoje (...). Construíram sedes novas e contaram com a colaboração de ministros na área econômica da ditadura para se salvarem da falência"*. (Julho de 1998: 3). Os jornais constantemente publicam dados sobre os gastos do governo com publicidade. A publicidade veicu-

1. MELO, José Marques. *Para uma leitura crítica da comunicação*. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

lada somente na TV para comemorar o 4º aniversário do Plano Real, por exemplo, segundo dados publicados pelo jornal *Folha de S. Paulo* (23 de junho de 1998: 7) consumiu R\$ 3 milhões para inserção de filmes com 15 e de 30 segundos de duração.

A partir da década de 30, o governo se esforça para desenvolver a produção e o consumo de bens nacionais, e a imprensa vislumbra, assim, a possibilidade de se tornar um empreendimento que fosse para a frente com as próprias pernas. Estimulando o consumo de produtos nacionais através da publicidade, os jornais poderiam viver com a renda obtida pela venda dos espaços publicitários mais a venda de exemplares avulsos. E, como observa José MARQUES DE MELO (1985: 17),

"(...) A natureza incipiente da industrialização nacional, não levada às últimas conseqüências pela burguesia brasileira, que sempre manteve uma subordinação histórica ao capitalismo internacional, deixou de ampliar o mercado interno, limitando assim a faixa da população consumidora. Essa circunstância atuou diretamente sobre as empresas jornalísticas, que nunca puderam atingir o desenvolvimento autônomo verificado nos países capitalistas avançados. Os investimentos realizados nesse setor nem sempre permitiram, a não ser algumas poucas exceções que confirmam a regra, que viessem a funcionar como empresas capitalistas independentes em relação ao Estado."

Assim, apesar das mudanças no panorama econômico mundial e brasileiro, o país mantém tiragens de jornais muito baixas - se se considerar o volume de potenciais leitores — quando comparado a outros países². Como conseqüências de tal comportamento, para o empresariado, pode-se dizer que nem os maiores jornais brasileiros são tão rentáveis quanto seus correspondentes em países como Estados Unidos, França ou Japão, por exemplo. Por isso, a maioria dos jornais não consegue a independência que gostaria. Para os leitores, principalmente os que fazem parte das classes de trabalhadores assalariados, sem acesso à informação, falta a imprensa do contraponto. Há, inclusive, a possibilidade objetiva de uma análise mais pessimista: o leitor, médio, na maioria das vezes, nem sequer distingue temas de verdadeiro interesse social dos *faits divers* publicados para atrair o interesse pelo grotesco e garantir as vendas. Não raro, ficção e realidade se misturam; notícia e entretenimento absurdo estão juntos em espaços originalmente tidos como de informação.

Os fatos destacados apontam para a necessidade de criar mecanismos e oportunidades

2. Pesquisadores da área de Comunicação observam que, enquanto a soma das tiragens dos principais jornais do Brasil atinge, em média, 8 milhões de exemplares em dias úteis e cerca de 14 milhões aos domingos, em alguns países como o Japão, por exemplo, um único título chega a atingir os 8 milhões de exemplares na edição matutina, e cerca de 6 milhões na edição vespertina. São cerca de 15 milhões de exemplares diários, de um único jornal.

para que a população conheça as insuficiências do jornalismo que lhe é oferecido, saiba selecionar meios de informação — e neste caso inclui-se também a produção de meios que atendam seus interesses de classe — comparar e criticar o que está sendo veiculado. Certamente, há diversas formas para se efetivar um projeto desses, seja em atividades com pequenas comunidades, grupos minoritários, segmentos partidários e na escola, por exemplo.

A escola foi o espaço escolhido para o desenvolvimento deste projeto de leitura crítica da mídia, por três motivos. Já que se pretende aqui atingir uma classe específica, a dos trabalhadores, a escola pública mostrou-se lugar adequado porque: 1. Reúne pessoas pertencentes às classes populares em sua maioria; 2. É o período em que essas pessoas têm mais tempo para dedicar ao aprendizado. Alguns anos depois, muitas crianças precisarão abandonar a escola, ainda que incompleta, para trabalhar e, dedicando-se a extensas jornadas de trabalho, não terão sequer forças para participar de reuniões que apontem problemas do jornalismo; 3. Diversos jornais como *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo* e *Tribuna de Santos*, por exemplo, estão lançando seus programas de jornal na escola, com pretensões mais mercadológicas que educativas e provavelmente, contribuirão para a formação de leitores ingênuos, porém, fiéis assinantes.

Aqui, como em outras atividades que se proponham oferecer um contraponto à prática social estabelecida, a tarefa não é fácil. O sucateamento da escola, com alunos desinteressados e revoltados, a formação inadequada e os baixos dos salários dos professores certamente são fatores que dificultam a introdução da leitura crítica. Ademais, o predomínio da mentalidade alienada e conservadora nas escolas — onde o professor aceito é aquele que dá a aula tradicional, com o "ponto" escrito na lousa e as provas de capacidade de avaliação duvidável — há muito vem barrando o sucesso de projetos inovadores. Apesar disso, muitos educadores e pesquisadores continuam empenhados em mudar a escola para melhor. Esta pesquisa procura dar sua contribuição.

O meio escolhido foi o jornal impresso pelo fato de tratar-se da mais tradicional forma de comunicação de massa, ter mais distinta a separação entre informação e entretenimento e ser material de fácil acesso, tanto para professores quanto para alunos das escolas públicas.

A proposta é, então, formar o leitor crítico. Para tanto, o primeiro passo é definir a leitura crítica, como deve ser feita, que recursos são necessários e que método pedagógico é o mais adequado para atingir os objetivos propostos — principalmente porque as atividades são direcionadas para uma escola que tem seus métodos (conservadores) que já fincaram raízes na formação dos professores e na mentalidade do público frequentador das aulas.

O LEITOR CRÍTICO

A avaliação crítica dos conteúdos veiculados pelos meios de comunicação não deve ser confundida com a rejeição pura e simples a esses meios (embora tal comportamento seja bastante comum). Bem ou mal, os meios de comunicação são reflexo do movimento social, caracterizado por disputas entre grupos e classes sociais, jogos de interesse, opiniões diversas e contraditórias, consensos, discordâncias, desavenças etc.

Se, antes, as próprias empresas jornalísticas se colocavam como detentoras de olhos clínicos, capazes de oferecer informações objetivas e imparciais dos fatos — o *slogan* do jornal *O Estado de S. Paulo* na década de 70, "O mundo visto por olhos nos quais você confia", é exemplo sintomático da posição — hoje a situação é um pouco diferente.

Assim, a divisão entre informação e opinião através da diagramação e o uso de recursos gráficos como fontes em itálico (para distinguir textos com pretensão informativa de textos caracteristicamente opinativos) e a presença maciça de articulistas que discorrem sobre os mais diversos temas — da novela à postura do âncora do telejornal, do cinema brasileiro à política internacional — são indícios de que os jornais se propõem agora a informar, prestar os serviços de seus analistas e, claro, opinar em sintonia com os valores eleitos pelo público que compartilha das crenças de classe dos donos dos jornais (empresariado e classe média).

Mas, e o trabalhador assalariado, o professor, o estudante têm noção dessa postura? A pesquisa feita com professores do Ensino Fundamental, de Português, História e Geografia das escolas estaduais de Bauru, por exemplo, mostrou que não. O questionário será apresentado com detalhes no próximo capítulo. A avaliação é restrita, é verdade, mas vale como ponto de referência significativo. Então, não adianta muito os jornais mudarem seu foco, se os leitores não souberem perceber a mudança. E a proposta deste trabalho é, justamente, dar uma guinada na percepção que professores e alunos de ensino fundamental têm do jornal.

Assim, a possibilidade de conhecer mecanismos de produção e atuação dos jornais na sociedade pode garantir mais independência e isenção na hora de formar opinião sobre fatos de interesse para a coletividade, principalmente em questões que se refiram à política governamental e à participação democrática nos diversos setores sociais. Vejamos como acontece. Por exemplo, questões como o pacote econômico do governo federal lançado no final de 97 para garantir a estabilidade da moeda, a atuação do Ministério da Reforma Agrária, a municipalização compulsória do ensino de 1ª a 8ª séries, ou a regulamentação dos seguros de saúde no país têm destaque na imprensa, mas, comumente, são avaliadas do ponto de vista da classe média, notadamente o público dos

meios. E é essa orientação que se generaliza pela sociedade, quando a massa de leitores, independente da classe social, é influenciada a defender, por exemplo, a privatização da Previdência, sem ter a oportunidade de refletir sobre o papel e as obrigações do Estado, porque os jornais não dão destaque a este enfoque³. Por outro lado, se as mesmas classes populares soubessem que o tratamento dado por jornais como *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo*, ou ainda a revista *Veja* não esgota a questão e, se pudessem ainda contar com a avaliação de uma imprensa sindical ou de bairro esclarecida e forte o suficiente para sustentar grandes tiragens de jornais, certamente teríamos pessoas mais interessadas por notícias, mais informadas e críticas. Esse perfil poderia levar, inclusive, ao incremento da participação em associações de bairro, sindicatos de trabalhadores, organizações não governamentais etc, organizando as classes populares para reivindicar do governo, por exemplo, medidas na saúde, na educação, na distribuição da renda e na habitação, que reduzissem a miséria e garantissem mais qualidade de vida. A informação, neste caso, faria diferença.

Mas, como o hábito de ler jornais não está apenas ligado ao interesse por informações significativas para atuação social, mas também ao lazer, traduzido pelo consumo de revistas e jornais de "variedades", as pessoas acabam usando o tempo destinado à leitura em impressos que misturam ficção e realidade como, por exemplo, a gravidez da Xuxa, o futuro das novelas, supostas separações e romances entre artistas, a briga pela audiência entre Faustão e Gugu, o resultado do futebol ou a criança que nasceu com duas cabeças. E o provável resultado de tal prática é a dissimulação da importância de determinados fatos porque são tratados como todos os outros. Ou seja, a corrupção na prefeitura de São Paulo e o ET de Varginha fazem parte do mesmo " Cotidiano".

Por isso, o material resultante desta pesquisa procurou, em primeiro lugar, propiciar atividades para conhecer os mecanismos de produção da notícia, a lógica de organização dos fatos nas páginas, os recursos utilizados para produzir o jornal, e os limites da objetividade. Em outras palavras, pretende-se que o estudante perceba, afinal, que o jornal segue rotinas industriais de produção como outros produtos quaisquer, estando sujeito a limites semelhantes. E que, apesar do status de "veículo de informação", não raro, é tão barato quanto um rolo de papel higiênico de quinta categoria.

Em segundo lugar, procurou-se estabelecer técnicas de comparação entre o fato e as versões dadas por diversos jornais e a distinção entre informação e entretenimento. Assim, o estudante leitor terá mais subsídios para criticar os jornais que recebe.

Finalmente, são sistematizadas algumas técnicas que facilitem a produção de boletins escolares, para estimular a divulgação de informações relevantes para o público escolar, superar o

3. No capítulo 3 serão discutidos mecanismos de influência dos meios na formação da opinião do leitor, entre eles a influência na definição da agenda temática dos assuntos que devem merecer a atenção do público.



leitor passivo e oferecer um contraponto para a visão dos fatos divulgados na imprensa. A fim de produzir um material enxuto e objetivo, optou-se por abordar apenas a produção de boletins, em detrimento de outros meios como, por exemplo, o jornal mural, que é mais comum nas escolas.

Embora o uso do jornal como ferramenta para o aprendizado da Língua Portuguesa não esteja previsto nessas páginas, um uso não se separa do outro na prática da sala de aula, evidentemente. Entretanto, questões pontuais da gramática e estudo da linguagem, por exemplo, não estão planejadas. Neste caso, cabe ao professor conciliar os conteúdos propostos no material ao programa da disciplina.

Os argumentos apresentados até aqui podem causar a impressão de que aos jornais cabem poucas qualidades positivas. Se assim o fosse, quanto mais longe da escola estivesse a imprensa, tanto melhor para os estudantes. No entanto, a proposta é exatamente contrária: o jornal deve fazer parte do cotidiano da sala de aula, por mais contraditório que seja o meio de comunicação. Vamos ampliar a questão.

Como produto da indústria cultural — caracterizada pela produção em larga escala de bens simbólicos — os jornais precisam se adequar ao gosto médio a fim de atingir a “massa” de leitores. Evidentemente, a produção deve se pautar pelas referências do “gosto médio” e a média, como se sabe, nivela por baixo e reduz o grau de complexidade da mensagem. É possível considerar até que, quanto maior for a tiragem pretendida, mais simplista deve ser a abordagem do jornal. A tendência, no entanto, não esgota a questão.

Com efeito, não é possível aos editores diagnosticar com o precisão o repertório de seus leitores. Assim, a melhor receita para garantir tiragens (e, conseqüentemente, anunciantes) ainda é a do “tiros para todos os lados”. Assim, jornais que pretendam alcançar tiragens nacionais (como o fazem a *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, por exemplo) trazem em seu corpo editorial uma indigesta mistura de banalidades e informação. Ou seja, ao lado das notícias sobre desastres, raptos, agressões, acidentes, assaltos e estiquisitices de todo tipo, os jornais trazem também dados significativos para o crescimento intelectual do leitor, comumente complementados por análises preciosas da equipe de articulistas.

A esta altura, a questão fundamental é: o leitor médio brasileiro sabe “garimpar” as informações? Sabe selecionar o que é significativo daquilo que não presta para nada? Estudos esparsos sugerem que não.

É claro que a capacidade para analisar criticamente a mídia pressupõe a aquisição de conhecimentos básicos e externos à atuação dos jornais como, por exemplo, o pleno domínio da língua materna e a consciência sobre questões fundamentais da cidadania. Mas, juntamente como o que podemos chamar de “conhecimento básico” parece ser necessário também adquirir uma “educação

para mídia” que implica no domínio de conteúdos específicos como, por exemplo, a distinção entre notícia e informação⁴. Tais conteúdos encontram espaço em uma proposta de “pedagogia dos meios de comunicação”, que pode tornar facilitar a leitura, a fim de que o cidadão comum perceba as contradições do jornal — que informa mas também aliena.

As vantagens pedagógicas do jornal serão discutidas com mais detalhes no capítulo 4, mas cabe aqui destacar a dinamização do aprendizado que se consegue com o uso, considerando-se, por exemplo, a diversificação de linguagens existentes nas páginas impressas. É possível partir da leitura de uma charge para desenvolver, por exemplo, atividades com interpretação de textos. As informações obtidas com a leitura do desenho e de reportagens que se refiram a ele podem oferecer ao aluno subsídios para manifestar suas posição em relação ao fato estudado, produzindo dissertações mais significativas que a desgastada “minhas férias”. Sem contar, é claro, com o ganho político que as atividades podem trazer.

De fato, a proposta é bastante otimista se se considerar a realidade do ensino público brasileiro. Mas vale a pena tentar.

Após as considerações feitas sobre o valor social do jornalismo, é hora de apontar o valor que imprensa possui para os educadores. O próximo capítulo aponta tendências da leitura efetuada pelos professores que participaram da pesquisa inicial.

4. A distinção entre notícia e informação será discutida no capítulo 3.



COMO OS PROFESSORES LÊM O JORNAL

Evidentemente, o conhecimento do universo onde uma pesquisa será desenvolvida é passo inicial do trabalho científico. No caso deste projeto, diversas estratégias forneceram as informações necessárias para a definição do conteúdo das fichas. Assim, por exemplo, uma revisão bibliográfica nas áreas de Educação e Jornalismo, dados coletados em textos científicos e jornalísticos e conversas informais com professores delinearam um panorama sobre os modos como o jornal vem sendo utilizado em sala de aula. Entretanto, faltavam dados mais detalhados sobre questões como as dificuldades encontradas pelos professores e a infra-estrutura de que dispunham na escola para usar o jornal. Uma noção do repertório dos educadores para ler criticamente a imprensa pareceu particularmente importante, já que a leitura crítica é um dos principais objetivos do projeto, e o sucesso da empreitada depende, em última instância, da ação dos professores.

Assim, optamos pela definição de um questionário para: 1. traçar um perfil da formação e atuação do professor; 2. identificar seus hábitos de “consumo” de informação, e, se possível, 3. delinear o nível de reflexão em relação à mídia e detectar possíveis dificuldades que eles tinham para usar o jornal. O questionário foi, então, dividido em três partes. A primeira etapa visa identificar idade média, sexo, local e data de conclusão do curso de licenciatura, cursos de aperfeiçoamento concluídos, séries em que lecionam ou lecionaram e atividades que realizam com o jornal. A segunda parte procura identificar os hábitos de “consumo” de informação, como jornais, revistas e telejornais preferidos e rejeitados, quantificando as preferências. A terceira parte aponta para o nível de reflexão dos professores sobre a atuação da mídia (os parâmetros de verificação da criticidade estão explicados na página 38). Também foi investigado o interesse dos professores nas fichas e a infra-estrutura de que dispunham na escola como, por exemplo, número de aulas semanais disponíveis para a leitura de jornais, possibilidades para editar um boletim escolar etc.

Os dados obtidos orientaram a definição do conteúdo das fichas, dos títulos de jornais que seriam usados nas oficinas de apresentação do material e das formas adequadas de abordagem dos conteúdos no curso. Os resultados mostraram também que o material seria melhor aproveitado pelos professores de Português e, desta forma, foi descartado o envolvimento de docentes de História e Geografia, conforme comentário já feito.

DEFINIÇÃO DA AMOSTRA

A proposta inicial era estabelecer uma amostra que apontasse a tendência geral nas escolas estaduais em Bauru. Assim, para definir o universo de pesquisa e calcular uma amostra significativa, inicialmente foi enviada correspondência para diretores das escolas, apresentando o projeto e solicitando o número total de professores de Língua Portuguesa, História e Geografia, efetivos e não-efetivos, do Ensino Fundamental (5ª a 8ª série). A opção pelas três disciplinas se justifica pelo fato de que, nelas, os conteúdos escolares oferecem mais oportunidades para ler o jornal com olhos críticos.¹

Com base em cálculos estatísticos, foi definida amostra com 95% de segurança e 4% de margem de erro e, por sorteio, foram estabelecidas as escolas onde o questionário seria aplicado. Entretanto, como o preenchimento não era obrigatório, a maioria dos educadores não respondeu as perguntas. Assim, dos 400 questionários distribuídos, apenas 99 voltaram respondidos. Pode-se dizer, então, que os resultados são confiáveis ao grupo que foi entrevistado, mas não se pode estendê-los a toda a equipe de professores da rede. Notadamente, pode-se considerar o grupo como um universo de professores interessados no uso do jornal na escola e suas opiniões foram consideradas na elaboração das fichas e das oficinas pedagógicas.

COLETA DE DADOS

Os questionários foram distribuídos em todas as escolas da amostra. Como não foi possível encontrar todos os professores de uma vez, e como muitos se mostraram pouco à vontade para responder perguntas, optou-se por entregar as folhas ao coordenador pedagógico de cada instituição, que se responsabilizou por distribuí-las e recolhê-las dentro do prazo combinado.

FORMATÇÃO DAS RESPOSTAS

O questionário foi elaborado com perguntas para respostas abertas em sua maioria (para restringir o menos possível a qualidade das informações) e perguntas com respostas fechadas

1. De fato, outras disciplinas como Matemática, Ciências, Educação Artística e até Educação Física, sem dúvida, podem tirar proveitos pedagógicos do jornal. Assim, nas aulas de matemática, por exemplo, o professor pode utilizar de modo integrado o alfabeto, os números e as imagens, através de gráficos e tabelas publicados. A partir do jornal, é possível exercitar ferramentas da área como as operações básicas, números inteiros, decimais, porcentagem etc. Dessa forma, o estudo dos números também está inserido no contexto social e torna a disciplina mais atraente e útil para o aluno. Nas aulas de Ciências, o professor pode utilizar o jornal para atualizar constantemente as descobertas na área, evidenciando a importância da pesquisa e da habilidade para criar e transformar. O jornal pode estimular no aluno a capacidade de observar, questionar e interferir e dialogar com o conhecimento estabelecido. Entretanto, para executar tais atividades é necessário o apuro técnico-pedagógico que extrapola as possibilidades deste projeto.

(quando julgou-se não haver o risco da restrição). Posteriormente, as respostas abertas foram formatadas em grupos, para possibilitar o cruzamento de dados. Embora a formatação coloque o risco de deturpar o significado das respostas, os prejuízos não são desastrosos para o pesquisador quando os critérios são claros e abrangentes.

No caso deste questionário, os objetivos das perguntas foram considerados para definir as categorias da formatação. Deste modo, os dados quantitativos foram agrupados por grupos de frequência. Por exemplo, no caso dos jornais mais lidos, os professores apontaram o *Jornal da Cidade*, o *Diário de Bauru*, a *Folha de S. Paulo* e o *Estado de S. Paulo* com maior frequência. Então, cada um desses jornais foi colocado em um grupo para tabulação. Outros títulos como a *Gazeta do Povo* ou o *Diário Popular* — que apareceram com menos frequência — foram agrupados na categoria "outros".

Por outro lado, já que as respostas abertas (que justificavam as escolhas) foram incluídas para se avaliar o nível de reflexão crítica sobre a mídia, optou-se por criar as categorias "argumentadas críticas", "argumentadas não críticas", "não argumentadas" e "sem argumentos".

De acordo com os critérios adotados:

1. As respostas "argumentadas críticas" destacam o papel ideológico dos meios, inseridos em uma sociedade de classes marcada por diferenças e contradições.

Assim, por exemplo, para a pergunta "Por que você gosta mais desse jornal?", são consideradas "argumentadas críticas" respostas tais como "ele é pluralista", "ele estimula o debate" ou "ele possui jornalistas críticos em seu corpo editorial".

2. As respostas argumentadas não-críticas destacam, por exemplo, qualidades estéticas e volume de informações dos meios, que não deixam de ser argumentos mas não atentam para o papel ideológico da imprensa.

Ainda para a mesma pergunta, foram consideradas "argumentadas não-críticas" respostas como "gosto do aspecto gráfico", "é mais sucinto, leio com mais rapidez" ou "gosto do caderno Mais!", sem explicar porque gosta.

3. As "não-argumentadas" são respostas vagas, incompletas ou que fogem do teor da pergunta.

No mesmo exemplo, são consideradas respostas "não-argumentadas": "é o único sincero", "é o menos político" ou "porque tenho necessidade de me informar".

4. As respostas deixadas em branco foram classificadas como "sem argumentos".

A seguir, foram analisadas as frequências de cada categoria e foram realizados alguns cruzamentos de dados pertinentes como, por exemplo, possíveis relações entre as preferências e a capacidade de análise crítica. Assim, se a maioria dos professores assiste mais televisão do que lê

jornal, se lê jornal raramente, se prefere o *Jornal da Cidade à Folha de S. Paulo* (uma olhada rápida nos dois títulos já evidencia a superioridade da *Folha* em relação à qualidade na abordagem dos fatos), se não critica a maioria das notícias que recebe e não tem argumentos críticos para justificar suas preferências e recusas, então pode-se concluir que o nível de leitura crítica é significativamente baixo e, portanto, as fichas devem abordar questões mais elementares. Ao contrário, se a maioria lê mais jornal do que assiste TV, se assina um ou mais jornais e os lê diariamente, se questiona a atuação da mídia e argumenta criticamente, então o nível de leitura crítica é satisfatório e as fichas podem abordar questões mais complexas.

Os cruzamentos, por sua vez, apontaram tendências como quais disciplinas possuíam professores mais críticos (e, neste caso, os menos críticos deveriam merecer mais atenção) e quais as preferências dos professores de cada disciplina (e neste caso, se as preferências fossem diferentes, melhor para o aluno, que teria mais diversidade de opiniões na escola. Ao contrário, se todos tivessem as mesmas preferências, certamente os alunos sairiam perdendo e as fichas deveriam enfatizar a importância da diversidade de fontes de informação para fornecer posturas diferentes e enriquecer a análise crítica da mídia).

Alguns cruzamentos específicos procuraram avaliar se, no caso dos professores, repete-se a tendência observada em outras pesquisas como, por exemplo, a relação direta entre a falta de criticidade e a preferência por jornais e telejornais considerados conservadores como *O Estado de S. Paulo* e o *Jornal Nacional*.

PERFIL DE ATUAÇÃO

87% dos entrevistados são mulheres e **13%** são homens;

A maioria tem entre **26 e 35** anos e terminou o curso de licenciatura entre **1971 e 1980**;

Mais de **65%** deles dão aulas para turmas de **6ª e 7ª** séries; cerca de **50%** já deram aula para o Ensino Médio e hoje não lecionam mais para essas turmas;

Cerca de **65%** deles já fizeram ou vêm fazendo cursos de aperfeiçoamento e cerca de **30%** nunca fizeram cursos desse tipo;

Embora **79%** utilizem o jornal nas suas atividades pedagógicas, apenas **5%** já fizeram cursos nessa área. **36%** dos educadores já receberam informações sobre o jornal escolar, se se considerar outros tipos de orientação como leitura de livros sobre o assunto, troca de experiências com outros colegas, ou aprendizado durante a faculdade.

Quando usam o jornal, os professores, em sua maioria, fazem leituras e comentários de textos publicados. Grupos menores afirmaram montar jornal mural com recortes e desenvolver outras atividades como:

- ➔ utilizar notícias como temas de redação
- ➔ utilizar notícias como fontes de informação para um “jornal falado”
- ➔ produzir resumos de notícias
- ➔ produzir anúncios
- ➔ comparar fatos históricos com acontecimentos recentes (por exemplo:

Guerra de Canudos e massacre dos trabalhadores sem-terra)

- ➔ estudo das partes que compõem o jornal
- ➔ análise das funções da linguagem presentes no jornal

Cerca de **5%** dos entrevistados disseram pedir aos alunos que façam cópias de textos jornalísticos

Mais de **90%** dos entrevistados afirmaram que utilizariam um material pedagógico com atividades sobre o jornal. A maioria dos professores de Língua Portuguesa afirmou dispor de duas aulas, por semana, para trabalhar com o jornal em cada turma. Os professores de História e Geografia disseram dispor de uma aula por semana, em sua maioria.

Distribuição por idade

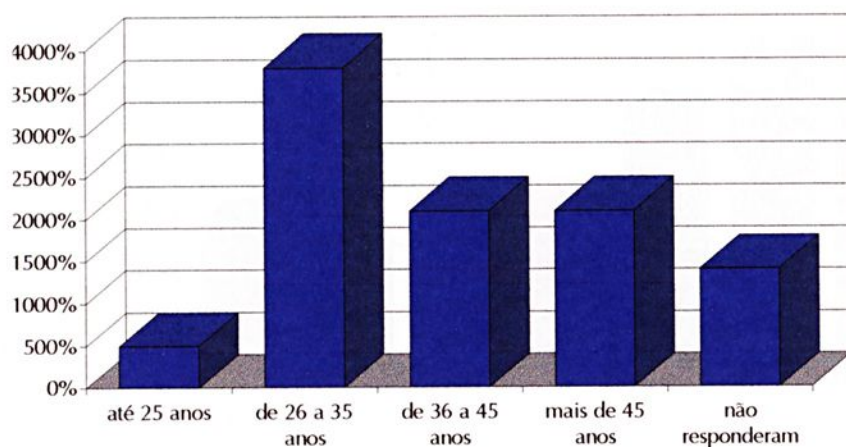


gráfico 1

Ano de conclusão do curso

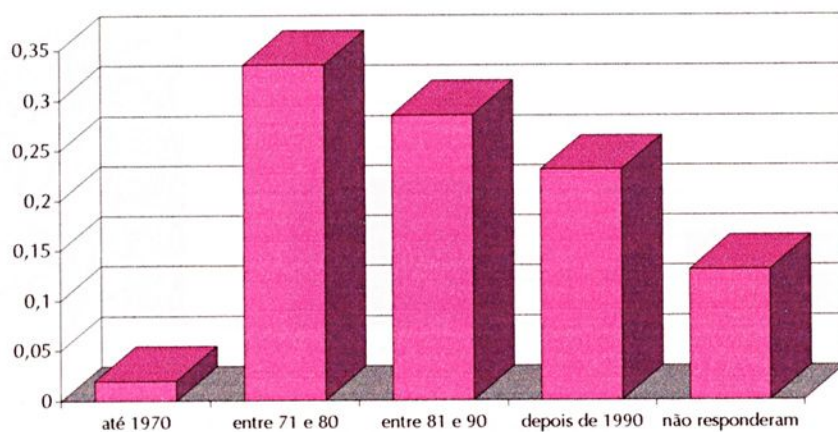


gráfico 2

Séries em que os professores estão lecionando

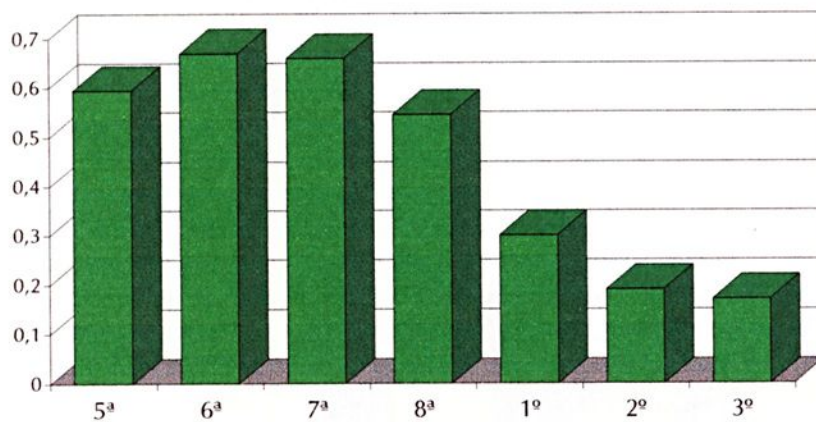


gráfico 3

Séries em que os professores já lecionaram e não lecionam no momento

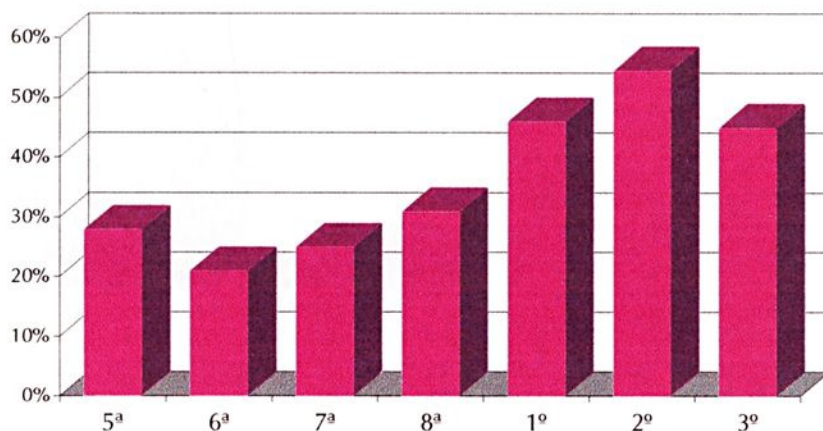


gráfico 4

gráfico 5

Já fez cursos de aperfeiçoamento?

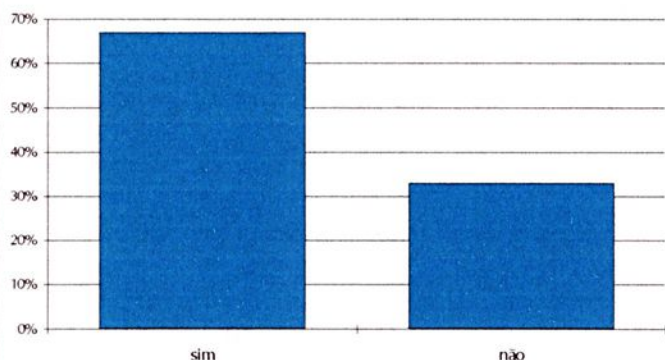
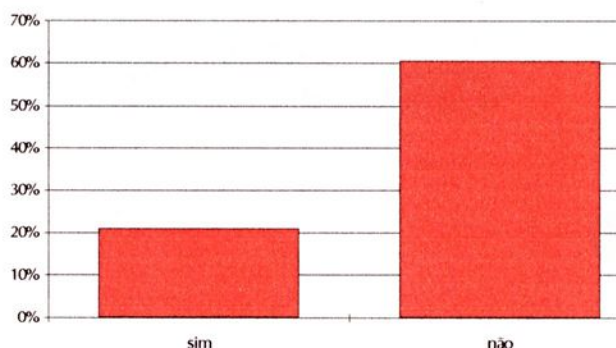


gráfico 6

Você já fez algum curso sobre jornal na sala de aula?



Cerca de 70% dos professores entrevistados já fizeram cursos de aperfeiçoamento(gráfico5). Destes 70%, cerca de 20% fizeram cursos sobre jornal na escola(gráfico 6). Se considerarmos o total de professores entrevistados, o número de docentes que já fez cursos sobre jornal na escola cai para 5% do total.

Atividades desenvolvidas pelos professores

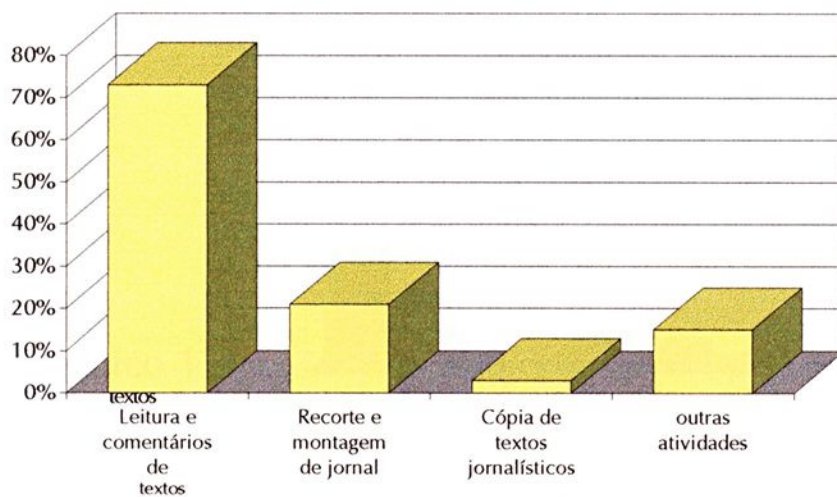
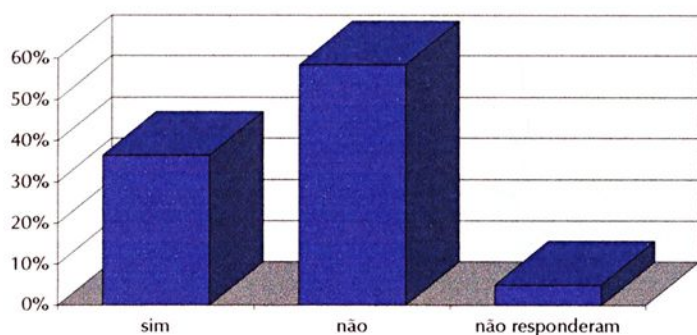


gráfico 7

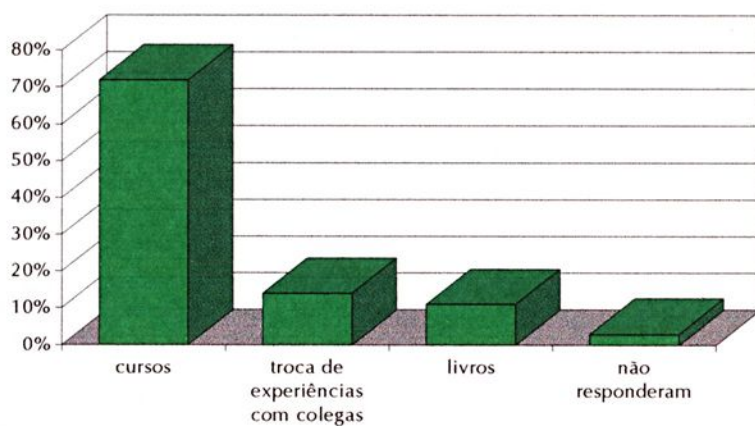
Você já recebeu alguma orientação sobre a utilização do jornal na sala de aula?

gráfico 8



Se você já recebeu, de onde veio a orientação sobre o jornal na escola?

gráfico 9



Você usa o jornal em suas atividades com os alunos?



gráfico 10

Sugestões dos professores para conteúdos a serem tratados no material

gráfico 11

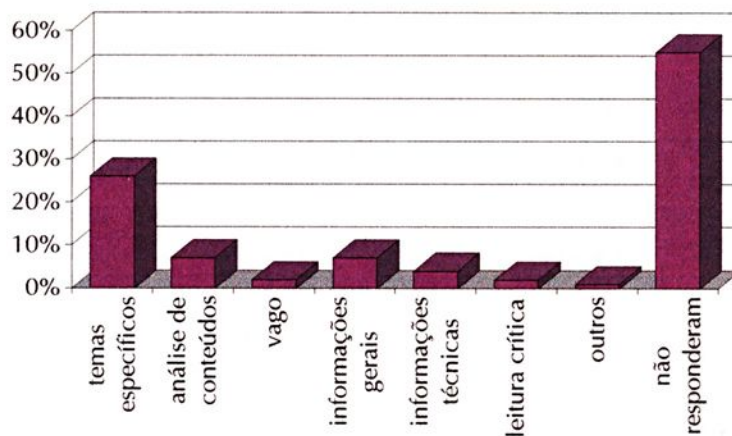


gráfico 12 **Quantas aulas você teria disponíveis, por semana para trabalhar com o jornal?**

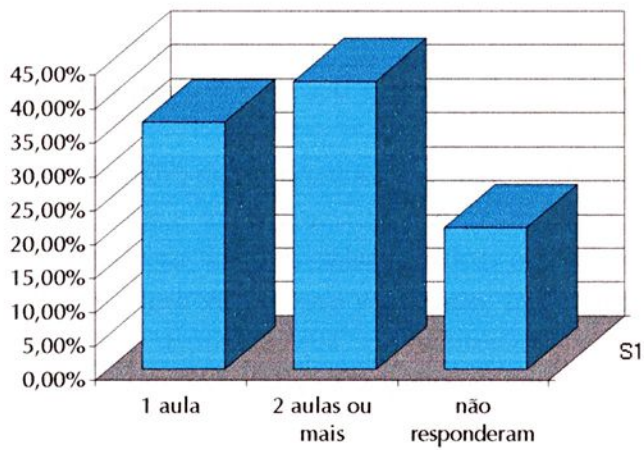


gráfico 13 **Você usaria um material pedagógico que sugerisse atividades com o jornal?**

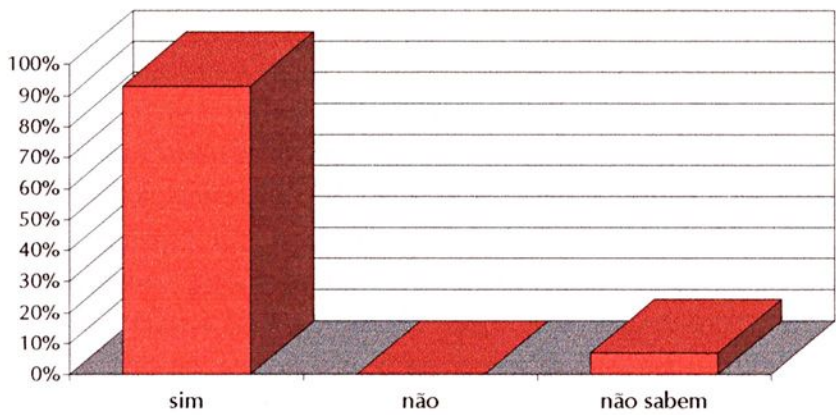
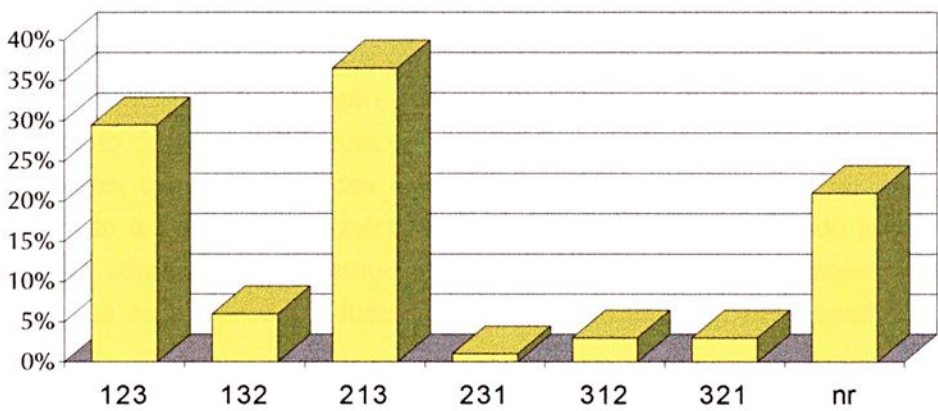


gráfico 14 **Quais dessas atividades você mais utilizaria?**



1. Atividades que estimulem a leitura e conhecimento do jornal
2. Leitura crítica de jornais
3. Orientação para produção de um jornal escolar

Observando as informações das páginas 20 a 24, é possível apontar tendências tais como:

■ Cerca de 30% dos professores concluiu o curso de licenciatura entre 1971 e 1980, portanto na época a importância da leitura de jornais na sala de aula era menos valorizada. Entretanto, cerca de 45% deles concluiu o curso entre 1981 e 1990, portanto, quando o uso da imprensa já era mais valorizado. Desta forma, pode-se apontar a tendência ao uso freqüente da imprensa que, posteriormente, é confirmada: cerca de 80% dos professores leva o jornal para a sala de aula.

■ Se cerca de 70% dos entrevistados já fez cursos de aperfeiçoamento, é sinal de que os professores estão empenhados em aprimorar seus conhecimentos, apesar da falta de estímulo por parte da política governamental para a Educação. Portanto, a oferta de um curso sobre a leitura crítica da mídia tem público. O fato de mais de 90% dos entrevistados manifestar interesse por um material pedagógico com sugestões de atividades endossa a pertinência do projeto. Ainda de acordo com os dados, cerca de 60% dos professores nunca fez cursos sobre o uso do jornal na escola. Há, portanto, a carência de cursos nessa área.

■ Outro dado merece destaque: cerca de 60% dos entrevistados dá aulas para 6ª série do Ensino Fundamental e cerca de 60% também leciona para a 7ª série do Ensino Fundamental. Assim, considerando o universo de professores interessados no uso do jornal, deve-se elaborar atividades afinadas com o perfil dos alunos. Entretanto, cerca de 50% deles já lecionou para a 2ª série do Ensino médio, cerca de 40% o fez para a 1ª série e cerca de 40% para a 3ª série. Sendo assim, é pertinente incluir tópicos e atividades com nível mais elevado de complexidade, para que o material possa ser aproveitado em eventuais aulas para os mais velhos.

■ A maioria dos educadores efetua leituras e comentários de textos jornalísticos na sala de aula. Isto é, pode-se dizer que, em geral, apenas o conteúdo informativo é avaliado. Assim, atividades que envolvam a lógica de organização do jornal, particularidades da mensagem jornalística e outras fontes de informação como charges e gráficos são atividades inéditas na escola, que devem ser priorizadas nas fichas.

■ Quando foram questionados sobre os tipos de atividades que mais utilizariam, colocando-se, de antemão, três propostas: 1. atividades que estimulem a leitura e o conhecimento do jornal; 2. leitura crítica de jornais e 3. orientações para a produção de boletins escolares, cerca de 35% dos entrevistados elegeu a leitura crítica e cerca de 25% elegeu o estímulo à leitura e o conhecimento da lógica de organização do jornal. Menos de 5% priorizou a produção de boletins. Durante o curso, eles argumentaram que não há infra-estrutura na escola para produzir os boletins. As duas primeiras possibilidades teriam

RESPOSTAS ABERTAS

Na opinião dos professores, os resultados pedagógicos que podem ser alcançados com o jornal são:

- ★ Maior contato com a realidade;
- ★ estímulo à leitura;
- ★ formação da mentalidade crítica;
- ★ formação da cidadania;
- ★ sintonia com os tempos atuais;
- ★ aprimoramento da comunicação e expressão do aluno;
- ★ estímulo à produção de textos;
- ★ criatividade e exercício da linguagem;
- ★ ampliação do vocabulário.

Dificuldades que os professores enfrentam para trabalhar com o jornal

- ★ Falta de tempo para ler e comparar jornais e preparar a aula;
- ★ falta de exemplares para todos os alunos;
- ★ falta de interesse por parte dos alunos;
- ★ os alunos só gostam de ler a página de esportes, não se interessam por política, economia etc;
- ★ falta de informações sobre jornalismo;
- ★ classes muito numerosas, é difícil prender a atenção dos alunos;
- ★ falta de hábito, por parte dos alunos, em ler jornal;
- ★ falta de espaço adequado (uma sala ambiente, por exemplo);
- ★ falta de orientação;
- ★ falta de recursos para adquirir o material necessário para as atividades;
- ★ falta de jornais na escola;
- ★ falta de tempo;
- ★ os alunos não têm recursos para adquirir jornais.

Orientações que os professores gostariam de receber:

- ★ Informações técnicas sobre produção de textos, diagramação, produção de um jornal etc;
- ★ informações para “ler nas entrelinhas”;
- ★ técnicas pedagógicas criativas para despertar a atenção dos alunos;
- ★ técnicas pedagógicas que superem dificuldades como falta de material, desinformação e desinteresse;
- ★ qual a melhor forma: o professor recolher textos, ou deixar que os alunos recolham aquilo que lhes interessa no jornal ? E como proceder nesses dois casos?

"CONSUMO DE INFORMAÇÃO"

O número de leitores em comparação ao de telespectadores é uma das primeiras verificações pertinentes a ser feita. O dado é indício primeiro da capacidade crítica: se a maioria assiste mais telejornais do que lê jornais, evidentemente a capacidade crítica seria reduzida e, neste caso, as fichas deveriam abordar conteúdos elementares. Ao contrário, se o número de leitores for maior que o de telespectadores, provavelmente nossos educadores terão repertório mais incrementado e as fichas podem avançar mais na análise. Como se vê nos gráficos, cerca de 50% dos entrevistados afirma ler jornal diariamente e cerca de 55% deles assiste telejornais diariamente. O quadro parece equilibrado e, portanto, à primeira vista, as fichas devem mesclar atividades elementares com análises mais complexas.

Resta saber, entretanto, quais títulos impressos e quais telejornais têm a preferência do público e, aí, a situação começa a se complicar. A maioria assina um jornal, o que é dado positivo, não fosse a ressalva de o *Jornal da Cidade* ser o campeão de assinaturas (mais de 60%)². Entretanto, quando a categoria em questão é a dos não-assinantes que têm o hábito de comprar jornais — e, em geral, eles o fazem nos finais de semana — a preferência fica com a *Folha de S. Paulo*. Uma possibilidade razoável de interpretação desse quadro é o fator conveniência, já que a assinatura do *JC* tem preço mais acessível que a da *Folha*. Então, os professores acabam optando por assinar um jornal com qualidade inferior, mas contar com a comodidade de receber seus exemplares diariamente em casa. O fato de a maioria gostar mais da *Folha* (gráfico 18) endossa a análise.

As tendências de rejeição dos professores em relação à mídia também foram investigadas porque fornecem dados para reforçar a análise da capacidade de percepção crítica. Assim, por exemplo, seria uma agradável surpresa saber que a maioria rejeita *O Estado de S. Paulo* e o *Jornal Nacional* por considerá-los voz oficiosa do governo. Na prática, não foi bem assim. Em relação aos jornais impressos, a maioria (cerca de 45%) não quis ou não soube manifestar rejeições. O dado é alarmante. Mesmo com o vasto cardápio de jornais tendenciosos e inúteis à informação do leitor, os professores não esboçam capacidade de rejeição. E, quando a manifestam, cerca de 25% dos entrevistados elege como pior o *Notícias Populares*. Tal comportamento revela que os professores avaliam o óbvio, o que ainda é pouco para quem tem a responsabilidade de educar a juventude.

Em relação aos telejornais, a situação fica ainda mais complicada. A metade que afirma assistir telejornal assiste, em sua maioria (cerca de 35%), ao *Jornal Nacional* —

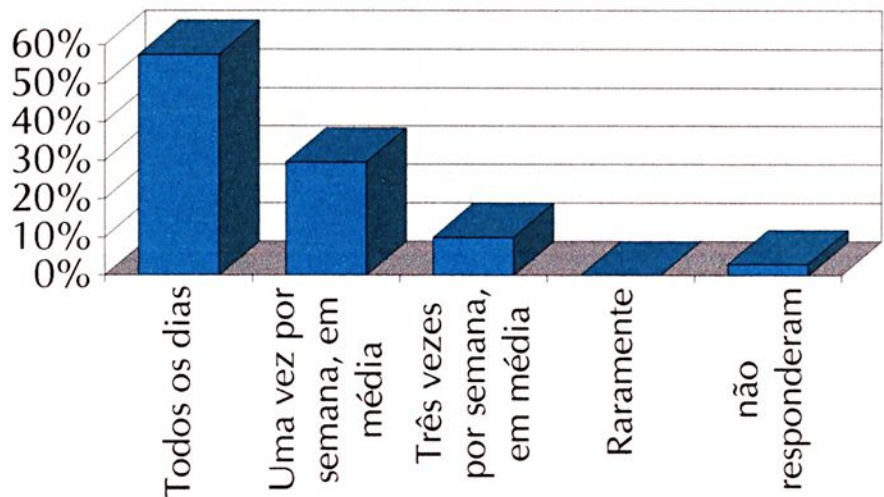
2. Não cabe aqui a análise do perfil dos meios mas, uma olhada rápida no *Jornal da Cidade* é suficiente para destacar erros jornalísticos grosseiros e outros problemas como, por exemplo, a colocação de assuntos de nítido interesse comercial de grupos restritos em locais destinados à informação de interesse do leitor em geral.

provavelmente o campeão em manipulações grosseiras em toda a história do telejornalismo brasileiro. Em segundo lugar, os educadores assistem com mais freqüência ao *Jornal da Cultura*. Quando são convidados a manifestar suas preferências, a maioria elege o *Jornal Nacional* (25%) e o *TJ Brasil* (pouco menos de 25%). Notadamente, dois dos telejornais mais conservadores da programação de TV. Aqui, o fator conveniência se repete. Embora o *TJ Brasil* seja o segundo preferido, o *Jornal da Cultura* é o segundo mais assistido, provavelmente, em função dos horários.

A preferência por revistas também foi investigada, já que existe, no público leitor em geral, a tendência em se trocar a leitura diária do jornal pela leitura de revistas semanais e saber quais assuntos foram destaque no período. Esta pesquisa confirmou a tendência no mercado editorial: a revista *Veja* é a mais lida (cerca de 65%), seguida muito de longe pela *Isto é* (menos de 10%). Os gráficos podem ser consultados nas páginas 28 a 31. Os gráficos da página 33 serão analisados posteriormente.

gráfico 15

Com que freqüência você lê jornal?



Qual jornal você assina?

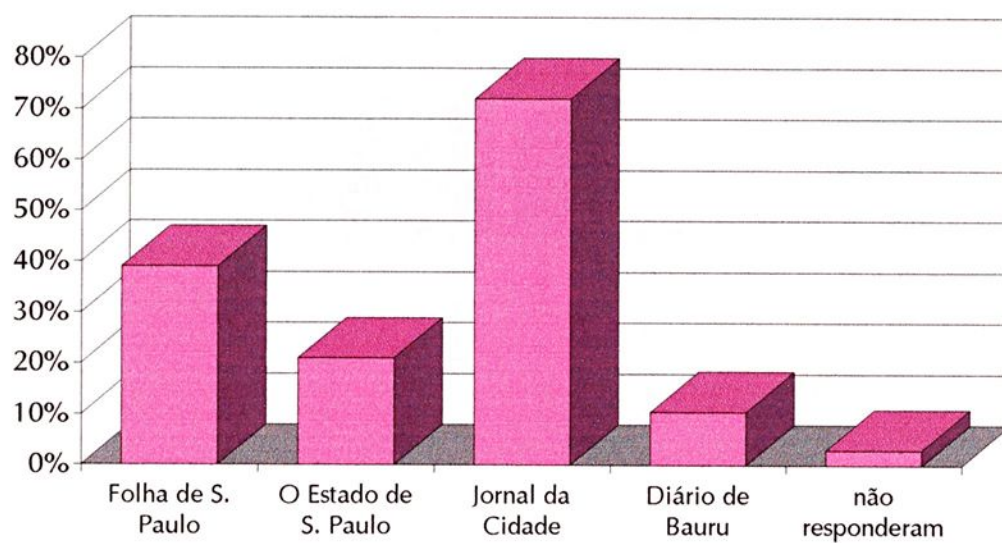


gráfico 16

Qual o jornal que você mais compra?

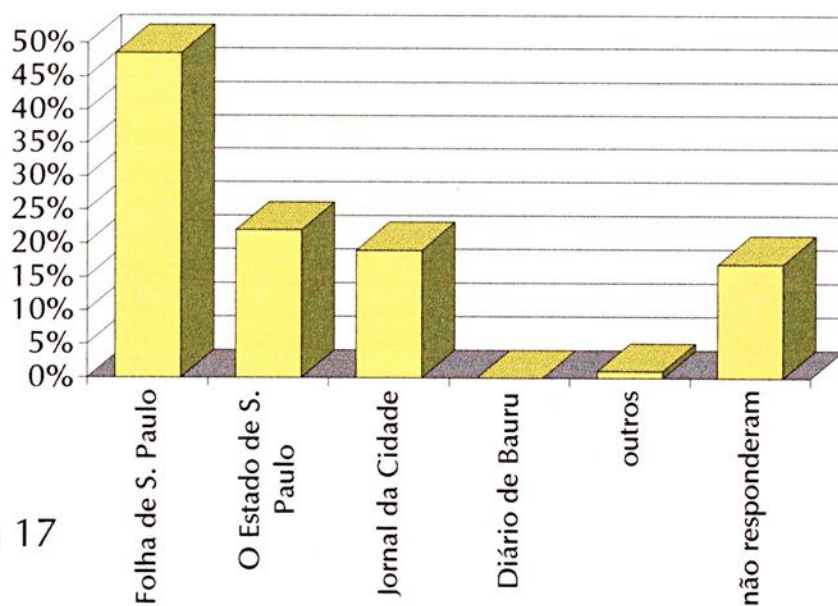


gráfico 17

Qual o jornal de que você mais gosta?

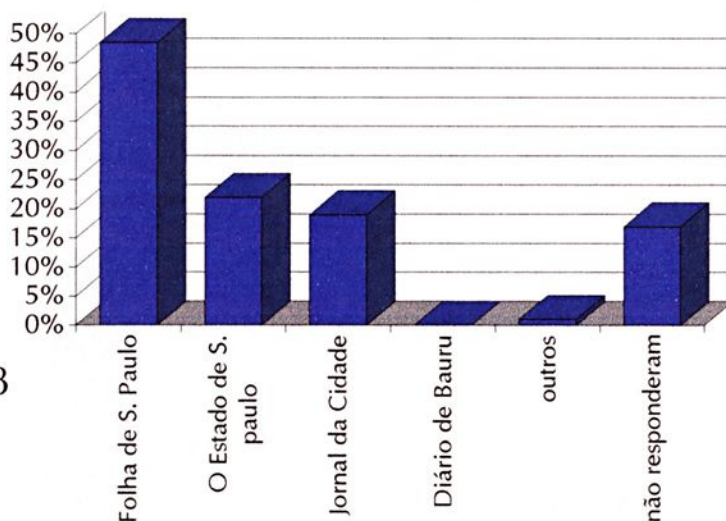


gráfico 18

Qual o jornal que você mais lê?

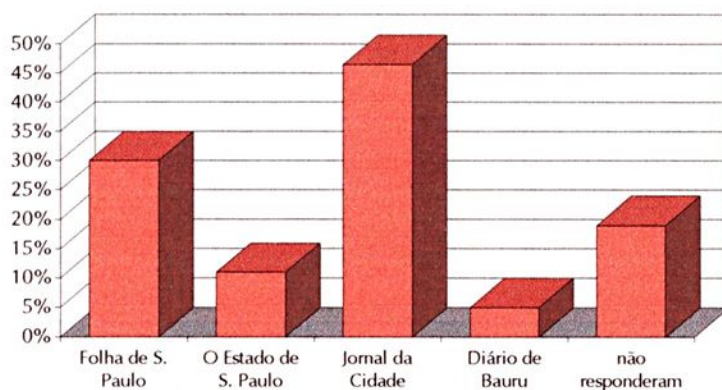


gráfico 19

Qual o jornal de que você menos gosta?

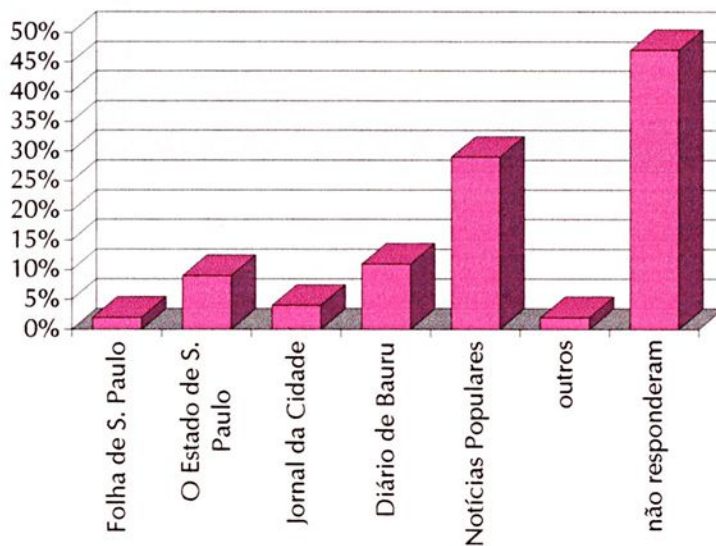
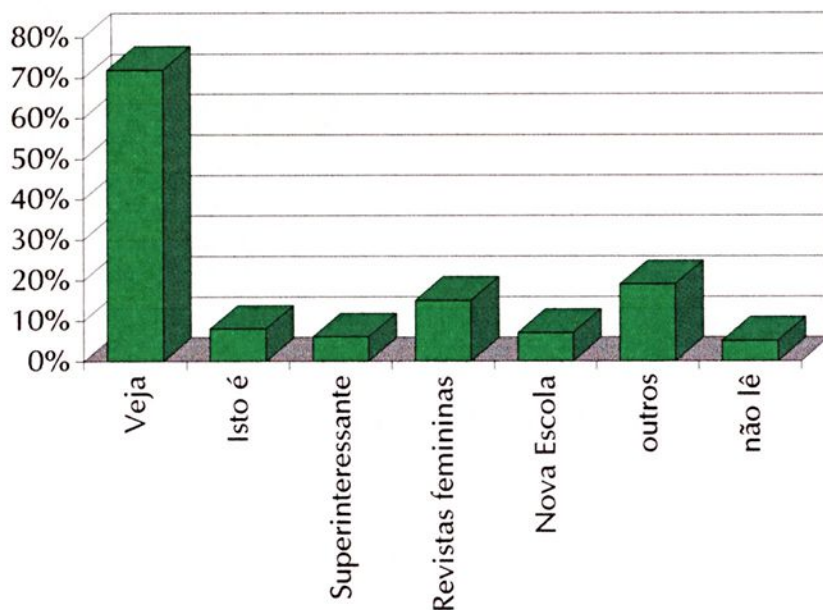


gráfico 20

gráfico 21

Você lê alguma revista? Qual?



Com que frequência você assiste telejornais?

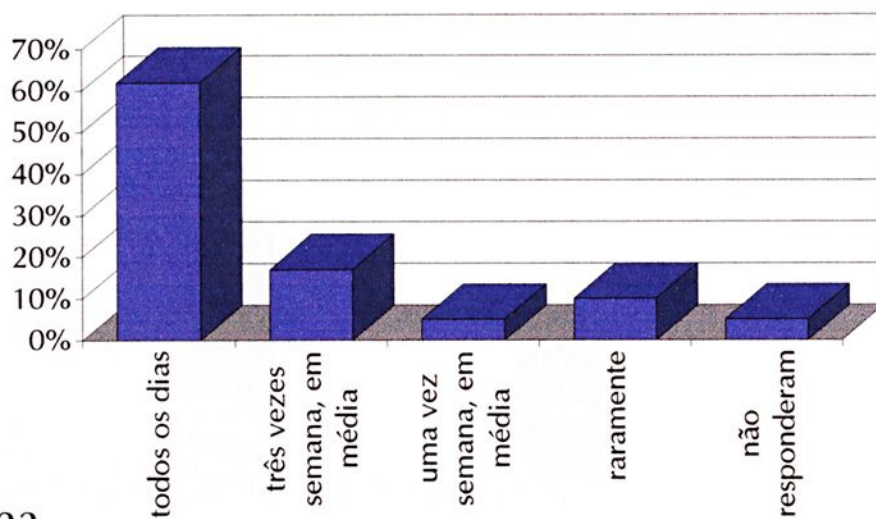


gráfico 22

gráfico 23

Qual o telejornal de que você mais gosta?

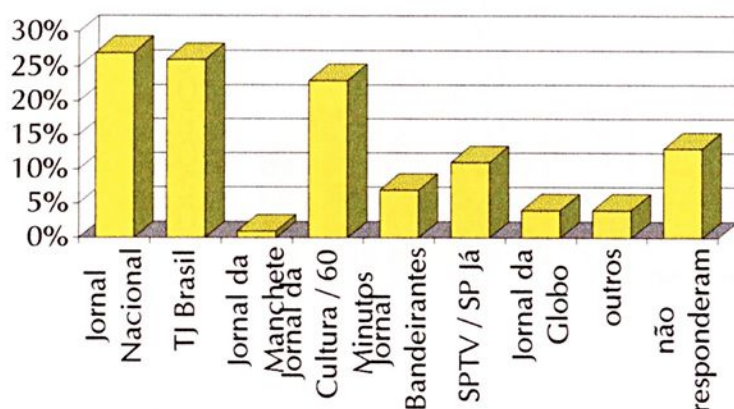
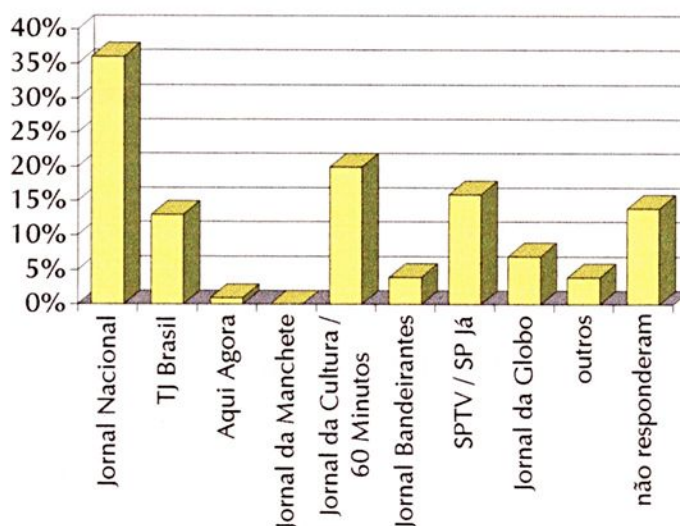


gráfico 24

Qual telejornal você mais assiste?



Qual o telejornal de que você menos gosta?

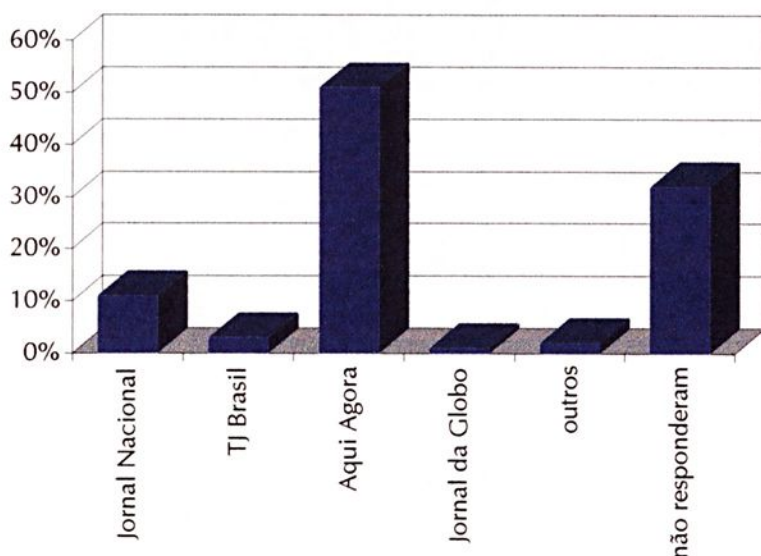
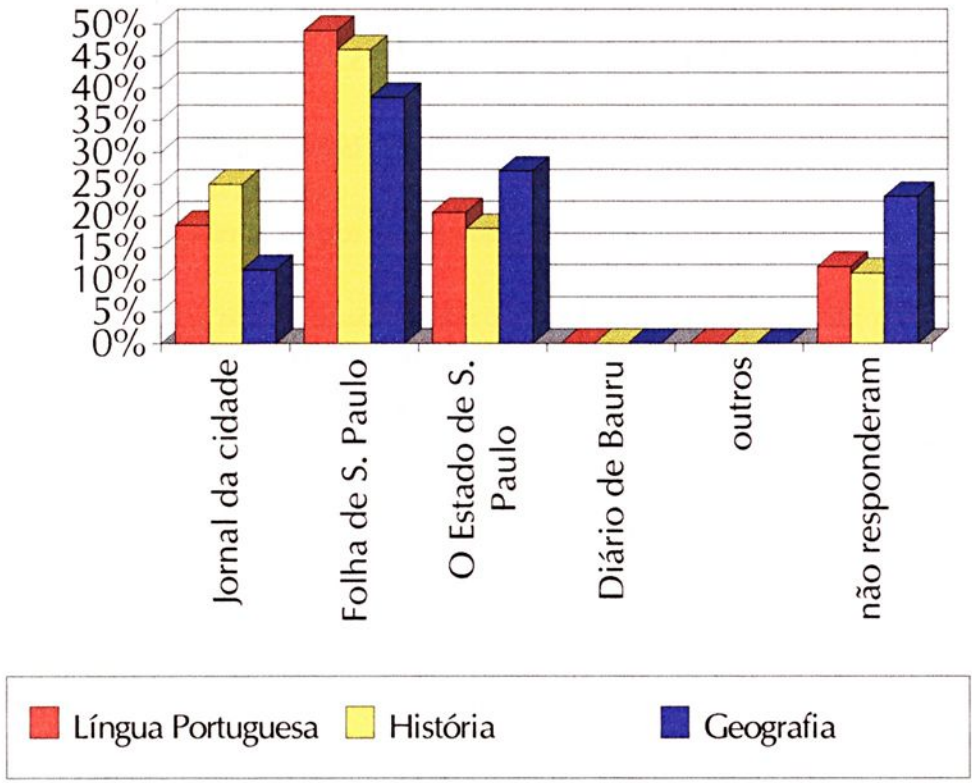


gráfico 25

gráfico 26 Divisão por disciplina & jornal de que mais gosta



Divisão por disciplina & telejornal de que mais gosta

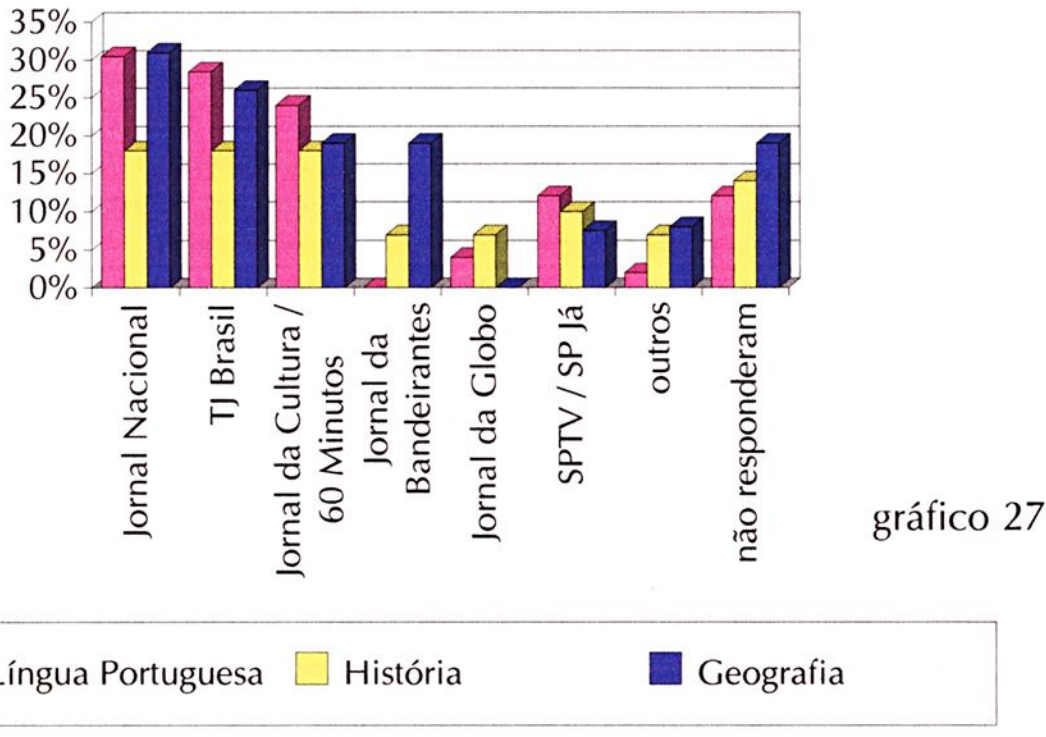


gráfico 27

REFLEXÃO SOBRE A ATUAÇÃO DA MÍDIA

Para avaliar o nível de reflexão dos educadores em relação à recepção das notícias foram considerados três aspectos:

1. Preferências por jornais impressos e televisivos e qualidade das justificativas para tal escolha.

Assim, se o professor prefere o jornal X e dá argumentos críticos (conforme critérios relatados no anexo 2), ele provavelmente tem um certo nível de reflexão sobre a atuação da mídia. O mesmo acontece se ele justifica de forma crítica sua recusa por certos meios. Por outro lado, respostas argumentadas não-críticas, não argumentadas ou em branco podem indicar ausência de reflexão na escolha.

2. Crença nas notícias e capacidade de argumentação.

Segundo esse critério, se o professor não acredita em todas as notícias, ou acredita "mais ou menos", e dá justificativas argumentadas, ele tem conhecimento dos problemas da mídia. Se, por outro lado, ele afirma acreditar em tudo ou ainda, se não acredita ou acredita "mais ou menos", mas não dá justificativas argumentadas, ele provavelmente desconhece os problemas.

3. A observação da variação no tratamento dos fatos entre diversos jornais e telejornais também é um índice de reflexão. Se o educador observa diferenças e justifica sua resposta com argumentos sólidos, ele provavelmente analisa a notícia com profundidade. Se ele não nota diferenças, ou se afirma notar mas não tem argumentos, sua leitura provavelmente é ingênua. Vejamos cada cruzamento.

38

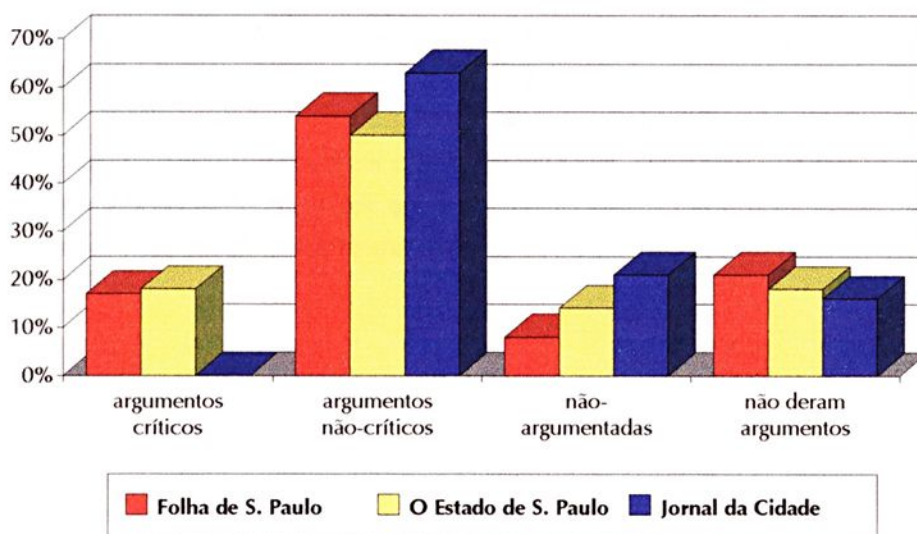
JORNAL DE QUE MAIS GOSTA & TIPOS DE ARGUMENTOS

Como pode ser observado no gráfico 28, quem prefere *O Estado de S. Paulo* apresenta maior número de argumentos críticos, e é seguido de perto por quem prefere a *Folha de S. Paulo*. Já quem prefere o *Jornal da Cidade* apresenta o maior número de argumentos não-críticos ou de respostas sem conteúdo argumentativo. Os leitores que preferem a *Folha* também deixaram o maior número de respostas em branco.

Para compreender este quadro, é preciso levar em conta dois fatores: a influência da publicidade na formação do conceito do leitor sobre o jornal e o fato de o entrevistado ser "pego de surpresa" com o questionário e acabar dando respostas sem refletir muito. Assim, é coerente que os leitores da *Folha* e do *Estado* apresentem o maior número de argumentos críticos, já que esses jornais têm mais amplitude e cobertura dos fatos de interesse social, têm, ao menos, mais profissionalismo no tratamento da notícia, além de contarem com equipe de articulistas crítica e competente. Entretanto, os leitores da *Folha* também apresentaram o maior número de argumentos em branco, o que aponta a influência da publicidade do jornal. No fundo, o entrevistado *pensa* que gosta mais daquele jornal que logo lhe vem à mente. Evidentemente, os leitores do *Jornal da Cidade* deram o maior número de argumentos não-críticos, já que um leitor atento logo percebe as falhas grosseiras do veículo. Pelo mesmo motivo, os leitores do JC lideram nas respostas não-argumentadas. O gráfico pode ser observado na página 35.

gráfico 28

Jornal de que mais gosta & tipos de argumentos



JORNAL DE QUE MENOS GOSTA & TIPOS DE ARGUMENTOS

A recusa, por si só, já fornece pistas da capacidade de reflexão para a mídia do entrevistado. Conforme análise feita na página 27, os professores avaliam o óbvio, isto é, o *Notícias Populares* é o pior jornal porque é "sensacionalista". O que eles entendem por sensacionalista não foi investigado mas, seguindo a tendência do senso comum registrado na maioria das observações dos entrevistados, provavelmente devem criticar o tratamento espalhafatoso priorizado pelo *NP*³. Assim, o argumento de que o pior jornal é muito sensacionalista foi considerado crítico e, portanto, a maioria das argumentações procedem. Outro dado destacado é o empate entre os tipos de argumentos para quem não gosta do *Jornal da Cidade*. O resultado pode ser explicado pelo fato de o *JC* — como é tendência em jornais interioranos — apresentar falhas grosseiras (percebidas pelos menos atentos) e outras nem tanto (percebidas pelos menos atentos); daí a presença de argumentos críticos e não-críticos (a formatação dos argumentos pode ser conferida no Anexo 2, páginas 2 e 3). As respostas não-argumentadas ou em branco estão presentes no questionário todo e, portanto, não deixariam de existir aqui.

O *Diário de Bauru* recebeu também maior número de argumentos críticos, já que segue a mesma tendência da falta de profissionalismo no ofício. A diferença é que o *JC* dispõe de

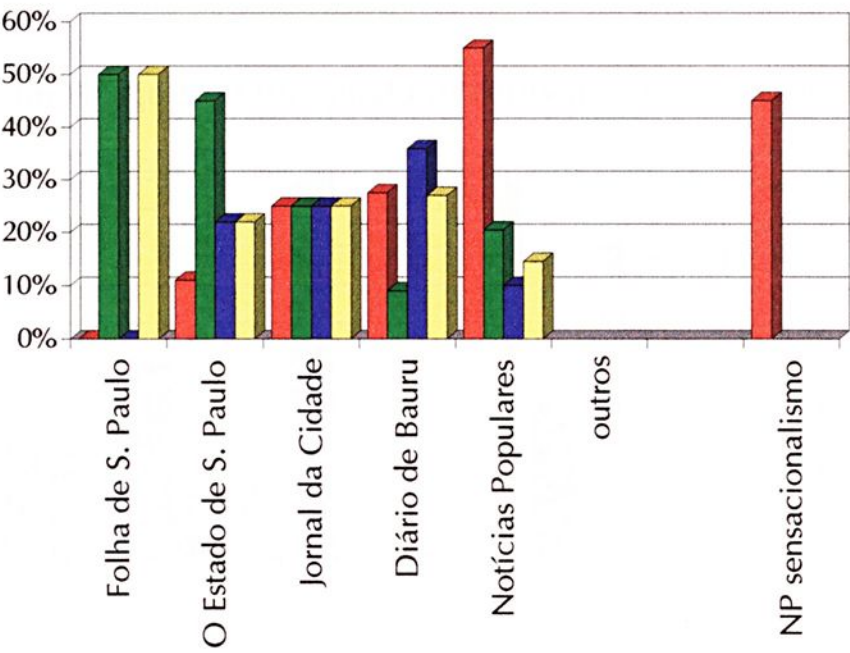
3. O tratamento sensacionalista, por si só, não esgota a questão da qualidade jornalística. A seleção das pautas, que acaba por decidir o que deve e o que não deve estar em discussão é outro quesito necessário para a qualidade da informação. Assim, o jornal mais "sisudo" pode ser tão banal quanto o mais espalhafatoso, dependendo das pautas abordadas.

tecnologia para produzir edições mais atraentes e, portanto, a desqualificação fica menos evidente que no *DB* — daí a maior dificuldade para o leitor criticar aquele jornal.

A *Folha* recebeu o maior número de argumentos não-críticos. De fato, a maioria dos leitores não tem repertório para criticar com propriedade o jornal que, constantemente, polemiza temas de repercussão nacional, mais por estratégia de *marketing* que por “compromisso com o leitor”, mas acaba conquistando mais simpatizantes.

gráfico 29

Jornal de que menos gosta & tipos de argumentos



argumentos críticos argumentos não-críticos não-argumentadas não deram argumentos

Telejornal de que mais gosta & tipos de argumentos

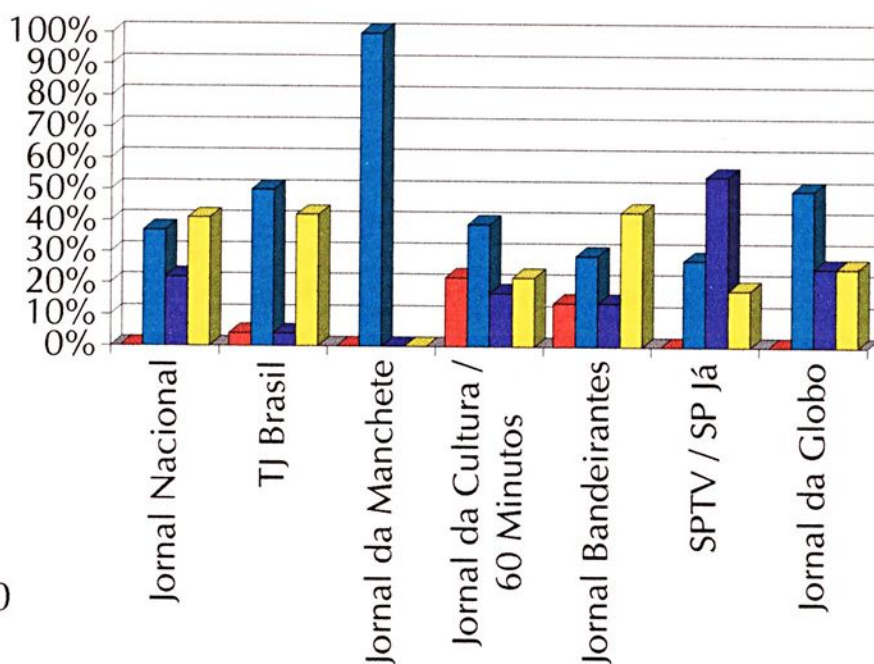


gráfico 30

argumentos críticos argumentos não-críticos não argumentadas não deram argumentos

Telejornal de que menos gosta & tipos de argumentos

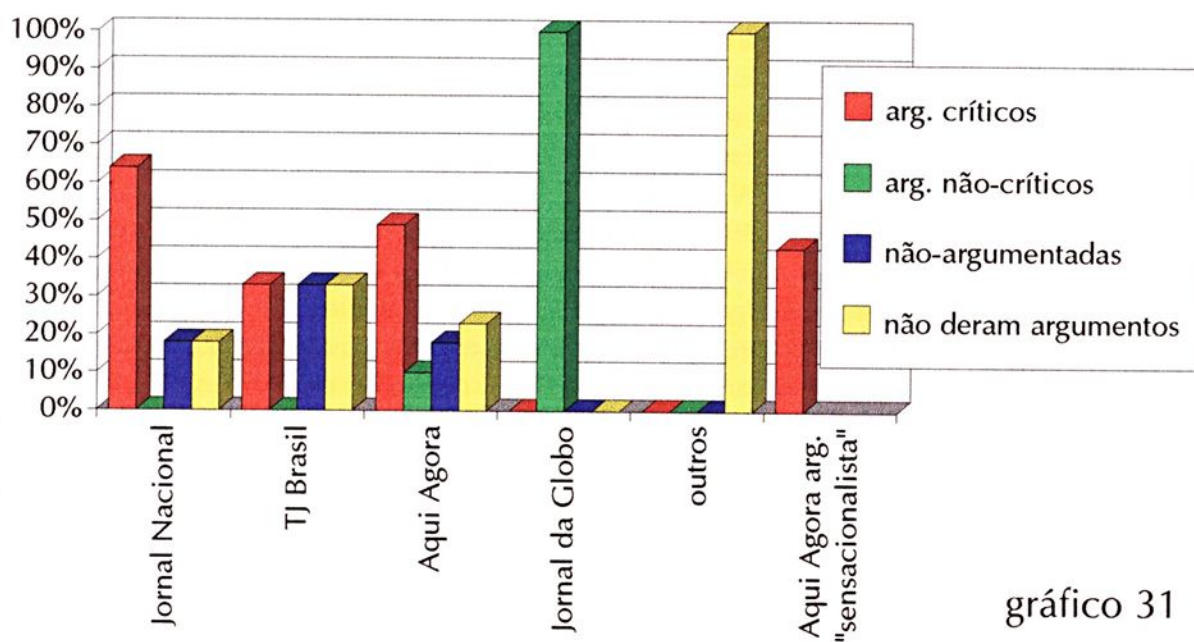


gráfico 31

Já os gráficos 30 e 31 apontam para o papel de “desinformador” do *Jornal Nacional*. Quem prefere esse jornal deixou a justificativa em branco na maior parte das vezes, apresentou argumentos não-críticos ou respostas não-argumentadas. Nenhum telespectador do *Jornal Nacional* apresentou argumentos críticos. Por outro lado, aqueles que recusam esse jornal deram argumentos críticos em sua maioria. São os telespectadores atentos.

O *TJ Brasil*, do SBT, embora seja apontado como o preferido e justificado com respostas argumentadas não-críticas ou sem justificativas em sua maioria, apresenta também pequena porcentagem argumentos críticos (menos de 5%). Na verdade, os argumentos dados destacam como qualidade do telejornal o fato de ele não ser sensacionalista, o que evidencia certa capacidade de análise. Entretanto, a escolha das pautas segue a mesma receita da massificação.

Já os entrevistados que recusam o *TJ Brasil* deram argumentos críticos em porcentagem empatada com as respostas não-argumentadas ou em branco. O quadro pode ser explicado da seguinte forma: além da linha editorial conservadora, a postura indignada com a “vergonha nacional” do âncora Boris Casoy é muito incisiva e pode levar o leitor mais acostumado com a “água com açúcar” do SPTV a criar reservas ao estilo do jornalista. Assim, a opinião dos telespectadores fica dividida, ingênua e insustentável — cerca de 60% deles não gosta do *TJ Brasil* mas não sabe dizer porquê.

LEITURA CRÍTICA

42

O quesito leitura crítica é terreno arenoso para a análise. Ler criticamente uma mensagem jornalística envolve fatores diversos como domínio da língua materna, repertório cultural e ausência de preconceitos, só para começar. Por isso, para tornar funcional a investigação feita nessa pesquisa, considerou-se uma definição elementar de criticidade para a mídia, qual seja, a capacidade da desconfiança, de perceber que alguma coisa está errada no modo como os jornais publicam notícias.

Assim, a pergunta “você acredita nas notícias que lê no jornal ou assiste na TV?” seguida do pedido de justificativa de resposta pareceu estratégia satisfatória para se esboçar um perfil da capacidade dos educadores. Na sequência, foi incluída a pergunta “Há diferenças no tratamento da notícia dado por diversos jornais?”, a fim de diminuir a distância entre o quadro “fotografado” pela pesquisa e o real desempenho do professor. Isso porque os entrevistados poderiam, por exemplo, afirmar que não acreditam em todas as notícias e argumentarem com algo como “Só Deus diz a verdade”. A estratégia pareceu satisfatória já que mais de 90% desconfia da mídia, mas menos de 60% percebe diferenças no tratamento dos fatos. Tem-se, então, pouco mais da metade dos educadores entrevistados desconfiados e críticos do jornalismo brasileiro.

Os gráficos 32 e 33, nas próximas páginas, mostram resultados mais ou menos óbvios. Quem acredita em todas as notícias, evidentemente, não tem capacidade de argumentação. Quem não acredita nas notícias ou acredita “mais ou menos” deu argumentos sólidos em sua maioria. As respostas não-argumentadas, ao que parece, confirmam a tendência do público em dar uma resposta qualquer sem refletir muito. Da mesma forma, quem percebe diferenças deu argumentos sólidos e quem não percebe, deixou o espaço para os argumentos em branco. Quem deu respostas não-argumentadas dividiu-se de forma equilibrada entre o sim e o não, repetindo a tendência em dar respostas sem reflexão. Os gráficos estão na próxima página.

Leitura crítica (acredita em todas as notícias?) & tipos de argumentos

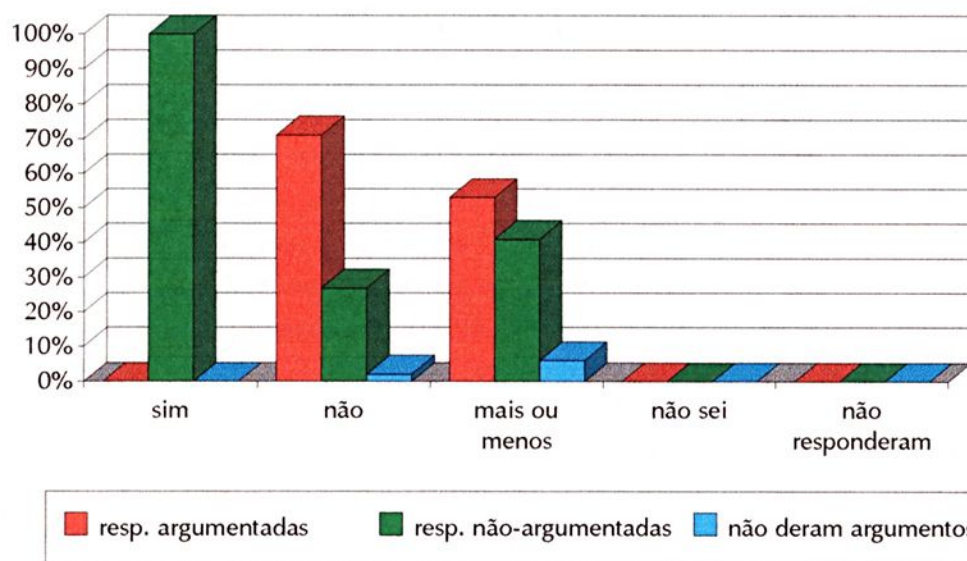


gráfico 32

Leitura crítica (há diferenças?) & tipos de argumentos

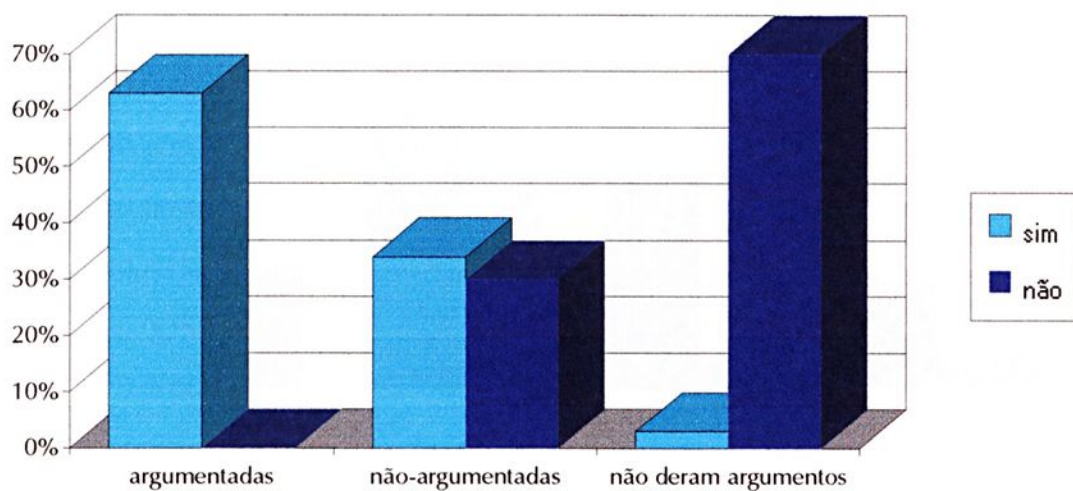


gráfico 33

DIVISÃO POR DISCIPLINA & LEITURA CRÍTICA

A cabeça do professor de Língua Portuguesa, História e Geografia, ao que parece, é confusa. Ao mesmo tempo em que recusa o *Notícias Populares* e prefere a *Folha de S. Paulo*, a maioria do entrevistados elege como melhor o *Jornal Nacional*, menos agressivo, mas não menos banal que o *NP* (gráficos 26 e 27 na página 37).

Analisando o perfil do professor de cada uma das disciplinas envolvidas no questionário, é possível perceber diferenças na capacidade crítica, sugerindo, por exemplo, que alguns cursos de licenciatura formam professores mais conscientes. Vejamos os números.

De acordo com o gráfico 34 (abaixo), os professores de Geografia são os que mais percebem diferenças no tratamento dos fatos, seguidos pelos professores de História. Entretanto, os professores de História souberam dar mais argumentos sólidos para justificar as diferenças que os docentes de Geografia. E, considerando-se que a justificativa é que mede, na verdade, o grau de criticidade, pode-se apontar o desempenho dos educadores de Geografia como melhor. Já os professores de Português são os que menos percebem diferenças e os que mais apresentam respostas não-argumentadas. Uma possibilidade para esse quadro é o fato, por exemplo, de os cursos de licenciatura em Letras valorizarem pouco atividades como interpretação de textos jornalísticos, noções de Sociologia, Filosofia etc.

Divisão por disciplina & leitura crítica (há diferenças)

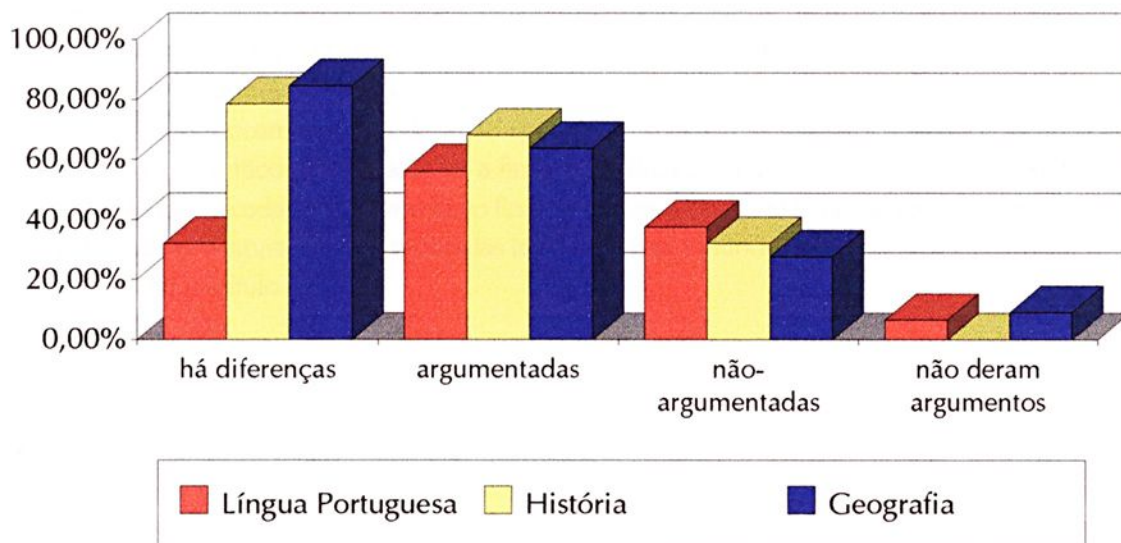


gráfico 34

AVALIAÇÃO

O quadro delineado pela pesquisa trouxe informações importantes para o planejamento das fichas e do curso para professores. De imediato, destacam-se os dados referentes à presença do jornal na sala de aula e à falta de informação por parte dos docentes — de acordo com os resultados, cerca de 80% dos entrevistados costuma levar o jornal para seus alunos, embora apenas 5% deles tenha se preparado com cursos de reciclagem para tal atividade.

Também pode-se constatar que, apesar de mais da metade dos entrevistados ter significativa visão crítica (já que 60% deles efetivamente não confia plenamente na imprensa), a capacidade argumentativa é insatisfatória, provavelmente por causa da falta de repertório para avaliar o assunto. Assim, há interesse no material proposto e ele se mostra necessário.

Quanto à consideração dos resultados para a elaboração dos conteúdos, três observações devem ser destacadas:

1. As fichas devem partir de questões elementares, dada a pouca familiaridade demonstrada, em geral, pelos professores com a atuação da imprensa;
2. Atividades que estimulem o conhecimento da "estrutura de funcionamento" do jornal são bem-vindas, já que fornecerão ao professor rico material pedagógico e facilitarão a compreensão crítica da atuação da mídia, uma vez que, conforme a tese deste trabalho, conhecendo as limitações eles saberão ler com propriedade a linhas e as entrelinhas da imprensa;
3. Os professores de Português parecem ser o público mais "necessitado". De fato, é nessa disciplina que há espaço para a leitura do jornal como um todo, já que os docentes de História e Geografia utilizam o jornal como fonte adicional de informação para estabelecer laços entre o conteúdo de seus programas e o movimento social. Ademais, foram os professores de Português que demonstraram menos senso crítico.

À deficiência na formação para fazer uma leitura crítica, outro fator deve ser considerado na produção das fichas: as dificuldades materiais dos professores e o estado de coma em que se encontra a escola. A falta de recursos para assinar diversos jornais, a falta de tempo para se informar mais e melhor, e, conseqüentemente, planejar aulas críticas e criativas, a falta de exemplares para distribuir na classe e o desinteresse dos alunos são as dificuldades imediatas detectadas, para as quais procurou-se apontar algumas soluções.

Ao panorama delineado pelo questionário, deve-se agora acrescentar a análise elaborada por estudos críticos do jornalismo, a fim de se estabelecer os parâmetros que devem guiar a seleção do conteúdo de cada ficha. O resultado final deve atender tanto as necessidades dos professores quanto resgatar os problemas já levantados pelas teorias críticas. A fundamentação teórica é, portanto, assunto do próximo capítulo.



FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA



referencial teórico é a base do trabalho científico e deve estar afinado com os propósitos da pesquisa em questão. Portanto, se a pretensão deste trabalho é desenvolver um material pedagógico para auxiliar o professor na leitura crítica da imprensa, torna-se necessário, pois, recorrer às teorias críticas da área, notadamente aquelas que diagnosticam e sistematizam os problemas e os limites da prática jornalística. As contribuições da Pedagogia são necessárias para guiar a forma de abordagem dos conteúdos e os exercícios de aprendizagem.

Assim sendo, como típicos veículos de comunicação de massa, é a partir da perspectiva das teorias da comunicação que os jornais podem ser avaliados. Em relação à Comunicação de massa, pode-se dizer que o fenômeno tem possibilidade de ser avaliado de tantas perspectivas quantas se proponham os estudiosos, recorrendo à área específica da Teoria da Comunicação — relativamente nova e, portanto ainda com lacunas — e a áreas afins, como a Sociologia, a Psicologia e a Linguística, só para começar. Cabe ao pesquisador selecionar e reunir aquilo que lhe parece mais conveniente e, no caso desta pesquisa, dois grandes segmentos de teorias pareceram mais apropriados para nortear a produção das fichas:

1. As provisoriamente chamadas de “descritivas”, sistematizadas em obras que se debruçam sobre funções e resultados de técnicas específicas do jornalismo impresso. Já que se pretende familiarizar o professor e o aluno com a linguagem da imprensa, nada mais apropriado que recorrer a livros técnicos destinados a aprendizes do ofício de jornalista. Assim, normas de texto, e edição, por exemplo, são colocadas nas fichas, mostrando como funciona o processo de “linha de montagem” da notícia, e como os critérios para a produção podem interferir na versão da informação que o leitor recebe.

2. As teorias propriamente críticas, elaboradas por autores das áreas de Sociologia, Psicologia, Semiologia, Teoria da Comunicação etc, também de caráter analítico, que se incumbem da tarefa de determinar o sentido e o valor da atuação dos fenômenos da comunicação de massa na sociedade. Evidentemente, a questão da técnica limitadora não esgota a crítica da mídia. Se os jornais também fazem parte daquilo que Gramsci chamou de “Sociedade Civil” — e tem nos jornalistas os intelectuais incumbidos da missão de criar idéias convincentes para obter consenso geral — organizada com o objetivo de manter intacta a “Sociedade Política”, então entra em jogo o papel ideológico dos meios, que também precisa ser desmontado na escola.

Mesmo no campo específico da crítica, uma gama diversa de estudos e teses está à dis-

posição do pesquisador, que deve fazer um recorte daquilo que lhe interessa diretamente. Assim, das teorias sobre a comunicação de massa pesquisadas, foram destacadas as que fazem referência a problemas da prática jornalística na sociedade, principalmente do jornalismo impresso.

Nas fichas, o relacionamento entre os conteúdos é bastante dinâmico. Enquanto as teorias críticas orientaram a seleção de “problemas da mídia” a serem abordados, as teorias “descritivas” auxiliaram na elaboração do conjunto de conhecimentos pertinentes para o professor preparar suas aulas e para tornar acessível aos alunos os mecanismos de produção do jornal no interior das redações. A performance das fichas foi planejada de modo a evidenciar o processo social de construção da notícia, do fato até o texto e as imagens impressas, passando pelo sinuoso caminho dos filtros, que não são poucos.

De fato, entre o ocorrido e as impressões das testemunhas (fontes) existe uma filtragem de dados; entre o relato das fontes e a redação do repórter outro filtro e, finalmente, entre a redação e a edição (que torna o texto adequado ao formato padrão do jornal), no fechamento do dia, vêm os filtros finais como os cortes para a matéria se encaixar no espaço pré-determinado, a colocação de títulos, a escolha do lugar na página para a publicação etc. Se o leitor tivesse a onipresença para observar de longe todo o transcorrer do processo, certamente testemunharia o processo manipulador inevitável que é o trabalho do jornalista. Técnicas para tornar a notícia mais atraente e vendável, não raro, suplantam critérios como o potencial informativo de determinada pauta.

O problema levantado aponta diretamente para outra questão: a relação entre a notícia e o conhecimento adquirido com a leitura do jornal ou, em outras palavras, os *faits divers* e a informação.

Com efeito, os resultados do jogo de futebol, os crimes aparentemente misteriosos e as esquisitices de todo tipo ganham lugar privilegiado nas páginas dos jornais, porque sabem os editores que tais assuntos são “argumento de venda”. A situação é irônica porque, em última instância, é a falta de informação que atrai o leitor inicialmente motivado a ir até a banca para comprar informação.

A coisa toda é sutil, porém perversa. Dada a falta de repertório para ler criticamente a imprensa, banalidades e informação são tidas como a mesma coisa para o leitor não alfabetizado na linguagem do jornal. Assim, a mulher que esfaqueou o marido, a atriz pornô que tentou se suicidar ou as declarações do técnico de futebol do Corinthians sobre o desempenho do jogo do final de semana são, na verdade, o refugio da informação, textos e imagens gratuitos, que nada têm a acrescentar ao repertório do leitor.

Mas, como se configura, então, a informação genuína nas páginas do jornal?

Em um primeiro momento, é preciso saber separar o que é informação do que é “refugio”. Assim, do ponto de vista da Teoria da Informação, para uma primeira análise, é útil saber quan-

tas dúvidas a mensagem — jornalística, neste caso — elimina, e se ela realmente faz isso.

“O ponto de partida, portanto, é que as mensagens existem para eliminar dúvidas, reduzir a incerteza em que se encontra o indivíduo — sendo dado como certo que, quanto maior for a eliminação de dúvidas por parte de uma mensagem, melhor ela será. Pressupõe-se ser finalidade específica de um texto, de um informador, mudar o comportamento de seu receptor e, como não se pode contestar que a dúvida, em princípio gera a imobilidade, a informação surge como agente dissipador de incertezas e cujo objetivo é provocar uma alteração no comportamento das pessoas”. (J. Teixeira COELHO NETO, 1980: 120)

A afirmação precisa, no entanto, ser detalhada, já que, à primeira vista, um comercial de sabão em pó que evidencie suas qualidades superiores às da concorrência pode dissipar dúvidas de uma dona de casa. Na próxima ida ao supermercado, provavelmente ela terá certeza de qual marca levar. Entretanto, essa não é uma mudança de comportamento que caminhe na direção efetiva de uma alteração de vida dessa receptora.

Mesmo considerando o conceito inicial e provisório de informação, já é possível fazer a distinção entre o texto informativo e as banalidades. Enquanto o texto informativo relaciona o conteúdo da mensagem com o desenrolar da vida do receptor (a eliminação de suas dúvidas, quaisquer que sejam), os *faits divers* não exigem qualquer conhecimento do mundo para serem “consumidos”, já que eles não remetem a nada a não ser a si próprios. A informação jornalística remete, necessariamente a uma situação extensiva e exterior a ela; é conteúdo relacional. Quando o texto é informativo, abre portas para o leitor estabelecer relações entre as questões envolvidas na pauta e outras que têm relevância na conduta social. A informação “de verdade” permite que o leitor avance na análise concreta e abstrata da realidade social e, em suma, adquira conhecimento.

É hora, porém, de colocar em cena outro elemento: a qualidade da informação. O assunto dá margem a páginas e páginas de discussão, que não é o caso no presente trabalho. Entretanto, duas ou três observações fornecem elementos para se apontar um ponto de consenso sobre a análise da informação jornalística.

Com efeito, não é a quantidade de dados que garante a “melhor” informação. É preciso considerar o real valor da informação e é fácil encontrar exemplos práticos que embasem tal afirmação. Basta, por exemplo, lembrar da maciça utilização dos meios de comunicação durante a campanha nazista na Alemanha. O povo foi bombardeado por um volume de informações sem precedentes na história e teve seu comportamento efetivamente mudado. Contudo, não há como defender o potencial informativo de uma ação como essa.

"Não se pode negar que a exposição de uma certa audiência a uma taxa de informação cada vez maior acaba por provocar uma mudança na qualidade de seu comportamento. Mas, para dirigir-se essa mudança qualitativa para objetivos socialmente válidos é necessária a intervenção ao nível do conteúdo das mensagens, ao nível da significação, portanto. Não basta lidar com o quanto, é preciso conhecer o *quê* e *para quê*. (J. Teixeira COELHO NETO, 1980: 178)

Assim, toda leitura da imprensa que se pretenda crítica deve considerar o papel desinformador das "generalidades", e mostrar ao educando o real valor da informação para que ele, naturalmente, rejeite o refugio em favor da informação que faça diferença. Para completar o estudo crítico torna-se preciso, portanto, recorrer ao instrumental teórico que avalie o valor social e o papel ideológico dos meios. Vejamos um percurso histórico da avaliação.

Na história dos estudos sobre o fenômeno da comunicação de massa, tem destaque a abordagem feita por Roman Jakobson (1968, p.123), elaborada no campo da Lingüística. De acordo com essa perspectiva, é possível orientar estudos relativos ao emissor e ao destinatário da comunicação, à própria mensagem, ao canal, ao código e ao contexto. Evidentemente, tais fatores só podem ser separados de forma didática porque, na prática, estão todos mais ou menos "embolados" durante o ato comunicativo, e não é possível ao pesquisador separar apenas os elementos que o interessam. Assim, como ponto de partida, pode-se dizer que o foco principal da análise das fichas de atividades produzidas neste trabalho são as limitações da mensagem veiculada, como consequência de uma prática jornalística, no mínimo, problemática.

Continuando no percurso dos estudos da comunicação, é possível perceber, entretanto, que os pesquisadores logo se deram conta de que os estudos analíticos sobre a prática da comunicação não esgotavam o sentido social da mídia. A partir daí, diversos estudiosos passaram a avaliar os resultados da manifestação dos meios na sociedade e criaram o que pode-se chamar de "teorias críticas" dos meios. Alguns desses estudos tiveram fundamental importância para a elaboração das fichas de leitura crítica. Convém, então, fazer aqui uma compilação das análises que orientaram a produção do material.

Já na década de 50, quando os estudiosos se preocupavam com os efeitos do rádio e da imprensa na capacidade de discernimento das pessoas, e quando a TV começava a esboçar o poder de penetração que alcançou hoje, os sociólogos Paul Lazarsfeld e Robert Merton (1977) destacaram os motivos para o tom receoso de alguns segmentos da sociedade em relação à atuação da mídia, e sistematizaram as funções que os MCM podem desempenhar.

Na verdade, as pesquisas dos sociólogos enfatizaram o papel da propaganda¹, principalmente nos anos da 2ª guerra mundial. Entretanto, alguns conceitos servem de referência para avaliação do jornalismo, uma vez que a mensagem jornalística, tal qual está estruturada na sociedade de classes também tem como objetivo influenciar na formação de opiniões e crenças ou orientar a

tomada de posição sobre assuntos que o público considera — ou é levado a considerar — controversos.

Assim, três motivos principais logo despertaram a atenção dos sociólogos. Em primeiro lugar, indagava-se quais seriam as conseqüências da onipresença, e do resultante poder potencial, dos meios de comunicação de massa. Algumas vertentes destacaram, em 2º lugar, a possibilidade da substituição do controle social coercitivo, por mecanismos de persuasão, basicamente através da propaganda de massa (o mundo vivia, então, o período da Segunda Guerra); neste caso, a exploração direta foi substituída por um padrão mais refinado de exploração psicológica. Finalmente, uma terceira fonte de preocupação residia nos supostos efeitos da comunicação de massa sobre o gosto estético. Já que se pretendia alcançar multidões com repertórios variados através da mesma mensagem, esta deveria ser “nivelada por baixo” e, certamente, contribuiria para a degradação do gosto, disseminando formas e conteúdos vulgarizados.

Baseados nas características que constituíam “motivos de preocupação” para os críticos, os sociólogos tentaram avaliar que funções — ou disfunções — teriam os meios de comunicação de massa na sociedade. Pode-se dizer que o valor de função ou disfunção varia de acordo com a situação analisada, dependendo se o efeito alcançado é desejável ou indesejável do ponto de vista da estabilidade e do bem-estar social. Assim, uma campanha contra a dengue, por exemplo, pode incentivar as pessoas a tomarem os devidos cuidados que impedem a proliferação do mosquito responsável pela transmissão (uma função, neste caso) ou, ao contrário, pode gerar um comportamento ansioso na população (uma disfunção).

Ainda de acordo com Merton e Lazarsfeld, os meios de comunicação preenchem diversas funções (ou disfunções) sociais, das quais eles destacam três principais: a atribuição de status, o reforço das normas sociais (que acabam por ampliar a reputação dos meios) e uma espécie de desastre involuntário que se convencionou chamar “disfunção narcotizante”.

Assim, a atribuição de status funcionaria da seguinte forma: pessoas que se destacam da massa disforme e ganham espaço nas páginas dos jornais, ganham prestígio social, à medida que prevalece, no ideário do senso comum, a premissa de que se a imprensa destaca determinada pessoa, é porque ela é importante o suficiente para estar ali, seus feitos são significativos o suficiente para que ela se destaque no meio da multidão. As páginas dos jornais estão cheias de casos desse tipo. Da

1. Profissionais do meio costumam fazer a distinção entre os termos “publicidade” e “propaganda”. Enquanto o primeiro termo refere-se à arte de exercer uma ação psicológica sobre o público com fins comerciais, ou seja, induzindo a comprar determinados produtos ou serviços, o segundo termo refere-se à tarefa de propagar princípios, idéias, conquistando a capacidade de discernimento do público.

campanha contra a fome lançada pelo sociólogo Herbert de Souza, passando pelo movimento contra a violência em São Paulo, até o sócia mirim do jogador de futebol Ronaldinho, diversas pessoas e movimentos têm experimentado o que é existir para a massa, depois que aparecem nos jornais.

A função de atribuição de status pode legitimar determinadas crenças, valores e ações de caráter político e social. À medida que uma parcela significativa da população, imersa no seu cotidiano “trabalho - meios de comunicação - cama - trabalho”, elege seus temas de interesse social pelos jornais e pela TV, a função de atribuição de status pode ser uma perigosa arma de manipulação de condutas.

Na análise de Merton e Lazarsfeld, a função de reforço das normas sociais justifica expressões (equívocas) como “o poder da imprensa”, porque os meios de comunicação têm o poder pontencial de iniciar ações sociais organizadas ao revelarem situações discordantes do padrão moral coletivo. De fato, muitas normas sociais são cotidianamente desobedecidas por indivíduos ou grupos de indivíduos, sem que segmentos da sociedade se levantem contra a atuação dessas pessoas. Há na sociedade uma certa margem de tolerância a desvios de comportamento de diversos tipos. Entretanto, a partir do momento em que jornais, rádios e TVs passam a divulgar tais desvios, com o furor que lhes é típico, as pessoas se sentem impelidas a opinar sobre o assunto. É uma espécie de obrigatoriedade voluntária o ato de formar uma opinião sobre o assunto que cria polêmica na mídia. Foi assim, por exemplo, com o caso da escola Base de São Paulo — quando denúncias sem provas acusavam professores da escola de estarem molestando sexualmente os estudantes; um grupo de pessoas chegou a depredar a sede da escola e seus proprietários foram obrigados a fechar as portas.

Um dado, porém, deve ser destacado. É comum na performance dos meios, simplificar as questões que envolvem os fatos polêmicos e recheá-los de uma certa dose de dramaticidade, provavelmente para amplificar a capacidade de atrair a atenção da multidão. Os autores destacam a observação de Lawrence Lowell de que, em geral, informações complexas inibem a ação (e reação) das massas. Assim, *“as questões públicas devem ser definidas sob a forma de alternativas simples, em termos de branco e preto, de modo a permitir a ação pública (...)”* (1977: 240).

É evidente que o interesse para tais campanhas de “conscientização pública” invariavelmente coincide com os interesses próprios dos grupos que detêm os jornais. Uma campanha triunfante pode intensificar o poder de influência de um meio de comunicação, aumentando suas chances de obter mais sucesso na próxima empreitada.

Uma terceira responsabilidade atribuída aos MCM é o que se convencionou chamar de “disfunção narcotizante”. Enquanto a atribuição de estatus e o reforço das normas sociais podem ser consideradas funções, já que seus efeitos convêm a determinados grupos de interesse, a narcotização do público é considerada disfunção, porque parte-se do pressuposto de que a “*existência de amplas*

massas da população politicamente apáticas e inertes não é de interesse da moderna sociedade complexa.” (1977: 241).

Se, de fato, os jornais, as revistas e a TV vêm tomando cada vez mais o tempo livre do cidadão², é preciso averiguar que efeitos o hábito trará para o comportamento social do indivíduo.

“Ao que parece, todavia, este amplo suprimento de comunicações é capaz, tão-somente, de fazer surgir uma preocupação superficial com os problemas da sociedade, superficialidade que muitas vezes encobre a apatia da massa. O indivíduo limita-se a ler relatos de questões e problemas, chegando mesmo a discutir acerca das linhas alternativas de ação. Este vínculo, no entanto, bem mais intelectualizado e muito mais remoto com a ação social organizada não é estimulado.”

Ou seja, findo mais um dia de trabalho, o comportamento típico é chegar em casa, ligar a TV, ler os jornais do dia, comentar com a família e os conhecidos os assuntos de destaque, criticar o comportamento dos políticos responsáveis pela conduta da coisa pública (mas sempre se eximindo de qualquer responsabilidade pessoal), e dormir para, no outro dia, iniciar a mesma rotina de trabalho. Ao que parece, o mundo resumido no jornal sobre a mesinha da sala criou a impressão de que conhecer os problemas já é fazer algo; o cidadão que conhece já está cumprindo sua parte. Apesar de não ser a função prevista pelos meios, de um modo genérico, eles têm se tornado um dos narcotizantes sociais mais eficientes. O conhecimento passivo tem tomado o lugar de qualquer participação ativa potencial. Principalmente em um território fartamente abrangido pela Rede Globo de Televisão.

Sobre o conhecimento da realidade através da mídia, é significativo o resultado das pesquisas do norte-americano Walter Lippman, publicadas em 1922, na obra chamada *Public Opinion*. O autor compilou diversos exemplos em que os aspectos concretos dos fatos noticiados pouco tinham em comum com as idéias construídas pelo público acerca do ocorrido, quando se informavam pelos jornais e pela TV. Lippmann também avaliou em que medida as interpretações da realidade pela imprensa poderiam formatar as interpretações da realidade pelo público e seus conseqüentes modelos de ação.

Assim, já em 1914, por exemplo, no início da Primeira Guerra Mundial, muitas pessoas desconheciam o desenrolar do conflito — as notícias demoravam mais a chegar naquela época — e

2. Sobre a mudança de hábitos com o advento da TV, ver Milanese, Luiz A. *O paraíso via Embratel*. SP: Paz e Terra, 1985

levaram, por um tempo ainda, uma vida “normal”, fabricando produtos que não seriam mais comercializados, importando outros que não chegariam, planejando ações que não seriam concretizadas. Tal comportamento ocorria porque os jornais ainda não haviam divulgado os últimos dados da guerra.

É claro que, via de regra, a imprensa não se propõe a criar deliberadamente imagens falsas da realidade, para enganar o leitor ingênuo. E a propagação, já nos primeiros anos das faculdades de jornalismo, de práticas que levem à neutralidade, à objetividade, à análise imparcial do acontecido mostram que existe o compromisso com a verdade na mídia. Entretanto, seletividade e distorções são conseqüências inevitáveis dos trabalhos dos repórteres, já que o tempo passa rápido, a edição precisa ser finalizada, e há uma inevitável perda de pormenores em qualquer relato que tente focalizar fatos centrais, ignorando outros.

Mas o problema não se resume à relação entre fato e notícia. A função da imprensa no estabelecimento agenda — a seleção de assuntos em detrimento de outros — é tema de outra pesquisa crítica no estudo da Comunicação de Massa. A hipótese fundamental, formulada pelos pesquisadores Maxwell E. McCombs e Donald L. Shaw, após concluírem dados obtidos em uma pesquisa realizada na década de 60, pautou a dose de atenção dada a notícias relacionadas à política pela imprensa e o nível de importância atribuído ao fato pelo público que esteve exposto à mídia. Assim, durante as campanhas presidenciais norte-americanas de 1968 e 1972, os pesquisadores entrevistaram pessoas que estiveram expostas à mídia noticiosa e comprovaram que a imprensa fez o público encarar alguns problemas (os destacados nos meios) como mais importantes que outros. Ou seja, a agenda da imprensa virou agenda do público. A pesquisa mostrou também que, apesar de orientar a atenção dos receptores, a mídia não leva as audiências a adotarem um ponto de vista determinado.

A função de agenda não se restringe à avaliação do desempenho de candidatos durante o período de campanha. Continuamente, as editorias de política estão selecionando fatos em prejuízo de outros, de acordo com os interesses dos grupos econômicos que controlam cada meio. Assim, por exemplo, é significativa a performance dos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo* durante a divulgação do caso “Senhor X” e das irregularidades na administração de prefeituras pelo PT, entre maio e julho de 1997. Em 13 de maio, a *Folha* começou a divulgar uma série de reportagens baseadas nas descobertas do jornalista Fernando Rodrigues, que comprovavam o pagamento de propinas para deputados como Ronivon Santiago, João Maia, Zila Bezerra, Osmir Lima (todos do PLF) e Chicão Brígido (do PMDB) aprovarem a emenda da reeleição. No dia seguinte, enquanto a *Folha* dava manchete de duas linhas para o caso, apontando possíveis ligações do então Ministro das Comunicações, Sérgio Motta no esquema de venda de votos³, o *Estado* publicou uma chamada

com pouco destaque noticiando a instalação de uma comissão de sindicância para apurar o caso e publicou uma foto de Ronivon Santiago, na tentativa de reduzir um esquema amplo de corrupção ao comportamento desonesto de um deputado⁴.

Nos dias seguintes, os leitores da *Folha* acompanharam o desenrolar de um caso crucial para a política do país, enquanto os leitores do *Estado* acompanhavam o caso “pelas arestas”. Porém, em 27 de maio, o *Estado* deu início a uma série de manchetes que acusavam o PT de corrupção, baseadas em acusações do economista Paulo de Tarso Wenceslau, integrante do partido. As acusações não tinham provas (motivo pelo qual a *Folha* desta vez passou a dar pouco destaque ao caso), mas o *Estado* não se intimidou. Desta feita, os leitores da *Folha* não tiveram grandes destaques sobre o fato, porém os leitores do *Estado* tinham um novo escândalo político para comentar. Em 23 de julho de 97, a comissão de sindicância aberta pela direção do PT isentou os acusados e pediu a punição de Tarso, por fazer acusações sem provas. O fato mereceu chamada na primeira página da *Folha*, e o *Estado*, que havia dedicado manchetes às acusações, só tratou o assunto em páginas internas. A breve descrição desses dois casos mostra que a função de agenda de seleção dos “episódios” políticos é constante nas páginas dos jornais.

Mas a seleção não se resume à escolha dos destaques da primeira página. Outro aspecto deve ainda ser comentado. A própria seleção de fatos que vão para a editoria de política e para outras seções dedicadas a fatos do cotidiano merece um exame mais detalhado. De fato, a maioria dos jornais brasileiros divulga greves no caderno de economia, como se elas não possuísem caráter político. Outros fatos como as reivindicações do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) são noticiados nos cadernos de variedades junto com crimes, notícias sobre novos buracos que surgem nas ruas da cidade, consumo, brigas etc. Os cadernos de política, por sua vez, são reservados a declarações de membros dos poderes Executivo e Legislativo, sejam elas sobre questões de importância social ou apenas comentários corriqueiros sem importância política. Mas nada impede que o esquema de distribuição das pautas pelas editorias mude com a evolução dos fatos. No caso do MST, por exemplo, quando a organização passou a apoiar saques no Nordeste, invadir prédios públicos e oferecer ameaça à propriedade de fazendeiros, jornais como a *Folha* e o *Estado*, passaram a publicar as matérias referentes ao movimento nos cadernos de política. Notadamente destacando a atuação do movimento como uma espécie de crime político.

3. A *Folha de S. Paulo* obedece a seguinte ordem de destaque em manchete, de acordo com a importância do assunto: 1. três linhas em seis colunas; 2. duas linhas em seis colunas; 3. uma linha em seis colunas; 4. duas linhas em quatro colunas; 5. três linhas em três colunas; 6. uma linha em cinco colunas; 7. duas linhas em três colunas; 8. quatro linhas em duas colunas; 9. uma linha em quatro colunas.

4. A particularização de fenômenos de caráter social é, inclusive, um dos “mecanismos de falseamento da realidade” destacados pelo sociólogo Ciro Marcondes Filho, que será analisado com detalhe mais adiante.

Fatos como esses mostram a sutileza de mecanismos corriqueiros de manipulação que podem engrupir o leitor desatento. É claro que os jornais têm o direito de manifestar a seus leitores os valores e interpretações que julgarem mais convenientes, mas, para que a relação entre jornal e leitor seja equilibrada, é preciso que este tenha consciência de que tem em mãos uma versão, que não esgota a questão. É necessário que o leitor tenha autonomia intelectual suficiente para desconfiar, buscar outras fontes e formar suas próprias opiniões após um exame crítico das notícias. E a escola pode ser um espaço mais adequado para formar leitores atentos.

O caráter da notícia na sociedade de classes — Os comentados anteriormente não esgotam a polêmica que envolve a atuação da mídia. Análises feitas a partir da inserção do jornal como mais um produto da indústria capitalista — e as conseqüências do fenômeno para a produção diária de notícias — são significativas para a compreensão do problema que os professores têm em mãos, quando pretendem usar o jornal na sala de aula.

Assim, o sociólogo *Ciro Marcondes Filho*, autor da obra chamada *O Capital da Notícia* (1989), sistematizou um quadro teórico a fim de explicar o caráter político, econômico e ideológico da notícia na sociedade capitalista. Adepto da postura que *Umberto Eco* sabiamente chamou de “apocalíptica”⁵, o *Marcondes* afirma que o jornalismo, em regra, atua no mesmo sentido de outros conglomerados econômicos e políticos, que querem dar às suas opiniões particularistas o caráter de objetividade. Se a imprensa é pluralista e representativa de todos os setores da sociedade, é questão colocada de antemão pelos próprios donos dos jornais, possivelmente porque se sintam ameaçados por outras fontes de informação que venham a pôr em risco seu monopólio; venham elas de grupos da base da pirâmide social ou de grandes grupos econômicos adversários.

Neste contexto, a informação flui transformada em mercadoria “com todos os seus apelos estéticos, emocionais e sensacionais; para isso, a informação sofre um tratamento que a adapta às normas mercadológicas de generalização, padronização, simplificação e negação do subjetivismo” (*Ciro MARCONDES Filho*, 1989: 13). Assim, da maneira como é veiculada pela mídia, a informação atua como significativo instrumento de manipulação ideológica e, portanto, é também uma forma de poder político⁶.

E, qual é então a lógica de atuação da imprensa na produção da mercadoria notícia? Eis a resposta:

“A notícia, tal qual se apresenta para o receptor, como forma ‘quebrada’ da realidade, como pedaço do real, de onde se abstrai somente o fato específico que a originou, e como disposição múltipla e diversificada no jornal, na televisão, no rádio, no cinema, atua no receptor participando de um jogo psíquico em que, num momento, ela desencadeia processos de preocupação e, noutro, de alívio e descontração. Não as notícias isoladamente, via de regra, mas o

conjunto delas, o noticiário como um todo, ou mesmo a programação noticiosa jogam com esse duplo caráter ideológico da notícia. Trata-se da dialética da atemorização e da tranquilização que compõe o fato noticioso.” (1989: 14)

Para a indignação dos críticos, a consequência de prática tão perversa é a despolitização do real — já que os fatos são apresentados como algo unívoco, positivo e sem contradições — e o cultivo do comportamento passivo, uma vez que as vozes dissidentes (agentes do debate, a base da democracia) são desqualificadas com o argumento de que só servem para perturbar a ordem e desfazer a harmonia, benéfica tanto ao banqueiro rico, quanto ao operário pobre. O sistema político e econômico, marcado por distensões, reforça-se e é inocentado. “O conflito, o polêmico, o questionador que existe em cada fato desaparece” (1989: 16).

Outra investida da imprensa capitalista que merece destaque por causa dos efeitos lamentáveis que produz é a sentimentalização das questões sociais, que gera o sentimento de pena (passivo) ao invés do descontentamento (sentimento potencialmente capaz de gerar atitude de reação). A sentimentalização é obtida através de um mecanismo redutor, onde a imprensa particulariza um fenômeno social. E o leitor que se prepare com o que vem pela frente, já que é possível encontrar, por exemplo, entrevistas com empresários falidos, que perderam tudo, e hoje são

5. ECO, Umberto. *Apocalípticos e Integrados*. 4 ed. São Paulo, Perspectiva, 1980.

moradores de rua à procura de novas oportunidades. O projeto político que gera o desemprego em massa não é tratado da forma que merece.

Ainda mais um aspecto deve ser ressaltado. É comum executivos de empresas de notícias argumentarem que a mídia fornece ao público aquilo que ele requisita e, assim, toda a esquizofrenia cotidianamente veiculada se justifica. Contra esse argumento, perverso e pervertido, deve-se considerar que, de fato, as formas monopolistas de ocupação do mercado da informação restringem as possibilidades de seleção e conseqüente capacidade de escolha do público. Assim, a voz uníssona dos meios limita a capacidade de seleção de mensagens. E, como observou o sociólogo do jornalismo Dieter Prokop, “consonância significa falta de alternativas e, com isso, um reforço, uma confirmação de certas tendências na consciência do público” (apud MARCONDES Filho, 1989, p. 22).

A informação transformada em mercadoria barata — Numa perspectiva ingênua, pode-se argumentar que a função básica do jornalismo é transmitir informações, conhecimento aos seus leitores. No entanto, essa visão cai por terra, se se questiona o real sentido da informação nas sociedades que a espécie humana construiu no decorrer da história. De fato, ao longo dos anos, a Igreja e a universidade dão a amostra de como o conhecimento é privilégio das classes hegemônicas de cada época. Durante a Idade Média, por exemplo, o saber esteve enclausurado nos mosteiros, nas mãos dos escribas; em muitas tribos, o feiticeiro é envolto por uma aura de poder, justamente porque conhece as substâncias que curam males. Em tempos atuais, grupos de poder e até mesmo a polícia cometem assassinatos para efetuar “queima de arquivos”. A história tem mostrado que o acesso à informação é mesmo vantagem de poucos. E, no entanto, o jornalismo vangloria-se de ter a capacidade de disseminar a informação para a massa. Alguma coisa certamente está errada.

Para o olhar crítico, entretanto, não há mistério, porque o jornalismo, basicamente separa a “*informação prática — ou seja, vendável, facilmente assimilável — do conjunto mais amplo de fatos e dados culturais*” (Ciro MARCONDES Filho, 1989: 24). E, por quê?

Porque, tal qual um pijama ou uma caixa de sabão em pó, a notícia está à disposição para venda no mercado, e deve atender a todos os apelos mercadológicos que envolvem as mercadorias de um modo geral. O jornal também está sujeito à dinâmica do valor de uso e valor de troca.

Assim, para o leitor (o consumidor), o valor de uso realiza-se na aquisição do jornal, quando ele busca satisfazer seu desejo criado pela publicidade. Já para o proprietário do jornal, a mercadoria tem importância somente enquanto meio para obter dinheiro. É claro que os jornais também encerram implicações de natureza política e ideológica, como de resto todas as mercadorias o fazem. Ademais, a notícia serve de pretexto para se vender espaço para publicidade (de onde vêm os ganhos mais significativos do jornal). “A parte redacional, portanto, deve ser afinada conteudística-

mente de acordo com o espaço publicitário” (Ciro MARCONDES Filho, 1989: 26). Ou seja, informações e publicidade acabam se confundindo e esta última ganha maior poder de penetração junto ao público, porque passa a ser tratada como “dato neutro”.

Mecanismos de manipulação — Para muitos críticos, é a essência do modo de produção capitalista que gera o tipo de imprensa que temos visto. O argumento levaria a crer, então, que, uma sociedade que não estivesse organizada sob as bases de exploração do lucro teria uma imprensa menos manipuladora, o que a História mostrou não ser verdade. Diversos jornais de países socialistas como o *Neues Deutschland*, (que o autor cita no livro) não eram, por isso, menos sensacionalistas e manipuladores. Ocorre que a própria prática jornalística, em qualquer situação, é, por si só, manipuladora. A manipulação não é somente ação intencional, é parte intrínseca do ofício do jornalista, porque ele não tem outro modo de narrar o fato, a não ser recorrendo a mecanismos de representação (que tornam presente novamente aquilo que está ausente), como a linguagem escrita e as imagens.

Isso posto, pode-se dizer que o que varia, na verdade, é o enfoque dado aos fatos que pode buscar a identificação com a realidade do leitor, criando laços solidários ou, ao contrário, criar uma relação de compra e venda de conteúdos estanques e soltos, criando uma relação coisificada entre produtor e receptor de notícias. Assim, dependendo da prática adotada, surgem duas formas básicas de jornalismo: o inovador, que rompe o código convencional e, conseqüentemente, informa; e outro conservador, apoiado em ferramentas de *marketing*, que atua em harmonia com as expectativas conhecidas, com os padrões amplamente esperados. É essa última prática que tem recorrido às diversas formas de falseamento dos fatos, dos quais Marcondes descata quatro principais:

A fragmentação da realidade — Já que a notícia também está sujeita ao modo de produção capitalista, caracterizado pela exploração do lucro e pela produção em massa e em série, também o jornalista será um “trabalhador alienado”, segundo a concepção de Marx. De fato, nessas condições, tanto o operário que aperta parafusos na fábrica, o funcionário público que passa a vida batendo carimbos na repartição, ou o jornalista que produz textos a partir de informações de agências internacionais captadas por antena parabólica, são partes do maquinário humano-material empenhado em multiplicar o capital.

Tal ruptura entre o homem e o produto de seu trabalho, tal distanciamento da obra final como “obra sua”, saída de suas próprias mãos, na qual ele se reencontraria e se reconheceria, cria no homem a “consciência divina”, segundo a qual os produtos da atividade produtiva

humana (concretos e também abstratos, como o Estado, a igreja, a Moral etc) já não são mais reconhecidos como produtos do homem e parecem, estranhamente, assumir “vida própria”. (1989: 40)

Assim, a transmissão fragmentadora de notícias quebra a lógica dos fatos em si, eles são tomados no seu aparecimento imediato, sem se considerar suas causas e conseqüências. A notícia simplesmente desvincula-se de seu fundo histórico-social. Exemplo dessa prática são as notícias de que governos de países da América Latina (entre eles o Brasil) estão comprando armamento pesado dos Estados Unidos para combater o tráfico de drogas. O tratamento dado ao fato invariavelmente evidencia a periculosidade dos bandidos traficantes, o mal infernal que as substâncias causam, e a competência do governo, preocupado em manter o bem-estar da população (todos nós brasileiros usuários ou não de drogas). É sempre a mesma coisa. Não se considera, por exemplo, a real necessidade dos altos investimentos na compra do armamento — quando o sistema de saúde obriga a população de baixa renda a esperar até dois anos para conseguir consulta e tratamento com um médico neurologista, por exemplo, conforme noticiou a mesma imprensa — e nem o motivo que leva os Estados Unidos a efetuar a venda. Um leitor atento, que tenha capacidade de estabelecer as relações que o jornal sonega, poderá chegar à conclusão de que, com o fim da guerra fria, as indústrias de armas norte-americanas ficaram “sem clientes”, e que é preciso empurrar equipamentos ultrapassados, encalhados no estoque. Daí a compra feita por governos latino-americanos. Tal conclusão poderia gerar protesto, crítica à atitude do governo etc, etc, mas a grande maioria dos leitores é levada a consentir com a medida. E a odiar os traficantes, grandes vilões articuladores da violência urbana.

A personificação dos processos sociais — Este processo atua no sentido de intimidar questões de caráter público, coletivo, banalizando fatos de importância social e cultuando personalidades. De acordo com Holzer e Schuhler (*apud* Ciro MARCONDES Filho, 1989: 42), a personalização leva o leitor a questionar não as condições do sistema social no qual se trabalha e se vive, e sim as vantagens e desvantagens de pessoas, procedimento através do qual esse público se vê, ao mesmo tempo, exortado a buscar continuamente em si mesmo as causas para os problemas e as dificuldades que surgem no próprio meio (H. HOLZER e C. SCHUKLER, 1971: 404).

Tal prática de tratamento dos fatos foi determinada historicamente, ao longo dos anos, com a ascensão da classe burguesa, que se fundamenta no discurso do sucesso como conseqüência dos esforços de cada um, destacando a igualdade de oportunidades, mas desprezando a desigualdade de condições.

Um exemplo recente de personificação de fatos sociais foi o tratamento dispensado pela

imprensa ao deputado Sérgio Naya, do PPB de Minas Gerais. Com o desabamento do edifício Palace 2 edificado por sua construtora, no Rio de Janeiro, em fevereiro de 98, a imprensa voltou os olhos para sua atuação política, notadamente marcada pela corrupção, pelo clientelismo e por atitudes populistas a fim de conquistar votos. De um modo geral, as notícias se restringiram ao histórico do candidato, que só é mais uma peça de um problema macro-estrutural da política brasileira.

O favorecimento de fontes específicas — A entrevista é uma das ferramentas mais eficazes de autenticação do mito da objetividade da imprensa. Não importa qual seja o fato; há sempre uma “fonte” para dar as informações, ainda que sirvam apenas para legitimar a posição definida de antemão pelo jornal sobre o fato. Assim, se o jornalista escolhe as fontes de informação adequadas, terá grandes chances de levar o leitor a chegar às conclusões esperadas, por meio das declarações de alguém “de fora” do jornal. Nos anos da Guerra Fria, por exemplo, eram os dissidentes do regime cubano que falavam, em detrimento daqueles que concordavam com a conduta de Fidel Castro, por exemplo. Nos dias de hoje, freqüentemente pipocam nos noticiários declarações de camponeses descontentes com a ação do MST — o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Se considerarmos que, de fato, a situação da indústria — que tem sua atuação apoiada pelas vozes da mídia — não vai bem das pernas por causa das conjunturas econômicas mundiais, porque um assentamento deve, necessariamente, surtir resultados positivos? No entanto, basta uma manchete tendenciosa e duas colunas de texto resumindo declarações de um ou dois dissidentes do movimento para que o leitor ingênuo tome para si a crítica mofada do jornal conservador.

O uso da linguagem e da técnica — A crítica neste caso fundamenta-se no argumento de que o estilo sóbrio e isento definido por formas linguísticas específicas, o uso de termos técnicos desconhecidos pelo leitor médio e de gráficos e tabelas acabam por encobrir o conteúdo da mensagem, favorecendo o comportamento receptivo e neutralizando a capacidade crítica.

A técnica pode também ser responsável pelo caráter artificial da notícia: do fato presenciado pelo repórter na rua à última revisão do editor, quando as informações estão na tela do computador, um significativo número de “filtros” já descaracterizou o acontecido.

Destaque e supressão de informações — A definição da pauta marca o início da produção da notícia no cotidiano de uma redação de jornal. Entretanto, pela forma como ela é definida, apressadamente, por pessoas que, não raro, desconhecem as conjunturas dos fatos, a pauta reflete mais o que o senso comum jornalístico está destacando e menos o movimento social que realmente importa ao público leitor conhecer. É uma espécie de roda da notícia fajuta: se o rádio ou a

TV (os meios caracterizados pela divulgação instantânea) noticiam, a imprensa escrita deve correr atrás para, como se diz no jargão jornalístico, não “comer broa” do concorrente. Assim, os meios redundam naquilo que geralmente não importa, não faz diferença, e deixam de lado informações que teriam significado social.

O destaque e a supressão de informações também se efetiva na edição das páginas, quando manchetes, fotos, mapas, gráficos e tabelas produzidos por computação gráfica e recursos da cor são utilizados para guiar os olhos do leitor, pelas diversas trilhas da página.

O papel da imprensa sensacionalista — No âmbito da sociedade de classes, a imprensa sensacionalista surge da necessidade de uma espécie de compensação associada ao processo de trabalho vigente. Em outras palavras, como do trabalhador é exigido um supra desempenho, desgastante física e emocionalmente no trabalho, ele recorre ao noticiário sensacionalista para recuperar o equilíbrio emocional necessário, para não entrar em pane. Assim, a mensagem deve fazer uso da emoção barata, conseguida através da exploração das necessidades humanas infantis reprimidas, no melhor estilo freudiano. O jornal explora tais emoções de forma perversa, em vez de prestar esclarecimento sobre elas (Ciro MARCONDES Filho *apud* Michael BUSELMEIER, 1989: 89).

“A luta pela sobrevivência no capitalismo é a mais cruel de todas. O trabalhador tem de arrancar forças de onde não tem, para nela sobreviver. Esse desgaste, esse esforço supremo exige uma tranquilização, uma pausa para recuperação. Aí entra a função do jornal *como lazer*. Ao trabalhador interessa muito mais o jornal que o descansa, que o entretinha, que o jornal que o jogue de novo contra o mundo do trabalho, da produção, da política.”

Aproveitando-se então da fragilidade emocional do leitor, a imprensa sensacionalista desenvolve uma lógica perversa de produção de notícias: exacerba as neuroses coletivas, atiza a agressividade já incitada pela injustiça social, impele comportamentos preconceituosos na perseguição a homossexuais, mães solteiras, prostitutas etc, concretizados em linchamentos de bodes expiatórios.

“Na medida em que a imprensa (sensacionalista) desvia a verdadeira causalidade das desgraças e da péssima situação social das classes mais pobres, ela orienta também a reação dessas classes contra o mal mais próximo.” (Ciro MARCONDES Filho, 1989: 90).

O resultado de tal prática é igualmente perverso:

“Nesse sentido, a imprensa exerce uma função nitidamente classista, em defesa dos privilégios e da classe dominante, orientando a agressividade popular para objetivos que não são causadores estruturais de seus problemas” (Ciro MARCONDES Filho, 1989: 90).

Outro dado é sintomático da atuação da imprensa sensacionalista. Em 1968, quando o governo de Velasco Alvarado chegou ao poder no Peru, foi iniciada uma profunda reforma social no país. Setores estratégicos da economia peruana como o petróleo, a agricultura, a indústria de cimento e a mineração foram nacionalizados, a segunda maior reforma agrária da América Latina (o primeiro lugar pertence ao governo cubano) foi levada a cabo e, como não poderia deixar de ser, a estruturação dos meios de comunicação foi completamente alterada. Antes da revolução, a imprensa escrita estava completamente controlada pela iniciativa privada, bem como 75% do rádio e 49% da televisão. Com as reformas, o controle dos jornais passou de mãos. Assim, por exemplo, jornais que atuavam como porta-vozes da burguesia importadora e comercial foram parar nas mãos de organizações camponesas, e a imprensa da burguesia agrária passou para as mãos de sindicatos.

“Testemunhas dessa revolução na imprensa peruana asseguraram que houve um aumento de informações culturais em substituição às informações policiais, sendo que uma das primeiras medidas foi a eliminação do sensacionalismo (Opinião, 1974a, p.15). Ora, sensacionalismo (...) não é somente um “vício” que se elimina, ou algo que simplesmente se limpa das redações jornalísticas. O sensacionalismo não está somente nas notícias, no jornal. É a mentalidade do leitor que é presa fácil do sensacional pelo próprio processo de formação ideológica na socialização burguesa. A busca de notícias sensacionais pertence a um contexto lógico, assim como outros elementos da cultura popular, como os programas do “mundo-cão” de televisão e a própria visão superficial e fragmentada da sociedade e seus conflitos internos. A lógica do jornalismo sensacionalista deve ser buscada na lógica de classes, de luta encarniçada por manutenção de status, de “diferenciações sociais”, pregadas pela ideologia burguesa, que cultiva no leitor o distanciamento aparente “daquele mundo miserável” do sangue e da violência urbana. Ver um mundo pior não conduz ao acomodamento no seu “mundinho”, aparentemente não tão ruim? (Ciro MARCONDES Filho, 1989: 108).

A sucessão dos fatos mostrou que o projeto político de Velasco Alvarado não estava certo. Logo surgiu o paradoxo de aliar o caráter genuíno de comunicação coletiva com o caráter

essencialmente capitalista da atividade jornalística (baseada na exploração do lucro). Como criar um instrumento de comunicação afinada com os interesses populares e, ao mesmo tempo, manter a fidelidade dos antigos leitores e arregimentar anunciantes em uma sociedade regida, não por homens, mas por um super sistema capitalista com todas as suas contradições?

Assim, não é fácil eliminar o sensacionalismo da imprensa porque ele é o fator que garante a audiência na sociedade de classes regida pela lógica da exploração do capital e do trabalho. E a audiência é a mercadoria que os meios têm para vender a seus anunciantes, que significam, em média, pelo menos 2/3 da arrecadação financeira dos jornais.

A exploração sistemática do nu feminino nas capas de jornais é outra prática da imprensa sensacionalista que merece um diagnóstico. Com efeito, o ato de comprar um jornal (ou revista) que traga fotos de mulheres sem roupa liga o desfrute do sexo ao desfrute de uma mercadoria qualquer. A compra da mulher de papel, na cabeça do homem machista, exercita sua autoridade, cria a sensação de poder sobre o “sexo frágil”. É uma fórmula eficiente de vender mais exemplares, e isso é o que importa.

O sentido da imprensa alternativa — As análises feitas até aqui tendem a culminar numa visão apocalíptica do jornalismo. À primeira vista parece que a imprensa é caso de polícia mas, de fato, usando o velho clichê, “ainda resta luz no final do túnel”.

Assim, se não é possível alterar o sentido e o valor da grande imprensa capitalista, a saída deve ser o surgimento de um outro tipo de imprensa, não interessada em reproduzir as relações de dominação e exploração do capital.

Diversas experiências espalhadas pelo mundo têm mostrado, ao longo dos anos, que é perfeitamente cabível oferecer um contraponto ao jornais porta-vozes do pensamento de elite. Casos como o do jornal italiano *Lotta Continua* ou o *Libération*, fundado por Jean-Paul Sartre na França, e o *Pasquim*, que circulou no Brasil e teve suas maiores tiragens nos anos de chumbo da ditadura militar, somam experiências na produção do contraponto.

Como observou Ciro MARCODNES Filho (1989: 135), “jornais genuinamente populares não surgem por decretos presidenciais de transferência de donos”, como aconteceu, por exemplo, no Peru. Ou seja, é ingênua a posição que defende uma atuação mais “honestas” da grande imprensa capitalista, simplesmente porque, dentro do sistema, ela não tem como agir de outra forma. Se o fizer, afunda, e o comércio é necessário para movimentar o motor econômico e, inclusive, para gerar empregos.

Ao que parece, a melhor saída é o incentivo às mobilizações políticas em setores de base da sociedade que, sentindo a necessidade, passam a criar seus próprios meios de comunicação para



organizar e divulgar seus movimentos.

No entanto, o educador que assuma a postura de rejeitar a “imprensa capitalista” em favor de uma “imprensa alternativa e solidária” certamente estará cometendo um grande equívoco. Como já foi dito anteriormente, a rejeição muitas vezes é confundida como postura crítica mas, quem rejeita está sendo ingênuo, porque é preciso conhecer e desvendar o discurso alheio, a fim de expor suas faltas.

É chegada a hora de desfazer o “nó”. A imprensa de massa só serve para vender publicidade e solidificar crenças particulares de uma classe? Afinal, o jornal informa ou desinforma? Uma postura equilibrada é avaliar que a imprensa é, enfim, reflexo do movimento social; chega à porta de nossas casas todos os dias recheada com as contradições que são próprias da sociedade. Cabe, portanto, ao leitor, preparado e atento, estabelecer relações entre a manchete de ontem e a de hoje, avaliar que destaques trouxe o seu jornal e quais foram os do jornal que o vizinho assina, identificar assuntos que realmente fazem diferença para o seu aprendizado de cidadão e desprezar as banalidades, identificar assuntos de interesse comercial restrito da empresa jornalística daqueles que são de interesse coletivo. Falta, na verdade, a leitura digestiva, que separa componentes e não engole qualquer coisa. Essa leitura, acredita-se, pode ser aprendida na escola.

Sobre o uso dos meios de comunicação na escola, um dado ainda deve ser acrescentado neste trabalho. Uma vez que o ponto de partida para uma pedagogia dos meios de comunicação está na consideração primordial do aluno como sujeito social capaz de interferir na realidade que o cerca, é preciso situar em Gramsci (1968) uma importante defesa da educação enquanto processo capaz de aglutinar estímulos à emancipação sócio-política dos educandos.

Discutindo as sucessivas reformulações pelas quais passou a escola italiana nas primeiras décadas do século, o autor descreve a escola ideal, em sua concepção. Trata-se de um lugar que deve considerar a consciência da criança não como algo somente individual, mas reflexo da fração da sociedade civil da qual participa, das relações sociais existentes entre os membros de uma família e de uma comunidade. No entanto, Gramsci alerta que padrões morais podem ser cristalizados no interior de uma escola ultrapassada, o que prejudica a assimilação de valores sociais. Ele distingue, então, os conceitos de instrução e educação. O primeiro refere-se ao conjunto de conhecimentos orientados para o exercício de uma função no trabalho (conhecimento instrumental, pode-se dizer), enquanto o segundo trata da formação da personalidade da criança enquanto sujeito de ação social (conhecimento formativo, se quisermos):

“A consciência individual da esmagadora maioria das crianças reflete relações civis e culturais diversas e antagônicas às que são refletidas pelos

programas escolares: o “certo” de uma cultura evoluída torna-se “verdadeiro” nos quadros de uma cultura fossilizada e anacrônica, não existe unidade entre escola e vida e, por isso, não existe unidade entre instrução e educação” (Antonio GRAMSCI, 1968: 133).

A saída, segundo o autor, é o professor associar a instrução à educação através de seu trabalho, tomando-se, em primeiro lugar, atento aos contrastes entre o tipo de sociedade e de cultura representados pela escola e pelo aluno e, depois, evitando a retórica que tenta falsear uma unidade entre as duas perspectivas pedagógicas.

Assim sendo, a leitura do mundo e do jornal deve estar orientada para despertar a consciência social do estudante, a fim de gerar na escola sujeitos politizados, críticos e transformadores. É hora, portanto de se refletir sobre a prática pedagógica apropriada à consecução dos objetivos do trabalho. A fundamentação pedagógica da produção das fichas é tratada no capítulo 4.

FUNDAMENTAÇÃO PEDAGÓGICA



ue papel cabe ao jornal nas atividades escolares de 5ª a 8ª série? A resposta a esta pergunta foi o ponto de partida para a definição de conteúdos e tipos de atividades propostos nas fichas. Em um primeiro momento, a referência mais apropriada pareceu ser a “Proposta Curricular para o Ensino de Língua Portuguesa — 1º Grau”, da Secretaria de Estado da Educação (1992:

18), já que o material se destinava às escolas públicas estaduais e estaria mais sintonizado com as aulas de Português por envolver leitura, interpretação e produção de textos.

Assim, a Secretaria propõe, para a disciplina Língua Portuguesa, os seguintes objetivos:

- desenvolver habilidades para se comunicar de forma precisa e eficaz dentro do grupo social;
- adquirir, através da linguagem, informações e habilidades coerentes com o padrão aceito pelo grupo;
- realizar-se pessoalmente através da comunicação, integrando-se ao grupo e buscando definir seus valores.

Ora, se o objetivo desses professores é oferecer ao aluno conhecimento para dominar sua língua materna, para compreender o movimento social de seu tempo, o jornal se coloca como um instrumento adequado para tal fim, através da leitura de textos e imagens que, bem ou mal, refletem as contradições da sociedade em que se vive.

Por outro lado, conforme observou a professora Maria Alice FARIA (1996: 11) “*Dado o anacronismo, em parte inevitável, de sua estrutura (da escola) e dos programas, os alunos ficam ali, isolados da sociedade que evolui à sua volta. Um dos principais papéis do professor seria, pois, o de estabelecer laços entre a escola e a sociedade*”. Assim, se a escola, muitas vezes “para no tempo”, preocupada em transmitir o saber historicamente acumulado, a introdução do jornal pode oferecer um ponto de equilíbrio entre o tradicional e o contemporâneo, formando alunos que conheçam, ao mesmo tempo, o repertório cultural próprio da sociedade em que vivem, e os problemas sociais de sua época.

Além disso, conforme destacaram as professoras Maria de Lurdes L. MORAES e Sonia G. JORGE, autoras do volume “Prática Pedagógica” para o Ciclo Básico e O 1º Grau (1994: 13), editado pela Secretaria Estadual de Educação, o jornal pode oferecer:

- a representação de um modelo de língua padrão bastante próximo ao dia-a-dia do usuário, servindo de modelo ao leitor/escritor aluno;
- a análise de diversas interpretações de um mesmo assunto ou fato, manifestadas

pelos diferentes segmentos da sociedade, demonstrando a ideologia presente em cada opinião;

- diversos tipos de texto com organização e estrutura diversificada, atendendo às necessidades de leitura do aluno iniciante.

Com a reforma efetuada em 1998 pelo MEC para o currículo escolar dos estabelecimentos de ensino de 1º e 2º grau públicos e privados do país, surge o conceito de “temas transversais”. Eles podem ser definidos como um conjunto de questões e problemáticas que devem impregnar o conteúdo das disciplinas tradicionais (Matemática, Português, História, Geografia e Ciências). Ética, orientação sexual, pluralidade cultural, saúde, meio ambiente, consumo e trabalho são os temas, e pode-se dizer que o jornal é fonte de informação para todos eles.

A professora Maria Alice FARIA (1996: 14) observa, ainda, que o jornal propicia um contato direto com o “texto escrito autêntico”, isto é, feito para transmitir dados pertinentes ao leitor, e não apenas para ser utilizado na escola, fundamentado prioritariamente nos objetivos pedagógicos de aprendizado da leitura e da escrita.

Entretanto, de nada adianta utilizar o jornal de forma anárquica, sem objetivos e técnicas definidas segundo algum critério. Como de resto, toda proposta escolar deve estar definida claramente. Assim, se a proposta é formar alunos críticos, que conheçam os problemas de seu tempo, saibam se situar no espectro social e político e manifestar suas impressões ao grupo com clareza, a “pedagogia da informação” deve estar sintonizada com tais objetivos.

Nessa fase, uma nova pergunta surge ao pesquisador: quais devem ser as características da “pedagogia da informação” que pretenda formar alunos críticos?

A pergunta pode começar a ser respondida por Francisco GUTIERREZ (1978: 37):

“É verdade que os meios de comunicação tornam possível uma difusão em massa dos bens culturais. Existe hoje uma verdadeira produção industrial de bens culturais. Poder-se-ia afirmar, inclusive, que o consumo de “bens culturais” vai além das próprias possibilidades de assimilação dos receptores. É nisto que consiste o grande desafio que os meios de comunicação social colocam à educação. Os meios de comunicação converteram a cultura em mercadoria de consumo”.

Assim, ao fazer uso dos meios na sala de aula, o educador deve, em primeiro lugar, considerar dois aspectos: 1. que o controle do uso dos veículos de comunicação está concentrado nas mãos da classe empresarial e que, portanto, o lucro, a qualquer custo, é o objetivo que norteia a produção da informação; 2. que o leitor tem uma margem de controle sobre a produção da mídia, mas enquanto “con-

sumidor de informação”, que aceita ou rejeita o “produto”. Portanto, a “comunicação dialógica”, ou seja, a que permite o diálogo entre o emissor e o receptor para tornar a mensagem comum e participativa, não encontra lugar na estrutura atual da comunicação de massa. “(...) os Meios de Comunicação Social, longe de atuar como agentes positivos de mudança, como instrumentos da promoção humana e como veículos de educação, contribuem muito mais para manter os interesses da estrutura de dominação interna e externa”. (GUTIERREZ, 1978: 39)

Tais considerações inevitavelmente colocam para o professor um dilema: rejeitar simplesmente o uso dos meios na sala de aula e voltar ao velho método do giz e saliva ou enfrentar o desafio e dar início a uma pedagogia sintonizada com as necessidades culturais dos educandos, usando os meios apesar de todos os problemas? Se a segunda possibilidade for a escolhida, como proceder então?

Gutierrez destaca que a criança não é “pura inteligência”, mas é também “um ser encarnado, que vive num determinado contexto social”. Ora, não há como negar que o “contexto social” contemporâneo está, de forma inexorável, marcado pela atuação dos meios de comunicação. E, neles, estão presentes as linguagens visual e sonora, além da escrita, que predomina na escola. “Este é o problema mais agudo: que a escola continue criando no educando disposições mentais em contradição com as situações mentais criadas por seu contato com a vida” (1978: 25), ou seja, a vida através dos jornais, das revistas, do cinema, do rádio e da TV. Vejamos com mais detalhes.

De fato, a aquisição de conhecimento se dá através da assimilação de dados inéditos para o indivíduo. Tal assimilação só é possível através da leitura e compreensão de signos e, na escola, o signo privilegiado é a palavra escrita, que é uma representação da fala, e traz consigo uma carga de neutralidade. “Ao se tornarem visíveis, as palavras passam a fazer parte de um mundo de relativa indiferença para quem as vê” (1978: 53). Com o advento da comunicação de massa, entretanto, os sons e as imagens passaram a fazer parte do repertório de signos humano, e a escola, o local privilegiado da aquisição de conhecimento, começou a não saber como lidar com os novos signos, acostumada que está somente com a palavra escrita. O resultado de tal processo é a formação de leitores despreparados, que acabam sucumbindo ao processo de massificação e são impossibilitados de encontrarem-se como sujeitos sociais e políticos no caos do mundo da informação. “A massificação foi causada porque o homem não é capaz de “ler” outros signos além dos signos lingüísticos. O homem é presa fácil do fascínio e do atrativo dos signos icônicos e sonoros” (1978: 41).

As saídas para esse impasse podem ser duas medidas que requerem, entretanto, o empenho daqueles que reconhecem na busca do bem-estar para todos, um motivo legítimo para viver. Assim, professores, jornalistas, pesquisadores das áreas de Comunicação e Educação podem somar seus esforços, primeiro na luta pela democratização dos meios — para que as classes sociais que, por hora, gozam do direito de serem apenas consumidoras passivas, possam tornar-se produtoras de comunicação e ganhem voz nas ondas do rádio e da TV e nas páginas de jornais de caráter popular (mas não sensacionalista) — e, depois, na formação de leitores críticos, alfabetizados nas diferentes linguagens dos meios para que a

leitura amadurecida e segura supere o fascínio pelas mensagens, na maioria das vezes, manipuladas segundo critérios da classe detentora dos meios de produção da informação.

A iniciativa, entretanto, deve ser cuidadosamente pensada porque, certamente, irá alterar a estrutura de organização das próprias aulas. A inovação trazida pelo uso da mídia passa pela inovação na própria postura do professor diante dos alunos. Buscar mecanismos de comunicação dialógica com os jornais implica em adotar tais mecanismos na rotina da sala de aula. A educação para a mídia deve “proporcionar técnicas de aprendizagem, auto-expressão e participação. Este será, sem dúvida, um passo seguro que obrigará a sociedade a modificar os meios de informação em meios de comunicação” (1978: 31).

Lembrando a pedagogia de Paulo Freire, é preciso, nas aulas, oferecer ao educando a oportunidade de usar a “sua palavra”, inclusive através das novas técnicas de expressão criadas pelos jornais, pelo rádio e pela TV. E, no transcorrer do processo, “o professor-informador e o aluno-ouvinte terão sido substituídos pelo professor-animador e pelo aluno-investigador” (Gutierrez, 1978: 45, apud Lauro de OLIVEIRA Lima, 1972).

Outro dado, ainda, deve ser considerado, dada a importância da capacidade de leitura da imagem (o “ponto forte” da mídia na busca da “sedução” do público) para a desmistificação dos meios de comunicação. Se considerarmos a hipótese de Piaget, de que não há percepção sem categorização imediata, e que, para categorizar, o sujeito que percebe deve dominar uma série de dados a fim de estabelecer relações de comparação entre o seu “arsenal” e a mensagem nova, é fundamental que a proposta de introdução de jornais na sala de aula dê ênfase especial à leitura de imagens e da sua relação com o texto escrito (o “ponto forte” da escola), no processo de denotação e conotação das mensagens jornalísticas.

Entretanto, tal tarefa exige dedicação de quem se propõe a executá-la, já que, conforme observou Roland BARTHES (1982: 14), a fotografia compõe, na verdade, uma mensagem “sem código”, que é constituída, em princípio, por uma “plenitude analógica” da realidade. Não é à toa, portanto, que a fotografia comumente confunde a percepção do educador, pois trata-se de um dado com índice de ineditismo tão alto para a prática pedagógica, que chega a beirar a entropia⁷.

Comumente tratada pelo jornalismo contemporâneo como retrato neutro e objetivo do fato, a fotografia forma, na verdade, um terreno de areia movediça, que pode acabar engolindo professores e alunos destentos. Vejamos por quê.

No fundo, a fotografia de imprensa reúne duas mensagens. A primeira é composta pela cena literal impressa, ainda que reduzida em proporção, perspectiva (recorte da lente) e cor (no caso da fotografia em preto e branco). O conteúdo predominante é o denotativo. Já a segunda mensagem é composta pelo “estilo” do fotógrafo (o emissor), cujo significado (estético e ideológico) remete para um conjunto de valores considerados pela sociedade da qual fazem parte o emissor e o receptor da mensagem analógica. Na segunda mensagem, predomina o valor conotativo. Na leitura da imagem impressa deve-se acrescentar, ainda, a influência de outras mensagens como o texto escrito e a diagramação, que for-

mam o contexto do jornal.

Assim, é possível sistematizar alguns “processos de conotação” (Roland BARTHES, 1982:17) que engabelam o leitor ingênuo, como a trucagem, a pose, os objetos, a fotogenia, o esteticismo e a sintaxe.

A trucagem consiste num modo grosseiro de manipulação, usado com mais frequência em situações onde prevalece um governo autoritário que não sofre a crítica dos jornais. O processo consiste em aproximar artificialmente duas imagens distintas. Exemplo de tal prática pode ser a notícia divulgada pela imprensa em 1997, por exemplo, que revelava a manipulação de fotos de Stálin à época do regime comunista soviético, onde ele aparecia, ora com uma garotinha sorridente no colo, ora no meio de trabalhadores durante a revolução bolchevique. Na verdade, ele nunca esteve presente nas cenas. Atualmente, a trucagem tem sido usada pela imprensa de modo mais sutil, mas não menos influente, como por exemplo, na diagramação da primeira página, que aproxima fotos e gera sentidos. À época da privatização da Companhia Vale do Rio Doce, por exemplo, o jornal *O Estado de S. Paulo* trouxe em sua edição de 30 de abril de 1997 uma montagem de fotos na primeira página que colocava, no lado esquerdo, uma foto do presidente Fernando Henrique Cardoso, de perfil, com expressão cerrada, olhando para o lado direito. Seu olhar caía sobre a imagem colocada no lado direito, que retratava o confronto entre manifestantes contrários à privatização e a Polícia Militar. No centro geométrico do quadro havia uma bandeira do PT. A montagem, na verdade, endossa a manchete carregada de atribuição de significado, própria do jornal em questão: “Duelo na Justiça adia leilão da Vale”. Isto é, para o *Estado*, a concessão de liminares não se trata de exercício democrático, mas de duelo entre o presidente e o grupo de “bademeiros do PT”.

As fotos publicadas na primeira página do jornal *O Estado de S. Paulo* em 2 de outubro de 1991, data das eleições presidenciais do 2º turno, trouxeram os então os candidatos Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva em poses escolhidas “a dedo” para favorecer o primeiro candidato. Fernando Henrique foi fotografado de terno, elegantemente sentado em um banco de praça, tendo ao fundo a bela paisagem de um jardim. Já o candidato do PT veio sentado no chão, sem sapatos, segurando os dedos do pé, num ar de desleixo e inadequação. Aqui, o recurso de conotação usado foi a pose, que recorre a reservas de atitudes estereotipadas que constituem elementos já feitos de significação.

7. De acordo com a Teoria da Informação, para que uma mensagem seja compreendida pelo receptor, ela deve partir do repertório (espécie de “estoque” de signos) do receptor e acrescentar dados novos, isto é, os repertórios do emissor e do receptor da mensagem devem ser pontos em comum o suficiente para intrigar o receptor e estimulá-lo a desvendar o conteúdo restante da mensagem. Se o conteúdo da mensagem coincidir com o repertório já dominado pelo receptor, a mensagem é redundante e passará despercebida. Por outro lado, se o conteúdo da mensagem não recorta o repertório do receptor, o grau de originalidade é insuportável, e diz-se, daí, que a mensagem é entrópica (o termo é emprestado da Física Termodinâmica e refere-se à medida de energia perdida na troca de calor entre dois corpos).

A pose, na verdade, não faz parte do processo fotográfico propriamente dito. Antes, é um lance de sorte do fotógrafo que depois é aproveitado com esperteza pelo editor do jornal.

O aproveitamento de objetos em cena é outro mecanismo utilizado para empregar sentidos específicos à imagem. Os objetos funcionam como indutores correntes de associações de idéias, sejam elas por contigüidade ou por similaridade⁸. Um exemplo é a foto publicada pela *Folha de S. Paulo* em 12 de abril de 1997, à época da marcha organizada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST). O enquadramento privilegia a foice carregada por uma manifestante, rodeada por seus companheiros, na fila da marcha. A fotografia faz o objeto se sobressair tomando a conotação de uma arma perigosa, nas mãos de um grupo violento.

O recurso que se convencionou chamar “fotogenia” também merece destaque. Consiste, basicamente, em “embelezar” a fotografia através de técnicas específicas como recursos de luz e velocidade de abertura do obturador da câmera⁹. Um exemplo corriqueiro de tal processo é a produção de imagens com abertura lenta do obturador (por exemplo, 1/15 ou 1/8 de segundo) da movimentação de passageiros do metrô de São Paulo, quando os funcionários decidem fazer “greves relâmpago”. O recurso técnico deixa as pessoas que se movimentam com “rastro” e confere a sensação de mais mobilidade à foto, insinuando o tumulto causado pela greve. O uso da pouca iluminação, por exemplo, confere um ar sombrio à cena fotografada, e foi recurso usado pela *Folha de S. Paulo* na edição de 13 de março de 1997, para retratar o prefeito de São Paulo, Celso Pitta, à época das denúncias de irregularidades no governo Paulo Maluf, quando Pitta era secretário das finanças do município.

O esteticismo é um recurso usado mais comumente em documentários fotográficos que, não raro, incorporam a linguagem do cinema, reproduzindo, por exemplo, o fechamento da câmera de um plano aberto para um *close-up*. A organização de quadros fotográficos que lembrem a forma de pinturas famosas é outro exemplo, como uma foto publicada pelo jornal *Folha de S. Paulo*, em 17 de dezembro de 1996, que traz o presidente Fernando Henrique Cardoso no meio de um grupo de estudantes formando. O enquadramento escolhido pelo fotógrafo parece ter sido inspirado na obra *Operários*, de 1932, da pintora Tarsila do Amaral.

Finalmente, a sintaxe é o último recurso utilizado para dar sentido ao encadeamento de uma

8. A associação por similaridade é feita quando o signo percebido tem uma semelhança com outro em relação à forma. Signos do tipo ícone são associados dessa forma. A associação, neste caso é analógica, estrutural. Já a associação por contigüidade acontece quando a semelhança é histórica, isto é convencional e determinada, apreendida pela experiência. Os signos do tipo símbolo são associados por este segundo mecanismo.

9. O obturador é o dispositivo da câmara fotográfica que regula a duração da exposição do filme. As possibilidades variam de acordo com a câmera mas, em geral, vão do 1/1000 (um milésimo de segundo) a 1 ou até 8 segundos. Quanto menor a intensidade da luz, maior deve ser o tempo de exposição. Em cenas de movimento, o fotógrafo usa uma velocidade mais baixa para captar o percurso do objeto movido, criando o efeito do borrão.

ação contado através da fotografia. No jargão jornalístico, o “cineminha” refere-se ao uso da sintaxe. Trata-se de estampar uma sequência de fotos para mostrar o desfecho de um fato.

Conotação através da aproximação entre texto e imagem — Três observações desvendam os mecanismos de manipulação através da aproximação entre texto e imagem. Em primeiro lugar, é necessário observar que o texto, na imprensa, atua como uma espécie de “parasita da imagem”, disposto a insuflar um ou vários significados segundos (BARTHES, 1982: 21).

“(…) é uma inversão histórica importante, a imagem já não ilustra a palavra; é a palavra que, estruturalmente, é parasita da imagem; esta inversão tem seu preço: nos modos “tradicionais” de ilustração, a imagem funcionava como um regresso episódico à denotação, a partir de uma mensagem principal (o texto) que era sentido como conotado, visto que, precisamente, ele tinha necessidade de uma ilustração; na relação atual, a imagem não vem esclarecer a palavra; é a palavra que vem sublimar, patetizar ou racionalizar a imagem (...). Antigamente, a imagem ilustrava o texto (tornava-o mais claro); hoje, o texto sobrecarrega a imagem, confere-lhe uma cultura, uma moral, uma imaginação; antigamente, havia redução do texto à imagem, hoje há a amplificação da imagem ao texto: a conotação já não é vivida senão como ressonância natural da denotação fundamental constituída pela analogia fotográfica; estamos, pois, perante um processo caracterizado de naturalização do cultural”.

Em segundo lugar, nota-se que a conotação é influenciada fortemente pela localização da palavra em relação à imagem: quanto mais próxima está a palavra da imagem, mais parece extensão natural da fotografia, e menos parece, ao leitor, influenciá-la. Assim, a legenda surge como o mais eficiente mecanismo de incorporação de sentido à mensagem analógica. Mais que o título e a matéria, o primeiro porque se separa sensivelmente da imagem pela grafia maior e o segundo porque está mais distante no percurso comum de leitura da página, que parte da foto, corre a legenda, passa pelo título e termina no texto maior.

Finalmente, é preciso tentar delinear o mecanismo de funcionamento da atribuição de sentidos subjacentes à imagem através do texto. Com efeito, aparentemente, trata-se de uma explicitação, de uma ênfase especial a um determinado sentido, já sutilmente indicado pela lógica estrutural da imagem.

“(…) O texto já não faz, senão, amplificar um conjunto de conotações já incluídas na fotografia; mas, por vezes, também o texto produz (inventa) um significado inteiramente novo e que é, de certo modo, projetado retroativamente na imagem, a ponto de esclarecer o denotado” (BARTHES, 1982: 22)

Mas existe uma situação em que a fotografia toca a denotação “pura”: é aquela em que a imagem provoca um choque violento, um trauma na percepção do leitor. Com efeito, o trauma é, na verdade, um mecanismo que suspende a linguagem e bloqueia a significação. Logo, a imagem traumática impressa no jornal, antes de ser neutra e objetiva, é captada “aquém da linguagem”, e é, por estrutura “insignificante”. Pode-se, então, imaginar uma espécie de lei: “quanto maior o trauma, mais difícil é a conotação” (BARTHES, 1982: 25). Mas, por que a foto-choque produz esse efeito? Porque, em última instância, a atribuição de significados através da conotação permite ao homem pôr ordem no caos de estímulos; é um mecanismo institucional à cultura, cuja função é tranquilizar o homem. Assim, a imagem que dificulta a conotação não pode ser assimilada com desenvoltura e produz um hiato no percurso de leitura.

O estudo do “código fotográfico”, ainda que a partir do destaque da ausência inicial de um código na fotografia, pode ser útil ao professor, na medida em que a temporária substituição, na sala de aula, da análise de conteúdos pela análise dos códigos presentes na imprensa permite definir a atuação dos meios com mais facilidade e segurança. A limitação das análises ao significado das mensagens oferecem o risco de se chegar a uma conclusão limitada, particularista, dificultadora da percepção da crítica, porque a criticidade, em última instância, encontra espaço de atuação no plural.

Feitas as considerações pertinentes a uma pedagogia que reúna instrução e educação na formação do aluno crítico das relações sociais retradas na mídia, é hora de refletir sobre como tais considerações devem ser utilizadas no processo de produção das fichas de leitura e atividades. O percurso de produção e o material produzido, em si, são assunto do próximo capítulo.

A PRODUÇÃO DAS FICHAS

Falta agora traduzir na prática cotidiana da sala de aula as teorias e as teorias e diretrizes reunidas nos dois capítulos anteriores. Vejamos como aconteceu na proposta das fichas. Três princípios básicos nortearam a definição de conteúdos e das atividades do material:

1. Sistematizar as etapas do processo de produção do jornal para “desmistificar” a notícia — De fato, com a transformação dos jornais em grandes empresas de produção de notícias, o conceito de “trabalhador alienado” definido por Marx pode ser estendido ao jornalista “operário da informação”. Enfurnado nas redações e incumbido da missão de encher o espaço que sobra da publicidade com notícias — que só servem de pretexto para a venda do produto ao leitor, na opinião dos mais críticos — seja com matérias que vêm dos repórteres “de rua”, das agências de notícia ou dos *releases* que chegam às redações, também o jornalista tem uma visão fragmentada do processo de construção da notícia, e é essa visão que coloca para o leitor. E jornalista alienado, provavelmente, forma leitor alienado. Ambas as partes perderam o fio condutor da leitura crítica, não sabem ler todo o processo social de construção da notícia e não têm critérios para separar a informação que faz diferença para a atuação do sujeito político da que somente oferece opção de lazer e dispersão.

Nas fichas, as atividades que atuaram no sentido de reverter tais problemas são, por exemplo, as que mostraram a diversidade de títulos na imprensa, destacando particularidades, vantagens e desvantagens de cada tipo e a importância da leitura de todos eles, em conjunto. O desenvolvimento da “embalagem” do produto notícia também serviu para alcançar o mesmo objetivo em atividades como o estudo da primeira página (um dos instrumentos de sedução do leitor), da segmentação em cadernos, da diversidade de linguagens (diagramação, o uso da arte gráfica e fotografia, por exemplo).

2. Efetuar a leitura crítica, que “junte os pedaços” e ofereça a percepção global do fenômeno notícia, mostrando as lacunas que engodam o leitor desatento — O material foi dividido em três etapas distintas: na primeira (fichas 1 a 10), os conteúdos priorizam o conhecimento da estrutura do jornal; na segunda (ficha 11), a ênfase é dada à leitura comparativa; finalmente, na terceira, são sistematizados os conhecimentos necessários para que os alunos produzam seu próprio jornal, dentro dos parâmetros utilizados pela imprensa de massa. Entretanto, a leitura comparativa é feita desde a primeira ficha, quando o educando compara, por exemplo, a linha editorial e o público-alvo de cada publicação. A segunda ficha, sobre a primeira página, possui atividades para o

estudo comparativo de primeiras páginas de diversos jornais; a segmentação em cadernos também é feita de forma comparativa. O objetivo aqui é propiciar a leitura global do jornal, mostrando lacunas e contradições. Assim, se desde o começo, o estudante é orientado a desconfiar e comparar, na segunda etapa (a da leitura crítica especificamente), já existe a familiaridade com a estratégia e o estudante, certamente, terá melhor aproveitamento nas atividades.

3. Criar espaços para manifestação do estudante — Desde a primeira ficha, há a sugestão para que o professor, em hipótese alguma, iniba a expressividade dos alunos. As propostas de atividades incluem uma conversa inicial, quando o educador, através de perguntas direcionadas, solicita a participação da classe. Ao final de cada unidade, há também a sugestão de produção de relatórios e debates entre os estudantes, para que se crie na classe o hábito da expressão participativa, da organização de idéias e do estímulo ao desenvolvimento da capacidade de argumentação. Nas fichas que tratam de linguagens pouco familiares para o estudante, como a produção de charges, quadri-nhos, a diagramação, e a fotografia, por exemplo, primeiro orientam o estudo detalhado das características dessas formas de expressão, e depois incentivam o aluno a experimentar a manifestação de suas idéias através daquelas linguagens. Acredita-se que, tendo o “poder de voz”, o aluno perceba as atividades com o jornal como aprendizado legítimo, que faça diferença para o seu engrandecimento pessoal. Assim, se desde o começo os estudantes são incentivados a se manifestar sobre os assuntos, quando tiverem a oportunidade de produzir seu próprio jornal, todos o façam com desenvoltura e propriedade.

Os conteúdos selecionados — Os problemas apontados pelas teorias críticas da comunicação de massa e dados destacados por obras que se destinam à formação do professor para usar o jornal na sala de aula, aliados às necessidades apontadas pelos professores da rede estadual de ensino de Bauru orientaram a seleção de conteúdos a serem abordados nas fichas.

Assim, por exemplo, as funções e disfunções dos meios apontadas por Merton e Lazarsfeld puderam ser abordadas, ainda que de forma superficial e restrita, em assuntos como a segmentação em cadernos. Vejamos com mais detalhe. Um exame rápido na estrutura de distribuição das pautas nos cadernos mostra, por exemplo, que problemas como manifestações populares contra o governo, freqüentemente, ganham espaço nos cadernos de variedades. Já os cadernos de política, na maioria dos casos, se resumem às declarações de componentes dos poderes legislativo e executivo nas esferas municipal, estadual e federal. Ora, com essa postura, o jornal, claramente, reforça normas sociais como o fato de somente os políticos que possuem cargos no governo terem a autoridade para opinar sobre a conduta da vida política, seja do município, do Estado ou do país. Por outro lado, pessoas “desautorizadas” como dirigentes sindicais e líderes populares, têm suas opiniões manifestadas em cadernos que abordam fatos do cotidiano — inclusive crimes e banalidades de todo tipo — figurando,



não raro, como “perturbadores da ordem social”.

A definição da “agenda temática”, embora seja teoria construída a partir da comunicação especificamente sobre a política em tempos de eleição, pode ser estudada também fora desses períodos, porque os jornais, continuamente, selecionam temas de interesse político coletivo. Assim, a aprovação da emenda da reeleição ganhou muito mais destaque que as críticas feitas por setores da sociedade contra a quebra do monopólio da Petrobrás (que ocorreu na mesma época). Os jornais simplesmente desviaram os olhos do leitor de um assunto e focaram em outro. Também durante a venda do banco Bamerindus, a imprensa se concentrou na divulgação de imagens incriminatórias da Polícia Militar do Rio de Janeiro, que torturou e assassinou moradores da favela Cidade de Deus. Questões como essas foram abordadas, por exemplo, como já foi dito, na ficha sobre a segmentação em cadernos e na ficha sobre a leitura da primeira página.

Os mecanismos de “falseamento” apontados por Ciro Marcondes Filho, por exemplo, foram tratados na ficha sobre a diagramação (ficha 9), quando os alunos têm a oportunidade de experimentar técnicas que destacam e suprimem informações. A leitura comparativa da ficha 11 avalia a escolha e favorecimento de fontes específicas em cada meio¹. As fichas sobre a linguagem jornalística (ficha 10) e o fotojornalismo (ficha 8) deram a medida da influência do uso da linguagem e da técnica sobre a compreensão efetivada pelo leitor; isto é, através de técnicas que criam a ilusão de neutralidade (normas do texto) e que fascinam, favorecendo o comportamento receptivo (imagens fotográficas).

A aplicação da pesquisa junto aos professores da rede, por outro lado, mostrou que os educadores não sabem qual é a melhor maneira de introduzir o jornal na sala de aula. Frequentemente, argumentam, os alunos se dispersam, lêem apenas as seções que lhes interessam (esportes, horóscopo e notas policiais, na maioria das vezes) e a proposta pedagógica vai por água a baixo. O mesmo problema foi destacado nas oficinas pedagógicas, quando, no primeiro dia, cada participante manifestou para o grupo suas impressões sobre o uso do jornal com seus alunos. Uma professora respondeu a questão que indagava quais eram suas principais dificuldades em relação ao uso do jornal com outra pergunta: “qual é a melhor maneira: direcionar a leitura ou deixar os alunos à vontade?”.

Para sanar as dúvidas dos professores, a saída foi colocar, ao final de cada ficha, algumas propostas de atividades definindo etapas de abordagem dos conteúdos. Assim, por exemplo, a ficha que trata da diversidade de títulos na imprensa (ficha 1), orienta o professor a deixar os alunos descobrirem livremente a diversidade de jornais (estratégia que, naturalmente, leva à dispersão e à bagunça),

1. Sobre esse mecanismo, é muito elucidativa a abordagem, feita na primeira página, pelos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo* da chegada da marcha dos trabalhadores rurais sem terra em Brasília, em 18 de abril de 1997: enquanto a *Folha* trouxe declarações dos dois lados envolvidos no fato (sem terra e governo), o *Estado* se limitou a antecipar a posição do governo na audiência marcada para aquele dia)

e, depois, começar a fazer perguntas específicas sobre os impressos, estimulando assim, a classe a participar da atividade. As respostas dos alunos são anotadas no quadro-negro e, no final, formam um relatório sobre o assunto que a classe aprendeu.

A ficha que aborda a primeira página também segue a mesma metodologia. A diferença é que, neste caso, o professor deve distribuir apenas primeiras páginas destacadas do restante do jornal. O aluno tem, assim, a liberdade de “matar a curiosidade”, mas no limite do assunto a ser abordado. Da mesma forma, o professor passa a fazer perguntas pertinentes e a classe passa a sistematizar seus conhecimentos. Assim, o aluno organiza informações e tem espaço para falar, experimentando um ritmo de aula certamente mais interessante que a habitual expositiva e massante. A mesma metodologia da “livre descoberta”, seguida pelo resgate dos objetivos propostos através das perguntas feitas pelo professor, e da livre manifestação dos alunos, até organizar as informações sobre o assunto, é seguida no restante das fichas.

Alguns assuntos como a leitura de charges e quadrinhos (ficha 5), de gráficos, mapas e tabelas (ficha 6), o estudo dos anúncios e classificados (ficha 7) foram incluídos por serem temas recorrentes em outras obras sobre o mesmo assunto, comumente tratadas de forma fragmentada e acrítica. Nas fichas, procurou-se resgatar tais temas (que já foram destacados por suas possibilidades pedagógicas), mas, desta vez, moldados pela leitura crítica.

A fim de facilitar o planejamento do professor, cada ficha contém um quadro que reúne o material necessário para a atividade (partes do jornal, papel, cola, tesoura etc), e os pré-requisitos para cada unidade surtir melhor aproveitamento. Um quadro com os objetivos pedagógicos de cada ficha também foi colocado, para facilitar a avaliação do professor ao término da atividade.

Como se trata de um material experimental, o tempo necessário foi deixado em aberto, para que cada professor faça a previsão do tempo, de acordo com a importância que atribui ao assunto da ficha e com as características específicas de sua turma. Por se tratar de uma sugestão, também foram colocados diversos espaços destinados às anotações dos professores.

Uma seção chamada “olho vivo” trouxe dicas sobre a metodologia e informações complementares. Os dados mais importantes de cada ficha, ou atividades que os professores pudessem ter alguma dificuldade para executar foram ilustrados. Assim, por exemplo, foram colocadas fotos que ilustrassem as características da imagem jornalística destacadas, extratos de textos, anúncios, charges críticas, quadrinhos etc. Também foram colocados exemplos de tabelas que os alunos poderiam organizar e listas com perguntas pertinentes para o professor direcionar a atenção da turma, de acordo com os objetivos pedagógicos de cada ficha.

O próximo capítulo tratará da aplicação do material nas oficinas pedagógicas, inclusive com a avaliação dos professores sobre o material. Antes, entretanto, é pertinente reler atentamente as

fichas uma a uma, por vezes substituindo partes e até fichas inteiras já que, passado algum tempo da produção e da aplicação, elas podem agora ser avaliadas com mais distanciamento. Após o relato das oficinas e da avaliação dos professores no capítulo 6, o capítulo 7 fará as vezes de conclusão, reunindo a avaliação deste capítulo 5 à dos professores do curso, a fim de se delinear as vicissitudes do ponto de partida até o ponto de chegada da pesquisa.

Contudo, antes da análise de cada uma das fichas, é preciso esclarecer que critérios nortearam a seleção dos conteúdos dos 12 tópicos. O mecanismo é simples. A primeira etapa consiste na definição de um conjunto de características próprias do leitor crítico. Com efeito, ele:

1. Sabe selecionar, do conjunto editorial que tem em mãos, as publicações que atendem às suas necessidades, distinguindo, por exemplo, jornais destinados à leitura “descompromissada” e ao lazer, daqueles destinados às transações comerciais ou à avaliação crítica do movimento social, por exemplo;
2. Ao escolher uma publicação, sabe apreciar rapidamente seu conteúdo, avaliando a primeira página;
3. Sabe localizar com propriedade as informações que procura;
4. Sabe distinguir a informação objetiva da opinião pessoal de um autor;
5. Sabe “ler” linguagens diversificadas como a das charges, dos infográficos, do fotojornalismo e da diagramação;
6. Conhece o poder de influência da publicidade no jornal e consegue extrair das entrelinhas os interesses comerciais de grupos restritos lançados como informação de interesse geral;
7. Sabe comparar versões e diagnosticar manipulações nos fatos noticiados.

As capacidades listadas acima foram, então, desdobradas em 11 fichas de “alfabetização para os jornais”. A última ficha sistematiza a dinâmica de produção de boletins escolares, considerando-se, evidentemente, os critérios de produção da notícia estudados até então.

A seguir, as fichas estão organizadas da seguinte forma: versão antiga (que foi entregue aos professores), comentários e versão nova. As fichas que não sofreream modificações significativas estão apresentadas em uma só versão. A única mudança realizada em todas refere-se ao cabeçalho, já que o título do trabalho foi modificado após o exame de qualificação.

Perguntas que o professor pode fazer à classe

★ Essa atividade pode estimular o senso de observação, a capacidade de analisar e sintetizar dados e a produção de textos.



olho vivo

2. É interessante comparar jornais da grande imprensa como a *Folha de S. Paulo*, com jornais locais, como o *Diário de Bauru*. O primeiro traz maior volume de informações, tem estrutura mais complexa, é mais atraente, mas o segundo traz acontecimentos locais. Certos fatos podem até ser checados na fonte pelos alunos, e a comparação entre o fato e a versão fica mais fácil.

Qual é o nome do jornal? E da revista?
Qual é o tamanho do jornal? E da revista?
Quantas páginas tem o jornal? E a revista?
Qual é o tipo de papel do jornal? E da revista?
Qual deles tem mais informações?
Que cores estão presentes no jornal? E na revista?
Qual deles usa mais cores?
Qual a periodicidade do jornal? E da revista?
Qual é a tiragem do jornal? E da revista?
Qual logotipo é maior? E qual é mais atrativo?
Qual tem mais fotos?
Qual é mais atrativo: o jornal ou a revista? Por quê?
De qual você mais gostou? Por quê?

Qual é o nome deles?
São do mesmo tamanho? Ou são de tamanhos diferentes?
Qual é maior? E qual é menor?
Em quantas cores eles são impressos?
Qual tem mais desenhos?
Qual tem mais fotos?
Em que tipo de papel eles são impressos?
Como é o logotipo de cada um deles?
Qual é a tiragem de cada um deles?
Qual é a periodicidade de cada um deles?
Para quem eles são feitos (pessoas adultas/ crianças, donos de empresas / trabalhadores, jovens, homens, mulheres, donas-de-casa etc).
Eles tratam de algum assunto específico? Qual assunto? Ou tratam de assuntos gerais? Por que você acha isso?
Qual deles é mais bonito? Por quê?
De qual você mais gostou? Por quê?

anotações do professor

[illegible]

O jornal nosso

O Brasil possui mais de 280 jornais diários e cerca 2.450, se considerarmos os veículos semanais, quinzenais ou mensais. Só no Estado de São Paulo, existem cerca de 100 jornais diários e esse número salta para 1.130 se considerarmos os veículos publicados com intervalos maiores. Veja aqui, alguns dos títulos diários que circulam pelo país.

Fonte: Anuário Brasileiro de Mídia - 95



Olho vivo A diversidade dos

Quanto maior for o número de jornais que o professor possa apresentar aos alunos, mais produtiva será a aula.

Um estudo comparativo entre a grande imprensa, os jornais regionais, locais ou de segmento - como os sindicais, de associações, jornais de empresas etc, pode dar ao estudante a medida das variações.

Além de comparar o tamanho, a tiragem, o aspecto gráfico, o professor pode comparar também a forma como cada impresso tratou um mesmo assunto. Essa atividade pode despertar a curiosidade, evidenciar as diferenças, e gerar desconfinça, que é requisito básico para a leitura crítica.

anotações do professor

Jornal	cidade	tiragem média em 94	tiragem aos domingos
Folha de S. Paulo	São Paulo	550	928
O Estado de S. Paulo	São Paulo	334	473
O Globo	Rio de Janeiro	333	605
O Dia	Rio de Janeiro	299	499
Zero Hora	Porto Alegre	142	236
Diário Popular	São Paulo	139	165
Jornal do Brasil	Rio de Janeiro	123	164
Noticias Populares	São Paulo	100	86
Jornal da Tarde	São Paulo	91	-
Estado de Minas	Belo Horizonte	71	138
A Tarde	Salvador	69	118
Gazeta Mercantil	São Paulo	66	
Jornal do Commercio	Recife	56	87
O Liberal	Belém	48	87
Gazeta do Povo	Curitiba	44	112
Correio Braziliense	Brasília	43	78
A Gazeta	Vitória	39	68
O Popular	Goiânia	35	49
Diário de Pernambuco	Recife	35	65
NH	N. Hamburgo	34	
Correio Popular	Campinas	33	52
Diário Catarinense	Florianópolis	33	52
Folha de Londrina	Londrina	32	45
Diário do Nordeste	Fortaleza	29	38
Diário da Tarde	Belo Horizonte	28	
A Notícia	Rio de Janeiro	27	
O Povo	Fortaleza	24	28
Cruzeiro do Sul	Sorocaba	23	27
A Notícia	Joinville	22	24
Diário da Região	S. J. do Rio Preto	19	21
Jornal de Piracicaba	Piracicaba	18	20
Vale dos Sinos	S. Leopoldo	14	
Jornal dos Sports	Rio de Janeiro	14	10
O Poti	Natal	13	
A Tribuna	Vitória	12	13
O Pioneiro	Caxias do Sul	12	
Gazeta de Alagoas	Maceió	11	18
Correio da Paraíba	João Pessoa	10	13
Tribuna de Petrópolis	Petrópolis	9	13
Jornal Sta. Catarina	Blumenau	8	10
O Estado do Maranhão	São Luis	7	13
Diário de Natal	Natal	7	
Jornal de Londrina	Londrina	6	6
O Dia	Teresina	6	8
Tribuna do Norte	Natal	6	12
O Norte	João Pessoa	4	7
Jornal de Jundiá	Jundiá	4	6
Folha da Região	Araçatuba	3	3
O Imparcial	São Luís	3	3

Considerando-se a realidade escolar detectada no questionário — onde os alunos têm pouco interesse pela leitura em geral e não têm acesso rotineiro aos jornais — nada mais conveniente do que começar a atividade apresentando a diversidade de título e mostrar ao aluno que o mercado editorial tem impressos para todos os gostos. O principal objetivo da unidade é, então, levar o aluno a descobrir essa diversidade e traçar características particulares de cada meio. Assim, noções como público-alvo, local de publicação, tamanho, assuntos abordados e periodicidade, por exemplo, foram características apresentadas e exercitadas. As atividades propostas justamente apontaram a importância da prática da observação sistemática, orientada pelo professor e concretizada pelos estudantes.

Entretanto, a ficha tem uma falha significativa. Conforme se verificou durante as oficinas, os próprios professores não dominam o conceito de “linha editorial” e, de um modo geral, eles próprios não sabem distinguir, com segurança, uma publicação mais voltada ao entretenimento, como é o caso, por exemplo, da revista Set, sobre curiosidades do cinema, de uma publicação voltada à divulgação dos interesses comerciais de uma empresa (caso dos *house organs* de todo tipo) e da imprensa sindical. Na cabeça do professor, todos são “meios de informação”. Assim, torna-se necessária uma reformulação na ficha, acrescentando dados sobre as características das linhas editoriais mais comuns. Portanto, a lista de títulos existentes no país — que servia mais como dado curioso que informação de relevância pedagógica — foi retirada para ceder lugar à exposição de cinco linhas editoriais básicas. Também o texto de abertura foi modificado e se tornou mais adequado aos objetivos da unidade.

A DIVERSIDADE DE TÍTULOS NA IMPRENSA

É quase incalculável o número de meios de informação aos quais podemos ter acesso. Desde os pequenos jornais de sindicatos ou de bairro, passando pelos jornais locais até a imprensa de alcance nacional, milhares de veículos estão à nossa disposição. Tanto melhor. Assim, conhecemos correntes de opinião diversas, podemos confrontar dados, identificar possíveis manipulações da notícia e formar opiniões sólidas sobre fatos de importância para nossas vidas. Se, ao contrário, nos detivermos a um único veículo de informação, podemos formar opiniões limitadas e corremos o risco de sermos enganados.

No entanto, para ler criticamente a imprensa, é preciso que se domine uma série de conhecimentos básicos sobre a lógica de organização do jornal e suas linguagens específicas. É possível, em primeira instância, definir características básicas à maioria dos jornais, definidas com o objetivo de torná-los mais agradáveis e facilitar a leitura.

Assim, para adequar a leitura ao ritmo de vida das pessoas (que não têm o dia todo para ler jornal), por exemplo, convencionou-se escrever notícias com linguagem simples e objetiva. O texto noticioso deve ser curto e deve sintetizar dados relevantes para a compreensão do fato.

A divisão em cadernos e

seções, por outro lado, facilita o acesso às informações que o leitor procura. O uso de fotos, infográficos, cores e letras de diversos tipos torna o jornal agradável e simpático ao leitor. Você já prestou atenção nisso?

Entretanto, não basta que as empresas jornalísticas se esforcem para melhorar seu produto, se o leitor não for capaz de usufruir desse bem. Assim, o leitor "alfabetizado" na linguagem jornalística tira melhor proveito do jornal. E, como "proveito", pode-se destacar, por exemplo:

✓ leitura mais dinâmica, com acesso rápido a informações específicas como como o resultado da loteria, a programação da TV ou a previsão do tempo;

✓ economia de tempo, já que, acessando diretamente a página que interessa, o leitor não perde tempo vasculhando o jornal todo à procura das informações que quer;

✓ capacidade de sintetizar e analisar dados para formar opiniões sólidas a respeito dos fatos.

Além disso, como será mostrado nas próximas unidades do material, ao dominar a lógica de organização e produção do jornal, o leitor adquire a habilidade necessária para "ler nas entrelinhas" e não ser mais engripado com versões parciais dos fatos que a imprensa diariamente tenta impor.

Objetivos

- propiciar aos alunos um primeiro contato com os jornais;
- identificar características da imprensa como forma, conteúdo, função etc;
- sistematizar linhas editoriais e objetivos das diversas publicações.

MATERIAL NECESSÁRIO

Exemplares de diversos jornais e revistas como os de bairro, de sindicatos, de empresas, jornais locais, regionais, grande imprensa, jornais antigos e novos etc.
Folhas de papel, cola tesoura, caneta e lápis.

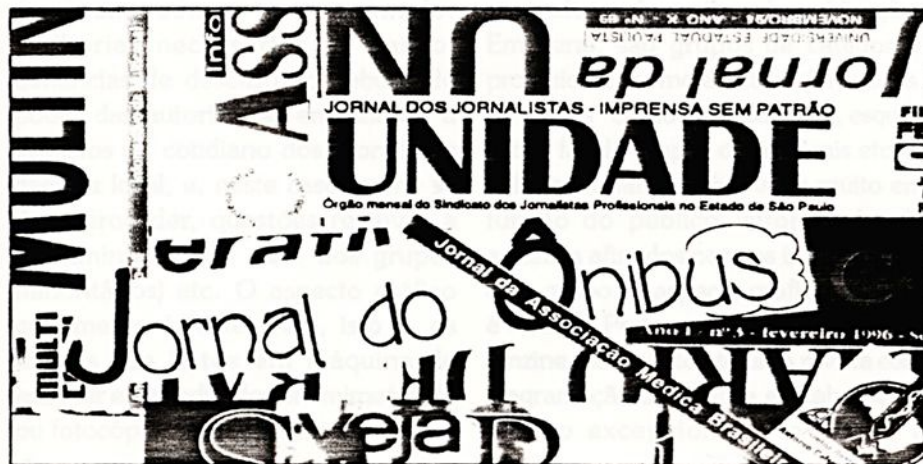
Pré-requisitos

Nenhum

TEMPO NECESSÁRIO

_____ aulas

anotações do professor



LINHAS EDITORIAIS

Como classificar os jornais que se tem em mãos

Linha editorial é definida pelo tipo de assuntos tratados em sintonia com a postura que o jornal coloca para o leitor (que pode ser, por exemplo, conservadora, crítica, banal, sensacionalista etc). A divisão mais elementar das linhas editoriais é aquela que coloca a imprensa destinada à população em geral de um lado, e, de outro, a imprensa chamada de segmento, como revistas para mulheres, jornais para profissionais de publicidade etc. Uma divisão mais criteriosa pode estabelecer, pelo menos, cinco linhas editoriais básicas:

1. Imprensa sindical

Destinada aos trabalhadores urbanos em geral, a imprensa sindical trata de assuntos de interesse dos trabalhadores, como mecanismos de busca de melhores condições de vida, defesa de benefícios sociais, aumentos salariais, melhores condições de trabalho. O aspecto gráfico geralmente é simples, sem muitos recursos como ilustrações e cores. É característica desse tipo de imprensa usar, por exemplo, palavras mais simples e frases mais curtas.

2. Imprensa comunitária

Moradores de bairros, vilas, núcleos habitacionais e grupos chamados "minoritários" como a comunidade negra, favelados etc são público da imprensa comunitária. Os jornais comunitários abordam temas de interesse específico ao grupo ao qual se destinam como, por exemplo, melhorias necessárias no bairro, denúncias de descasos ou abuso de poder das autoridades em relação a aspectos do cotidiano dos moradores daquele local, e, neste caso, como se deve proceder, questões relativas à discriminação (no caso dos grupos minoritários) etc. O aspecto gráfico geralmente é "artesanal", isto é, os jornais são feitos em máquina de escrever e reproduzidos em mimeógrafo ou fotocópia. Mas também podem ser

feitos em *off-set*, entretanto, sem muita complexidade visual. A particularidades deste tipo de imprensa é que ela mantém vínculos efetivos com o público leitor e este pode participar do processo de produção e, conseqüentemente, ter um jornal afinado com suas necessidades.

3. Jornalismo empresarial e institucional

É dirigido a clientes, funcionários e fornecedores de uma determinada empresa ou a usuários dos serviços de certa instituição, por exemplo.

Traz em seu corpo editorial informações pertinentes à empresa ou instituição, geralmente destacando as qualidades da atuação. Funcionam também como ferramenta de *marketing*, e não é regra olharem as atividades da mantenedora do jornal em perspectiva crítica. Estão entre os impressos de maior complexidade gráfica. Não raro são coloridos, possuem diagramação atraente e usam modernos recursos de editoração eletrônica. Costumam ser impressos nos melhores papéis, como o *top print* e o *cuchê*. A particularidade da imprensa empresarial ou institucional é que representam, efetivamente os interesses da direção.

4. Imprensa alternativa

O público é tão vasto e diversificado quanto seja a proposta dos organizadores desse tipo de publicação. Em geral, são grupos de categorias profissionais como artistas e jornalistas, ou "tribos" como as de surfistas, esquiatistas, fãs de grupos de musicais etc. A linha editorial também varia muito em função do público leitor e aborda assuntos afinados com os interesses de cada grupo. O aspecto gráfico também é variado. Pode-se encontrar desde um fanzine manuscrito até uma revista com diagramação inovadora e acabamento gráfico excepcional. No Brasil, a

imprensa alternativa teve importante papel nos anos do regime ditatorial. Entre 1964 e 1980, cerca de 300 títulos alternativos circularam pelo país. Esses jornais ficaram conhecidos também como "imprensa nanica", "de leitor", "independente" e "underground". Não raro, a produção desses jornais oferecia riscos à própria vida dos que nela se envolviam. Era a imprensa que questionava o cenário político. Hoje, diversos jornais e revistas alternativos continuam desempenhando o papel de oposição à situação política, só que em outro contexto, evidentemente.

5. Imprensa de massa

São os jornais e revistas destinados ao público em geral mas, por questões socioeconômicas, são lidos com mais frequência pelas classes média e alta. A linha editorial desses jornais aborda assuntos tidos como de interesse coletivo e, comumente, consideram de interesse geral tanto a corrupção no governo quanto o bebê que nasceu com duas cabeças. Variam da linha mais conservadora à mais grotista (característica dos jornais sensacionalistas). A linha editorial é definida, principalmente, em função da área de circulação abrangida. O aspecto gráfico varia de acordo com a estrutura da empresa jornalística e podem ser coloridos ou impressos somente em preto, conter ou não fotos e possuir aspecto gráfico menos ou mais elaborado. Os jornais costumam usar papel jornal e as revistas utilizam o papel sulfite ou o LW, fino e brilhante. São os jornais tidos como informativos por excelência, mas o leitor deve estar atento. Como são propriedade de membros da classe que se esforça por manter a hegemonia política e econômica, esses jornais exercem papel importante no esclarecimento da sociedade, porém só até o limite dos interesses de seus proprietários. A partir daí, torna-se necessário recorrer a outros meios de informação.

ANÁLISE DIRIGIDA - perguntas para a classe

Comparação entre jornais e revistas

Qual é o nome do jornal? E da revista?
 Qual é o tamanho do jornal? E da revista?
 Quantas páginas tem o jornal? E a revista?
 Qual é o tipo de papel do jornal? E da revista?
 Qual deles tem mais informações?
 Que cores estão presentes no jornal? E na revista?
 Qual deles usa mais cores?
 Qual a periodicidade do jornal? E da revista?
 Qual é a tiragem do jornal? E da revista?
 Qual logotipo é maior? E qual é mais atrativo?
 Qual tem mais fotos?
 Qual é mais atrativo: o jornal ou a revista? Por quê?
 De qual você mais gostou? Por quê?

Comparação entre jornais

Qual é o nome deles?
 São do mesmo tamanho? Ou são de tamanhos diferentes?
 Qual é maior? E qual é menor?
 Em quantas cores eles são impressos?
 Qual tem mais desenhos?
 Qual tem mais fotos?
 Em que tipo de papel eles são impressos?
 Como é o logotipo de cada um deles?
 Qual é a tiragem de cada um deles?
 Qual é a periodicidade de cada um deles?
 Para quem eles são feitos (pessoas adultas/ crianças, donos de empresas / trabalhadores, jovens, homens, mulheres, donas-de-casa etc).
 Eles tratam de algum assunto específico? Qual assunto? Ou tratam de assuntos gerais? Por que você acha isso?
 Qual deles é mais bonito? Por quê?
 De qual você mais gostou? Por quê?

O Brasil possui mais de 280 jornais diários e cerca 2.450, se considerarmos os veículos semanais, quinzenais ou mensais. Só no Estado de São Paulo, existem cerca de 100 jornais diários e esse número salta para 1.130 se considerarmos os veículos publicados com intervalos maiores.

Fonte: Anuário Brasileiro de Mídia - 95

Proposta de atividades

1. Em grupos de três alunos, folhear diversos tipos de jornais;
2. O professor orienta a turma na análise dos exemplares, fazendo perguntas (listadas no quadro ao lado) e, à medida que os alunos respondem, o professor deve anotar as observações em um quadro organizado na lousa. Os alunos anotam os dados no caderno;
3. Organizar também um quadro dividindo os exemplares avaliados em jornais de "informação", "entretenimento", "publicidade", "informes de determinada categoria profissional", "jornais de bairro", "jornais alternativos", "jornais de sindicatos" etc
4. Com base nos dados anotados no caderno, os alunos fazem um relatório falando do que aprenderam. Eles podem também recortar e colar um pedaço significativo de cada jornal ou revista que analisaram (logotipo, cabeçalho no alto da página, nomes dos cadernos etc) para ilustrar o relatório.

★ As atividades podem estimular o senso de observação, a capacidade de analisar e sintetizar dados e a produção de textos.



■ As atividades com o jornal são pensadas para exercitar a capacidade de expressão das crianças, e o professor deve permitir a livre expressão de todos. Se a aula for preparada para despertar o interesse, a aparente "bagunça" certamente será muito produtiva.

■ É interessante comparar jornais da grande imprensa como a *Folha de S. Paulo*, com jornais locais, como o *Diário de Bauru*. O primeiro traz maior volume de informações, tem estrutura mais complexa, é mais atraente, mas o segundo traz acontecimentos locais.

■ Quanto maior for o número de jornais que o professor possa apresentar aos alunos, mais produtiva será a aula.

■ Além de comparar aspectos como tamanho, tiragem, aspecto gráfico e linha editorial dos jornais, o professor pode comparar também a forma como cada impresso tratou um mesmo assunto. Essa atividade pode despertar a curiosidade dos estudantes, evidenciar as diferenças, e gerar desconfinça, que é requisito básico para a leitura crítica.

anotações do professor

O que tem na primeira página?

É através da primeira página que conhecemos primeiro o texto jornalístico. A capa da revista faz uma primeira leitura, que reflete a ideia da reportagem sobre o assunto e a posição política do jornalista. A primeira página da revista é considerada a porta de entrada para quem o jornalista quer atingir. A capa jornalística é considerada a primeira página da revista, pois é a primeira página que o leitor vê ao abrir a revista. A capa jornalística é considerada a primeira página da revista, pois é a primeira página que o leitor vê ao abrir a revista.

objetivo, naturalmente por serem as primeiras páginas. De acordo com a teoria da comunicação, a primeira página da revista é considerada a porta de entrada para quem o jornalista quer atingir. A capa jornalística é considerada a primeira página da revista, pois é a primeira página que o leitor vê ao abrir a revista.

Para definir a primeira página, é preciso se lembrar do período da história quando o jornal era uma publicação semanal. A primeira página da revista é considerada a primeira página da revista, pois é a primeira página que o leitor vê ao abrir a revista.

Funções da vitrine

Para não perder o leitor, a primeira página tem algumas funções, como:

- 1. Informar o leitor sobre o conteúdo da primeira página, que é o assunto principal da revista.
- 2. Informar o leitor sobre o conteúdo da primeira página, que é o assunto principal da revista.
- 3. Informar o leitor sobre o conteúdo da primeira página, que é o assunto principal da revista.
- 4. Informar o leitor sobre o conteúdo da primeira página, que é o assunto principal da revista.

Na primeira página tem...

Existem algumas funções da primeira página da revista, como: informar o leitor sobre o conteúdo da primeira página, que é o assunto principal da revista.

Logo: é uma imagem ou símbolo que representa uma empresa ou uma instituição. Antigamente, eram usadas apenas as iniciais da empresa para representar a produção jornalística. Hoje, a logo é usada para representar a produção jornalística.

Cabeçalho: elemento gráfico que traz o nome da revista, o nome do jornalista, o nome da publicação, o nome da cidade e o nome do país.

Logo: é uma imagem ou símbolo que representa uma empresa ou uma instituição. Antigamente, eram usadas apenas as iniciais da empresa para representar a produção jornalística. Hoje, a logo é usada para representar a produção jornalística.

Manchete: título principal da notícia, geralmente em letras maiúsculas e em negrito. A manchete é o primeiro elemento da notícia, que chama a atenção do leitor.

Objetivos

- 1. Informar o leitor sobre o conteúdo da primeira página, que é o assunto principal da revista.
- 2. Informar o leitor sobre o conteúdo da primeira página, que é o assunto principal da revista.
- 3. Informar o leitor sobre o conteúdo da primeira página, que é o assunto principal da revista.
- 4. Informar o leitor sobre o conteúdo da primeira página, que é o assunto principal da revista.

MATERIAL NECESSÁRIO

Imprimir a primeira página da revista e a segunda página da revista.

Tempo necessário

Depende do tempo que o professor levar para imprimir a primeira página da revista.

TEMPO NECESSÁRIO

aulas

Indicador de nível

professor

FICHA 2

anotações do professor

Títulos: são as frases colocadas no início das matérias, para que o leitor saiba do que trata o texto. Os títulos dos principais assuntos do dia vão para a primeira página do jornal.

Fotos: são os componentes gráficos que o leitor vê em primeiro lugar, quando editadas com destaque. Funcionam como elemento atrativo e fonte de informação. As qualidades essenciais para uma foto ir para a primeira página do jornal são o ineditismo, o impacto, a originalidade e a plasticidade. Por se tratar de um importante recurso jornalístico, os detalhes da fotografia no jornal são abordados na ficha número 8.

Legendas: texto explicativo que acompanha a foto. Deve ser curto e objetivo e pode ou não ter um título. As legendas são abordadas com mais detalhes na ficha número 10, sobre a linguagem jornalística.

Crédito: indicação do autor dos textos, fotos e artes do jornal. A *Folha de S. Paulo* também indica se a matéria foi feita por jornalistas da reportagem local (em São Paulo), das sucursais (Rio de Janeiro, Brasília), da *Agência Folha*, por *freelancers*, enviados especiais etc. De acordo com a legislação brasileira, as atividades de caráter jornalístico devem ser feitas por jornalistas profissionais, que tenham registro no Ministério do Trabalho (Mtb), e a presença de créditos nos jornais comprova a atuação de profissionais registrados.

Arte: são elementos gráficos que representam figuras, ornamentos e letras em superfície plana. Há no jornalismo uma tendência em apresentar tudo o que for possível em tabelas, gráficos, mapas, preferencialmente usando o recurso da cor. A técnica de utilização das artes

atrai os olhos do leitor e dinamiza a leitura do jornal impresso, aproximando-o do telejornal. Normalmente, a primeira página, além dos gráficos e tabelas que complementam os textos, traz as informações pontuais como a previsão da meteorologia, o resultado dos campeonatos de futebol, o índice de juros da poupança em forma de arte.

Chamada: elemento que traz a indicação do caderno e número da página interna onde está impressa a matéria completa. As chamadas podem ser frases, fotos ou simplesmente palavras. O que as caracteriza é a remissão para as páginas internas.

Índice: lista que indica a ordem dos cadernos e a página das seções fixas do jornal como, por exemplo, na *Folha de S. Paulo*: caderno 5 "Ilustrada", página 7 "televisão". O índice traz também o número total de páginas da edição e a tiragem do jornal naquele dia.



Olho vivo

1. Deixe que os alunos se expressem livremente, não corrija erros na produção de frases faladas ou escritas. Durante a exposição dos alunos, anote os erros gramaticais cometidos e corrija-os de maneira informal, depois. O aprendizado que parte da prática cotidiana é muito mais eficiente...

2. As atividades propostas, além de seus objetivos específicos, podem estimular a capacidade de expressão e síntese de informações dos alunos. A produção do glossário é um dinâmico exercício de descrição.

Proposta de atividades

1. Distribuir primeiras páginas de diversos jornais aos alunos (pode ser de jornais velhos) e deixar que eles observem as folhas;
2. Pedir aos alunos que reflitam sobre a função da primeira página do jornal. O professor pode pedir ao aluno que descreva as características comuns à página dele e dos colegas. Pode perguntar por que a página é feita assim;
3. À medida que os alunos vão descrevendo os componentes da página, o professor pode anotá-las na lousa, organizando um glossário, com as definições dos alunos. A seguir, os alunos copiam o glossário no caderno. O professor pode fazer perguntas que induzam o aluno a observar os elementos gráficos relacionados nesta ficha, mas deve, sobretudo, incentivar os alunos a descobrir as coisas sozinhos;
4. Feito o glossário, cada "verbo" recebe um número, e os alunos devem enumerar os componentes da sua página, de acordo com o glossário da lousa;

O troca-troca

Os alunos recortam os elementos gráficos da página que têm e trocam com os colegas (uma foto por outra foto ou uma foto por uma manchete, um logotipo por outro, por exemplo), e depois montam sua própria primeira página. O professor deve orientar os alunos para que eles montem uma página que contenha um mínimo de ordenação e infra-estrutura como, por exemplo, colocando o logotipo em destaque (o que não significa, necessariamente no alto da página) e fotos intercaladas com textos. A seguir, os alunos fazem um relatório do que aprenderam.

5. Nas séries mais adiantadas, o professor pode selecionar a primeira página de diversos jornais de um mesmo dia e pedir que os alunos enumerem o destaque que cada assunto recebeu em cada jornal. Depois a classe compara os resultados de cada análise.

O propósito da ficha número 2 é apresentar a primeira página como a seleção dos destaques da edição, evidentemente, de acordo com a opinião da direção do jornal. Assim, os conteúdos destacados e as atividades propostas têm por objetivo desmontar a primeira página para que o aluno compreenda sua estrutura, funcionamento e limitações.

A segunda ficha também mereceu retoques. Em primeiro lugar, o texto foi “enxugado”, porque algumas afirmações soaram confusas como, por exemplo, o comentário de que a primeira página indica a linha editorial do jornal. De fato, essa não é função “calculada”. Cabe ao leitor categorizar tal característica e, para isso, deve possuir repertório crítico. Na segunda versão, a identificação da postura do jornal foi colocada como “função subliminar”.

A seção “Olho vivo”, que antes trazia dicas metodológicas, foi substituída por um comentário sobre a função de estabelecimento da agenda (ver capítulo 3, página 52), que pareceu dado mais relevante para a leitura crítica de primeiras páginas.

Nas propostas de atividades foi incluída a sugestão de pedir para que os alunos imaginem um jornal qualquer e façam um esboço da primeira página. Tal sugestão partiu dos próprios professores do curso. Para eles, desenhando uma página, os alunos iriam exercitar melhor a análise dos elementos.

LEITURA DA PRIMEIRA PÁGINA

É através da primeira página que fazemos nosso primeiro contato com o jornal. A capa do veículo funciona como uma vitrine, que nos atrai ou afasta, dependendo do conteúdo e aspecto gráfico. As empresas jornalísticas costumam ter uma equipe especializada na elaboração da primeira página, tal a sua importância para que o jornal desperte o interesse do leitor. A capa do jornal traz os principais assuntos do dia - de acordo com a opinião de cada veículo, é sempre bom lembrar. As fotos e ilus-

trações tomam a boa parte do espaço, justamente por serem os elementos mais atrativos. Os textos se apresentam sob a forma de manchetes, legendas de fotos, textos-legenda e lides. Outros elementos como gráficos e tabelas também são usados para dinamizar a leitura e tornar o jornal mais atraente.

Para definir a primeira página, os editores se reúnem no período da tarde, quando o jornal já tem a maioria das matérias do dia prontas. A palavra final é dada pelos diretores da redação.

Objetivos

- mostrar a importância mercadológica da primeira página;
- conhecer os elementos gráficos e sua função na primeira página;
- conhecer a função de "agenda" da primeira página.

MATERIAL NECESSÁRIO

Primeiras páginas de diversos jornais, papel sulfite, cola e tesoura

Funções da primeira página

1. Atrair a atenção do leitor;
2. funcionar como espécie de índice do jornal;
3. oferecer um resumo dos principais assuntos da edição;
4. trazer informações pontuais como o valor do dólar, a previsão meteorológica, o índice de juros da poupança etc.

Função subliminar

O leitor atento pode identificar também outra função da PP: dar pistas sobre a linha editorial do jornal que, como se sabe, pode ser conservadora, progressista, de vanguarda, sensacionalista, etc.

Pré-requisitos

Ter tido contato com diversos jornais

TEMPO NECESSÁRIO

_____ aulas

anotações do professor

Elementos que compõem a PP

Embora os conteúdos variem de um dia para o outro e os elementos gráficos variem em cada jornal, alguns componentes estão presentes nas primeiras páginas da maioria dos meios de comunicação impressos. São eles:

Logotipo: letras ou palavras desenhadas para representar uma marca, uma empresa ou uma instituição. Antigamente, eram fundidas em um só matriz para agilizar a produção gráfica (linotipo). Nos jornais, normalmente o logotipo vem no alto da página, fazendo parte do cabeçalho.

Cabeçalho: elemento gráfico que traz nome, data, número, local de publicação, preço e periodicidade do jornal. Alguns jornais como a *Folha de S. Paulo* e o *Es-*

tado de S. Paulo trazem ainda o nome do diretor e as cidades para onde são enviados.

Manchete: título principal impresso em letras maiores na primeira página do jornal ou revista. A manchete informa aquilo que o jornal julga ser o mais importante assunto do dia. A comparação entre as manchetes de diversos jornais é um eficiente exercício para evidenciar a manipulação de notícias.

Títulos: são as frases colocadas no início das matérias,

para que o leitor saiba do que trata o texto. Os títulos dos principais assuntos do dia vão para a primeira página do jornal.

Fotos: são os componentes gráficos que o leitor vê em primeiro lugar, quando editadas com destaque. Funcionam como elemento atrativo e fonte de informação. As qualidades essenciais para uma foto ir para a primeira página do jornal são o ineditismo, o impacto, a originalidade e a plasticidade. Por se tratar de um importante recurso jornalístico, os detalhes da fotografia no jornal são abordados na ficha número 8.

Legendas: texto explicativo que acompanha a foto. Deve ser curto e objetivo e pode ou não ter um título. As legendas são abordadas com mais detalhes na ficha número 10, sobre a linguagem jornalística.

Crédito: indicação do autor dos textos, fotos e artes do jornal. A *Folha de S. Paulo* também indica se a matéria foi feita por jornalistas da reportagem local (em São Paulo), das sucursais (Rio de Janeiro, Brasília), da *Agência Folha*, por *freelancers*, enviados especiais etc. De acordo com a legislação brasileira, as atividades de caráter jornalístico devem ser feitas por jornalistas profissionais, que tenham registro no Ministério do Trabalho (Mtb), e a presença de créditos nos jornais comprova a atuação de profissionais registrados.

Arte: são elementos gráficos que representam figuras, ornamentos e letras em superfície plana. Há no jornalismo uma tendência em apresentar tudo o que for possível em tabelas, gráficos, mapas, preferencialmente usando o recurso da cor. A técnica de utilização das artes atrai os olhos do leitor e dinamiza a leitura do jornal impresso, aproximando-o do telejornal. Normalmente, a primeira página, além

dos gráficos e tabelas que complementam os textos, traz as informações pontuais como a previsão da meteorologia, o resultado dos campeonatos de futebol, o índice de juros da poupança em forma de arte.

Chamada: elemento que traz a indicação do caderno e número da página interna onde está impressa a matéria completa. As chamadas podem ser frases, fotos ou simplesmente palavras. O que as caracteriza é a remissão para as páginas internas.

Índice: lista que indica a ordem dos cadernos e a página das seções fixas do jornal como, por exemplo, na *Folha de S. Paulo*: caderno 5 "Ilustrada", página 7 "televisão". O índice traz também o número total de páginas da edição e a tiragem do jornal naquele dia.



Olho vivo

A primeira página é, certamente, a parte mais lida do jornal e tem influência significativa naquilo que pesquisadores da área de comunicação chamaram de "estabelecimento da agenda". Isto é, a seleção de assuntos feita pelo jornal, em detrimento de outros - faz o público encarar alguns problemas (os destacados nos meios) como mais importantes que outros. Ou seja, a agenda da imprensa vira a agenda do público. Em outras palavras, são os editores que acabam decidindo, em última instância, quais são os problemas nos quais os leitores devem pensar. Por isso é importante ler o maior número possível de publicações, comparando, por exemplo, os destaques da imprensa de massa e os da imprensa sindical ou alternativa. Assim, o leitor diminui o risco de ser presa fácil da mídia.

Proposta de atividades

1. Distribuir aos alunos primeiras páginas destacadas de diversos jornais;
2. Pedir aos alunos que reflitam sobre as funções da primeira página. O professor pode pedir ao aluno que descreva as características comuns à página dele e dos colegas. Pode perguntar por que a página é feita assim etc. À medida que os alunos vão respondendo, o professor pode anotar os dados na lousa, organizando um glossário, com as definições dos alunos. A seguir, os alunos copiam o glossário no caderno. O professor pode fazer perguntas que induzam o aluno a observar os elementos gráficos relacionados nesta ficha, mas deve, sobretudo, incentivar os alunos a descobrir as coisas sozinhos.
4. Feito o glossário, cada "verbete" recebe um número, e os alunos devem enumerar os componentes da sua página, de acordo com o glossário da lousa. Depois, pode-se fazer a comparação com as definições colocadas na ficha.
- O troca-troca**
Os alunos recortam os elementos gráficos da página que têm e trocam com os colegas (uma foto por outra foto ou uma foto por uma manchete, um logotipo por outro, por exemplo), e depois montam sua própria primeira página. O professor deve orientar os alunos para que eles montem uma página que contenha um mínimo de ordenação e infra-estrutura, colocando, por exemplo, o logotipo em destaque, legendas próximas às fotos etc.
5. Nas séries mais adiantadas, o professor pode selecionar a primeira página de diversos jornais de um mesmo dia e estabelecer a agenda temática de cada jornal, pedindo para que os alunos enumerem os destaques de cada jornal. Depois a classe compara os resultados de cada análise.
6. Pedir aos alunos para imaginarem um jornal e fazerem um esboço de primeira página, considerando a estrutura estudada.

A leitura é uma atividade que envolve a compreensão do texto e a construção de uma visão geral do texto. O leitor deve estar atento ao contexto e ao conteúdo do texto, bem como ao estilo e ao tom do texto. A leitura é uma atividade que envolve a compreensão do texto e a construção de uma visão geral do texto.

Assim, os professores e os alunos devem estar preparados para enfrentar a leitura com uma atitude positiva e uma vontade de aprender. A leitura é uma atividade que envolve a compreensão do texto e a construção de uma visão geral do texto. O leitor deve estar atento ao contexto e ao conteúdo do texto, bem como ao estilo e ao tom do texto. A leitura é uma atividade que envolve a compreensão do texto e a construção de uma visão geral do texto.

A leitura é uma atividade que envolve a compreensão do texto e a construção de uma visão geral do texto. O leitor deve estar atento ao contexto e ao conteúdo do texto, bem como ao estilo e ao tom do texto. A leitura é uma atividade que envolve a compreensão do texto e a construção de uma visão geral do texto.

A terceira ficha foi organizada para oferecer ao professor e ao estudante uma visão geral da lógica de organização do jornal e familiarizá-los com termos específicos do jargão jornalísticos como segmentação, cadernos e seções. Também houve a preocupação em evidenciar a influência da divisão em cadernos na atribuição de significados aos fatos noticiados.

Assim, os conteúdos e as atividades propostos procuraram, em primeiro lugar, fazer com que o aluno passe a dominar a lógica de organização, independente do título que tem em mãos, e possa discurrir com desenvoltura em qualquer jornal. Em segundo lugar, houve a preocupação em evidenciar a limitação que a hierarquização dos fatos nos cadernos oferece. De fato, os critérios para distribuição de assuntos tão diversos em tipos tão limitados de cadernos é desafio para qualquer jornalista mais experiente. Considerar, então, a influência da segmentação na atribuição de significados (como o relatado fato de se noticiar greves no caderno de economia restringindo o caderno de política às autoridades competentes) coloca em cena o perigo da formação equivocada do leitor ingênuo. A unidade procurou oferecer saídas para esses riscos.

No tocante à estrutura, a ficha 3 sofreu poucas modificações. Apenas o texto foi revisado, a fim de se tornar mais agradável e objetivo ao leitor. Os professores do curso não fizeram ressalvas à unidade. Por não ter sofrido mudanças significativas (houve apenas a mudança no cabeçalho), somente uma versão é apresentada.

DIVISÃO EM CADERNOS

Após darmos uma rápida olhada na primeira página, costumamos procurar, no interior do jornal, as matérias que despertaram nossa atenção. Para localizá-las com mais facilidade, nos orientamos pelos cadernos e seções.

A divisão em cadernos está ligada ao conceito de segmentação utilizado pelo jornalismo contemporâneo. Segmentar o jornal é dividi-lo de acordo com a afinidade entre os assuntos, para que cada leitor vá diretamente àquilo que o interessa e não precise vasculhar o jornal todo à procura de determinadas informações, perdendo tempo com isso.

Numa olhada rápida por diversos jornais, percebemos que, embora os nomes variem, os cadernos são divididos de forma semelhante. Política, economia, esportes, notícias do dia-a-dia, cultura, TV etc, estão na ordem da maioria dos jornais. Quanto maior for o veículo, mais assuntos ele tem condições de abordar e, portanto, mais complexa é sua segmentação em cadernos.

A compreensão da estrutura de divisão do jornal também é um eficiente

instrumento de leitura crítica, porque a forma como o jornal ordena os fatos revela seu modo de qualificar as relações sociais. Assim, por exemplo, a maioria dos jornais brasileiros noticia greves no caderno de economia, desconsiderando o aspecto político dessas manifestações. Os cadernos de política, por sua vez, destinam-se quase que exclusivamente às notícias dos poderes executivo e legislativo. O jornal sutilmente coloca a política como assunto exclusivo das autoridades competentes. De acordo com a segmentação do jornal, política é assunto exclusivo das autoridades competentes. Nas páginas da imprensa destinadas à política, o trabalhador não está autorizado a se manifestar.

Entretanto, tal manipulação é previsível, já que o jornal é uma empresa como outra qualquer e, portanto, as perspectivas de análise de um dono de jornal tendem a ser as mesmas de um empresário capitalista qualquer.

Outro dado merece destaque. Os cadernos dedicados aos fatos diversos, por exemplo, misturam eventos de caráter político, festas, compras, atos de violência e esquisitices de todo tipo, como se todos esses fatos fossem, indistintamente, importantes para a vida do leitor. Artigos e editoriais que opinativos, segundo os editores dos jornais, devem sempre vir em espaços distintos daqueles destinados às notícias "objetivas". Na prática não é bem assim já que, continuamente, é possível encontrar matérias de forte apelo influenciador em espaços reservados para as reportagens neutras.

As seções

Os jornais também possuem seções fixas que, via de regra, são sempre publicadas no mesmo lugar. São seções, por exemplo, os espaços destinados à publicação de cartas dos leitores, da previsão meteorológica, do horóscopo, da coluna social, dos classificados, da pro-

Objetivos

- aprender a localizar informações pontuais;
- conhecer a estrutura geral e a lógica de organização do jornal;
- observar a manipulação através da hierarquização dos fatos na divisão em cadernos.

MATERIAL NECESSÁRIO

Exemplares de uma semana de pelo menos dois jornais diários, papel, cola e tesoura

Pré-requisitos

Ter folheado diversos jornais e conhecer a estrutura da primeira página

TEMPO NECESSÁRIO

_____ aulas

anotações do professor

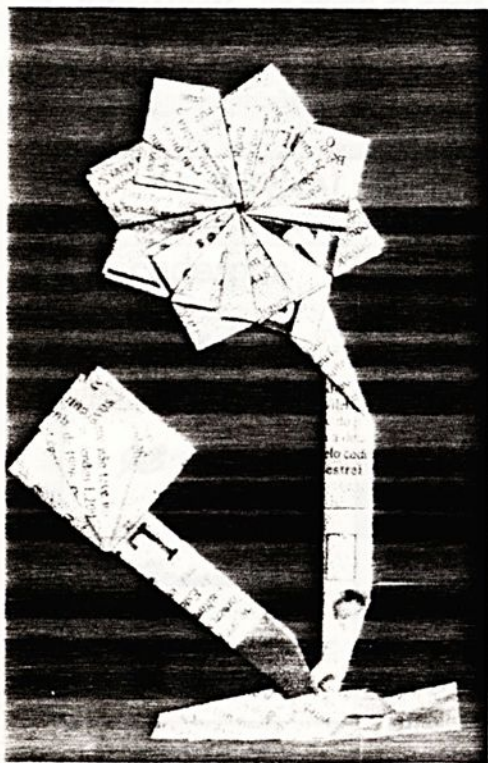


TABELA 1

jornal / dia da
semana

*Folha de
S. Paulo /
domingo*

*Diário
Popular /
quarta-feira*

cadernos

*brasil - dinheiro - mundo - cotidiano - esporte
- mais! - empregos - veículos*

*1º caderno, esportes, classificados,
revista*

**anotações do
professor**

TABELA 2

jornal: *Jornal da Cidade - quarta-feira*

*Bauru
Regional
JC nos Bairros
Brasil*

*noticias da cidade, desde acontecimentos políticos até banalidades
noticias das cidades da região como Marília, Jaú, Piratininga
noticias dos bairros*

*Esportes
JC Cultura*

*noticias sobre jogos, campeonatos etc, na cidade e no país
eventos culturais da cidade, da região e do país, programação da TV
e dos cinemas locais, fofocas, coluna do José Simão, quadrinhos,
palavras cruzadas*

Classificados

*anúncios classificados (vendas, locações, veículos, motos, telefones,
móveis, serviços, marmitas, diversos)*

Internacional

noticias do mundo todo, que vêm das agências de notícia

TABELA 3

JORNAL: *Jornal da Cidade - quarta-feira*

cadernos

1º caderno

JC Cultura

Economia

Informática

seções

*Entrelinha, Tribuna do leitor,
coluna social,*

*Programação da TV, horóscopo,
palavras cruzadas, quadrinhos
indicadores econômicos*

Eventos



Olho vivo

É importante que os alunos produzam os relatórios ao final das atividades. Esse exercício facilita a armazenagem das informações, serve como material de consulta, estimula a organização de idéias, a produção de texto e serve como exercício de aprendizagem da leitura e da escrita. Corrigindo textos produzidos na experiência cotidiana, o professor evidencia a necessidade de aprender as normas de bom uso da língua.

Duas divisões no jornal

★ Os cadernos normalmente vêm na forma de logotipos, em letras grandes e centralizados no alto da página. São bem destacados. As seções têm aspecto gráfico mais discreto, vêm em letras menores em diferentes lugares da página. Um mesmo caderno pode ter várias seções.

★ Os jornais de grande porte costumam ter um caderno de classificados. Jornais menores podem, muitas vezes, trazer os classificados em seções.

★ O professor deve estar atento para a diferença entre as **seções** (que são publicadas sempre no mesmo lugar, com frequência) e o **chapéu** (uma palavra ou expressão curta, colocada acima do título, que serve para indicar o assunto dos textos que vêm abaixo dela).

Proposta de atividades

1. Em grupos ou individualmente, deixe os alunos manusearem livremente diversos exemplos de jornais;
2. Depois, peça aos alunos para observarem o número e nome dos cadernos de cada jornal analisado. Enquanto eles falam, o professor anota os dados em uma tabela na lousa (**tabela 1**). Os alunos anotam as informações no caderno;
3. Pedir aos alunos que façam uma lista dos assuntos que compõem cada caderno de cada jornal. Essa atividade pode ser feita de duas formas: 1. os alunos organizam os dados em tabelas (**tabela 2**); 2. Os alunos recortam o logotipo dos cadernos e colam numa folha de papel, incluem o nome do jornal e anotam os assuntos que compõem aquele caderno. Em ambas, é bom anotar o dia da semana, já que nem todos os cadernos vêm todos os dias;
4. Fazer oralmente uma avaliação de qual jornal tem mais cadernos, quais os nomes que se repetem nos diversos jornais, que nome cada jornal dá para o mesmo tipo de caderno (por exemplo: caderno de cultura na *Folha de S. Paulo* se chama "Ilustrada", no *Estado de S. Paulo* se chama "Caderno 2", no *Jornal da Cidade* se chama "JC Cultura" e no *Diário de Bauru* se chama "Cultura Etc").
5. Preparar um relatório sobre o que foi aprendido.

O Jogo

Dividir a classe em equipes e distribuir exemplares de um mesmo jornal a todos. O professor prepara uma lista de determinadas informações (**lista 1**) e pergunta para a classe em que caderno e seção essa informação pode ser encontrada. A equipe que responder primeiro ganha pontos, conforme critério que deve ser definido antes do jogo.

Atividade com as seções

Também pode ser feita de duas maneiras: na primeira, os alunos fazem uma tabela com o nome do jornal (**tabela 3**), nome dos cadernos e nomes das seções fixas em cada caderno. Na segunda maneira, os alunos recortam o logotipo do caderno e colam no alto de uma folha; depois recortam e colam todas as seções daquele caderno, fazendo um breve resumo dos conteúdos de cada seção.

LISTA 1

- | | | |
|---------------------------------------|---|--|
| 1. Programação dos cinemas da cidade; | professor pode citar um fato que esteja sendo noticiado no momento); | passar na TV; |
| 2. Valor do dólar; | | 16. Informações sobre informática (se o jornal do dia tiver o cadernos sobre o assunto); |
| 3. Previsão do tempo para Bauru; | 11. Coluna do "Clóvis Rossi" (Se o jornal for a <i>Folha de S. Paulo</i>) | 17. Cartas que o jornal recebeu; |
| 4. Editorial; | 12. Coluna do José Simão (se o jornal for a <i>Folha</i> ou o <i>JC</i>) - o professor pode citar outros | 18. Notícias da área de saúde; |
| 5. Casas para alugar; | colunistas; | 19. Informações sobre carros (se o jornal do dia tiver o cadernos sobre o assunto) etc. |
| 6. Programação da TV Cultura; | 13. Notícias policiais; | |
| 7. Resultado do jogo de futebol | 14. Coluna social | |
| 8. Quadrinhos; | 15. Avaliação dos filmes que vão | |
| 9. Palavras cruzadas; | | |
| 10. Notícias internacionais (o | | |

Os gêneros jornalísticos

Os jornais se postam no momento da construção da para entender a notícia com profissionalismo. Para justificar tal objetividade, as informações são divididas em diferentes "gêneros jornalísticos", dos quais podemos destacar o gênero informativo, o interpretativo e o opinativo.

O GÊNERO INFORMATIVO

As matérias informativas se caracterizam por um fluxo narrativo que tem na principal característica do jornalismo: o fato, ou seja, o que ocorreu, como ocorreu, onde e porquê, procura trazer o ponto de vista das partes envolvidas e fatos, sem que fique atrelado a nenhuma. É um texto com frases curtas, que traz informações precisas como datas, tempo e idade dos envolvidos, distância etc, e pouca adjetivação. Por exemplo, ao invés de falar que detestamos o MST é muito mais direto, e jornalístico, informar o número de pessoas que ele tem.

Veja o exemplo de texto informativo retirado da Folha de São Paulo, de 30 de setembro de 1996:

Cerca de 700 sem-terra indigenas, na madrugada anterior, a cerca Rancho Grande, em Curitiba e Cunha (760 km a oeste de São Paulo), e iniciaram o processo de ocupação de milho e mandioca.

O líder dos sem-terra no Paraná do Paranáparanaense, José Ratinha, afirmou que a intenção da fazenda é desalojar o que o MST está chamando de "operação eleitoral".

Segundo Ratinha, a próxima etapa a ser iniciada será a Santa Rita, em Marimbá do Paranáparanaense (40 km de SP), pertencente a Marcos Negrão, um dos

a Santa Rita vai ser invadida "Será nesta semana. O dia ainda não foi definido", disse. "Não queremos que o governo faça uma vitória na propriedade. Essa vitória vai dar-se a terra e impiedosa. Se há o governo que desapropriar a fazenda", afirmou.

A Agência Folha não conseguiu localizar nenhum Negrão para confirmar as declarações de Ratinha. O dono da fazenda Rancho Grande, Otávio Belmonte Pereira, também não foi encontrado.

Além da informação das invasões de fazendas, o MST anunciou que os sem-terra vão retirar hoje o lixo que as agências do Banco do Brasil no Paraná.

Na sexta-feira, os agências de Teodoro Sampaio, Santa Amélia e Presidente Venceslau foram bloqueadas por grupos de sem-terra, em protesto contra a atuação na liberação de financiamentos concedidos a cerca de 100.

Ratinha afirmou que dois grupos com 120 sem-terra, deslocaram para São Paulo. Eles vão participar da greve dos funcionários da capital, mas devem fazer também o bloqueio de uma agência do BB em São Paulo.

Segundo Ratinha, a superintendência do banco em Presidente Prudente (550 km de São Paulo) comunicou que pode liberar financiamento imediatamente para 300 a 1.200 assentados em projetos de reforma agrária.

"Vamos aguardar na noite de sexta-feira que estes 300 já receberam o dinheiro, mas vamos exigir que seja para os outros também".

uma das UDR (União Democrática Ruralista). Negrão mantém na fazenda grupos de 20 sequências armadas, na invasão fazendas do sem-terra.

Ratinha não informou quando

Objetivos

- Conhecer as características dos textos informativos, opinativos e interpretativos.
- Reconhecer um parágrafo informativo, datado de longa data.
- Produzir informações para fazer uma crítica de texto.
- Debater temas de interesse social.

MATERIAL NECESSÁRIO

Edição de textos de colunas e artigos e material informativo retirado do corpo editorial. Poderosamente, sobre um mesmo tema.

Tempo necessário

Conhecer a história dos jornais e a evolução da imprensa para alunos de 2ª e 3ª série.

TEMPO NECESSÁRIO

___ aulas

O GÊNERO INTERPRETATIVO

Os textos interpretativos podem ser produzidos por repórteres, colunistas ou articulistas do jornal. Os artigos podem ser curtos ou longos, dependendo da importância do fato e do ponto de vista do colunista. A regra é: textos de longo prazo editorial para de textos em longo ou tipo diferente. Normalmente, começa com uma

introdução que apresenta o assunto, o fato e o ponto de vista do autor.

opinião. Não há a necessidade de colocar informações minuciosas como datas, datas, distâncias, e não se quer essas informações sejam relevantes para o cumprimento da função do

FICHA 4

Os gêneros jornalísticos

Os jornais se pautam no argumento da objetividade para vender a notícia com profissionalismo. Para justificar tal objetividade, as informações são divididas em diferentes "gêneros jornalísticos", dos quais podemos destacar o gênero informativo, o interpretativo e o opinativo.

O GÊNERO INFORMATIVO

As matérias informativas são encabeçadas por um lide ou abertura, que traz as principais circunstâncias do fato (quem fez, onde fez, o que ocorreu, como ocorreu, quando e porque), procura trazer a opinião das várias partes envolvidas no fato, sem qualificar atitudes dos envolvidos. É um texto com frases curtas, que traz informações precisas como datas, cargo e idade dos entrevistados, distâncias etc, e poucos adjetivos. Por exemplo, ao invés de falar que determinado prédio é muito alto, o jornalista informa o número de andares que ele tem.

Veja o exemplo de texto informativo retirado da Folha de S. Paulo, de 30 de setembro de 1996:

"Cerca de 700 sem-terra invadiram, na madrugada de ontem, a fazenda Rancho Grande, em Euclides da Cunha (760 km a oeste de São Paulo), e iniciaram o preparo da terra para plantio de milho e mandioca.

O líder dos sem-terra no Pontal do Paranapanema, José Rainha Jr., anunciou que a invasão da fazenda deflagrou o que o MST está chamando de "operação eleitoral".

Segundo Rainha, a próxima fazenda a ser invadida será a Santa Rita, em Mirante do Paranapanema (640 km de SP), pertencente a Marcelo Negrão, um dos principais articuladores da UDR (União Democrática Ruralista). Negrão mantém na fazenda equipe de 20 seguranças armados, para impedir invasões de sem-terra.

Rainha não informou quando

a Santa Rita vai ser invadida. "Será nesta semana. O dia ainda não foi definido", disse. "Nós queremos que o governo faça uma vistoria na propriedade. Essa vistoria vai dizer se a terra é improdutiva. Se for, o governo deve desapropriar a fazenda", afirmou.

A Agência Folha não conseguiu localizar ontem Negrão para comentar as declarações de Rainha. O dono da fazenda Rancho Grande, Otávio Eduardo Ferreira, também não foi encontrado.

Além da retomada das invasões de fazendas, o MST anunciou que os sem-terra vão reiniciar hoje o bloqueio das agências do Banco do Brasil no Pontal.

Na sexta-feira, as agências de Teodoro Sampaio, Santo Anastácio e Presidente Venceslau foram bloqueadas por grupos de sem-terra, em protesto contra o atraso na liberação de financiamento da chamada safra de verão.

Rainha afirmou que dois ônibus com 120 sem-terra viajou (sic) para São Paulo. Eles vão participar da greve dos bancários na capital, mas devem fazer também o bloqueio de uma agência do BB em São Paulo.

Segundo Rainha, a superintendente do banco em Presidente Prudente (558 km de São Paulo) comunicou que pode liberar financiamento imediatamente para 300 dos 1.220 assentados em projetos de reforma agrária.

"Fomos avisados na noite de sexta-feira que esses 300 já receberam o dinheiro, mas vamos exigir que saia para os outros também".

Objetivos

- conhecer as características dos textos informativos, opinativos e interpretativos;
- conhecer um padrão conveniente de uso da língua;
- propiciar informações para fazer leitura crítica de textos;
- debater temas de interesse social.

MATERIAL NECESSÁRIO

Editoriais, textos de colunistas e articulistas e matérias informativas retiradas do corpo editorial. Preferencialmente, sobre um mesmo tema

Pré-requisitos

Conhecer a divisão em cadernos e seções. Atividade recomendada para alunos de 7ª e 8ª séries.

TEMPO NECESSÁRIO

_____ aulas

O GÊNERO INTERPRETATIVO

Os textos interpretativos podem ser produzidos por repórteres, colunistas ou articulistas do jornal. Os artigos podem ser curtos ou longos, dependendo da importância do fato e do caderno onde são colocados. A regra é destacá-los do corpo editorial usando letras em itálico ou tipo diferente. Normalmente, começam com uma frase de efeito que atrai a atenção do leitor e o insere no contexto da discussão. O autor procura comparar informações, oferecendo ao leitor dados para que ele próprio possa formar sua opinião. Não há a necessidade de colocar informações minuciosas como idades, datas, distâncias, a não ser que essas informações sejam relevantes para a compreensão da análise do au-

tor. A diferença entre o texto interpretativo e o opinativo é que o primeiro deve mostrar vários aspectos da questão, enquanto o segundo deve mostrar aspectos que comprovem a tese defendida pelo autor ou jornal. É possível a utilização de adjetivos e recursos como a ironia. Veja o exemplo, retirado da coluna do jornalista Jânio de Freitas, da Folha de S. Paulo de 21 de abril de 1996:

“Ato inicial — Um repórter quer palavras de Fernando Henrique Cardoso, a meio de uma festividade em Goiás, sobre o massacre no Pará. “Não sei o que aconteceu lá. Isso é conflito do Brasil arcaico com o Brasil moderno.”

Segundo ato — De volta a Brasília, Fernando Henrique é informado de que a CNN está transmitindo para o mundo, com a persistência que dedica aos fatos muito graves, as notícias de um massacre

de lavradores no Brasil. E as repercussões já começam a chegar em avalanche.

Terceiro ato — Repercussão internacional negativa? Fernando Henrique vai ao encontro dos repórteres palacianos: “É inaceitável que tenha havido um massacre. Constrange o país, constrange o presidente da República. É injustificável”. Já estava garantido o material para os jornalistas de peito livrarem o presidente.

A cabeça é um aparelho complicado, porém. Foge ao controle com a mesma facilidade com que certas pessoas fogem aos seus compromissos públicos e deveres humanos. E Fernando Henrique, com sua conhecida impossibilidade de refrear a verborragia, quis dar mais aos jornalistas aliados: "A violência não leva a nada, a não ser à tragédia. A inércia induz à violência. Juntando-se inércia com violência, tem-se um quadro dramáti-

co do país que nós não podemos aceitar”.

Escapou. Por alguma fresta da cuca, escapou. A visão que Fernando Henrique tem do governo resumida em uma palavra. A origem dos massacres posta em uma equação precisa. A quem ou a que poderia referir-se a “inércia” que “induz à violência”, senão ao governo? De tudo o que deveria estar em atuação para evitar as causas da violência e, no entanto, está inerte, só mesmo o governo.

A inércia não é forçada pelas circunstâncias. Não existe, por exemplo, para impedir que o planejamento de viagens internacionais tenha prioridade no

gabinete presidencial, assim se explicando que, no dia em que se dava o massacre, na Presidência, o tema principal de trabalho fossem as visitas de Fernando Henrique a Paris e Washington, no mês que vem.

O caráter intencional da inércia encontra sua melhor demonstração no assunto mesmo da reforma agrária e dos sem-terra, embora não só aí, mas em quase tudo, o governo seja inerte. Começemos por lembrar que o governo, só em seu primeiro ano, teve quatro presidentes no Incra, um recorde inesperável.

Dos dois primeiros, nem seria justo dizer que presidiram a entidade encarregada da reforma agrária. O Incra foi tratado como repartição de quinta categoria, recebendo verbas minguadas e atrasadas e nenhum apoio político. Até que assumiu Francisco Graziano, originário das ante-salas do Planalto. Pronto, de repente, Fernando Henrique mandou soltar dinheiro para o Incra, foi para a TV falar da fase que seu governo iniciava, deu todo o apoio político ao nomeado.

Mas Graziano caiu na asneira de

supor que era contrário aos princípios de Fernando Henrique, e aos objetivos também, o tráfico de influência praticado dentro mesmo da Presidência. Foi expulso do Incra e da patota presidencial, para aprender que o tráfico, assim como o próprio Fernando Henrique, operava a favor da empresa americana Raytheon no Sivam. Graziano dançou, o Incra voltou ao mesmo desprestígio anterior a ele.

Foi muito breve a interrupção da inércia intencional. E do seu efeito como indutora da violência, por exemplo, no sul do Pará."

anotações do professor

O GÊNERO OPINATIVO

Segundo o argumento da objetividade, o jornal deve emitir sua opinião sobre os fatos somente no espaço reservado para o editorial, permanecendo neutro nos demais gêneros jornalísticos. Em seu "Manual Geral da Redação", a Folha de S. Paulo define o editorial como:

"Texto que expressa a opinião de um jornal. Na Folha, seu estilo deve ser ao mesmo tempo enfático e equilibrado. Deve evitar a ironia exagerada, a interrogação e a exclamação. Deve apresentar com concisão a questão de que vai tratar, desenvolver os argumentos que o jornal defende, refutar as opiniões opostas e concluir defendendo a posição adotada pela Folha.

Nada impede que o jornal mude de opinião sobre determinado assunto. Neste caso, deve dizê-lo com clareza.

Os editoriais são publicados na segunda página e, em casos excepcionais, na primeira. Não são assinados.

Os editoriais não dirigem o noticiário, mas temas que neles aparecem com frequência devem ser explorados pela reportagem. A Folha procura publicar artigos assinados que discordem da posição de seus editoriais."

Os artigos assinados por articulistas do jornal (que se revezam num espaço determinado) ou eventuais colaboradores (que escrevem em espaços como o "Tendências e Debates" da Folha ou o "Espaço Aberto" do Estado de S. Paulo), também têm caráter opinativo. Neste caso, o jornal deixa claro que as opiniões veiculadas são exclusivas do autor e o jornal não se responsabiliza por elas.

Os articulistas geralmente são pessoas de sólida formação cultural e

produzem textos que podem nos trazer diferentes pontos de vista. Os temas tratados nos artigos, na maioria das vezes, referem-se a assuntos que estão em debate nos meios de comunicação.

Os editoriais, além de manifestar a opinião do jornal, pretendem conquistar a opinião do leitor, "vendendo" a idéia do jornal. É no espaço do editorial que o papel ideológico dos jornais fica mais evidente (embora a ideologia esteja presente em muitos outros espaços do veículo).

Os editoriais são textos curtos que se preocupam em reunir de forma coesa as informações que comprovem a tese defendida. Esse tipo de texto não economiza adjetivos.

Veja, como exemplo de texto opinativo, este editorial da Folha de S. Paulo, do dia 24 de janeiro de 1997:

"A ousadia dos meios

A insistência do movimento dos sem-terra em seguir violando direitos básicos abre um precedente extremamente perigoso e inadmissível nas relações políticas do país."

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra sempre se utilizou das invasões para forçar um assentamento ou pressionar o poder público para que atenda suas reivindicações. Essa prática atingiu

agora uma nova dimensão, em que os objetivos estão mais ligados a uma aspiração política – com ramificações na economia – do que a uma negociação envolvendo a distribuição de terras.

Com seus fins ampliados, os meios escolhidos pelos sem-terra são cada vez mais ousados e inaceitáveis dentro de uma sociedade que se esforça para valorizar a democracia. Depois das segundas invasões de propriedades rurais, a inadmissível tomada de prédios públicos, numa explícita afronta às leis do país, tomou-se um expediente comum para o MST, que parece não ver mais barreiras possíveis contra suas reivindicações – a

cada dia mais distantes da bandeira que sempre disse defender.

Invasões como a da sede paulista do Incra, desocupada ontem, além de outros atos de provocação que ferem direitos de toda a sociedade, exemplificam atos que exigem uma resposta efetiva e enérgica das autoridades. A delicada questão fundiária não pode se transformar em simples refém das intimidações do MST, que, como afirmou o ministro Raul Jungmann, acaba por chantagear o governo, tentando enquadrá-lo conforme os objetivos do movimento.

A cada fazenda invadida, a cada prédio público tomado, os sem-terra bradavam novas e mais ousadas palavras de ordem. Não querem mais apenas um pedaço de terra em que possam exercer a atividade agrícola de forma independente. Também querem interromper a privatização da Vale do Rio Doce e protestar contra o direito à reeleição para o presidente Fernando Henrique Cardoso.

A insistência do movimento dos sem-terra em seguir violando direitos básicos abre um precedente extremamente perigoso e inadmissível nas relações políticas do país."

anotações do professor

PORÉM

A distinção em gêneros seria uma maneira equilibrada para o jornal organizar as informações que veicula - se ela fosse realmente possível. Em tese, dividindo os textos nos três grupos, parte-se do pressuposto de que os jornalistas têm a capacidade de observar o social com olhos clínicos. Depreza-se o histórico de vida, os ideais, valores e capacidade de análise de cada um. Na prática, a situação é bem diferente. O jornalista Clóvis Rossi relatou o exemplo do repórter esportivo que, ao escrever a matéria sobre o resultado do jogo onde o seu time perdeu, falou de tudo, menos do resultado da partida.

Além disso, a própria linha editorial do veículo já é uma barreira à objetividade - quando jornais conservadores, por exemplo, não tratam de temas com caráter progressista. Ainda, quando o jornal opta por não divulgar determinada matéria porque ela vai prejudicar um anunciante que rende muito dinheiro (fato nada raro), a objetividade foi por água a baixo.

Observe o texto do jornalista George Alonso, retirado do caderno "Brasil" (logo espaço destinado à informação objetiva) do jornal Folha de S. Paulo, de 16 de março de 1996:

"Luiza Erundina e Aloizio Mercadante, pré-candidatos do PT à Prefeitura de São Paulo, roubaram a cena do MST (Movimento do Trabalhadores Rurais Sem Terra) ontem à tarde na favela Heliópolis, no Sacomã, zona sul da cidade.

O início do cadastramento de

desempregados pelo MST em favelas paulistanas, em busca de novos sem-terra, acabou virando um irônico duelo entre petistas.

Em vez de terra, o que mais se falou ali foi da disputa de votos na prévia que, no próximo dia 24 define o candidato petista a prefeito.

A ex-prefeita paulistana Erundina (1989-92) chegou à maior favela da cidade (65 mil moradores) às 16h40, falando que estava "em campanha". Corrigiu rapidamente: "Dentro do partido".

Dez minutos depois, avisado por assessores, Mercadante chegou risonho, dizendo: "É corpo-a-corpo direto, isso aqui é marcação metro-a-metro. Aqui é meu reduto, vocês vão ver quando abrirem as urnas. Tenho apoio da União das Associações dos Moradores da Heliópolis". A entidade reúne dez associações de moradores da favela.

Ambos não se acanharam em cometer atos demagógicos e preencheram juntos, em gesto simbólico, fichas de cadastramento do MST. Discursaram e atacaram o prefeito Paulo Maluf (PPB).

Erundina aproveitou a oportunidade para repetir sua velha máxima: "Está bem configurado. Existe uma candidata das bases do partido e um candidato das direções".

Ela aproveitou para refutar a tese de que Mercadante deveria ser o candidato, por uma dívida política. "Se ele abdicou de candidatura ganha a deputado federal para ser vice na chapa de Lula em 94, me candidatei ao Senado a pedido do partido. Venceria como deputada".

A ex-prefeita afirmou que não se preocupa com o "arrastão" nas casas dos filiados que o grupo de Mercadante prepara. "O meu arrastão é mais antigo", disse ela.

Mas, na verdade, ela busca mobilizar suas bases nos bairros, porque a

ala que a apóia acredita que quanto maior for o colégio eleitoral, maior a sua chance de vitória.

Mercadante não perdeu a chance de retrucar: "O arrastão dela é antigo, só que ela ficou nos últimos anos sem visitar as bases e agora tem de correr contra o tempo".

Antes de deixar a favela, os dois petistas procuraram evitar que essa rivalidade acabe com a unidade do partido na eleição para valer, a 3 de outubro.

"Quem apostar no racha, vai quebrar a cara", disse Mercadante. Erundina mandou recado semelhante: "O PT é o único partido que tem coragem de assumir disputa para fazer uma escolha.

As farpas jogadas na favela Heliópolis eram o aquecimento do debate que fariam na Vila Prudente ontem à noite."

A matéria acima mostra que, nem sempre, os jornais são tão objetivos assim. Ela é tendenciosa porque:

1. Começa com uma afirmação muito particular do repórter. Dizer que os pré-candidatos à Prefeitura de São Paulo pelo PT roubaram a cena implica em saber para qual público: moradores da favela ou imprensa? Certamente a imprensa se voltou para as declarações dos políticos, enquanto membros do MST continuaram o cadastramento. Mas não dá para saber ao certo, porque o repórter sonegou essa informação.

2. O repórter acusa Erundina e Mercadante de cometerem atos demagógicos preenchendo a ficha de cadastramento do MST. Ora, é sabido que o PT, como único partido que emergiu da classe trabalhadora, sempre apoiou o movimento pela reivindicação da terra. A atitude dos pré-candidatos é coerente com a orientação do partido. Demagógico seria o político de partidos como o PFL, por exemplo, que agisse da mesma forma. Mas tal político, certamente, não seria tão duramente criticado por um repórter tendencioso.

Sugestão

Lista 1

Sugestão de perguntas que o professor pode fazer à classe para definir as características principais dos três gêneros jornalísticos

Sobre textos informativos:

1. Como é a abertura (lide ou frase de efeito)?
2. Qual é o assunto?
3. Quem são os entrevistados? Eles representam os diversos lados da questão?
4. O texto traz dados como datas, locais, distâncias etc?
5. Há presença de adjetivos? Quais?
6. É assinado? Quem é o autor?

Sobre os textos interpretativos

1. Como é a abertura?
2. Quem é o autor?
3. Qual é o assunto?
4. Quais são as informações dadas?
5. O autor emite sua opinião? Qual é sua opinião? Que argumentos ele apresenta para defender seu ponto de vista?
6. Qual é a conclusão do autor?
7. O texto tem adjetivos? Quais?

Sobre o texto opinativo

1. Qual é o assunto?
2. Quem é o autor?
3. Que informações o texto traz?
4. Qual a opinião do autor? Que argumentos ele utiliza para defender seu ponto de vista?
5. Qual é a conclusão do autor?
6. O texto tem adjetivos? Quais?
7. Vem em tipo diferente?

anotações do professor



Olho vivo

As atividades com o texto exigem do professor um tempo maior de preparo da aula. É preciso ler diversos jornais, comparar e separar textos adequados para os exercícios. Os fatos políticos de repercussão nacional costumam ganhar espaço nas reportagens, artigos, colunas e editoriais de diversos jornais e revistas. E o professor deve estar atento para selecionar aquilo que convenha à sua aula. A pesquisa é trabalhosa, mas certamente trará resultados pedagógicos significativos.

Proposta de atividades

1. Fazer uma breve exposição sobre os gêneros jornalísticos, suas características e em que lugares do jornal podem ser encontrados (não mais que 10 minutos);
2. Separar textos nos três gêneros jornalísticos descritos e fotocopiar para os alunos. O professor pode pedir para que alguns alunos leiam o texto em voz alta, enquanto a classe acompanha a leitura;
3. Evidenciar as características dos três gêneros nos textos escolhidos, fazendo perguntas aos alunos (**lista1**); à medida que os alunos respondem, o professor anota as características na lousa e os alunos copiam no caderno;
4. Pedir aos alunos que façam um relatório de tudo o que aprenderam.

O debate

Separar textos, nos diferentes gêneros jornalísticos, que tratam de um mesmo assunto (privatização, reforma agrária, corrupção etc), de diversos jornais. Distribuir os textos aos alunos, que fazem uma leitura silenciosa. Com o auxílio do professor, os alunos organizam um resumo do texto lido, delimitando o tema, as informações contidas, a opinião do autor (no caso de textos opinativos), a conclusão (no caso dos textos interpretativos e opinativos). A aula será mais produtiva se os textos trouxerem opiniões claramente contrárias. A seguir, cada aluno ou equipe expõe as informações do seu resumo e o professor estimula a classe a refletir sobre o assunto e tirar suas próprias conclusões. A seguir, cada aluno faz um texto curto informativo sobre o debate e outro opinativo;

A quebra do mito

Como foi feito nesta ficha, localizar no jornal textos que deveriam ser objetivos, mas que tendem para uma determinada posição.

A ficha 4 recebeu críticas dos professores, que a consideraram muito complexa, até mesmo para alunos do Ensino Médio. E, de fato, esta não é uma unidade “bem resolvida”, já que propõe uma tarefa, mas não disponibiliza para o professor, de maneira eficiente, os instrumentos necessários. Isso porque a análise, como se pretende aqui (distinguindo textos informativos de interpretativos e de opinativos), deveria, certamente, recorrer a instrumentos da lingüística, o que é tarefa muito exigente para os estudantes de 5ª a 8ª série (e até mesmo para o professor de Português, na maioria dos casos). Assim, o método proposto ficou vago e, como consequência, é pouco provável que as atividades sugeridas alcancem os objetivos propostos.

Torna-se necessário, então, propor outra abordagem para a leitura crítica dos textos de cada caderno. A saída encontrada foi substituir a leitura dos gêneros pelo conhecimento do percurso de produção da notícia, do fato até a publicação, e dos mecanismos que o jornalista usa para colher e apurar informações. Assim, mesmo sem recorrer a conhecimentos mais complexos, a ficha mostra ao estudante que é sempre conveniente desconfiar dos textos. São objetivos desta unidade, portanto, desmontar para o estudante a estrutura de produção da notícia e favorecer a leitura crítica das matérias.

A rotina do jornal é sempre a mesma. Pela manhã, a equipe responsável pelas pautas se reúne e discute quais assuntos vão ser destaque na edição que o leitor vai receber no dia seguinte.

Evidentemente a pauta não precisa ser seguida à risca. Assim, caso surjam acontecimentos significativos, nada impede que o repórter opere mudanças na definição inicial da pauta.

Sempre que entrevista alguém para obter informações, o repórter precisa "ficar esperto" porque os entrevistados certamente conhecem o tema em questão mas também têm interesses particulares que, não raro, tentam "vender" ao jornalista.

Assim, para que a matéria seja o menos parcial possível, é preciso cruzar dados e checar informações, para que o texto final seja o mais isento e abrangente possível. Mas nem sempre o jornalista consegue tal resultado, e, aí, o leitor é que precisa "ficar esperto".

É preciso manter sempre “a pulga atrás da orelha”, verificando cuidadosamente a orientação dada ao mesmo assunto em diversos jomais e observando quais são as fontes de

informação utilizadas por cada veículo. Para compreender melhor a situação, leia o relato do jornalista Clóvis Rossi.

“(…) Durante a greve dos operários metalúrgicos do ABC paulista, em abril/maio de 1980, a Volkswagen do Brasil distribuiu aos jornais, pelo telex, um comunicado informando que retomara, naquela data, a produção de veículos, fornecendo, inclusive, os números de carros de cada marca produzidos. Os jornais engoliram, na sua esmagadora maioria, a informação, que contrastava com os dados fornecidos pelos grevistas, segundo os quais, as linhas de montagem de todas as indústrias automobilísticas situadas na região continuavam paralisadas, em função do grande contingente de operários que aderira à greve. Entre a informação de um grupo de operários que sequer dispunha de seu sindicato (então já sob intervenção federal) e de seus líderes mais conhecidos (presos no Departamento Estadual de Ordem Política e Social) e a informação de uma empresa poderosa, com grande aparato de comunicação, optou-se por esta, sem nenhum questionamento. Só no dia seguinte é que os repórteres que cobriam a greve in loco, decidiram checar diretamente a informação. Apesar da oposição dos assessores de imprensa da

Volkswagen, conseguiram entrar na fábrica. E viram e fotografaram as máquinas paradas, um ou outro operário dormindo em plena linha de montagem, por falta do que fazer, ante a ausência maciça nesse setor que, como o nome diz, é uma linha contínua, que só funciona quando cada subsetor está trabalhando normalmente."

(ROSSI, Clóvis. *O que é jornalismo*. 8 ed. São Paulo: Brasiliense, 1988)

- Conhecer o percurso do fato até virar notícia;
- refletir sobre os problemas da pauta jornalística;
- conhecer as fontes de informação.

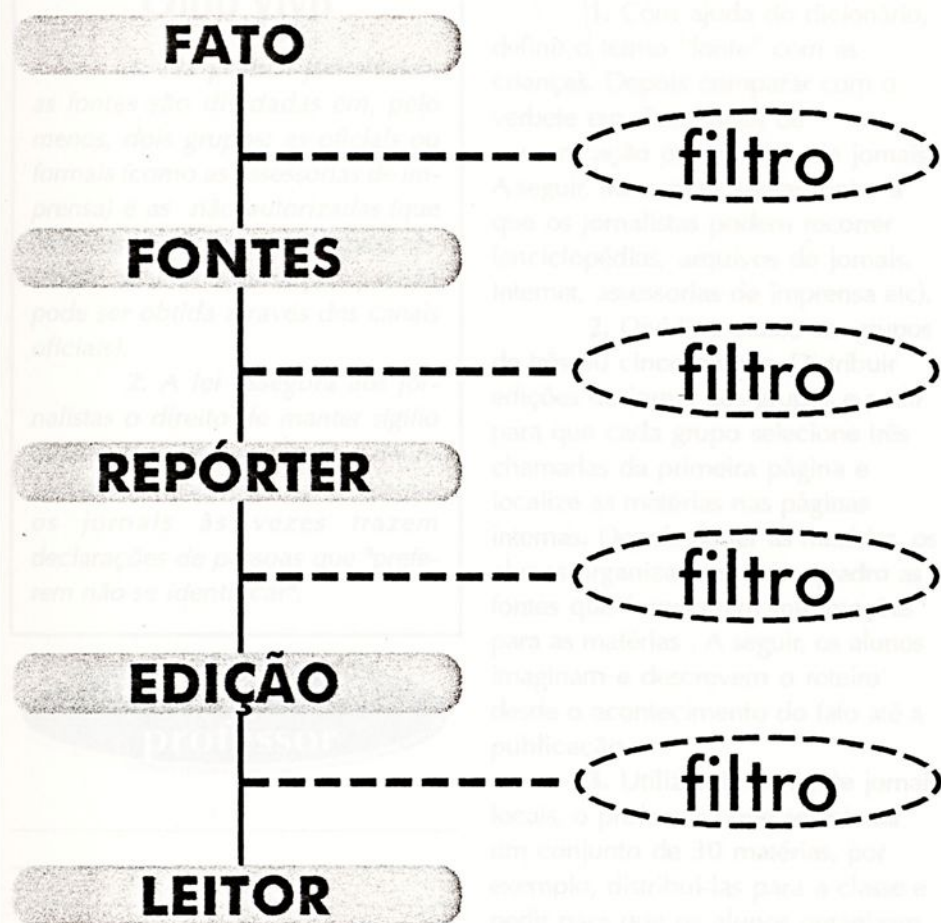
Edições completas de dois ou três jornais diferentes do mesmo dia, pape sulfite, cola e tesoura

Conhecer a primeira página e a segmentação em cadernos

aulas

anotações do professor

Percurso do fato até a notícia impressa



Exemplos de fontes de informação para os jornalistas

- Assessorias de imprensa de empresas, entidades e órgãos públicos
- Rádio e TV (que noticiam os fatos imediatamente, cabendo ao jornal aprofundar a questão no dia seguinte)
- Documentos como enciclopédias, arquivos de museus, bibliotecas, atas de reuniões, Internet etc
- Agências nacionais e internacionais de notícia, como a Agência Folha, a Agência Estado, a inglesa Reuters, a francesa France Press e a norte americana Associated Press
- Pessoas envolvidas nos fatos e o público leitor, em geral, que pode ligar para a redação e sugerir pautas ou dar informações

O ditado popular "cada cabeça, uma sentença" cabe muito bem no jornalismo. Observe o quadro acima e veja como é sinuoso o caminho do fato ocorrido até a matéria impressa no jornal.

Em primeiro lugar, o repórter nem sempre tem acesso ao fato "puro". A única forma que ele tem de colher informações é recorrendo às fontes que podem, perfeitamente, ocultar dados e destacar outros, por qualquer motivo, "filtrando" o fato.

O próprio repórter também acaba filtrando o fato, mesmo que não o tenha planejado. De fato, ele é uma pessoa comum, que tem uma história de vida particular e limitações inevitáveis para uma pessoa.

Depois de pronta, a matéria já passou por pelo menos dois filtros, e se prepara para encarar o terceiro: a edição. Isso porque a maioria dos jornais tem um estilo padrão tanto na linguagem quanto no aspecto gráfico, e a matéria precisa ser encaixada nos

moldes. Assim, por exemplo, se o enfoque dado pelo repórter é muito alarmista, e o editor acha que não precisa ser desse jeito, a matéria será refeita. Ou, por outro lado, se a matéria ficou com 130 linhas e só há espaço para 80, o repórter terá de cortar boa parte das informações que, no final, serão songadas ao leitor. O lugar da página escolhido para publicar a matéria é outro filtro da edição. Se o texto for colocado no alto, com título grande, certamente será lido por um número maior de pessoas. Se, ao contrário, for colocado em um cantinho, no fim da página, com título pequeno, menos pessoas irão enxergá-lo e ele não terá tanta importância. E assim por diante.

Mas, mesmo depois da matéria impressa, o fato não está livre dos filtros. O próprio leitor acaba recortando mentalmente as informações para formar a opinião final sobre o fato. Assim, por exemplo, se um determinado político de

esquerda é criticado por um jornal conservador, um leitor menos informado pode concordar prontamente com a crítica. Outro, talvez, tenha lido um texto em outro jornal, menos conservador, elogiando o político, e ao ler o texto crítico, vai filtrar as informações e pode não concordar com as ressalvas feitas.

Mas os filtros não devem ser entendidos como pilantragem de jornalistas. Na verdade, é impossível ao jornalista fazer uma matéria "pura", sem influência de filtros. Ele vai precisar entrevistar pessoas, que nem sempre vão falar a verdade, a matéria nem sempre poderá ser publicada na íntegra, já que o jornal tem espaço limitado etc. É claro que algumas manipulações são intencionais, mas, via de regra, há o cuidado com a objetividade. A saída, portanto, é o leitor estar consciente do problema e nunca confiar cegamente naquilo que lê nos jornais.



Olho vivo

1. Na prática jornalística, as fontes são divididas em, pelo menos, dois grupos: as oficiais ou formais (como as assessorias de imprensa) e as não-autorizadas (que às vezes são fundamentais para obtenção de uma informação que não pode ser obtida através dos canais oficiais).

2. A lei assegura aos jornalistas o direito de manter sigilo quanto às fontes ou a origem de informações recebidas. É por isso que os jornais às vezes trazem declarações de pessoas que "preferem não se identificar".

anotações do professor

Proposta de atividades

1. Com ajuda do dicionário, definir o termo "fonte" com as crianças. Depois comparar com o verbete em dicionários de comunicação ou manuais de jornais. A seguir, listar quais são as fontes a que os jornalistas podem recorrer (enciclopédias, arquivos de jornais, Internet, assessorias de imprensa etc).

2. Dividir a classe em grupos de três ou cinco alunos. Distribuir edições do jornal aos grupos e pedir para que cada grupo selecione três chamadas da primeira página e localize as matérias nas páginas internas. Depois de ler as matérias, os alunos organizam em um quadro as fontes que forneceram informações para as matérias. A seguir, os alunos imaginam e descrevem o roteiro desde o acontecimento do fato até a publicação.

3. Utilizando somente jornais locais, o professor pode selecionar um conjunto de 30 matérias, por exemplo, distribuí-las para a classe e pedir para que os alunos organizem os textos em dois grupos: matérias que são feitas na cidade e matérias que vêm de agências. A seguir, os alunos avaliam quais são os assuntos de cada grupo de textos e tentam

explicar porque são aqueles assuntos que estão em cada grupo (por exemplo, um fato ocorrido no Japão, certamente não tem como ser apurado por um repórter local. Assim, provavelmente, deve vir de uma agência internacional).

4. Distribuir jornais do mesmo dia às equipes e destacar um caderno para cada equipe. Os alunos devem listar as fontes de informação de cada caderno. A seguir, cada grupo comenta quais são as fontes do seu caderno e tentam explicar porque aquelas fontes são utilizadas e não outras (por exemplo, os cadernos de noticiário local certamente não têm matérias de agência. Já os cadernos de cultura devem mesclar matérias locais com matérias de agência e os cadernos de noticiário internacional são feitos, quase que exclusivamente, com matérias de fora).

5. Selecionar matérias investigativas e destacar as fontes utilizadas e os argumentos de cada uma. Os dados podem ser organizados em duas áreas: acusações X defesa, listando o nome dos entrevistados, a função de cada um e os argumentos dados.

Como os jornais tratam as fontes

O jornal Folha de S. Paulo distingue quatro tipos de fontes, e as informações obtidas em cada uma delas exigem procedimentos diferentes antes da preparação do texto final. Assim, as fontes tipo zero, as mais confiáveis de todas, são documentos escritos ou gravados, como enciclopédias renomadas, documentos emitidos por instituições com credibilidade e vídeos. As informações das fontes tipo zero normalmente não são confirmadas com outras fontes.

Já as fontes tipo um são pessoas com histórico de confiabilidade, têm conhecimento de causa, e não têm interesses imediatos na divulgação. Neste caso, via de regra, as informações são publicadas sem checagem com outra fonte.

As fontes tipo dois têm todos os atributos da fonte tipo um, menos o histórico de confiabilidade. Portanto, as informações devem ser checadas com, pelo menos, mais uma fonte.

As fontes tipo três são as de menor confiabilidade. Em geral são pessoas bem-informadas, mas têm interesses pessoais na publicação das informações prestadas. Neste caso, a Folha utiliza as informações prestadas como sugestão de pauta ou as publica nas colunas de bastidores, com a indicação explícita de que ainda se trata de rumor.

(Fonte: FOLHA DE S. PAULO. Novo Manual da Redação. 2 ed. São Paulo: Folha da Manhã S.A., 1993)

Os apontamentos da ficha 5 foram recebidos com entusiasmo pelas professoras. A possibilidade de usar charges e quadrinhos (que elas tinham e usavam) para estimular a leitura de textos de jornal foi considerada positiva nas aulas. O grupo ressaltou, no entanto, que o estímulo à produção de charges e quadrinhos não se responsabiliza (e) por melhor ou pior da Educação Artística. De fato, algumas atividades de ficha são intencionalmente e devem alcançar outros pontos como o caso Ciências (no caso do estudo do fenômeno físico de produção de imagens, por exemplo, ou Educação Artística (como no caso das charges e dos quadrinhos).

A leitura de charges é, inclusive, recomendada por Parâmetros Curriculares Nacionais (1998: 54 - 123). Elaboração pelo MEC e a intenção deve ser laçada. Entretanto, cabe aqui destacar um episódio no texto: a de charges de quadrinhos com aspectos de língua verbal, porém, é comum encontrar charges que apresentam a visão crítica de uma sociedade, sem se recorrer a uma só palavra - entre elas aquelas que a leitura e produção de desenhos artísticos através de linguagem verbal e visual. A intenção de trabalhar com a linguagem verbal e visual nas aulas de Educação Artística, mas não em conjunto, nas duas disciplinas.

A intenção maior de apresentar a ficha é mostrar ao professor a diversidade de linguagem presente no jornal e a importância do papel e da leitura das charges -- que, por vezes, manifestam-se de forma mais crítica que alguns artigos, por exemplo.

Além de trabalhar a linguagem verbal e visual nas aulas, a intenção é trabalhar a linguagem e a leitura das charges. O ponto é que para a produção das charges foram mais de 100 no total, que no estudo do desenho também foi considerado e no final a ficha foi vista como um ponto de partida para a produção de charges com o uso de Walt Disney e as histórias de produção brasileira com o uso de charges e de linguagem verbal e visual, social e cultural, como, por exemplo, a obra de artistas como Mafalda, Luma, Glauco, Angeli etc.

Apenas uma correção foi feita. O significado da palavra charge, antes explicada como sendo originada no verbo francês charge (carregar, carga), corrigiu-se para incorporear. Por sugestão de algumas examinadoras, durante a qualificação, termos (além de fazer referência ao "carregado" incorporear com o significado (da mídia) também tem-se para a prática de se "carregar nas tintas". Isto é, o charge não é apenas de fatos e de comportamento das pessoas retratadas no desenho. Por isso ter sido dada maior importância, segundo a versão final foi incluída.

FICHA 5

Os objetivos da ficha número 5 foram recebidos com entusiasmo pelos professores. A iniciativa de usar charges e quadrinhos (que atrai muito a atenção dos estudantes) para estimular a leitura de textos do jornal foi considerada novidade nas aulas. O grupo ressaltou, no entanto, que o estímulo à produção de charges e quadrinhos dever ser responsabilidade do professor de Educação Artística. De fato, algumas atividades da ficha são interdisciplinares e devem envolver outros professores como Ciências (no caso do estudo do fenômeno físico de projeção de imagens, por exemplo) ou Educação Artística (como no caso das charges e dos quadrinhos).

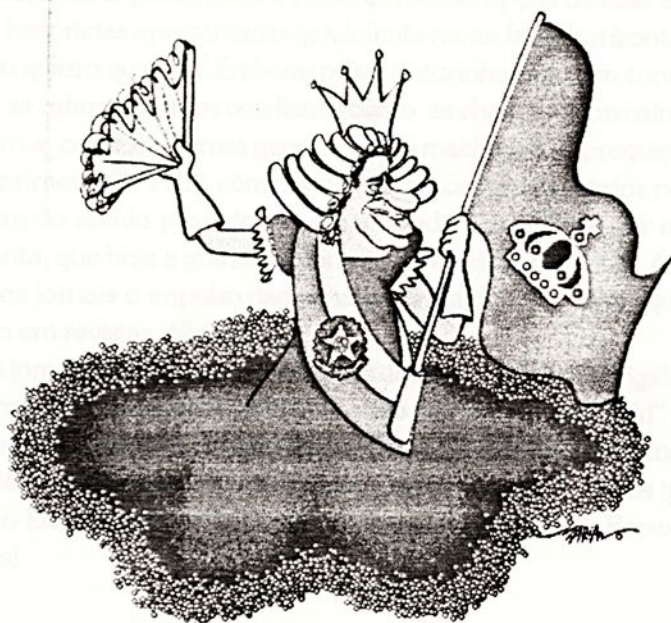
A leitura de charges é, inclusive, recomendada nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998: 54 - vol. 2) editados pelo MEC e a iniciativa deve ser louvada. Entretanto, cabe aqui destacar um equívoco no texto: lá as charges são classificadas como suportes de leitura verbal, porém, é comum encontrar charges que transmitem a visão crítica do autor com clareza, sem se recorrer a uma só palavra escrita. Isto quer dizer que a leitura e a produção dos desenhos envolve diversos atributos e não deve ser tratada exclusivamente nas aulas de Português, nem tampouco somente nas aulas de Educação Artística, mas sim em conjunto, nas duas disciplinas.

A intenção maior da presente unidade é mostrar ao estudante a diversidade de linguagens presentes no jornal e evidenciar o papel informador das charges — que, por vezes, manifestam-se de forma mais crítica que alguns artigos, por exemplo.

Assim, os conteúdos selecionados na ficha procuram mostrar ao estudante a natureza e a função das ilustrações. O passo-a-passo para a produção das ilustrações (com mais ênfase no conteúdo que no estilo do desenho) também foi sistematizado e, no final, a ficha faz rápida abordagem do papel ideológico de quadrinhos como os da Walt Disney e a importância de produções brasileiras com olhar crítico sobre a nossa realidade econômica, social e cultural como, por exemplo, a obra de cartunistas como Henfil, Laerte, Glauco, Angeli etc.

Apenas uma correção foi feita. O significado da palavra *charge*, antes explicada como tendo origem no verbo francês *charger* (lançar carga, carregar) foi incrementado. Por sugestão da banca examinadora, durante a qualificação, termo (além de fazer referência ao “torpedo” impresso com alvo definido pela mídia) também remete para a prática de se “carregar nas tintas”, isto é, o cartunista ressaltar defeitos físicos e de comportamento das pessoas retratadas no desenho. Por não ter sofrido mudanças significativas, somente a versão final foi incluída no corpo do presente trabalho.

CHARGES E QUADRINHOS



Objetivos

- observar a diversidade de linguagens existentes no jornal;
- interpretar charges e quadrinhos como fontes de informação e não apenas ilustração;
- estimular a leitura de textos a partir dos desenhos;
- estimular a expressão através de charges e quadrinhos

MATERIAL NECESSÁRIO

Charges e quadrinhos de jornais e revistas, papel sulfite, cola, tesoura, lápis e borracha

Pré-requisitos

Conhecer o assunto ao qual as charges e quadrinhos se referem. As atividades com charge são adequadas para alunos de 7ª e 8ª séries. Quadrinhos podem usados com todas as turmas

TEMPO NECESSÁRIO

_____ aulas

São características da charge

- O uso de elementos da caricatura na composição dos personagens - as pessoas representadas têm características grotescas e cômicas; o chargista exagera ou simplifica os traços, acentuando de maneira desproporcional um ou outro traço característico (físico ou psicológico) da pessoa que é representada, provocando, com isso, o riso do leitor;
- Personagens em situações impossíveis, típicas do desenho animado (um trator entrando numa sala, por exemplo);
- Exagero nas atitudes (como saltar no colo de uma pessoa quando se está feliz);
- Os personagens são sempre seres humanos.

A palavra "charge" vem do francês *charger* (lançar carga, carregar). É um desenho humorístico que tem por objetivo criticar um fato ou acontecimento específico, geralmente de natureza política. A fim de obter o máximo em expressividade, o chargista costuma "carregar nas tintas", isto é, supervaloriza defeitos físicos e de comportamento que julga possuírem as personagens de seus desenhos.

Para compreender a mensagem da charge, o leitor do jornal deve, quase sempre, conhecer o contexto ao qual ela se refere. O chargista precisa, então, procurar abordar assuntos do momento, de preferência que estejam nas páginas do jornal do dia. A mensagem contida na charge tem caráter crítico e interpretativo e, em alguns jornais, tem o mesmo peso de um editorial, sendo intérprete do pensamento do veículo que a publica. Além de ilustrar o jornal, a charge também deve ser considerada fonte de informação, muitas vezes mais crítica que textos.

A localização das charges varia em cada impresso. A *Folha de S. Paulo*, por exemplo, publica suas charges na página 2, junto com os editoriais (o espaço destinado à opinião), assim também o faz o *Jornal da Cidade*. O *O Estado de S. Paulo*, costuma publicar as suas charges na primeira página, como o *Jornal da Tarde*.



À esquerda, charge de Angeli sobre a aprovação da emenda da reeleição. Abaixo, charge de Jaguar sobre a "fama" do político Paulo Maluf



Charges extraídas do site
<http://www.rionet.com.br/~mariano/>

Os quadrinhos

A função dos quadrinhos no jornal é oferecer opção de lazer ao leitor. As tiras trazem historietas apresentadas geralmente numa faixa horizontal, composta por três ou quatro quadros. Embora muitas historinhas tenham conotação crítica, elas não se referem a fatos cotidianos como as charges. Normalmente, as tiras se limitam a contestar temas gerais como o machismo, a preguiça, etc.

As primeiras tirinhas cômicas surgiram nos jornais diários norte-americanos, no fim do século passado. A receptividade dos leitores por esse tipo de humor foi tanta, que hoje a grande maioria dos impressos traz HQs. Assim, pode-se atribuir aos jornais o impulso dado a essa forma de expressão, que hoje ganhou espaço em revistas, álbuns etc.

Nos jornais brasileiros, encontramos desde quadrinhos dirigidos ao público infantil, como a "Turma da Mônica" (Maurício de Souza) e "Garfield" (Jim Davis), passando pelos quadrinhos destinados ao público adolescentes como "Los três amigos", "Rê Bordosa" etc (do trio Laerte, Glauco e Angeli), até os tipicamente adultos como Ed Mort (Luiz Fernando Veríssimo), Hagar (Dilk Browe) e Dilbert (Scott Adams).

Jornal da Cidade, 9/2/97



As charges e quadrinhos são subdivisões do "cartum" - como são chamadas as narrativas humorísticas na forma de desenho. O termo vem do inglês "cartoon", que se refere a um pequeno projeto desenhado em escala para depois ser ampliado e reproduzido em mural ou tapeçaria. A expressão com o sentido que tem hoje nasceu em 1841, nas páginas da revista inglesa "Punch", a mais antiga revista de humor do mundo. Na maioria dos países, as anedotas gráficas são chamadas de "cartoon", sem correspondente na língua local. No Brasil, o neologismo "cartum" foi lançado pelo cartunista Ziraldo, na revista "Pererê", em 1964.

(fonte: Rabaça C. A. e Barbosa G. *Dicionário de Comunicação*. São Paulo, Ática, 1995)

Características dos quadrinhos

- Nos jornais, contam a história em no mínimo dois e no máximo quatro quadrinhos;
- os personagens podem ser seres humanos, animais, ou seres fantásticos (como o "Homem-catraca" do Angeli, por exemplo);
- o traço é estilizado;
- podem ou não ter textos;
- utilizam onomatopéias;
- utilizam trocadilhos verbais ou visuais;
- provocam o riso do leitor fazendo críticas mordazes ao comportamento do ser humano, aos seus hábitos, fraquezas e valores ideológicos. Até mesmo os personagens fantásticos como animais e robôs assumem fragilidades humanas.



Olho vivo

Para desenvolver atividades com charges, reúna também textos sobre os assuntos aos quais os desenhos se referem. Caso contrário, os alunos podem não entender a mensagem.

Para as atividades com quadrinhos, reúna, pelo menos, 10 ou 15 tiras de cada personagem.

Para produzir uma HQ...

Siga os seguintes passos:

1. Defina as características físicas (sexo, idade, estatura, cor dos cabelos, estilo da roupa etc) e psicológicas (medroso, comilão, sonhador, romântico, contestador etc) dos personagens.

2. Elabore o enredo: defina o tema, o que vai no começo, no meio e no fim da historinha. É muito comum usar este trocadilho: no primeiro quadrinho um evento corriqueiro, no segundo uma

continuação desse evento e, no terceiro, algo inesperado, mas que tenha alguma relação com os quadrinhos anteriores e que esteja de acordo com as características dos personagens. Veja o exemplo da tirinha do cartunista Maurício de Souza acima. O segundo quadrinho sustenta a "norma-lidade" do primeiro. E o terceiro rompe o equilíbrio, provocando o riso.

3. Faça um esboço dos desenhos e coloque os diálogos.

4. Prepare o desenho final, usando lápis de cor, canetinha etc.

Essa atividade pode ser feita em equipe: algumas pessoas definem personagens e características, outras criam o enredo, quem tiver habilidade pode fazer os desenhos, quem tiver letra adequada pode escrever os diálogos nos balões etc.

A ideologia dos quadrinhos

Assim como os jornais, os quadrinhos também surgiram com o advento da cultura de massa e trazem na sua essência a ambigüidade desses fenômenos: ao mesmo tempo que informam, alienam.

De fato, os quadrinhos são forma de expressão complexa: têm a função de entretenimento, estimulam a imaginação (principalmente das crianças em idade escolar) e têm importante papel estético, já que se constituíram numa nova linguagem, diferente do texto, da fotografia, da pintura ou do cinema. A análise dos quadrinhos pode ser feita em diversas perspectivas, mas vamos nos deter na relação dos conteúdos das HQs com a realidade social. E, desse ponto de vista, a maioria dos quadrinhos que nossos alunos lêem desempenham importante papel na solidificação da ideologia (que aqui significa o sistema de valores que oculta a

realidade social).

Partindo da ótica proposta, podemos observar que:

□ na maioria dos quadrinhos, a vida cotidiana dos personagens se desenrola à parte do mundo do trabalho;

□ as classes populares raramente são representadas nas histórias; na maioria dos casos são os cidadãos das classes médias e altas que recheiam os enredos;

□ a sociedade é apresentada como uma, estática e harmônica, sem divergências de classe;

□ não há, nas HQs, espaço para o projeto de vida; é o destino que conduz a vida dos personagens;

□ A luta entre o vilão e o mocinho se reduz a conflitos morais, não há referência a problemas sociais e políticos. Quando o bem vence o mal e a ordem volta a ser estabelecida, ninguém

questiona a origem desta ordem, que nada tem de natural. Antes está estruturada para favorecer a classe social dominante;

□ Nos gibis da Walt Disney, por exemplo, é muito comum a história dos heróis norte-americanos, como a turma do Pato Donald, que vêm para os países tropicais em busca de um tesouro e são recebidos com hostilidade pelos nativos "maus". Mas eles sempre encontram os nativos "bons" que os ajudam a encontrar o tesouro e levá-lo para o seu país de origem...

A alternativa para essa "pregação ideológica" está em alguns quadrinhos brasileiros de cartunistas como Henfil, Chico Caruso, Paulo Caruso, Guidacci, Mariano, Glauco, Laerte e Angeli etc. Esses artistas têm a preocupação de resgatar a realidade nacional nas suas tiras, e promover o questionamento de temas de interesse da população.



Folha de S. Paulo, 27/01/97



Folha de S. Paulo, 31/01/97



Folha de S. Paulo, 30/12/96

Proposta de atividades

Usando charges

Monte um arquivo com, pelo menos, 15 charges de cada autor (por exemplo, Laerte, Glauco e Angeli do jornal *Folha de S. Paulo*). Reproduza os desenhos em fotocópia para os alunos.

1. Faça perguntas à classe para que, juntos os alunos tracem as características principais das charges como o estilo do traço (simplificado ou rebuscado), a presença ou não de texto escrito, o uso ou não da cor, a presença da caricatura (quem é a personagem e que aspectos físicos e psicológicos são salientados pelo chargista - compare o desenho com uma foto do personagem - se ele for real). À medida que os alunos respondem, o professor anota os dados na lousa.

2. Faça um estudo crítico do conteúdo das charges. Primeiro, selecione textos do jornal que tragam informações sobre as charges escolhidas. Depois que os alunos estiverem informados sobre os acontecimentos relatados nas charge, é hora de avaliar os conteúdos dos desenhos: quem são as pessoas retratadas? Qual o papel dessas pessoas na sociedade? Elas cumprem o seu papel? Qual é o caráter dessas pessoas na visão do chargista? Os alunos concordam com essa visão? Que crítica o autor faz do personagem? A crítica procede? Novamente, o professor anota os dados na lousa. Depois, com auxílio das informações que o professor anotou, os alunos preparam um relatório sobre o que aprenderam.

3. Recorte matérias de jornais, ou comente assuntos que estejam em debate na mídia, ou ainda converse sobre um problema da classe, um acontecimento da escola etc, e estimule os alunos a produzir suas próprias charges sobre esses assuntos. Quem não tiver habilidade para o desenho pode criar idéias que serão expressas pelos alunos que tiverem facilidade em desenhar.

4. Os alunos podem montar

um álbum de charges, colando-as num caderno de capa dura. Junto com a charge, deve-se produzir um pequeno texto que traga as principais informações sobre o assunto retratado nos desenhos. O álbum pode ficar na biblioteca para posterior consulta.

Usando quadrinhos

Monte um arquivo com mais ou menos 15 tiras de cada personagem. Distribua os desenhos em fotocópias para os alunos.

1. Faça a caracterização dos personagens: qual o nome deles? São seres humanos ou seres fantásticos? Quais são suas características físicas mais marcantes? E suas características psicológicas? Onde ele(s) vive(m)? quais são seus gostos? Em que situações ele(s) está(ão) envolvido(s)? À medida que os alunos respondem, o professor anota os dados na lousa. Depois cada estudante prepara um texto curto informativo sobre o personagem avaliado;

2. Escolha tiras representativas, apague os diálogos e peça para que os alunos criem novos diálogos para as historinhas;

3. Incentive os alunos a produzir seus próprios quadrinhos. Siga os passos sugeridos no quadro da página anterior.

4. Produza álbuns com quadrinhos de um mesmo personagem publicados na imprensa. É só reunir jornais velhos, recortar as tiras e colar num caderno de capa dura. Os álbuns podem ficar na biblioteca da escola para posterior consulta.

5. Faça uma avaliação crítica observando se as tirinhas apresentam ou não as características destacadas no texto sobre a ideologia dos quadrinhos. Com o auxílio do professor, os alunos podem montar o álbum dividindo os quadrinhos em "críticos" e "não-críticos", produzindo um texto introdutório que explique o mecanismo de divisão.

anotações do professor

Relativamente simples, a ficha 6 não sofreu alterações. Com efeito, o diploma pretendido é claro e sempre interpretado da mesma forma, de acordo com as regras estabelecidas nos artigos 1.º e 2.º, como alguns dos artigos de natureza técnica (artigos 3.º a 10.º) e para a definição das regras de interpretação das regras propostas pela Comissão.

Como já foi mencionado no capítulo 4 (página 55), na escola, o signo privilegiado é a palavra escrita, com o advento da comunicação de massa, e a comunicação rápida das imagens, a escola também é a única que não tem como fim a comunicação rápida. É não há como equívocos. De fato, a importância da comunicação rápida é a comunicação de imagens, para que elas sejam rapidamente interpretadas e respondidas, e a comunicação de palavras, para que elas sejam rapidamente interpretadas.

FICHA 6

A ARTE NO JORNALISMO

Relativamente simples, a ficha 6 não sofreu alterações. Com efeito, o objetivo principal é chamar a atenção dos professores para a importância da atração estética das artes jornalísticas (ou *infográficos*, como alguns meios de comunicação as chamam ultimamente) e para a dinâmica peculiar da leitura não linear proposta pela ilustração.

Como já foi ressaltado no capítulo 4 (página 68), na escola, o signo privilegiado é a palavra escrita mas, com o advento da comunicação de massa, e a disseminação maciça das imagens, a escola começou a não saber como lidar com os novos signos. E não há como rejeitá-los. Daí a importância de atividades exercitem a compreensão de imagens, para que elas sejam rapidamente incorporadas ao repertório escolar e possam ser lidas com criticidade.

Proposta de atividades

■ Interpretar, dentro do gênero, mapas e tabelas.

■ Exercitar o olhar não linear da arte.

■ Estudar a expressão gráfica de artes.

MATERIAL NECESSÁRIO

Artes de diversos jornais e revistas e o jornal e o jornal tipo, borracha, papel, cola e tesoura, lápis de cor, tinta guache, canetinha hidrocor.

PROCEDIMENTO

Conhecer os conteúdos das artes jornalísticas.

TEMPO NECESSÁRIO

1 aula

1. Distribua aos alunos diversos jornais e revistas de arte de jornais e revistas.

2. Analise as características de diversas artes tipo e tamanhos de letras, disposição, uso de cor, volume de texto, e analise as características da imagem, enquanto os alunos fazem sua análise do conteúdo.

3. Avalie com os alunos qual a relação entre o desenho e a mensagem que a arte está tentando transmitir, procure identificar a visão do jornal ao escolher determinado desenho de determinada forma.

4. Com base nas características estudadas, os alunos podem ler matérias de jornais e reproduzir as informações em forma de artes.

5. Ou, ao contrário, peça aos alunos que façam um pequeno texto escrito sob o ponto de vista de informações dadas sob a forma de desenho.

Olho vivo

Trabalhe com os alunos diversos jornais e revistas, de geografia e história, por exemplo, e analise as imagens e textos de artes, tabelas e gráficos. Identifique, através, quantidades e artes para com o professor de Educação Artística.

unesp
UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE SÃO PAULO

FICHA 6

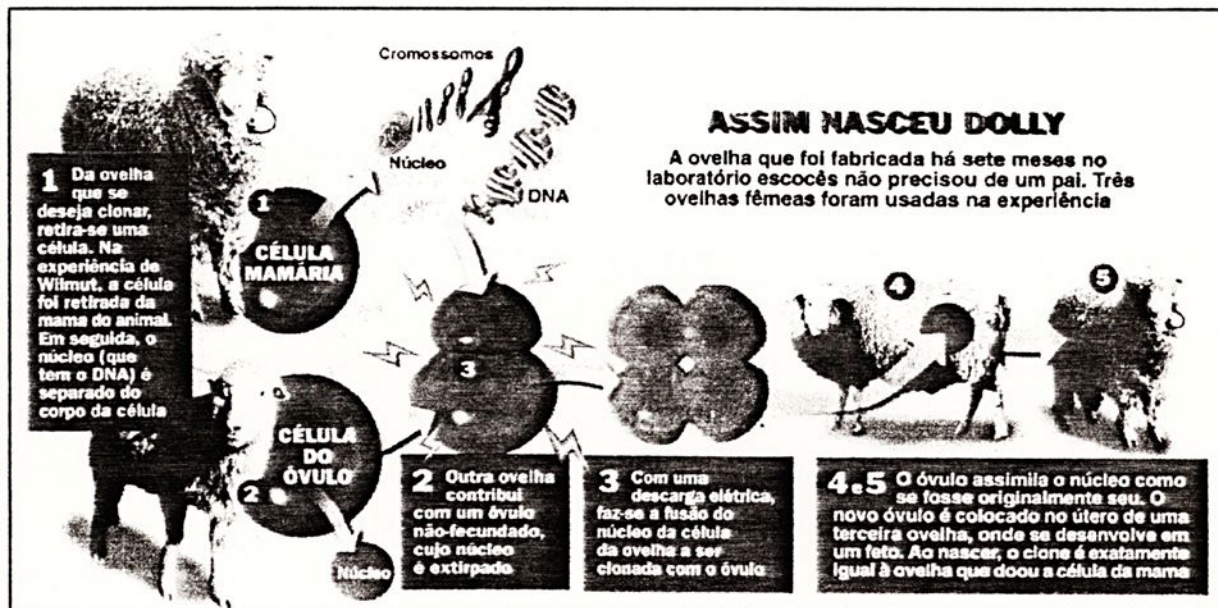
A ARTE NO JORNALISMO

Em comunicação, a arte refere-se ao conjunto de atividades relacionadas à apresentação gráfico-visual de publicações diversas. No jornalismo, especificamente, são as informações apresentadas na forma de tabelas, mapas, quadros e gráfi-

cos, que tornam as páginas mais bonitas e atraentes. Além disso, as artes proporcionam um modo de leitura diferente daquele linear do texto. A tendência do jornalismo é, cada vez mais, utilizar este tipo de mensagem que o aproxima do estilo

da informação televisiva, feita de imagens. Entretanto, se, por um lado, ganha-se tempo com a leitura de artes, por outro, esse mecanismo reduz a quantidade de informações e a possibilidade de aprofundamento na matéria.

Isto é, 5/03/97



Objetivos

- interpretar dados de gráficos, mapas e tabelas;
- exercitar a leitura não-linear da arte
- estimular a expressão através de artes.

MATERIAL NECESSÁRIO

Artes de diversos jornais e revistas em preto e em cores, lápis, borracha, papel, cola e tesoura, lápis de cor, tinta guache, canetinha hidrocor.

Pré-requisitos

Conhecer os assuntos aos quais as artes se referem

TEMPO NECESSÁRIO

_____ aulas

Proposta de atividades

1. Distribua aos alunos diversos exemplos de arte de jornais e revistas;
2. Analise as características dessas artes: tipos e tamanhos de letras, desenhos, uso da cor, volume de texto, e anote as características na lousa, enquanto os alunos fazem suas anotações no caderno;
3. Avalie com os alunos qual a relação entre o desenho e a mensagem que a arte está transmitindo, procure identificar a visão do jornal ao escolher determinado desenho de determinada forma;
4. Com base nas características estudadas, os alunos podem ler matérias de jornais e reproduzir as informações em forma de artes;
5. Ou, ao contrário, peça aos alunos que façam um pequeno texto escrito relativo às informações veiculadas sob a forma de desenhos.



Olho vivo

Temas estudados em outras disciplinas como Biologia, Geografia e História, por exemplo, podem ser expressos na forma de artes. Talvez seja interessante desenvolver charges, quadrinhos e artes junto com o professor de Educação Artística.

anotações do professor

A análise da publicidade na escola rende assunto para um material exclusivo, tal é a complexidade da elaboração de produtos e ideias nos meios de comunicação em geral. Para as aulas em uma unidade do conteúdo, evidentemente, precisam ser os recursos.

A presente unidade enfatiza, portanto, a influência da publicidade na produção da notícia. O objetivo é mostrar aos estudantes "de perto" um poder de decisão na definição de fatos e fatos do jornal e poder a. Indicar, apenas no tratamento dos fatos, equívocos e distorções ou como ligadas à área específica de atuação da empresa. O que se quer, com a ficha número 7, é oferecer ao professor e ao aluno informações para se ler o jornal nas entrelinhas, identificando, por exemplo, as intenções de algumas empresas de grupos econômicos conhecidos como de interesse geral e que, logicamente, estão tornando a escolha de matérias que podem se refletir diretamente nas intenções de mudança dos leitores do jornal.

Assim, as atividades e as atividades propostas se concentram em questões específicas da linguagem. A ficha também faz a distinção entre o anúncio e o editorial, onde encontramos como produtos de empresas e aquele escrito de forma a atingir o leitor a convencer o que está afirmando.

Por não ter sido possível alcançar objetivos além dos 2 citados no cabeçalho, apenas uma versão foi inserida no corpo do trabalho.

FICHA 7

A análise da publicidade na escola rende assunto para um material exclusivo, tal é a complexidade da divulgação de produtos e idéias nos meios de comunicação em geral. Para ser tratada em uma unidade do material, evidentemente, precisou sofrer recortes.

A presente unidade enfatizou, portanto, a influência da publicidade na produção da notícia. O objetivo é mostrar que anunciantes “de peso” têm poder de decisão na definição da linha editorial do jornal e podem, inclusive, opinar no tratamento dos fatos, estejam eles diretamente ou não ligados à área específica de atuação da empresa. O que se quer, com a ficha número 7, é oferecer ao professor e ao aluno informações para se ler o jornal nas entrelinhas, identificando, por exemplo, assuntos do interesse específico de grupos econômicos colocados como de interesse geral (e que, logicamente, estão tomando o espaço de matérias que podem se referir diretamente aos interesses da maioria dos leitores do jornal).

Assim, os conteúdos e as atividades propostas se concentram em questões comerciais da imprensa. A ficha também faz a distinção entre o anúncio e o classificado; este funcionando como prestador de serviços e aquele agindo de forma a aliciar o leitor a comprar o que está anunciado.

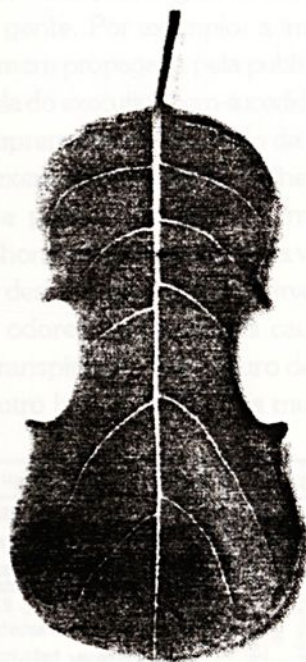
Por não ter sofrido mudanças significativas (além das já citadas no cabeçalho), apenas uma versão foi inserida no corpo do trabalho.

Um rápido exame das páginas dos jornais, mostra que publicidade e matérias travam disputa acirrada pelo espaço das páginas. E, não raro, são os anúncios que vencem a luta.

No entanto, ao ler criticamente a relação entre informação e publicidade, o leitor deve se questionar. Afinal, o que é mais importante: a publicidade ou a informação jornalística? A resposta depende da perspectiva adotada. Vejamos.

Quando uma pessoa decide comprar determinado jornal, ela provavelmente o escolhe por causa da linha editorial, do conteúdo, da profundidade de abordagem dos fatos e até mesmo por causa do aspecto gráfico.

Folha de S. Paulo, 16/03/96



Orquestra
SINFÔNICA
DE BERLIM
*no Parque do
Ibirapuera.*

DIA 17 DE MARÇO
ÀS 16 HORAS.
ABERTO AO PÚBLICO.

Algumas vezes, uma manchete intrigante, ou uma foto impactante podem gerar a decisão de compra. Daí as empresas jornalísticas se preocuparem com o apuro técnico e informativo do seu produto. Muito provavelmente, nenhum leitor escolhe o jornal X porque ele tem maior número de anúncios. Para o leitor, a notícia é mais importante.

Quando um fabricante de algum produto ou um fornecedor de serviço decide oferecer seu trabalho ao público, ele recorre à divulgação nos meios de comunicação, como TV, rádio, revistas e jornais. O anunciante não vai divulgar sua atividade em um jornal que não tenha grandes tiragens ou que não tenha a confiança de um grande número de pessoas (clientes potenciais do anunciante). Para quem anuncia, é importante que as matérias tenham qualidade e que o veículo não tenha número exagerado de anúncios, caso contrário, sua mensagem vai se perder no mar de “compre!”. Para o anunciante, é útil que haja equilíbrio entre as informações e a publicidade.

O jornal precisa do interesse do leitor para alcançar altas tiragens. Por isso seus proprietários devem cuidar da qualidade da notícia. Mas ninguém abre uma empresa jornalística somente para tornar as pessoas mais críticas e informadas. O objetivo principal é o lucro. E o lucro vem do custo do anúncio. Logo, a qualidade jornalística é o meio que garante a elevação do custo do espaço publicitário das páginas. Se mais pessoas lêem, mais caro é o espaço. Assim, o leitor é importante, na medida em que garante bons anunciantes.

Assim, se a direção do jornal tiver de escolher entre favorecer o leitor ou o anunciante, por exemplo, divulgando ou sonegando determinadas informações, certamente quem paga mais é que merece mais atenção.

- avaliar a influência da publicidade na produção da notícia;
- refletir sobre o papel do anúncio na formação do leitor;
- sistematizar diferenças entre o anúncio e os classificados

Anúncios publicados em jornais e revistas, dois exemplares de jornais do mesmo dia para cada grupo de alunos, papel, cola e tesoura.

Conhecer a lógica de organização do jornal. Atividades adequadas para 7ª e 8ª séries

aulas

anotações do professor

A influência da publicidade na ordem social

A publicidade é um mecanismo complexo de venda de produtos materiais ou simbólicos, e envolve mais apelos emocionais que racionais. A razão para tal conduta é simples: se usarem a razão, a maioria das pessoas não compra a metade do que normalmente o faz. E, como vivemos numa sociedade capitalista, de economia de mercado, é essencial que as pessoas comprem muito, todos os dias.

Assim, entre os fatores emocionais (irracionais) que a publicidade invoca para vender, pode-se destacar:

1. O uso da "briga" entre a imagem que o consumidor tem de si e a imagem que quer ter para os outros. Vejamos como acontece. A ideologia (aqui entendida como conjunto de idéias que ocultam a realidade social) cria valores que, embora vazios, racionalmente insustentáveis, são seguidos à risca por muita gente. Por exemplo: a imagem do homem propagada pela publicidade é aquela do executivo bem-sucedido, que tem supremacia no mercado de trabalho e exerce poder sobre a mulher. Não raro, a publicidade utiliza a imagem desse homem "poderoso" para vender desde desodorante - que só serve para evitar odores desagradáveis causados pela transpiração - até seguro de vida. Por outro lado a imagem da mulher é

sempre daquela que cuida da aparência, que se mantém jovem e é sensual. A publicidade transforma a imagem da mulher em objeto sexual, mesmo que seja para vender desinfetante de banheiro. E muita gente compra determinada marca de água sanitária na esperança, ainda que inconsciente, de se parecer com a desejada modelo da publicidade.

2. A criação de "necessidades desnecessárias", já que muitos objetos, que antes seriam completamente inúteis, de repente se transformam em necessidade básica, por causa da publicidade. Um exemplo: o anúncio do ralador de legumes que rala em 20 espessuras diferentes e custa dez vezes mais que um ralador comum que rala em quatro tamanhos diversos...

3. Em geral, a publicidade vende a promessa de satisfação de uma aspiração que extrapola as possibilidades reais do produto. O clássico exemplo é o da publicidade do eletrodoméstico que garante que, se a dona de casa tiver um daqueles, terá mais tempo para si mesma, e poderá curtir férias em uma praia azul e calma como aquela em que a "mulher-modelo" está. Ora, por certo, a maioria das donas de casa do país, se comprar o eletrodoméstico, provavelmente não terá dinheiro para as

férias, ou quando tiver, só será o suficiente para custear estadias em praias populares que, provavelmente, não terão aquela paisagem e calma...

4. A publicidade exerce, então, uma função padronizadora, ditando modelos de comportamento e valores que, na maioria das vezes, são incompatíveis com a condição econômica e social de quem recebe as mensagens. Porque que vivemos numa sociedade onde uma minoria tem muito dinheiro e pode manter um padrão elevado de vida, e a maioria vive mal e é mal paga.

Diferença entre anúncio e classificado

O ANÚNCIO em jornal é mais um dos veículos utilizados para fazer publicidade (como anúncio em rádio e TV, outdoor, mala direta, cartazes, brindes, painéis etc). Anunciar no jornal costuma ser caro e, portanto somente os médios e grandes empresários podem comunicar seus produtos ou serviços através do meio.

Já os CLASSIFICADOS são espaços pequenos que transmitem mensagens telegráficas. Não possuem a complexidade visual e lingüística dos anúncios. As características principais dos classificados são o uso de letras em tamanho minúsculo e a abreviação de palavras para economizar espaço. Os classificados são usados por pessoas, instituições e empresas que querem anunciar em jornais de grande tiragem, mas que não podem pagar os espaços dos anúncios.

Os classificados se aproximam mais da prestação de serviços que da publicidade. Eles anunciam produtos ou serviços de forma objetiva, quase sem usar os artifícios comuns à outra forma de comunicação.

458, V. Hamburguesa. F:832-436

Jornalista.
Fazemos jornais, revistas e jornais de empresas. F: 865-3111

Internet
F: 609-1811

Aulas de Piano
para iniciantes e avançados.
F: 284-8939

Kit Festa. 500 saídas.
F: 609-1811

Strip-tease. Trabalho
F: 609-1811

Detetive. Investigações, pesquisas, comércio e serviços. F: 509-216-217

Investigações.

Agência: Johnny.
F: 832-436

Monografia. Oriento e elaboro em todas as áreas. Serviço eficiente. F: (011) 5591-5495

Telefones

CARPETE DE MADEIRA
* Tabacow * Ita
* Bandelrantes
* Decorflex * Paviflex
* PERSIANAS
* PAPEL DE PAREDE
NACIONAIS e IMPORTADOS

Pisos Flutuantes Lamett
3 pagtos sem juros

Venda Americana
Venda e Espólio. Mudar e vender sua casa sem problemas. Avulsos e móveis tudo em 48hs. Móveis e eletrodomésticos. Antecipados. Não vende sem nos consultar.



Quanto custa anunciar

O custo do centímetro de anúncio varia de jornal para jornal e, em cada veículo, depende do dia da semana e da localização. Assim, anunciar aos domingos, é mais caro que em dias úteis, porque, nos finais de semana, mais pessoas compram jornais e a mensagem será recebida por um número maior de leitores. Da mesma forma, anunciar na primeira página é mais caro que no interior do jornal. Um anúncio colorido chega a ser até três vezes mais caro que um do mesmo tamanho, impresso só em preto.

Nos jornais de Bauru, o valor do centímetro / coluna para inserção de publicidade avulsa (sem contrato prolongado) custava, em março de 97:

No Jornal da Cidade de Bauru:

R\$ 13,20 em dias úteis

R\$ 15,60 aos domingos

No Diário de Bauru:

R\$ 5,90 em dias úteis

R\$ 7,29 aos domingos

A coluna de publicidade dos jornais tem 4 cm, em média. Para calcular o valor de um anúncio de, por exemplo 20 cm de altura por 15cm de largura, deve-se dividir 20 por 4 (largura da coluna). O resultado (5) corresponde ao número de colunas do anúncio, que deve ser multiplicado pela sua altura (neste caso, 15cm). O resultado (75 cm/coluna), deve ser multiplicado pelo valor do centímetro correspondente. Assim, um o anúncio de 15 X 20cm custará, no JC de terça-feira, cerca de R\$ 990,00.

Normalmente, os anunciantes fecham contratos de milhares de centímetros com os jornais, obtendo assim, um desconto sobre o valor da inserção avulsa.



Olho vivo

Os profissionais da área de comunicação costumam fazer distinção entre publicidade e propaganda. Enquanto a primeira se encarrega de exercer uma ação psicológica sobre o público com fins comerciais, a segunda tem por objetivo a propagação idéias políticas. No entanto, ambas divulgam mensagens ideológicas.



Em todos os jornais, quando o diagramador começa a montar as páginas, ele coloca os anúncios em primeiro lugar. No espaço restante é que são colocados os textos jornalísticos. Se a matéria não couber no espaço destinado, ela sofrerá cortes. Com raríssimas exceções, os anúncios não cedem espaço para as matérias.



O lucro cresceu 200%

Dados publicados no *Mural*, boletim semanal do Sindicato dos Jornalistas, em novembro de 96, mostraram que, em agosto de 96, os jornais brasileiros faturaram cerca de 38 milhões de dólares com publicidade. Em relação a 95, o crescimento do faturamento foi de 4,8%. Entre 1992 e 1995, crescimento do lucro com publicidade foi da ordem de 200%.

Proposta de atividades

1. Em um jornal qualquer de grande tiragem, calcular a porcentagem de espaço destinado às matérias e o destinado à publicidade;
2. Com base na tabela de valor do centímetro de publicidade, calcular o lucro aproximado que o jornal teve em determinada edição;
3. Com a mesma edição que se calculou o lucro com o espaço publicitário, calcular o lucro que o jornal teve com a venda de exemplares (multiplicando-se o valor do exemplar pela tiragem anunciada);
4. A seguir a classe avalia de onde vem o lucro maior do jornal e que consequências esse resultado pode ter na linha editorial.
5. Comparar os anúncios comerciais (publicidade) com os anúncios institucionais (propaganda), destacando aspectos como imagem gráfica, temas, argumentos, palavras semelhantes. A seguir, o professor avalia com a classe se as ações políticas, os valores éticos etc são bens vendáveis. Qual a opinião dos alunos a respeito?
6. Depois de observar diversos classificados, fazer uma lista das abreviaturas usadas nos textos. Pedir para os alunos reescreverem os textos sem abreviaturas. Depois, faz-se uma estimativa de quanto o espaço aumentaria se as palavras não fossem abreviadas e de quanto custaria o novo classificado.
7. Avaliar com a classe o desempenho dos classificados. São eficazes? Será que atingem os mesmos resultados dos anúncios? Qual o perfil (valor, utilidade) dos produtos anunciados nos classificados? O perfil dos produtos anunciados em grandes espaços é o mesmo? Por quê?

Assim como a ficha cinco, a número 8 foi bem recebida pelo grupo das Oficinas Pedagógicas. Os professores elogiaram os conteúdos selecionados e a forma de abordagem definida, e destacaram a originalidade da proposta.

A relevância da presente unidade se justifica pelo mesmo motivo ressaltado no comentário feito sobre a ficha número 6: o quadro de significativo despreparo dos professores para lidar com signos icônicos, que nos bombardeiam a todo momento. O impasse está assim colocado: se leva as imagens para a sala de aula, a maioria dos professores não sabe como lidar com elas satisfatoriamente; mas, se não as leva, contribui para a formação de leitores despreparados, que acabam sucumbindo ao processo de massificação. E, como se sabe, massificação é causada, principalmente porque a maioria das pessoas não é capaz de ler outros signos além dos lingüísticos, tornando-se presa fácil da comunicação de massa.

Por isso, o principal objetivo da ficha número 8 é familiarizar o aluno com a linguagem fotográfica e colocá-lo a par de critérios usados na seleção das imagens que são estampadas nas páginas dos jornais todos os dias. Estando “por dentro” de tais mecanismos, o aluno terá condições de pôr ordem na percepção das imagens e lê-las criticamente.

Em relação às mudanças, além da alteração no cabeçalho, foi acrescentada a sugestão de atividade número 5. Assim, apenas uma versão foi anexada.



“Meu país” foi a primeira foto de Niépce, feita em 1822.

FOTOJORNALISMO - O OLHAR ATENTO

Uma fotografia impressa com destaque na página é a primeira coisa (e muitas vezes a única) que o leitor vê. A foto atrativa leva o leitor a prestar atenção em legendas, manchetes e outros textos. Desprezada pelos jornais há algumas décadas, a imagem fotográfica tornou-se um recurso indispensável do jornalismo contemporâneo. Por ser linguagem não-verbal, a foto às vezes transmite informações que um texto escrito não conseguiria comunicar com clareza.

Para que uma foto jornalística cumpra seu papel de fonte de informação e atração para o texto, ela deve ter as seguintes características:

O ineditismo: aquilo que já foi

publicado não interessa ao jornalismo, que é feito de novidades.

O impacto: se o papel da fotografia, em um primeiro momento, é chamar a atenção do leitor, ela não vai cumprir seu papel se não abalar a percepção de quem olha.

A plasticidade: embora no jornal o valor informativo seja mais importante que a qualidade técnica de uma foto, os recursos de luz e enquadramento devem ser considerados na hora de fotografar um fato.

A originalidade: aspectos da vida cotidiana que não são percebidos pelas pessoas podem ser retratados em fotos instantâneas, em ângulos incomuns etc.

HISTÓRIA

A palavra fotografia vem do grego *phōtós* que significa luz e *graphía*, que significa escrita, gravação. É um processo de gravação, pela ação da luz, de imagens de objetos sobre uma superfície sensível e, por extensão, a reprodução da imagem obtida com esse processo. Sabe-se que Leonardo da Vinci constatou que, "se na janela de um quarto totalmente escuro for recortado um pequeno furo arredondado, na parede branca, em frente a esse orifício, será projetada a imagem do mundo exterior que a janela tampada encara". Ele observou também que a imagem será projetada de cabeça para baixo.

Desde a descoberta de da Vinci, pintores e desenhistas projetavam imagens com auxílio da câmara escura para traçar silhuetas e perspectivas para suas obras.

Em 1822, o francês Joseph Nicéphore Niepce conseguiu fixar em um papel sensibilizado, uma tênue imagem da realidade, após horas de

exposição, com o auxílio de uma câmara escura. Na mesma época, outro francês, chamado Louis Jaques M. Daguerre, ofereceu-se para trabalhar com Niepce em sociedade. Niepce morreu antes que eles chegassem a resultados satisfatórios, mas Daguerre continuou suas pesquisas e, em 1837, finalizou o que ele chamou de *daguerreotype*, um aparelho que gravava imagens em placas de metal polido e sensibilizado com sais de prata. Essas imagens, no entanto, rapidamente se esvaeciam. Conta-se que Daguerre descobriu, por acaso, uma maneira de fixar a imagem, ao atirar uma placa num armário que continha substâncias químicas à base de mercúrio. Por volta de 1840, um físico inglês chamado William Henry F. Talbot conseguiu gravar imagens em papel. Com o tempo, os pesquisadores criaram câmaras menores e aperfeiçoaram o método de projeção. A Kodak popularizou a fotografia, ao criar o filme de rolo feito de celulósido,

Objetivos

- Identificar a fotografia como fonte de informação e instrumento de manipulação da notícia;
- desenvolver mecanismos de leitura não-verbal das imagens;
- conhecer normas técnicas de composição da imagem no quadro fotográfico.

MATERIAL NECESSÁRIO

Fotos de jornais e revistas, papel, cola, tesoura. Máquina fotográfica, filme, cartolina, canetinha hidrográfica e fita adesiva

Pré-requisitos

Nenhum, mas as atividades são recomendadas para alunos de 7ª e 8ª séries

TEMPO NECESSÁRIO

_____ aulas

em 1888. De lá para cá, as máquinas fotográficas e métodos de processamento de imagens se modernizaram, ficaram mais rápidos, mas o processo ainda é o mesmo.



"Mesa posta" foi a primeira foto de Niepce, feita em 1822.

Descaso Inicial

A fotografia foi reproduzida em jornais pela primeira vez há mais de cem anos. Mas o descaso inicial adiou a ampla utilização da linguagem fotográfica porque, até há alguns anos, a fotografia era tida como mero recurso ilustrativo, e não como fonte de informação. Ainda hoje, jornais de pequeno porte em cidades do interior não dão à fotografia a importância que ela tem, numa sociedade cada vez mais familiarizada com imagens do que com texto escrito. Há pouco mais de 30 anos, os maiores jornais do Brasil ainda mantinham laboratórios fotográficos em banheiros adaptados. O desleixo era reflexo da pouca valorização das imagens no

jornalismo.

Foi a imprensa sensacionalista quem primeiro utilizou a fotografia, como recurso para enfatizar a dramaticidade das suas notícias. E talvez por isso, a imprensa “séria” (e conservadora) refutou o uso da foto. Com o advento do cinema, nos anos 20 e, mais tarde, da TV, no entanto, já não se podia mais ignorar a fotografia.

Hoje, ela é recurso amplamente utilizado para tornar o jornal mais envolvente, acrescentar informações que o texto escrito não transmite, sugerir movimento, desequilíbrio ou dinamismo, (que a TV transmite com perfeição) em um meio de informação impresso.

anotações do professor



Olho vivo

A aula sobre fotojornalismo pode ser feita em conjunto com o professor de Ciências, que vai falar dos aspectos físicos da projeção de imagens, decomposição da luz, processamento químico das fotos etc. Essas informações podem ser obtidas em lojas de fotografia, livros sobre o assunto etc.

Sugestão de entrevista com repórter fotográfico

1. Nome
2. Idade
3. Há quanto tempo trabalha como repórter fotográfico?
4. Por que você quis ser fotógrafo?
5. Onde você aprendeu a fazer fotografia?
6. Na hora de fotografar, em que aspectos você presta atenção? Que cuidados costuma tomar?
7. Como você define uma boa foto do ponto de vista jornalístico? E uma foto ruim?

Os recursos plásticos

Para produzir uma foto que tenha destaque no jornal, o repórter precisa combinar as quatro qualidades às quais já nos referimos: ineditismo, impacto, originalidade e plasticidade. Esta última qualidade pode ser obtida usando recursos como:

1. Valorização das linhas

Quando a foto valoriza linhas como a do horizonte, dos trilhos de trem, do perfil de um prédio, do beiral de uma ponte, por exemplo, ela evidencia a perspectiva da imagem e destaca aspectos como as sensações de equilíbrio ou desequilíbrio, de paz (se as linhas forem horizontais) ou perturbação (se as linhas forem confusas, desajustadas). Uma certa combinação de linhas também pode conferir originalidade à imagem (foto 1 na página 22).

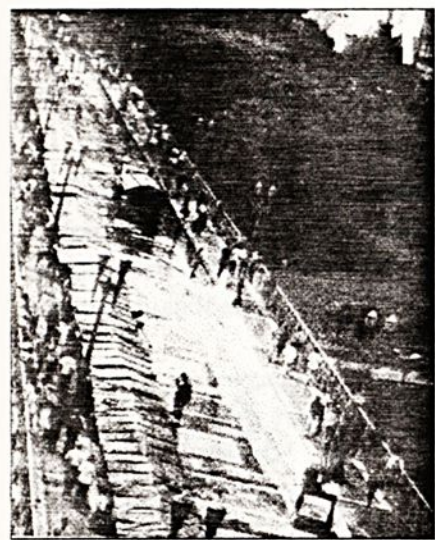
2. Angulação

O uso de um ângulo diferente atribui qualidade semelhantes às do uso de linhas na imagem fotográfica. Este segundo recurso se distingue do primeiro por não priorizar a busca da harmonia entre figuras geométricas. Como exemplo do uso da angulação, podemos citar a valorização de certas partes do corpo de um entrevistado como as mãos ou a cabeça, quando essas partes parecem maiores que o resto do corpo. A técnica da angulação pode evidenciar as sensações de movimento, de equilíbrio ou desequilíbrio, de dinamismo. O recurso também permite criar imagens originais, como nas fotos 2 e 3 (na página 22).

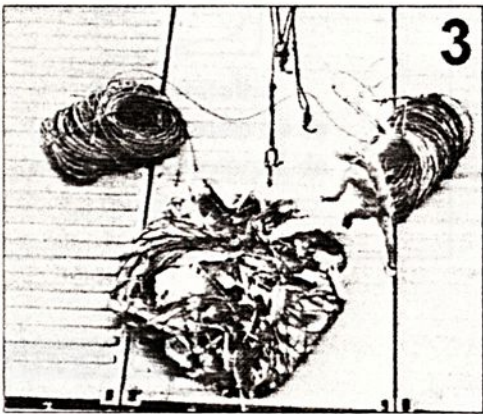
3. O uso da luz

Aproveitando-se da luminosidade natural ou artificial, o fotógrafo pode evidenciar aspectos como a textura dos objetos, criar um “clima” de melancolia, valorizando a ausência de luminosidade ou, ao contrário, de alegria e excitação, usando luz em abundância e evidenciando cores (foto 4 na página 22).

Abaixo, o jornalista Matuiti Mayezo aproveitou as linhas do parapeito do viaduto Santa Ifigênia, em São Paulo, para valorizar a perspectiva da imagem. (Foto retirada da Folha de S. Paulo)



À esquerda, jornalista Otavio D. Oliveira encontrou um ângulo criativo para o balcão, dando dinamismo à foto retirada da Folha de S. Paulo.



A valorização da luminosidade pelo jornalista Lalo de Almeida criou um ar sombrio para a imagem do prefeito de S.P., Celso Pita. (Folha de S. Paulo)

Ao lado, o ângulo escolhido pela jornalista Patrícia Santos produziu uma foto original: o homem está no chão ou está escalando uma parede? (retirada da Folha de S. Paulo)

O que ver na foto

Informação

1. O que se vê?
2. Quem se vê?
3. Em que lugar?
4. Em que tempo?

Impacto

1. Choca? por quê?
2. Emociona? por quê?
3. Surpreende? por quê?

Originalidade

1. Há algo inédito? diferente? o quê?
2. Qual é a perspectiva?
3. Quem ou o que é fotografado?
4. Quais os elementos que se destacam?

Plasticidade

1. Qual é o plano? (veja o quadro na próxima página)
2. Usou recursos de luz?
3. Usou recursos de linhas?
4. Usou recursos de velocidade?
5. Evidenciou texturas?

Predominam a informação ou as qualidades estéticas?

A relação entre a foto e a legenda

A legenda não é colocada sob a foto apenas para descrevê-la, embora não possa deixar de cumprir essa função. É um texto atraente e enxuto e, por vezes satírico, quando, comumente, usa o trocadilho de palavras ou idéias.

A função da legenda é identificar lugares, pessoas, situações, esclarecer dúvidas que a foto possa suscitar, deve salientar aspectos relevantes da foto e dar informação adicional sobre o contexto em que ela foi tirada. É feita com verbos no presente.

A visão de quem escreve

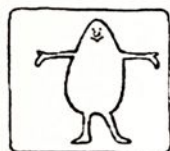
Observando atentamente a relação entre fotos e legendas, principalmente entre aquelas que se referem a assuntos de natureza política e econômica, é possível destacar a visão parcial do jornal. Por exemplo: quando motoristas de ônibus

fazem greve, os jornais costumam publicar fotos de filas enormes nos pontos, ou de pessoas penduradas do lado de fora dos veículos, dizendo, na legenda, que a greve tumultuou o trânsito e prejudicou a vida de milhares de trabalhadores que dependiam daquela condução para trabalhar. Ora, quem mora em cidades como São Paulo, por exemplo, sabe que a cena se repete todos os dias, independente de greves, por causa da estrutura precária do transporte coletivo nas grandes cidades. Fica a pergunta: por que é que os jornais estampam uma imagem corriqueira somente nos dias de greve?

A legenda pode alterar o significado da foto, e o leitor desavisado, sem querer, acaba concordando com a visão do jornal. Resta saber se tal posição é vantajosa para o leitor...

Planos fotográficos

Os planos escolhidos evidenciam características como dramaticidade, objetividade ou subjetividade, força ou fraqueza, sensibilidade etc.



plano geral
(típico de fotos
panorâmicas ou de
grandes multidões)



plano médio
(corpo inteiro)



plano americano
(enquadramento
de TV)



medalhão
(é a foto 3 X 4 do
entrevistado, quadrada
e pouco criativa)



close, detalhe
(pode ser do rosto ou de
outra parte do corpo, de
objetos etc)

fonte: Watts, Herry. *On Câmera*. São Paulo, Summus, 1991

discussão

A fotografia é retrato fiel da realidade?

Ao mesmo tempo em que atua como instrumento de retratação dos fatos sociais, a fotografia pode ser utilizada para expressar idéias particulares e suscitar interpretações diversas.

No início da década de 80, a fotógrafa americana Cindy Sherman causou surpresa ao montar uma exposição que mostrava mulheres aparentemente diferentes em várias situações cotidianas. Mas, um observador atento logo descobriria que todas eram, na verdade, a mesma mulher. O folheto sobre a exposição informava que todas eram a própria fotógrafa. Sherman representou papéis diversos, usando a imagem fotográfica (aparentemente objetiva) como cúmplice da sua farsa.

O cineasta italiano Michelângelo Antonioni, no filme *Blow up*, de 1966, (traduzido no Brasil como *Depois daquele beijo*), também usou a

fotografia para questionar as conseqüências da representação na vida do homem. No filme, um fotógrafo de moda flagra um casal em um parque. Ampliando as fotos, ele percebe um detalhe estranho embaixo de uma árvore e, através de ampliações maiores daquele ponto, descobre um cadáver. Uma imagem aparentemente romântica revelou um assassinato.

Resta, então a pergunta: se em obras como a da fotógrafa e do cineasta, a fotografia se prestou como elemento de exteriorização de idéias particulares ou, em um primeiro momento, ocultou informações, por que no jornalismo a imagem sobre a película se comportaria de maneira diferente?

Para o leitor atento, fica a tarefa de descobrir que posições o jornal adota, estampando, todos os dias, as suas imagens.

Proposta de atividades

1. Fazer uma breve exposição sobre as características da fotografia, distribuir diversas fotos para os alunos e pedir para que eles identifiquem aspectos como originalidade, emotividade, impacto, ângulos, planos, linhas etc.

2. Separar fotos por temas como esportes, animais, paisagens etc, distribuir aos alunos e pedir para eles produzirem as legendas;

3. Recortar fotos grandes do rosto de pessoas conhecidas e dividi-las em várias partes e criar o jogo do adivinhe quem é. O professor pode dividir a classe em equipes, enumerar cada pedaço da foto. A equipe escolhe um número e tenta adivinhar quem é o fotografado. Se errar, é a vez da próxima equipe escolher um número. Descoberta a personalidade, a classe pode buscar informações sobre a atuação dessa pessoa, saber o que os jornais falam a seu respeito, se for possível, entrevistá-la etc.

4. Organizar uma seção fotográfica com os alunos. Eles devem elaborar um roteiro como, por exemplo, o dia-a-dia de um aluno que vai à aula, ou "quem são as pessoas que trabalham na escola" etc, e fazer fotos que ilustrem o tema. Depois, devem criar legendas e montar um painel que pode ser afixado na escola.

5. Escolher pessoas que estão em destaque na mídia (candidatos eleitorais, políticos envolvidos em revelações da mídia etc), selecione o maior número possível de fotos e verifique com os alunos qual é a imagem "média" que a mídia constrói dessa pessoa. Os alunos devem avaliar aspectos como poses em que a pessoa é fotografada, expressões faciais que são resgistradas, objetos que estão em cena etc. Os alunos devem ser estimulados a refletir sobre a simbologia de fatores externos (como a presença de certos objetos) na atribuição de significados à imagem.



Leitura sem palavras

da 1ª geração a 4ª geração

Uma nova oferta visual por uma página e meia, a cada semana, com uma linguagem simples e direta, com uma linguagem simples e direta, com uma linguagem simples e direta...

A linguagem da comunicação visual é feita para ser entendida por todos, sem barreiras de acesso, sem barreiras de acesso, sem barreiras de acesso...

Para saber mais, visite o site

gratuitamente, clique no link e descubra mais sobre a linguagem da comunicação visual, a linguagem da comunicação visual, a linguagem da comunicação visual...

Os conteúdos da linguagem visual são divididos em quatro partes: a linguagem visual, a linguagem visual, a linguagem visual, a linguagem visual...

HISTÓRIA DA TIPOGRAFIA

O grupo de trabalho da tipografia foi criado em 1970, com o objetivo de estudar a história da tipografia, a história da tipografia, a história da tipografia...

Com a invenção da imprensa, no século XV, a primeira tipografia surgiu em Mainz, Alemanha, com o nome de "Druckerei", a primeira tipografia, a primeira tipografia, a primeira tipografia...

Para os primeiros tipos de hoje, tipo 1 e 2, o desenho da letra é feito à mão, a letra é feita à mão, a letra é feita à mão, a letra é feita à mão...

Objetivos

- 1. Identificar a origem da linguagem visual
- 2. Conhecer a história da linguagem visual
- 3. Conhecer a linguagem visual

MATERIAL NECESSÁRIO

1. Folhas de papel branco, 2. Lápis preto, 3. Caneta azul, 4. Caneta vermelha, 5. Caneta verde, 6. Caneta amarela, 7. Caneta roxa, 8. Caneta laranja, 9. Caneta cinza, 10. Caneta branca...

TEMPO NECESSÁRIO

1. 15 minutos, 2. 15 minutos, 3. 15 minutos, 4. 15 minutos, 5. 15 minutos, 6. 15 minutos, 7. 15 minutos, 8. 15 minutos, 9. 15 minutos, 10. 15 minutos...

TEMPO NECESSÁRIO

1. 15 minutos, 2. 15 minutos, 3. 15 minutos, 4. 15 minutos, 5. 15 minutos, 6. 15 minutos, 7. 15 minutos, 8. 15 minutos, 9. 15 minutos, 10. 15 minutos...

Tipologia das letras

A tipologia é o estudo da letra, a letra é feita à mão, a letra é feita à mão, a letra é feita à mão, a letra é feita à mão...

FICHA 9

Para os primeiros tipos de hoje, tipo 1 e 2, o desenho da letra é feito à mão, a letra é feita à mão, a letra é feita à mão, a letra é feita à mão...

FICHA 9

Leitura sem palavras

diagramação

Em uma olhada rápida por diversos jornais e revistas, percebemos que a maioria dos impressos se preocupa com a qualidade gráfica das páginas. O uso de diversos tipos e tamanhos de letras, a distribuição do texto intercalado com fotos ou ilustrações e o uso da cor são alguns dos recursos utilizados.

A importância da diagramação se justifica pelo fato de o leitor ter um sem-número de veículos a seu dispor. E, aquele que se distingue pela disposição atraente das informações, terá mais chances de ser escolhido. A concorrência faz com que os jornais procurem aprimorar cada vez mais o seu estilo gráfico.

Por outro lado, o planejamento

gráfico de uma página permite valorizar determinados conteúdos. Assim, uma manchete será mais lida que um pequeno título. Da mesma forma, um texto colocado na metade superior da página (no caso dos jornais tamanho *standard*) tem mais chances de ser “descoberto” pelo leitor. Usando recursos de diagramação, o jornal hierarquiza os fatos de acordo com a importância que julga que eles tenham.

Os conhecimentos da linguagem gráfica envolvem desde a escolha do tamanho do impresso passando pelos tipos e tamanhos de letras, uso de traços, “caixas” e retículas, fotos e ilustrações até a influência das cores na compreensão da mensagem jornalística.

Objetivos

- familiarizar o aluno com a linguagem visual;
- conhecer técnicas elementares de diagramação;
- ler criticamente a diagramação de uma página.

MATERIAL NECESSÁRIO

Páginas de jornais diversos desde os “sérios” até os mais grotescos, como a imprensa sensacionalista, revistas e jornais para jovens, adultos e crianças. Exemplos de, pelo menos, dois jornais diferentes, do mesmo dia

Pré-requisitos

Conhecer as características da primeira página e a divisão em cadernos. Atividade adequada para alunos de 7ª e 8ª séries.

TEMPO NECESSÁRIO

_____ aulas

HISTÓRIA

Os gregos já usavam a palavra *týpos* para se referir a sinais deixados por batidas, esculturas, imagens, impressão etc. Por muito tempo, a palavra “tipo” significou “símbolo” e, depois, “modelo” e “caráter”, donde derivam “típico”, e “protótipo”.

Com a invenção da imprensa, no século XV, a palavra tipo ganhou um significado específico: letra de forma, de imprimir. As antigas tipografias produziam tipos móveis, parecidos com carimbos, que eram feitos de uma liga de chumbo, estanho e antimônio. Cabia ao tipógrafo montar numa espécie de régua, letra por letra, os textos que seriam impressos. A caixa que armazenava as letras maiúsculas ficava na parte de cima do armário e as letras minúsculas ficavam na parte de baixo. Por isso que, até hoje, os profissionais da área chamam as letras maiúsculas de “caixa alta” e as minúsculas de “caixa baixa”.

Para os profissionais gráficos de hoje, tipo é o desenho de qualquer caráter, a letra resultante de qualquer processo de composição. O conjunto dos tipos de um mesmo grupo é denominado fonte. Atualmente, as linotipos (como eram chamadas as antigas máquinas de composição) foram substituídas por modernos computadores como o IBM, o PC e o Macintosh. Essas máquinas produzem páginas digitais, que depois dão origem ao fotolito, a matriz utilizada nas impressoras tipo off-set ou rotativas.

Tipologia das letras

A tipologia é o ramo do conhecimento que se preocupa com a criação e evolução dos caracteres. Ao longo da sua história, o ser humano continuamente se preocupou em aprimorar a escrita, pois foi só através dela que se tornou possível perpetuar o conhecimento. Apesar de todas as inovações tecnológicas, é pouco provável que a escrita seja algum dia substituída, justamente por ser o máximo código de interpretação estabelecido pela humanidade.

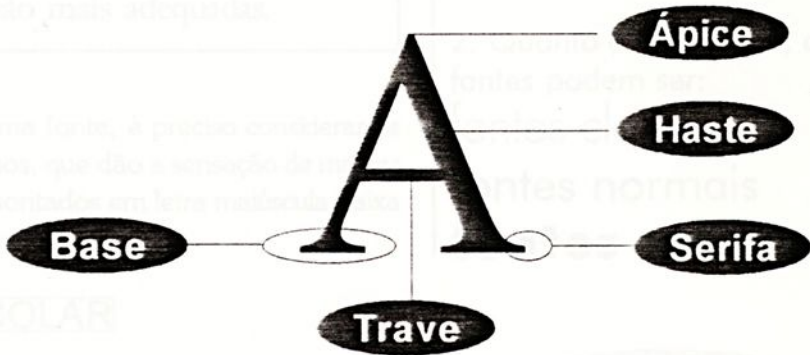
“Trabalhar a tipologia significa muito mais do que simplesmente escolher letras em mostruários. Para essa tarefa, é necessária uma profunda reflexão cultural, social e até ambiental, que influencia na opção da escolha. Exemplificar essa observação não é difícil, bastando indagar se os caracteres utilizados em anúncio publicitário no verão teriam o mesmo efeito no inverno. Num país tropical, talvez a diferença não seja tão acentuada, mas, num país de fortes oscilações de temperatura, a influência pode ser fortemente sentida (...).”

(COLLARO, A. Celso. *Projeto Gráfico - Teoria e Prática da Diagramação*. São Paulo, Summus Editorial, 1996.



A estrutura dos caracteres

O trabalho do diagramador começa com a definição do tipo de letra que será usado no texto corrido, nas manchetes, títulos, legendas etc. Na linguagem gráfica, os diversos tipos de letras são chamados de “fontes”. As letras, em sua maioria, possuem uma estrutura básica, e a diversificação nas curvas, hastes, caudas e serifa é que garante as particularidades de cada fonte. E a evolução da tipologia tem mostrado que a simplicidade e legibilidade da letra é condição básica para que o leitor possa deslizar por muitas páginas de texto.



Atualmente, o profissional gráfico conta com uma infinidade de tipos para compor suas páginas. E a maleabilidade dos editores eletrônicos de texto permite que, com dois ou três comandos, o compositor escolha desde tipos mais simples como o que usamos neste texto, até os de traço mais complexo como o tipo “Jumbalaya”:



O conjunto de tipos com suas seis variantes (tamanho, redondo, itálico, negrito, caixa alta e caixa baixa) é chamado de fonte. Veja o exemplo da fonte Ottawa:

Ottawa redondo
Ottawa negrito
Ottawa itálico
OTTAWA CAIXA ALTA
ottawa caixa baixa

Ottawa corpo 6
Ottawa corpo 9
Ottawa corpo 12
Ottawa corpo 16
Ottawa corpo 22
Ottawa corpo 36

anotações do professor

Handwritten notes area with horizontal lines.

Família	Características	Exemplos
GÓTICA	Foram os primeiros tipos criados, e procuravam imitar a escrita manual da Idade Média. Possuem traços carregados que criam um efeito visual pesado e dificultam a leitura. Hoje, este tipo de letra é usado quando se pretende fazer alusão ao passado medieval. Também são chamadas de “letras negras”.	Lincoln
ROMANA	O estilo foi criado pelos franceses no século XVIII e sua característica principal é o contraste harmonioso entre as hastes e serifas, que proporciona ao leitor um descanso visual. É adequada para textos longos e a mais utilizada pelos jornais “sérios”.	Bodoni Garamond Times New Roman
LAPIDÁRIA	Criado no século XIX, o estilo lapidário se inspirou nas inscrições deixadas pelos fenícios, povos que viveram dos séculos XV a XVII a.c. onde hoje fica o litoral do Líbano, e que produziam suas mensagens usando bastões de argila pressionados sobre as lápides. As fontes lapidárias, de traço uniforme e sem serifas, são as mais visuais e amplamente utilizadas na publicidade. Os jornais sensacionalistas também se valem desta família para “berrar” suas mensagens. Não são recomendadas para textos longos, porque os traços uniformes não têm contraste e cansam os olhos.	Helvética Arial Ottawa
EGÍPCIA	As fontes da família egípcia foram criadas na época da revolução industrial. Seus criadores partiram do traço uniforme da família das lapidárias e acrescentaram serifas quadradas, da mesma espessura dos outros traços. São fontes “pesadas”, utilizadas em textos publicitários ou onde se quer transmitir sensação de vigor.	Clarendon Cairo Menphis
CURSIVA	Esta família reúne os tipos que se inspiram na escrita manual e os que possuem serifas que não se encaixam nas famílias romana e egípcia. Criam um ar de intimidade.	<i>Mystical</i> <i>Koala</i>
FANTASIA	As fontes da família fantasia são as mais recentes e sua principal característica é o traço extravagante ou alegórico. São largamente utilizadas na publicidade, principalmente nas mensagens destinadas ao público jovem. As fontes conferem originalidade e um toque bem humorado ao texto.	Jumbalaya ANDES Apollo

1. Após uma exposição sobre os conceitos da tipologia, o professor distribui aos alunos jornais de diversos gêneros como os informativos “sérios”, sensacionalistas, veículos direcionados ao público jovem, impressos de “tribos” (surfistas, patinadores, ciclistas, roqueiros etc), cartazes, peças publicitárias etc.

2. Pedir aos alunos que descrevam a sensação que eles têm ao visualizar os diferentes tipos presentes e que características das letras os fazem ter essas sensações;

3. A seguir, os estudantes recortam títulos, pequenos textos e palavras dos impressos e dividem as letras encontradas de acordo com a classificação das famílias. Os textos recortados podem ser organizados em um álbum, onde os alunos explicam a classificação nos moldes da tabela que apresentamos.

4. O professor pode estimular a análise dos jornais e da publicidade a partir da leitura dos tipos. Por exemplo: por que na publicidade o aspecto gráfico é mais complexo que no jornal? Por que os jornais sensacionalistas usam letras sem serifa nos seus títulos? E por que os jornais “sérios” usam letras com serifa? Que recursos a publicidade direcionada para o público jovem usa? Por quê?

Arial
a b c d e f g h i j
L M N O P Q R S T U V X Z

Times New Roman
a b c d e f g h i j
L M N O P Q R S T U V X Z

Futura
a b c d e f g h i j
L M N O P Q R S T U V X Z

Souvenir
a b c d e f g h i j
L M N O P Q R S T U V X Z

Helvética
a b c d e f g h i j
L M N O P Q R S T U V X Z

Garamond
a b c d e f g h i j
L M N O P Q R S T U V X Z

Bahamas
a b c d e f g h i j
L M N O P Q R S T U V X Z

LITHOS
A B C D E F G H I
J L M N O P Q R S
T U V X Z

Vogue
a b c d e f g h i j
L M N O P Q R S T U V X Z

Erie
a b c d e f g h i j
L M N O P Q R S T U V X Z

Banff
a b c d e f g h i j
L M N O P Q R S T U
V X Z



Olho vivo

Nas aulas sobre planejamento gráfico, a leitura dos textos é o que menos importa (com exceção da análise do destaque dado às notícias na página). Sendo assim, a utilização de jornais japoneses, por exemplo, pode direcionar a atenção do aluno para a forma de disposição, o reconhecimento de outros elementos gráficos. Por exemplo: fotos de pessoas jogando bola certamente ilustram a seção de esportes do jornal, ainda que ele esteja escrito em árabe...

anotações do professor

[illegible]

Se a ficha 8 fez sucesso entre os professores do curso, a ficha número 9 quase não despertou interesse, embora o assunto da unidade — leitura induzida pela diagramação — seja de fundamental importância para a leitura crítica.

O episódio aponta para a importância da metodologia de abordagem do assunto. De fato, a ficha 9 tem problemas estruturais e de conteúdo. Em primeiro lugar, não ficou clara a proposta básica: as informações selecionadas orientam a leitura crítica ou a produção de páginas de jornais? Certamente, ao público do trabalho interessa o primeiro grupo de informações mas, na ficha que receberam, os professores têm mais informações sobre a prática da diagramação.

Outro defeito da ficha foi o fato de ela se ater à questão da leitura comportamental das fontes e deixar de lado questões tão ou mais importantes como o percurso natural de leitura e os espaços privilegiados da página.

A presente unidade precisou, então, ser completamente revista. Assim, os conteúdos e as atividades propostas abordam aspectos técnicos da linguagem visual na medida em que são importantes para se efetuar a leitura crítica das páginas. Primeiramente, o estudante é estimulado a descobrir e avaliar que aspectos são responsáveis pela definição da aparência de um impresso (como, por exemplo, o tipo de papel, tamanho das letras, relação entre texto e imagem etc). Uma vez familiarizado com o desempenho da diagramação, ele deve discorrer sobre a manipulação da notícia, avaliando mecanismos de destaque e da supressão de informações.

Assim que "bate os olhos" na página, o leitor já começa a atribuir significados às mensagens impressas, até mesmo antes de começar a ler as matérias. Isso acontece porque os jornais possuem *linguagem visual* elaborada.

A linguagem visual refere-se à articulação dos diversos elementos que compõem o jornal, tirando-se a compreensão do texto como, por exemplo, as cores, o desenho e o tamanho das letras, as ilustrações, as vinhetas etc.

A imprensa, em geral, valoriza muito a linguagem visual porque ela tem forte apelo de venda. Evidentemente, um jornal mais atraente se destaca dos outros na banca e, não raro, a estética influencia o leitor mais que o conteúdo, na hora de escolher qual jornal comprar. Isso porque, enquanto a escrita precisa

ser interpretada pelo pensamento intelectual, pelo raciocínio, os elementos visuais são captados instantaneamente.

Entretanto, a beleza não é o único atributo do planejamento visual gráfico. A *diagramação* (prática de encaixar textos, e imagens em tamanhos e posições diferentes, aplicando cores ou não) acaba valorizando algumas matérias e desvalorizando outras. Assim, uma manchete parece ao leitor mais importante que um título em letras pequenas. Da mesma forma, um texto colocado na metade superior da página é mais atraente que outro escondido em algum cantinho.

Enfim, usando os recursos da diagramação, o jornal hierarquiza os fatos de acordo com a importância que julga que eles tenham.

Os conhecimentos da linguagem visual gráfica envolvem desde a escolha do tamanho e tipo de papel mais adequados, passando pelos estilos das letras, uso de traços, retículas, fotos e ilustrações até a influência das cores na compreensão da mensagem.

A variação de estilos da páginas é infinita. Entretanto, todas têm em comum técnicas básicas de diagramação, tais como:

- Os textos são distribuídos em colunas;
- os títulos são colocados em lugar de destaque na página e suas letras são maiores que as do texto;
- as legendas sempre estão próximas às fotos;
- as páginas possuem margens brancas nas quatro extremidades;
- há espaços maiores separando as diversas matérias (esses espaços servem para fazer a página “respirar”, isto é, ficar mais leve e agradável de ser lida);
- letras com desenhos diferentes são misturadas.

O papel foi inventado pelos chineses há milhares de anos e é fator muito importante na atribuição de significados à mensagem impressa. Veja só.

Atualmente, existe no mercado uma variada gama de tipos de papel, dos mais simples e baratos como o papel jornal, o papel bíblia e o papel sulfite, até os mais elaborados, resultados de muita pesquisa tecnológica, como o papel *top print* (espécie de sulfite mais branco e com aspecto acetinado) e o papel *cuchê* (aquele brilhante, usado, por exemplo, em catálogos e revistas coloridas).

O leitor desatento, ao entrar na banca, pode, perfeitamente, escolher a revista impressa em papel brilhante e deixar de comprar a mais, simples, impressa em papel sulfite comum, mas que tem mais qualidade na informação.

- familiarizar o aluno com a linguagem visual;
- conhecer técnicas elementares de diagramação;
- ler criticamente a diagramação de uma página.

Páginas de jornais diversos desde os "sérios" até os mais grotescos, como a imprensa sensacionalista, revistas e jornais para jovens, adultos e crianças. Exemplares de, pelo menos, dois jornais diferentes, do mesmo dia

Conhecer a primeira página e a divisão em cadernos. Atividade adequada para alunos de 7ª e 8ª séries.

aulas

anotações do professor

Como o desenho das letras influencia a leitura

Observe os textos abaixo:

Fontes rebuscadas podem valorizar a página quando usadas em detalhes como capitulares, por exemplo. Em textos corridos, as fontes de traço simples são mais adequadas.

Fontes rebuscadas podem valorizar a página quando usadas em detalhes como capitulares, por exemplo. Em textos corridos, as fontes de traço simples são mais adequadas.

Letras maiores são mais vistas, mas ocupam muito espaço. Por isso, os jornais devem mesclar letras grandes e pequenas, a fim de ter apelo visual e encaixar o texto necessário.

Letras maiores são mais vistas, mas ocupam muito espaço. Por isso, os jornais devem mesclar letras grandes e pequenas, a fim de ter apelo visual e encaixar o texto necessário.

LETRAS MAIÚSCULAS APARECEM MAIS, PORÉM, EM TEXTOS MAIS LONGOS, ACABAM DIFICULTANDO A LEITURA. O IDEAL, NO PLANEJAMENTO VISUAL GRÁFICO, É USAR LETRAS MAIÚSCULAS EM PALAVRAS OU FRASES CURTAS, COMO NOS TÍTULOS, E MANTER OS TEXTOS LONGOS EM LETRAS MAIÚSCULAS E MINÚSCULAS, RESPEITANDO-SE AS REGRAS DA GRAMÁTICA.

Letras maiúsculas aparecem mais, porém, em textos mais longos, acabam dificultando a leitura. O ideal, no planejamento visual gráfico, é usar letras maiúsculas em palavras ou frases curtas, como nos títulos, e manter os textos longos em letras maiúsculas e minúsculas, respeitando-se as regras da gramática.

Os textos ao lado mostram como a escolha das letras pode facilitar ou dificultar a leitura. Os diagramadores conhecem muito bem o comportamento das letras e estão sempre lançando mão de pequenos truques para melhorar o aspecto do texto.

Exemplo significativo é a linguagem gráfica da imprensa sensacionalista e daquela destinada a banalidades de todo tipo, como o jornal *Notícias Populares* e revistas como *Caras* e *Contigo*. Esses impressos abusam de cores vibrantes como o vermelho, o azul forte e o laranja e colocam as chamadas de capa em letras garrafais. A intenção é previsível. Como esse tipo de imprensa tem pouco conteúdo significativo, isto é, o leitor mais informado e atento tende a rejeitar tanta besteira, os editores apelam para a atração visual, na tentativa de influenciar a decisão de compra. Na banca de revistas vale a regra: quanto menos se tem a dizer, mais se deve aparecer.

anotações do professor

As famílias das letras

Na linguagem técnica do diagramador, chama-se *fonte* o conjunto de letras maiúsculas e minúsculas, mais os sinais gráficos da língua, como vírgula, acentos, dois pontos etc, em todos os tamanhos disponíveis.

Com os avanços da informática, os diagramadores têm à disposição milhares de fontes com desenhos diferentes. Entretanto, todas elas são organizadas em cinco grupos básicos, chamados *famílias*. Confira:

1. GÓTICA

Foi a primeira família criada e imita a escrita manual da Idade Média

Lincoln

2. ROMANA

Criada pelos franceses no século XVIII, é a família mais usada pelos jornais. São as letras com serifa

Garamond

3. LAPIDÁRIA

Criadas no século XIX, as letras lapidárias não têm serifa e são as mais usadas pela publicidade

Abadi

4. EGÍPCIA

Têm traço semelhante à família das lapidárias, acrescidas de serifas grossas e quadradas

Clarendon

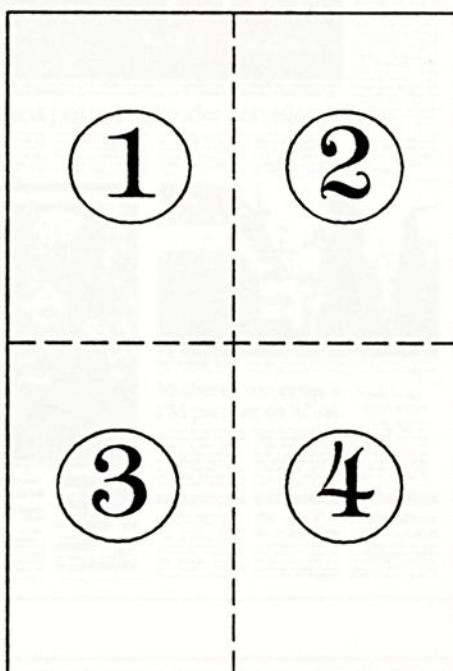
5. FANTASIA

São fontes com traço extravagante e alegórico, muito usadas em publicações para crianças e jovens

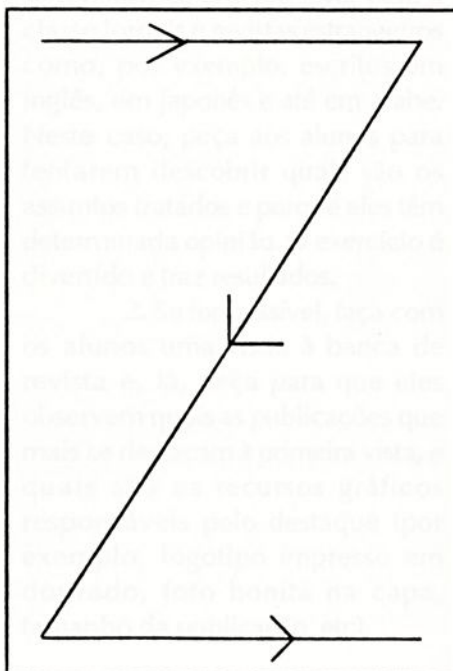
Party

Percurso natural e percurso induzido de leitura da página

O percurso natural de leitura é aquele realizado pelos nossos olhos, sem influência, por exemplo, dos elementos gráficos. Para saber qual é o percurso natural, faça o teste: pegue uma folha em branco avalie qual parte você olha primeiro. Como você pôde perceber, nós, ocidentais, lemos de cima para baixo e da esquerda para a direita. Assim, de acordo com o nosso hábito de leitura, podemos dividir a página em quatro partes, pela ordem em que são percebidas por nosso olhos:



Traçando o caminho indicado pelos números, temos como percurso natural de leitura o seguinte:



O percurso induzido

Já o percurso induzido de leitura da página é aquele que foge do caminho traçado ao lado, isto é, começa a ser lido de baixo para cima, da direita para a esquerda, obriga o leitor a virar a página de cabeça para baixo etc.

O percurso induzido, na verdade, é resultado da criatividade do diagramador, que "quebra a rotina" e induz o leitor a procurar outros caminhos na página.

Salvo exceções, que só confirmam a regra, a imprensa diária não costuma fugir do percurso padrão. O que os editores e diagramadores fazem é, justamente, colocar os assuntos considerados mais importantes nas zonas privilegiadas de leitura. Assim, não é à toa que a manchete do dia vem impressa a partir da porção marcada com o número 1, no desenho acima. Pelo mesmo motivo, as chamadas escritas em letras menores (portanto, menos importantes), geralmente, são publicadas na porção indicada pelo número quatro.

Por outro lado, revistas de vanguarda, publicações alternativas e até mesmo catálogos institucionais costumam apresentar percursos diferentes e criativos.

EXERCÍCIO

Observe o percurso de leitura da primeira página do jornal *Diário de Bauru* e, independente de conseguir ler ou não os textos, marque as três informações mais importantes, segundo os destaques feitos pela diagramação. Por que você as enxergou primeiro?

DIÁRIO DE BAURU

A explosão da inadimplência

Calote é o maior dos anos 90

Sindicância investigará denúncia

Izzo manda avisar que vai à Anistia

Unimed pára de atender servidores

Ronaldinho ficará hoje fora do treinamento

Mulheres recorrem à PM para ter os filhos

PM deve ser repellido de SP

PM quer 4%

Truque existe os restos de mural

Roteiro de informações para análise dirigida

1. Nome do jornal ou revista
2. Tamanho em centímetros
3. Tipo de papel:
 - A. jornal
 - B. opaco
 - C. brilhante
4. Cores predominantes
5. Tipos de letras
 - A. grandes ou pequenas?
 - B. grossas ou finas?
 - C. coloridas ou pretas?
 - D. de qual família?
6. Tem imagens?
 - A. fotos
 - B. ilustrações
7. Que elementos ocupam mais espaço?
 - A. textos
 - B. imagens



Olho vivo

1. Para estimular a leitura sem palavras, procure levar para a classe jornais e revistas estrangeiros como, por exemplo, escritos em inglês, em japonês e até em árabe. Neste caso, peça aos alunos para tentarem descobrir quais são os assuntos tratados e porque eles têm determinada opinião. O exercício é divertido e traz resultados.
2. Se for possível, faça com os alunos uma visita à banca de revista e, lá, peça para que eles observem quais as publicações que mais se destacam à primeira vista, e quais são os recursos gráficos responsáveis pelo destaque (por exemplo, logotipo impresso em dourado, foto bonita na capa, tamanho da publicação, etc).

Proposta de atividades

1. Por ser assunto incomum na escola, a linguagem visual dos jornais merece tratamento especial. Assim, a primeira atividade deve ser o exercício de descoberta da diagramação. Comece reunindo na classe diversos tipos de jornais e revistas (publicações para jovens, imprensa sensacionalista, revistas de banalidades como *Contigo* e exemplos de imprensa "séria" como a *Folha de S. Paulo*) e comente os aspectos tratados na ficha como tipos de papel, famílias das letras, uso de cores, ilustrações, fotografias etc. Depois, peça para que os alunos escolham alguns impressos e preencham uma ficha de análise dirigida, a exemplo da sugerida ao lado.
2. A seguir, peça para os alunos definirem características comuns dos seguintes tipos de jornais: imprensa para jovens, imprensa sensacionalista, jornais e revista de banalidades, imprensa informativa ("séria"). Eles devem concluir, por exemplo, que os jornais sensacionalistas usam letras e cores espalhafatosas porque precisam compensar na aparência o que têm em falta no conteúdo, ou então que a imprensa destinada ao jovem tem aspecto extravagante, típico do gosto do público etc.
3. Separe cadernos equivalentes de dois jornais diferentes como, por exemplo, cultura, esportes ou economia e peça para os alunos avaliarem qual é o assunto mais importante de cada caderno, segundo o destaque feito pela diagramação, e quais foram os recursos utilizados (letras garrafais, foto editada com destaque, posição na página etc).
4. Peça para que os alunos tracem o percurso natural de leitura da primeira página de, pelo menos, dois jornais diferentes do mesmo dia, e, a seguir, peça para que eles listem, por ordem de importância destacada pela diagramação, os assuntos do dia. A seguir, eles devem comparar as listas e discutir os resultados.

Como o jornalista escreve

Depois de conhecer o estilo jornalístico, professores e estudantes provavelmente terão um salto qualitativo ao expressar suas idéias através do texto. Por serem um dos mais usados veículos de comunicação, os jornais se especializaram no ofício de transmitir informação; e seus textos são preparados para expressar idéias com clareza, fáceis de serem compreendidos como nenhum outro. Os jornais de grande circulação, como a *Folha de S. Paulo*, por exemplo, oferecem um “padrão de língua” que serve de ponto de referência para produção e correção de textos na sala de aula. No jornal, as regras básicas da gramática são respeitadas, mas o estilo não é enfadonho, como acontece em muitos textos literários que, longe de despertarem o interesse, afastam o aluno do hábito da leitura.

E, como escreve o jornalista?

A princípio, não é possível estabelecer regras definitivas porque cada um tem o seu estilo. Mesmo os jornais que tentam padronizar a lin-

guagem, criando os manuais da redação, não mantêm um estilo definido e único. Até porque, o jornal viraria um amontoado de textos telegráficos chatos, e poucas pessoas se interessariam pela leitura. Ainda assim, podemos apontar algumas tendências que podem servir de referência inclusive para a produção de textos em sala de aula.

Respondendo a pergunta acima, o jornalista Luiz Garcia, autor do manual de redação do jornal *O Globo* do Rio de Janeiro afirma que o jornalista escreve “depressa”, já que em nenhum outro ofício de escritor, a pressão dos horários é tão cruel e inevitável. Para ele, o texto jornalístico deve ser informativo como um relatório e ter elegância e estilo como as obras literárias. E mais: é preciso conciliar a exatidão na transmissão das informações, a clareza para não gerar dúvidas e a concisão para não desperdiçar o tempo de leitor. E o jornalista precisa fazer tudo isso de olho no relógio.

Regras básicas do texto

1. As expressões que o leitor médio ignora devem sempre ser explicadas. Essa precaução torna o texto mais inteligível e impede o escritor de escrever sobre o que não sabe. Assim, se o policial diz “viatura”, o jornalista deve dizer “carro”. Se o advogado diz “egrégia corte”, o jornalista deve dizer “tribunal”.

2. Deve-se evitar a linguagem complicada, que, muitas vezes, é tida erroneamente como culta. Escrever, por exemplo “magistério enquanto profissão” é, no mínimo, prática dispendiosa, já que o termo “enquanto” tomou o lugar de “como” que sempre exerceu muito bem a conjunção neste caso. Do mesmo modo, “problema a nível de joelho” é uma aberração que poderia ser substituída por simples-

mente “problema no joelho”.

3. Deve-se escolher a palavra que melhor expresse a informação que o escritor quer dar. Há perda de capacidade de expressão quando se usa termos imprecisos (“muitos”, “diversos” e “vários”) ou ambíguos (caso do verbo poder que tanto significa capacidade como autorização).

4. Os substantivos concretos devem ter supremacia sobre os abstratos. Os termos específicos se impõem aos genéricos, os verbos de ação valem mais e devem ser usados na voz direta. Em relação aos sinônimos, deve-se escolher a palavra mais curta.

5. É preciso considerar sempre a exatidão dos termos. Assim, dizer que o prédio é muito alto é menos

exato do que dizer que ele tem 25 andares ou cerca de 70 metros de altura.

6. As frases devem ser curtas mas, nem por isso, telegráficas. E aí entra o papel do estilo de cada um.

7. O uso de vírgulas é mais simples do que parece: coloca-se vírgulas para indicar divisão decimal (15,3m ou R\$3,3 bi) e em lugar de “e”, “mas” e “ou” e nas enumerações até o penúltimo termo. Fora disso, vírgula é como parênteses: quando se abre, fecha-se (a não ser que a abertura coincida com o início do período e o fechamento com o seu final). Entre vírgulas ficam as orações adjetivas de caráter explicativo¹, os anacolutos (figuras de sintaxe que usam mudanças abruptas na construção da frase:

Objetivos

- Conhecer o estilo característico de títulos, legendas, e matérias;
- estimular a leitura de jornais;
- Produzir textos com linguagem jornalística.

MATERIAL NECESSÁRIO

Títulos, legenda, matérias noticiosas e textos de colunistas e articulistas de diversos jornais, papel sulfite, cola e tesoura.

Pré-requisitos

Conhecer a primeira página e a segmentação em cadernos.
Atividade recomendada para 7ª e 8ª séries

TEMPO NECESSÁRIO

_____ aulas

"Quem o feio ama, bonito lhe parece"), e os apostos de caráter explicativo (não os restritivos).

8. Outras regras: usa-se aspas para citações textuais, em discurso direto ou indireto, e partes de texto extraídas. Palavras estrangeiras de-vem ser escritas com destaque gráfico (itálico). Siglas com até três letras ou com mais de três, mas que não formem palavras possíveis em português, devem ser escritas em maiúsculas (UNE, USP, ABI, SBPC, UFRJ). As siglas com mais de três letras devem ser escritas em minúsculas (Unesp, Senac, Inamps). Os números de um a dez, cem, mil, milhão, bilhão são escritos por extenso. Os demais, em algarismos. O modo correto de indicar horário é 3h, ou 15h40, e nada mais.

1. A expressão "o João, que eu conheci,..." refere-se a um só João, onde o autor da frase explica que conheceu o sujeito chamado João ao qual ele se refere. Já na frase: "o João que eu conheci não era...", há vários sujeitos chamados João e o autor restringe a pluralidade a um determinado João.

fonte: LAGE, Nilson. *Linguagem Jornalística*. 4 ed. São Paulo, Ática, 1993.

Tendências na elaboração de títulos

O título funciona como "anúncio" da notícia, e serve para atrair ou afugentar o leitor. Deve se concentrar no fato mais importante da matéria (segundo a opinião de quem a edita) e, não raro, torna evidente a opinião particular do jornal.

Algumas características básicas do título são:

1. Não há presença de artigos: **Inflação é maior em cinco meses**

2. Usa verbos na voz ativa: **Bens de Collor serão leiloados e não Collor terá seus bens leiloados.**

3. Verbos são usados sempre no presente. A exceção é feita a assuntos do passado ou futuro distante: **Inflação em 76 foi de 35%** ou **Prefeito inaugurará hospital em fevereiro.**

4. Não usa ponto final. Outros sinais da pontuação como dois pontos, ponto e vírgula ou interrogação são usados em último caso: **FH reage e pede fim da "baderna"** e não **Fernando**

Henrique: "basta de baderna".

5. Siglas e abreviaturas só podem ser usadas se forem de conhecimento geral: **Presidente do BB descarta intervenção**, mas **Federação Nacional dos Bancos realiza seminário sobre privatização** e não **Fenaban realiza seminário sobre privatização**.

6. Deve-se evitar o uso de termos imprecisos ou ambíguos como "vários", "alguns", "pode" etc.

7. Declarações de entrevistados devem vir entre aspas: **Fernando Henrique critica "neobobismo" da oposição.**

8. Editoriais e textos opinativos podem ter frases nominais nos títulos: **Rombo na previdência.**

9. Nada impede que o editor use frases de efeito ou crie títulos criativos. Só não se deve recorrer ao lugar comum. Veja os exemplos: **Mundo faz reunião de condomínio**, **Lua no bolso**, **O jazz morreu?**

Quebraram o sigilo de Pitta (e o Maluf) ?

(Jornal da Tarde, 5/4/97)

Adolescentes "aterrorizam" condomínio

(Folha de S. Paulo, 21/1/97)

Filhinhos de papai espancam faxineiro do prédio com Skate

(Notícias Populares, 21/1/97)

Em uma galáxia distante...

(Folha de S. Paulo, 10/197, sobre relançamento do filme "Guerra nas Estrelas")

MEC quer sexo, tabu e ética no currículo

(Folha de S. Paulo, 28/8/96)

Um em cada seis paulistanos será assaltado em 96

(O Estado de S. Paulo, 6/7/96)

Anotações do professor

A produção do lide

O lide, termo portuguesa do inglês "lead", que significa conduzir, guiar, é o primeiro parágrafo da matéria, que introduz o leitor no assunto. O lide é um texto curto e objetivo e contém sujeito, predicado e circunstâncias do fato. Na técnica jornalística, esses três elementos são traduzidos na resposta às cinco perguntas clássicas: quem? o quê? quando? onde? por quê?

Veja o exemplo: "O motorista de táxi, João Siqueira, matou a pauladas um cachorro ontem na Avenida Campos Salles ao levar uma mordida". Respondendo às cinco perguntas, teremos:
Quem? o motorista de táxi João Siqueira

O quê? matou um cachorro
Quando? ontem
Onde? na Avenida Campos Salles
Por quê? porque levou uma mordida.

O estilo jornalístico ainda prevê a construção de um outro tipo de lide, o "não-factual", diferente do clássico das cinco perguntas (que também é chamado de "noticioso"). Assim, o lide não-factual é aquele que lança mão de metáforas, perguntas ou frases de efeito para atrair a atenção do leitor, como neste exemplo: "Caramba... Legal, né?" Com essa frase e um ar de surpresa, Xuxa Meneghel recebeu da **Folha** a notícia de que havia sido eleita a pessoa mais feliz do Brasil." (Folha de S. Paulo, 25/5/97).

Normas gerais

O lide deve ser o mais conciso possível, deve ser redigido na na ordem direta (sujeito, verbo e complemento) e ir direto ao assunto principal. O escritor deve evitar:

1. usar na abertura nome, palavra ou expressão pouco familiar à média dos leitores;
2. Começar a frase com advérbio ou gerúndio;
3. Falar do que não aconteceu. Por exemplo, dizer que "um

assalto não aconteceu ontem devido a um determinado fato" é menos preciso do que dizer que "tal fato impediu ontem um assalto".

4. Preferir o abstrato ao concreto. Ao invés de dizer "O governador Mário Covas aprovou ontem a nova política salarial dos professores", deve-se preferir "Professores da rede estadual terão 46% de aumento".

O nariz-de-cera

No jargão jornalístico, o "nariz-de-cera" é o parágrafo introdutório que retarda a entrada no assunto principal do texto e deve ser terminantemente evitado. Veja o exemplo: "A astronomia já viveu grandes revoluções em sua história. Das esferas de cristal, que sustentavam os astros em seus postos fixos, à revolução de Nicolau Copérnico (1473 - 1543) e às elipses de Johannes Kepler (1571 - 1630), muitos séculos de observação foram necessários para mudar a imagem do céu. O século 20 não poderia fugir à regra. Uma descoberta anunciada na semana passada pela revista britânica "Nature" confirma o padrão. Astrônomos do observatório Austral Europeu (ESO, na sigla em inglês) detectaram o primeiro planeta fora do sistema solar."

Fonte: FOLHA DE S. PAULO. *Novo Manual da Redação*. São Paulo, Folha da Manhã, 1992.

Falácias

O uso de números no texto jornalístico garante exatidão e confiabilidade às informações. No entanto, podem ser usados também como argumentação falaciosa, como nestes casos:

1. Estabelecem-se falsos padrões de aferição: número de automóveis para medir o grau de desenvolvimento de países, procura de emprego como índice de desempregados numa recessão prolongada etc;

2. empregam-se unidades fora de escala do objeto aferido, para impressionar com grandes números: potência de uma hidroeletétrica em watts, metros de uma rodovia etc;

3. comparam-se grandezas heterogêneas: tiragens de pico com tiragens médias de veículos, consumo de papel com hectares de floresta derrubada etc;

4. dá-se preferência, conforme convém, a valores absolutos ou porcentagens: números relativos de produção setorial quando se instalam indústrias pioneiras, produto interno bruto como fator de comparação entre países com diferentes populações etc;

5. definem-se universos restritos para a obtenção de recordes: o melhor pianista entre os deputados, a moça mais bonita deste lado da rua etc;

6. altera-se o mecanismo de coleta ou processamento dos dados: número de doentes de uma moléstia antes e depois do mecanismo de controle epidemiológico, índice de preços calculados por critérios distintos etc;

7. extrapolam-se números com leviandade: incidência de doenças cardíacas calculada para a população dos Estados Unidos e aplicada à população do Brasil etc.

LAGE, Nilson. *Linguagem Jornalística*. 4ed. São Paulo: Ática, 1993.

Linguagem da legenda

À legenda é, provavelmente, o segundo elemento visto pelo leitor, já que faz parte da foto. Esse tipo de texto deve complementar as informações da imagem fotográfica, respondendo todas as prováveis perguntas do leitor. Em casos específicos, o texto deve também chamar a atenção para detalhes significativos da foto. E deve sempre ter o cuidado de não substituir a inteligência dos outros, descrevendo aspectos óbvios da fotografia.

Os cuidados básicos para produção de legendas são:

1. Quando a foto retrata

uma ação, a legenda deve conter verbos no presente. Quando não retrata ação, é possível fazer uma legenda nominal (sem verbos). Fotos que mostram a consequência de uma ação, mas não ação em si, não podem ter legendas com verbos no presente.

2. Quando a foto não retrata o aspecto mais importante do fato, não se deve forçar uma relação da imagem com ele, através da legenda. É errado dizer, por exemplo, "João cumprimenta um pescador após denunciar a tentativa de fraude de José".

O texto-legenda

O texto-legenda é aquele que tem existência como notícia independente da foto. Tem sempre um título, normalmente frase nominal. Os jornais costumam recorrer a trocadilhos e humor para os títulos.



Jornal da Cidade,
19/9/96

Acidente ocorreu pela manhã, a 100 quilômetros do centro do Rio, e a Rede Ferroviária diz que vai apurar as causas da colisão

Folha de S. Paulo, 6/11/96

Nó na cabeça - O técnico Carlos Alberto Parreira torce o pescoço no treino do São Paulo. Nesta noite, a equipe de Parreira deve voltar a jogar "torta" no ataque, concentrando jogadores pelo lado esquerdo - o lateral Serginho, os meias Fábio Mello e Denilson e o atacante Muller.



Proposta de atividades

Com títulos

Após uma breve exposição sobre os conceitos da ficha, distribua diversos títulos significativos aos alunos e peça para que eles destaquem as características do estilo jornalístico.

A seguir, distribua pequenas matérias noticiosas, sem títulos, e peça aos alunos que dêem nomes para os textos.

Faça um estudo comparativo do estilo de diversos jornais, recortando títulos para as mesmas matérias, como, por exemplo, dos jornais *Folha de S. Paulo* e *Notícias Populares*, sistematizando características como verbos usados em um e no outro jornal, termo usado para designar os envolvidos no fato etc.

Com lides

Após uma breve exposição sobre os conceitos da ficha, distribua diversos lides (noticiosos) e peça para os alunos identificarem os cinco elementos (quem, o que, quando, onde e por que). A seguir, coloque respostas para as cinco questões na lousa, e peça aos alunos para produzirem seus lides.

Depois, compare os lides noticiosos com os não-factuais e peça para os alunos identificarem um e outro nas páginas dos jornais.

Por fim, peça aos alunos que elaborem um relatório sobre o que aprenderam, exemplificando, com textos dos jornais, as informações que eles colocarem nos seus textos.

Com legendas

Após uma breve exposição sobre os conceitos, distribua fotos com legendas significativas para os alunos, e peça para eles identificarem as características estudadas. A seguir, distribua diversas fotos anexando o nome das pessoas envolvidas e o fato ao qual as fotos se referem, e peça para os alunos elaborarem suas legendas. O professor pode distribuir uma mesma foto em xerox e fazer uma breve comparação entre os textos dos alunos.

A "pirâmide invertida"

É o esquema clássico da narrativa jornalística: os fatos mais relevantes da matéria são colocados no início do texto, e o conteúdo dos parágrafos que se seguem vai decrescendo em importância. Essa técnica prende a atenção do leitor e permite que ele se interesse dos principais fatos, mesmo que não leia todo o texto. A prática da pirâmide invertida foi muito útil antes do advento do computador nas redações, quando se podia "cortar a matéria pelo pé" sem prejudicar o sentido do texto, caso ele estourasse o espaço determinado pela diagramação.

Embora seja a estrutura mais comum, a pirâmide invertida

não esgota as "possibilidades geométricas" do texto. Há casos de pirâmides que viram paralelepípedos, quando diversos subtemas são empilhados, e há pirâmides truncadas, quando se apresenta um fato, depois outro e, em seguida, desenvolve-se os dois.



Veja o exemplo, retirado da *Folha de S. Paulo*, de 12/4/96

LIDE

O número de católicos no Brasil caiu de 93,7% da população, em 1960, para 80%, em 1991. O dado faz parte de um relatório preliminar do Censo de 1991, realizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Ele foi divulgado ontem durante a 34ª Assembleia Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

1º BLOCO

O relatório foi apresentado aos bispos por representantes do Ibrades (Instituto Brasileiro de Estudos Econômicos e Sociais), um órgão de pesquisas ligado à CNBB. Ainda segundo o relatório, no mesmo período (1960-91), as outras religiões cresceram de 6,93% da população para 20%. A maior queda do catolicismo aconteceu entre 1980 e 91: caiu de 88,9% para 80%.

2º BLOCO

No mesmo período, o número de seguidores de outras religiões quase dobrou, passando de 11% para 20% da população.

O documento do Ibrades ainda analisou o crescimento das igrejas evangélicas no país. Segundo dados do Censo Institucional Evangélico, realizado pelo Iser (Instituto de Estudos da Religião do Rio de Janeiro), os católicos representam 64% do total de fiéis que entram nas igrejas evangélicas. O documento diz que as igrejas tradicionais, como a católica, "parecem ter perdido boa parte do poder de persuasão e sedução".

3º BLOCO

Ainda citando dados preliminares do Censo do IBGE, o documento afirma que, de 1980 para 1991, surgiram no país mais 4 mil novas denominações religiosas. "Houve um fracionamento do universo religioso hegemonicamente católico e cristão", diz o relatório.

Proposta de atividades

Produção de textos

Depois que os alunos já dominarem o estilo de títulos, lides e legendas, o professor pode partir para construções mais complexas, como os textos no esquema da pirâmide invertida.

Após a leitura de várias matérias curtas e significativas, os alunos podem avaliar a estrutura, separando o texto em blocos, por ordem de importância, como fizemos no texto ao lado.

A seguir, o professor comenta um fato, dando todas as informações pertinentes, e cada aluno produz o seu texto, respeitando as normas jornalísticas.

Estilo de autor

Quando a classe já tiver dominado os conceitos do texto jornalístico aqui apresentados, o professor pode partir para a análise do estilo de jornalistas consagrados. Para tanto, é preciso recortar o maior número possível de textos de colunistas e articulistas de determinados jornais e apresentá-los aos alunos. O professor deve ter a sensibilidade para escolher textos que abordem temas interessantes para os alunos, e que sejam adequados ao repertório dos estudantes. A classe pode, então, ler os textos e destacar particularidades do estilo de cada autor como, por exemplo, Clóvis Rossi e José Simão, da *Folha de S. Paulo*, Luiz Fernando Veríssimo d'*O Estado de S. Paulo* etc. O exercício também facilita a formação de opinião sobre assuntos de destaque na mídia, porque oferece ao estudante pontos de vista diversos.

Quando foram questionados sobre as vantagens pedagógicas propiciadas com o uso do jornal, os professores apontaram o exercício da linguagem, o aprimoramento da comunicação, o estímulo à produção de textos e a ampliação do vocabulário. Pesquisadores da área apontam também a vantagem de o jornal apresentar um modelo de uso da língua equilibrado entre o culto e o trivial, que pode ser aproveitado na escola.

A ficha 10 foi, pois, elaborada com a intenção de traduzir para a prática da sala de aula as vantagens apontadas por professores e pesquisadores. Assim, técnicas retiradas de manuais de redação de jornais e de livros específicos para estudantes de jornalismo foram compiladas e ilustradas na ficha. Os conteúdos foram divididos em três segmentos básicos: redação de títulos, de legendas e e matérias noticiosas (através do esquema da “pirâmide invertida”). Artigos opinativos, como o editorial, por exemplo, não foram incluídos por envolverem outros conhecimentos, o que tornaria a ficha longa e complexa demais para ser aproveitada no Ensino Fundamental. Pelo mesmo motivo, a ficha 10 “quebrou o protocolo” e não tratou da leitura crítica do estilo jornalístico, apontando as limitações da prática definida nos manuais. Seria trabalho complicado para professores e alunos de 5ª a 8ª série. Ademais, já é um grande feito conseguir fazer o público estudantil dominar significativamente a linguagem do texto jornalístico, se se levar em consideração a realidade da escola pública.

Quanto às correções, o texto foi “enxugado”, o exemplo de matéria em esquema de “pirâmide invertida” foi acrescido de um comentário e a segunda proposta de atividade foi modificada, já que apresentava uma contradição: enquanto as informações fornecidas na ficha só abordaram textos noticiosos, a atividade sugeria a análise de textos opinativos e interpretativos.



Já que faz parte dos objetivos dos jornais serem lidos (rapidamente) pelo maior número de pessoas e serem entendidos por leitores com repertório cultural tão variado, foi preciso que se criasse um padrão de texto simples o suficiente para ser compreendido pela massa, mas elaborado o suficiente para transmitir as informações necessárias.

Assim, os jornais se especializaram no ofício de redigir textos que expressem conteúdos com clareza.

A imprensa de grande circulação, como a *Folha de S. Paulo*, por exemplo, oferece um “padrão de língua” que serve de ponto de referência para produção e correção de textos, inclusive na sala de aula. No jornal, as regras básicas da gramática são respeitadas, mas o estilo não é enfadonho, como acontece em muitos textos literários que, longe de despertarem o interesse, afastam o aluno do hábito da leitura.

Mas, como escreve o jornalista?

A princípio, não é possível estabelecer regras definitivas porque cada um tem o seu estilo. Mesmo os

jornais que tentam padronizar a linguagem, criando os manuais da redação, não mantêm padrão definido e único. Até porque, o jornal viraria um amontoado de textos telegráficos chatos, e poucas pessoas se interessariam pela leitura. Ainda assim, pode-se apontar tendências que servem de referência, inclusive, para a produção de textos em sala de aula.

Respondendo a pergunta anterior (como o jornalista escreve?),

Luiz Garcia, autor do manual de redação do jornal *O Globo*¹ do Rio de Janeiro afirma que o jornalista escreve “depressa”, já que, em nenhum outro ofício de escritor, a pressão dos horários é tão cruel e inevitável. Para ele, o texto jornalístico deve ser informativo como um relatório e ter elegância e estilo como as obras literárias. E mais: é preciso conciliar a exatidão na transmissão das informações, a clareza para não gerar dúvidas e a concisão para não desperdiçar o tempo de leitor. E o jornalista precisa fazer tudo isso de olho no relógio.

Objetivos

- Conhecer o estilo característico de títulos, legendas, e matérias noticiosas;
- Estimular a leitura de textos jornalísticos
- Produzir textos com linguagem jornalística.

MATERIAL NECESSÁRIO

Títulos, fotos com legenda e matérias noticiosas de diversos jornais, livros de literatura infantil-juvenil, papel sulfite, cola e tesoura.

Pré-requisitos

Conhecer a primeira página e a segmentação em cadernos.
Atividade recomendada para 7ª e 8ª séries

TEMPO NECESSÁRIO

_____ aulas

Regras básicas do texto

1. As expressões que o leitor médio ignora devem sempre ser explicadas. Essa precaução torna o texto mais inteligível e impede o escritor de escrever sobre o que não sabe. Assim, se o policial diz “viatura”, o jornalista deve dizer “carro”. Se o advogado diz “e grégia corte”, o jornalista deve dizer “tribunal”.

2. Deve-se evitar a linguagem complicada, que, muitas vezes, é tida erroneamente como culta. Escrever, por exemplo “magistério enquanto profissão” é, no mínimo, prática dispendiosa, já que o termo “enquanto” tomou o lugar de “como” que sempre exerceu muito bem a conjunção neste caso. Do mesmo modo, “problema a nível de joelho” é uma aberração que poderia ser subs-

tituída por simplesmente “problema no joelho”.

3. Deve-se escolher a palavra que melhor expresse a informação que o escritor quer dar. Há perda de capacidade de expressão quando se usa termos imprecisos (“muitos”, “diversos” e “vários”) ou ambíguos (caso do verbo poder que tanto significa capacidade como autorização).

4. Os substantivos concretos devem ter supremacia sobre os abstratos. Os termos específicos se impõem aos genéricos, os verbos de ação valem mais e devem ser usados na voz direta. Em relação aos sinônimos, deve-se escolher a palavra mais curta.

5. É preciso considerar sempre a exatidão dos termos. Assim, dizer que o prédio é muito alto é menos exato do que dizer que ele tem 25 andares ou

cerca de 70 metros de altura.

6. As frases devem ser curtas mas, nem por isso, telegráficas. E aí entra o papel do estilo de cada um.

7. O uso de vírgulas é mais simples do que parece: coloca-se vírgulas para indicar divisão decimal (15,3m ou R\$3,3 bi) e em lugar de “e”, “mas” e “ou” e nas enumerações até o penúltimo termo. Fora disso, vírgula é como parênteses: quando se abre, fecha-se (a não ser que a abertura coincida com o início do período e o fechamento com o seu final). Entre vírgulas ficam as orações adjetivas de caráter explicativo, os anacolutos (figuras de sintaxe que usam mudanças abruptas na construção da frase: “Quem o feio ama, bonito lhe parece”), e os apostos de caráter explicativo (não os restritivos).

1. O GLOBO. *Manual de Redação e Estilo*. 16 ed. São Paulo, Editora Globo, 1992



8. Outras regras: usa-se aspas para citações textuais, em discurso direto ou indireto, e partes de texto extraídas. Palavras estrangeiras devem ser escritas com destaque gráfico (itálico). Siglas com até três letras ou com mais de três, mas que não formem palavras possíveis em português, devem ser escritas em maiúsculas (UNE, USP, ABI, SBPC, UFRJ). As siglas com mais de três letras devem ser escritas em minúsculas (Unesp, Senac, Inamps). Os números de um a dez, cem, mil, milhão, bilhão são escritos por extenso. Os demais, em algarismos. O modo correto de indicar horário é 3h, ou 15h40, e nada mais.

fonte: LAGE, Nilson. *Linguagem Jornalística*. 4 ed. São Paulo, Ática, 1993. O GLOBO. *Manual de Redação e Estilo*. 16 ed. São Paulo, Editora Globo, 1992

Anotações do professor

Tendências na elaboração de títulos

O título funciona como "anúncio" da notícia, e serve para atrair (ou afugentar) o leitor. Deve se concentrar no fato mais importante da matéria (segundo a opinião de quem a edita) e, não raro, torna evidente a opinião particular do jornal. Como características básicas da redação de títulos, pode-se destacar:

1. Não há presença de artigos: "Inflação é maior em cinco meses"
2. Usa verbos na voz ativa: "Bens de Collor serão leiloados" e não "Collor terá seus bens leiloados"
3. Verbos são usados sempre no presente. A exceção é feita a assuntos do passado ou futuro distante: "Inflação em 76 foi de 35%" e "Prefeito inaugurará hospital em fevereiro" (para matéria divulgada em julho)
4. Não usa ponto final. Outros sinais da pontuação como dois pontos, ponto e vírgula ou interrogação são usados em último caso: "FH pede fim da 'baderna'" e não "Fernando Henrique: 'basta de

baderna"

5. Siglas e abreviaturas só podem ser usadas se forem de conhecimento geral:

"Presidente do BB descarta intervenção"

"Federação Nacional dos Bancos realiza seminário sobre privatização" e não "Fenaban realiza seminário sobre privatização"

6. Deve-se evitar o uso de termos imprecisos ou ambíguos como "vários", "alguns", "pode" etc.

7. Declarações de entrevistados devem vir entre aspas:

"Fernando Henrique critica 'neobobismo' da oposição"

8. Editoriais e textos opinativos podem ter frases nominais nos títulos "Rombo na previdência"

9. Nada impede que o editor use frases de efeito ou crie títulos criativos. Só não se deve recorrer ao lugar comum. Veja os exemplos:

"Mundo faz reunião de condomínio"

"Lua no bolso"

"O jazz morreu?"

Quebraram o sigilo de Pitta (e o Maluf) ?

(Jornal da Tarde, 5/4/97)

Adolescentes "aterrorizam" condomínio

(Folha de S. Paulo, 21/1/97)

Filhinhos de papai espancam faxineiro do prédio com Skate

(Notícias Populares, 21/1/97)

Em uma galáxia distante...

(Folha de S. Paulo, 10/1/97, sobre relançamento do filme "Guerra nas Estrelas")

MEC quer sexo, tabu e ética no currículo

(Folha de S. Paulo, 28/8/96)

Um em cada seis paulistanos será assaltado em 96

(O Estado de S. Paulo, 6/7/96)

A produção do lide

O lide, termo aportuguesado do inglês "lead", que significa conduzir, guiar, é o primeiro parágrafo da matéria, que introduz o leitor no assunto. O lide é um texto curto e objetivo e contém sujeito, predicado e circunstâncias do fato. Na técnica jornalística, esses três elementos são traduzidos na resposta às cinco perguntas clássicas: **quem? o quê? quando? onde? por quê?** Veja o exemplo:

"O motorista de táxi, João Siqueira, matou a pauladas um cachorro ontem na Avenida Campos Salles ao levar uma mordida".

Respondendo às cinco perguntas, teremos:

Quem? o motorista de táxi João Siqueira

O quê? matou um cachorro

Quando? ontem

Onde? na Avenida Campos Salles

Por quê? porque levou uma mordida.

O estilo jornalístico ainda prevê a construção de um outro tipo de lide, o "não-factual", diferente do clássico das cinco perguntas (que também é chamado de "noticioso"). Assim, o lide não-factual é aquele que lança mão de metáforas, perguntas ou frases de efeito para atrair a atenção do leitor, como neste exemplo:

*"Caramba... Legal, né?" Com essa frase e um ar de surpresa, Xuxa Meneghel recebeu da **Folha** a notícia de que havia sido eleita a pessoa mais feliz do Brasil." (Folha de S. Paulo, 25/5/97).*

Normas gerais

O lide deve ser o mais conciso possível, deve ser redigido na ordem direta (sujeito, verbo e complemento) e ir direto ao assunto principal. O escritor deve evitar:

1. usar na abertura nome, palavra ou expressão pouco familiar à média dos leitores;
2. Começar a frase com advérbio ou gerúndio;
3. Falar do que não aconteceu. Por exemplo, dizer que "um

assalto não aconteceu ontem devido a um determinado fato" é menos preciso do que dizer que "tal fato impediu ontem um assalto".

4. Preferir o abstrato ao concreto. Ao invés de dizer "O governador Mário Covas aprovou ontem a nova política salarial dos professores", deve-se preferir "Professores da rede estadual terão 46% de aumento".

Nada de nariz-de-cera

No jargão jornalístico, o "nariz-de-cera" é o parágrafo introdutório que retarda a entrada no assunto principal do texto e deve ser terminantemente evitado. Veja o exemplo:

"A astronomia já viveu grandes revoluções em sua história. Das esferas de cristal, que sustentavam os astros em seus postos fixos, à revolução de Nicolau Copérnico (1473 - 1543) e às elipses de Johannes Kepler (1571 - 1630), muitos séculos de observação foram necessários para mudar a imagem do céu. O século 20 não poderia fugir à regra. Uma descoberta anunciada na semana passada pela revista britânica "Nature" confirma o padrão. Astrônomos do observatório Austral Europeu (ESO, na sigla em inglês) detectaram o primeiro planeta fora do sistema solar."

Fonte: FOLHA DE S. PAULO. *Novo Manual da Redação*. São Paulo, Folha da Manhã, 1992.

Falácias

O uso de números no texto jornalístico garante exatidão e confiabilidade às informações. No entanto, podem ser usados também como argumentação falaciosa, como nestes casos:

1. Estabelecem-se falsos padrões de aferição: número de automóveis para medir o grau de desenvolvimento de países, procura de emprego como índice de desempregados numa recessão prolongada etc;
2. empregam-se unidades fora de escala do objeto aferido, para impressionar com grandes números: potência de uma hidroelétrica em watts, metros de uma rodovia etc;
3. comparam-se grandezas heterogêneas: tiragens de pico com tiragens médias de veículos, consumo de papel com hectares de floresta derrubada etc;
4. dá-se preferência, conforme convém, a valores absolutos ou porcentagens: números relativos de produção setorial quando se instalam indústrias pioneiras, produto interno bruto como fator de comparação entre países com diferentes populações etc;
5. definem-se universos restritos para a obtenção de recordes: o melhor pianista entre os deputados, a moça mais bonita deste lado da rua etc;
6. altera-se o mecanismo de coleta ou processamento dos dados: número de doentes de uma moléstia antes e depois do mecanismo de controle epidemiológico, índice de preços calculados por critérios distintos etc;
7. extrapolam-se números com leviandade: incidência de doenças cardíacas calculada para a população dos Estados Unidos e aplicada à população do Brasil etc.

fonte: LAGE, Nilson. *Linguagem Jornalística*. 4ed. São Paulo: Ática, 1993.

Linguagem da legenda

Á legenda é, provavelmente, o segundo elemento visto pelo leitor, já que faz parte da foto. Esse tipo de texto deve complementar as informações da imagem fotográfica, respondendo todas as prováveis perguntas do leitor. Em casos específicos, o texto deve também chamar a atenção para detalhes significativos da foto. E deve sempre ter o cuidado de não substituir a inteligência dos outros, descrevendo aspectos óbvios da fotografia.

Os cuidados básicos para produção de legendas são:

1. Quando a foto retrata

uma ação, a legenda deve conter verbos no presente. Quando não retrata ação, é possível fazer uma legenda nominal (sem verbos). Fotos que mostram a consequência de uma ação, mas não ação em si, não podem ter legendas com verbos no presente (veja exemplo abaixo).

2. Quando a foto não retrata o aspecto mais importante do fato, não se deve forçar uma relação da imagem com ele, através da legenda. É errado dizer, por exemplo, "João cumprimenta um pescador após denunciar a tentativa de fraude de José".

No jornalismo, as fotos também podem vir acompanhadas por textos-legenda. São as modalidades de legenda que têm existência como notícia independente da foto. Esses textos possuem títulos (normalmente nominais), em geral na forma de trocadilhos (veja exemplo abaixo).

Jornal da Cidade, 19/9/96



LEGENDA

Acidente ocorreu pela manhã, a 100 quilômetros do centro do Rio, e a Rede Ferroviária diz que vai apurar as causas da colisão

Folha de S. Paulo, 6/11/96

TEXTO-LEGENDA

Nó na cabeça - O técnico Carlos Alberto Parreira torce o pescoço no treino do São Paulo. Nesta noite, a equipe de Parreira deve voltar a jogar "torta" no ataque, concentrando jogadores pelo lado esquerdo - o lateral Serginho, os meias Fábio Mello e Denilson e o atacante Muller.



Proposta de atividades

1. Com títulos

Após uma breve exposição sobre os conceitos da ficha, distribua diversos títulos significativos aos alunos e peça para que eles destaquem as características do estilo jornalístico.

A seguir, distribua pequenas matérias sem títulos e peça aos alunos que dêem nomes para os textos.

Faça um estudo comparativo do estilo de diversos jornais, recortando títulos para as mesmas matérias, como, por exemplo, dos jornais *Folha de S. Paulo* e *Notícias Populares*, sistematizando características como verbos usados em um e no outro jornal, termo usado para designar os envolvidos no fato etc.

2. Com lides

Após uma breve exposição sobre os conceitos da ficha, distribua diversos lides (noticiosos) e peça para os alunos identificarem os cinco elementos (quem, o que, como, quando, onde e por que). A seguir, coloque respostas para as cinco questões na lousa, e peça aos alunos para produzirem seus lides.

Depois, compare os lides noticiosos com os não-factuais e peça para os alunos identificarem um e outro nas páginas dos jornais.

Por fim, peça aos alunos que elaborem um relatório sobre o que aprenderam, exemplificando, com textos dos jornais, as informações que eles colocarem nos relatórios.

Com legendas

Após uma breve exposição sobre os conceitos, distribua fotos com legendas significativas para os alunos, e peça para eles identificarem as características estudadas. A seguir, distribua diversas fotos anexando o nome das pessoas envolvidas e o fato ao qual as fotos se referem, e peça para os alunos elaborarem suas legendas. O professor pode distribuir uma mesma foto em xerox e fazer uma breve comparação entre os textos dos alunos.

A pirâmide invertida

"Pirâmide invertida" é o nome dado ao estilo clássico da narrativa jornalística. Nele, os fatos mais relevantes da matéria são colocados no início do texto, e o conteúdo dos parágrafos que se seguem vai decrescendo em importância. A técnica prende a atenção do leitor e permite que ele se interesse dos principais fatos, mesmo que não leia todo o texto. A prática da pirâmide invertida foi muito útil antes do advento do computador nas redações, quando os textos eram redigidos na máquina de escrever pelo repórter e depois digitados pelo

diagramador. Assim, caso o texto todo não coubesse no espaço planejado pela diagramação, o editor autorizava os cortes "pelo pé da matéria", sabendo que estava eliminando informações menos importantes.

Embora seja a estrutura mais comum, a pirâmide invertida não esgota as "possibilidades geométricas" do texto. Há casos de pirâmides que viram paralelepípedos, quando diversos subtemas são empilhados, e há pirâmides truncadas, quando se apresenta um fato, depois outro e, em seguida, desenvolve-se os dois.

Proposta de atividades

1. Selecione matérias curtas, de preferência notícias isoladas, que não sejam continuação de pautas divulgadas em dias anteriores e as distribua aos alunos. Peça, então, para que eles leiam os textos e identifiquem o lide. A seguir, peça para que eles dividam o restante do texto em blocos, por ordem de relevância, e destaquem as informações que poderiam ser cortadas, caso a matéria precisasse ser cortada para caber na página. Esse exercício estimula o aluno a sintetizar dados e a organizar idéias com mais objetividade.
2. Crie situações na sala de aula para que os alunos possam relatá-las de forma jornalística. Por exemplo, leve um visitante para fazer uma palestra sobre um assunto qualquer como, por exemplo, formas de prevenção ao contágio da AIDS, métodos práticos de estudo em casa, forma de funcionamento da biblioteca da escola etc. Os alunos podem anotar dados da palestra, fazer perguntas adicionais e depois redigir as matérias.
3. Selecione livros de literatura infantil-juvenil relativamente curtos, peça para que os alunos os leiam e reescrevam a história em linguagem jornalística. Eles podem imaginar entrevistas obtidas com os personagens da história para acrescentá-las na matéria. Quanto mais fantasiosa for a história literária, mais divertido será para o estudante produzir um texto realista.

Veja o exemplo, retirado da *Folha de S. Paulo*, de 12/4/96

(1) O número de católicos no Brasil caiu de 93,7% da população, em 1960, para 80%, em 1991. O dado faz parte de um relatório preliminar do Censo de 1991, realizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Ele foi divulgado ontem durante a 34ª Assembleia Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

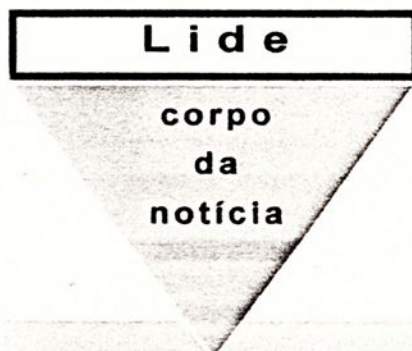
(2) O relatório foi apresentado aos bispos por representantes do Ibrades (Instituto Brasileiro de Estudos Econômicos e Sociais), um órgão de pesquisas ligado à CNBB. Ainda segundo o relatório, no mesmo período (1960-91), as outras religiões cresceram de 6,93% da população para 20%. A maior queda do catolicismo aconteceu entre 1980 e 91: caiu de 88,9% para 80%.

(3) No mesmo período, o número de seguidores de outras religiões quase dobrou, passando de 11% para 20% da população.

(4) O documento do Ibrades ainda analisou o crescimento das igrejas evangélicas no país. Segundo dados do Censo Institucional Evangélico, realizado pelo Iser (Instituto de Estudos da Religião do Rio de Janeiro), os católicos representam 64% do total de fiéis que entram nas igrejas evangélicas. O documen-

to diz que as igrejas tradicionais, como a católica, "parecem ter perdido boa parte do poder de persuasão e sedução".

(5) Ainda citando dados preliminares do Censo do IBGE, o documento afirma que, de 1980 para 1991, surgiram no país mais 4 mil novas denominações religiosas. "Houve um fracionamento do universo religioso hegemonicamente católico e cristão", diz o relatório.



O texto ao lado é o típico exemplo da matéria noticiosa organizada no esquema da pirâmide invertida. Veja que o primeiro parágrafo (lide) faz um resumo do assunto e responde perguntas básicas. O segundo parágrafo complementa as informações do lide, o terceiro e o quarto parágrafos acrescentam dados complementares sobre o assunto principal (diminuição do número de católicos no país e aumento de fiéis a outras religiões). Finalmente, o quinto parágrafo traz informação adicional: o surgimento de cerca de 4 mil novas denominações religiosas. Note que, se caso a matéria não coubesse inteira, o último parágrafo poderia ser cortado, sem prejudicar a compreensão do fato principal.

A ficha 11, na verdade, funciona como espaço de trabalho para o professor que não possui condições críticas em outras oportunidades. De fato, o estudo da página, da linguagem, da estrutura e até mesmo da presença de publicidade já desenvolveram oportunidades para se chegar a leitura crítica. Entretanto, como o objetivo que motiva a produção de todo o material é o despertar da percepção crítica para a mídia, a produção de uma ficha específica a esse fim é uma etapa necessária para aprofundar a compreensão, antes de se partir para a produção de trabalhos críticos.

Assim, as questões selecionadas na ficha 11 permitem a compreensão de textos e são, por si só, exemplos de atividades que devem ser realizadas com os estudantes. Marcadores, títulos, "olhos", setas, legendas e linhas entram na pauta das comparações. Por não ter sido possível estabelecer diferenças quanto a mudança no conteúdo, apenas uma versão da ficha está anexada.

A ficha 11, na verdade, funciona como espécie de lembrete para o professor que não insistiu na leitura crítica em outras oportunidades. De fato, o estudo da primeira página, da linguagem fotográfica e até mesmo da presença de publicidade já ofereceram oportunidades para se efetuar a leitura crítica. Entretanto, como o objetivo que motivou a produção de todo o material é o despertar da percepção crítica para a mídia, a produção de uma ficha específica sobre leitura atenta pareceu pertinente para encerrar a empreitada, antes de se partir para a produção de boletins escolares.

Assim, os conteúdos selecionados na unidade 11 priorizam a comparação de versões e são, por si só, exemplos de atividades que devem ser realizadas com os estudantes. Manchetes, títulos, "olhos", fotos, legendas e lides entraram na pauta das comparações. Por não ter sofrido correções significativas (exceto a mudança no cabeçalho), apenas uma versão da ficha está anexada.

TEMPO NECESSÁRIO

_____ aulas

152

Comparação de manchetes

A manipulação da notícia no momento de assuntos políticos, de importância nacional. Os jornais constantemente deturpam para obter uma vantagem competitiva, a exploração da parcialidade dos fatos. Veja o exemplo:

Na primeira semana de janeiro de 95, quando o presidente Fernando Collor começou a governar, senadores não compareceram à votação para aprovação do nome de Nello Aida, indicado para presidir a Barra Central. Ao que parecia, os políticos queriam trocar sua presença no plenário pela anistia do senador Humberto Lucena, condenado pelo Justiça Federal por usar a gráfica da Senado durante sua campanha eleitoral. No dia 11/01, as manchetes dos jornais Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo foram:

Senado afraza aprovação de Aida

(Folha de S. Paulo)

Senado chantageia para aprovar Aida

(O Estado de S. Paulo)

Note que a manchete da Folha é mais objetiva: circunscreve-se ao fato. Já a manchete do Estado inclui a interpretação do jornal, qualificando a ação dos parlamentares de chantagem.

As atividades propostas nas fichas anteriores propiciam ao professor e ao aluno o conhecimento necessário para efetuarem a leitura crítica de jornais. As funções da primeira página, a hierarquização dos fatos em cadernos, a supervalorização da *infografia*, o destaque e a supressão de informações através dos recursos de diagramação e a linguagem ardisca da fotografia são aspectos que devem ser considerados em qualquer leitura da imprensa.

Desde o início, propusemos a comparação de informações entre diversos jornais como requisito básico para desvendar a manipulação, em partes, inevitável da notícia. O objeti-

vo desta ficha é sistematizar a prática da comparação.

Cada professor conhece o ritmo da sua turma para decidir quais das atividades propostas a seguir trarão resultados pedagógicos mais significativos. A comparação pode se restringir aos títulos e subtítulos (*olhos*) dos jornais, alcançando ou não fotos e legendas. Turmas mais adiantadas podem avaliar também os lides. Se o professor considerar possível, a turma ler e analisar páginas inteiras sobre um mesmo assunto em mais de dois jornais, conhecendo, inclusive, a opinião de colonistas e articulistas sobre o fato estudado. Veja como proceder, nos exemplos a seguir.

Comparação de manchetes

A manipulação fica evidente no tratamento de assuntos políticos, de importância nacional. Os jornais inevitavelmente deixarão transparecer sua ideologia nas manchetes, e explicitar a parcialidade dos meios. Veja o exemplo:

Na primeira semana de janeiro de 95, quando o presidente Fernando Henrique Cardoso começou a governar, senadores não compareceram à votação para aprovação do nome de Pêrsio Arida, indicado para presidir o Banco Central. Ao que parece, os políticos queriam trocar sua presença no plenário pela anistia do senador Humberto Lucena, condenado pela justiça eleitoral por usar a gráfica do Senado durante sua campanha eleitoral. No dia 5/1/95, as manchetes dos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo* foram:

Senado atrasa aprovação de Arida

(Folha de S. Paulo)

Senado chantageia para aprovar Arida

(O Estado de S. Paulo)

Note que a manchete da *Folha* é mais objetiva: circunscreve-se ao fato. Já a manchete do *Estado* inclui a interpretação do jornal, qualificando a ação dos parlamentares de *chantagem*.

OBJETIVOS

- ### ■ Evidenciar a inevitável prática da manipulação

MATERIAL NECESSÁRIO

Manchetes, lides, fotos e primeiras páginas de diversos jornais de um mesmo dia.

Pré-requisitos

Conhecer a primeira página, o papel da fotografia, a função da diagramação e o estilo jornalístico. Atividade recomendada para 6ª, 7ª e 8ª séries

TEMPO NECESSÁRIO

_____ aulas

Anotações do professor

Comparando manchetes e olhos

Durante o processo de privatização da Companhia Vale do Rio Doce, os jornais não mediram esforços para cativar a opinião dos seus leitores. As seguintes manchetes foram publicadas no dia 7/5/95:

(Jornal da Cidade)

CSN compra Vale por R\$ 3,3 bi

O consórcio Brasil, liderado pela CSN, comprou a Vale com ágio de 20%
Liminares ainda tentam suspender a operação

(Folha de S. Paulo)

CSN compra Vale por R\$ 3,3 bi, mas batalha judicial continua

Governo obtém ágio de 19,99% na maior privatização do país
Juíza do Rio concede liminar que suspende os efeitos do leilão

(Jornal da Tarde)

Vale vendida no intervalo da guerra

Enquanto o leilão acontecia, juíza dava nova liminar que deixa tudo em suspenso
 Consórcio liderado pela CSN arrematou estatal com promessa de não fatar empresa
 Entre muitas liminares, uma foi concedida por ex-candidata do PT

(Notícias Populares)

Grana do EUA compra Vale

Empresa gigante sai das mãos do governo

O *Jornal da Cidade* se limitou a relatar o principal fato na manchete. O subtítulo, fala do ágio e faz menção às liminares que ainda tentam suspender o leilão.

A *Folha de S. Paulo* deu uma manchete de duas linhas por seis colunas, (espaço que é destinado a assuntos de extrema importância, já que as manchetes ocupam, normalmente, três colunas quando são escritas em duas linhas) e alertou os leitores para o fato de que o processo ainda não estava encerrado (lembre-se que muita gente só lê a manchete). No olho, o jornal falou do ágio e da liminar concedida por uma juíza do Rio, que suspendia o leilão (note que o JC falou em *liminares* e não em *uma liminar*).

O *Jornal da Tarde*, do grupo *Estado*, usou um termo pesado no título - guerra -, procurou acalmar os leitores informando que o grupo vencedor não pretendia fatar a empresa e salientou que a juíza que concedeu liminar foi candidata pelo PT. O apoio ao governo FHC e o desprezo ao PT pela direção do grupo *Estado* já são conhecidos por leitores atentos.

O *Notícias Populares* usou o tom vulgar de sempre, empregando conotação cômica a um fato sério para a política do país.

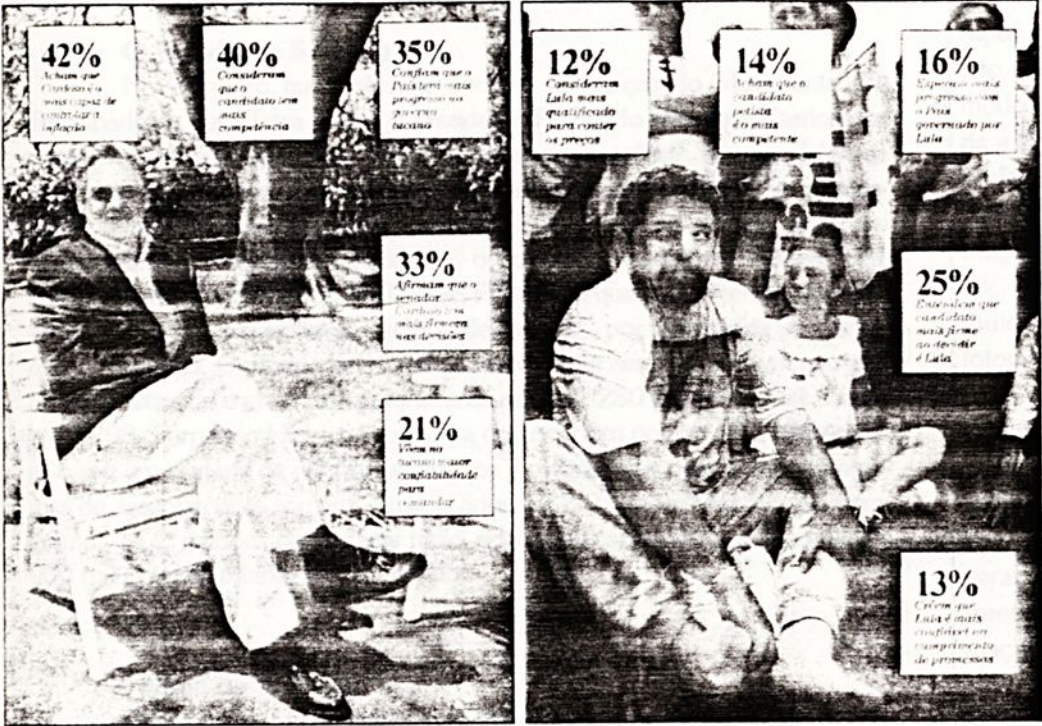
Seja por “veneno ideológico” (como no *Jornal da Tarde*) ou por “argumento de venda” (como no *Notícias Populares*), os jornais trazem, na verdade, versões do fato. Exercícios de comparação como este ajudam o leitor a detectar manipulações e se aproximar da versão mais exata.

Anotações do professor

A manipulação através das fotos

Em 2/10/94, daata do 2º turno das eleições presidenciais, os jornais O Estado de S. Paulo e Folha de S. Paulo trouxeram essas fotos na primeira página:

O Estado de S. Paulo



O Estado soube, como ninguém, tirar proveito dos recursos da imagem. Estampando a foto de FHC de terno, sobriamente sentado em um jardim, e Lula numa posição cômica, o leitor desavisado inevitavelmente chegará à conclusão de que Lula não tem “cara” de Presidente da República. Supervalorizando a imagem pessoal de cada candidato, o jornal não permitiu ao leitor avaliar o histórico de cada um, suas convicções, proposta política e classe social que representa.

Folha de S. Paulo



A Folha foi bem mais sutil, e colocou os dois candidatos em estúdio, para serem fotografados na pose que quisessem. A manipulação se restringiu a enquadramento fotográfico. A foto de Lula é “quadrada”, pouco criativa e de estética ultrapassada. A de FHC foi feita de um ângulo inusitado, que conferiu mais dinamismo à foto. A imagem resultante é mais “moderninha”.

Comparando lides

A leitura comparativa de lides possibilita uma análise mais detalhada da versão dos fatos colocada pelos jornais, como no seguinte exemplo, retirado da primeira página dos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, de 18/4/97. Os textos se referem à marcha liderada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, e o encontro entre líderes do movimento com o presidente Fernando Henrique Cardoso.

O Estado de S. Paulo

No encontro que terá hoje com as lideranças do Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST), o presidente Fernando Henrique Cardoso vai dizer que está empenhado em "reformular a reforma agrária". Ou seja, falará de uma série de medidas já em andamento e outras que, segundo ele, necessariamente serão lançadas. Enquanto a marcha dos sem-terra entrava ontem na Esplanada dos Ministérios, em Brasília, o governo divulgava um longo documento, que será entregue ao MST. Nele, FHC trata a questão da terra como algo a ser enfrentado com realismo, "sem vender ilusões", por se tratar de uma deformação histórica. O presidente, porém, não pretende assumir nenhum compromisso de alterar a meta do seu programa de assentar 280 mil famílias até dezembro de 98. Fernando Henrique considera que nenhum governo fez tanto quanto o seu em matéria de reforma agrária: os investimentos para atender programas de assentamento somam, em dois anos, R\$2,9 bilhões. Até 98, pelo programa, 14,2 milhões de hectares terão sido desapropriados ou comprados e 900 mil pessoas estarão vivendo melhor.

Folha de S. Paulo

Os sem-terra comandaram em Brasília o maior protesto contra o governo Fernando Henrique Cardoso. Sob chuva e sem incidentes, cerca de 30 mil pessoas, de acordo com a PM, 2 mil delas sem-terra, participaram do final da Marcha pela Reforma Agrária, Emprego e Justiça, iniciada no dia 17 de fevereiro. Para os sem-terra, havia de 50 mil a 100 mil pessoas. Segundo o Planalto, FHC não acompanhou o ato. O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra acirrou as críticas ao governo na manifestação, que lembrou um ano do massacre de 19 sem-terra em Eldorado dos Carajás (PA). O líder José Rainha Jr. pediu a demissão do ministro Raul Jungmann (Política Fundiária), a quem chamou de "canalha". Hoje, FHC e Jungmann receberão comitiva de 15 sem-terra, em reunião de uma hora - o MST pediu duas. O governo anunciou ontem mais US\$ 400 milhões para a reforma agrária. Os sem-terra exigirão o assentamento de 750 mil famílias até 98. "Não viemos negociar", disse João Pedro Stédile, do MST. "Vamos ensinar como deve ser a reforma agrária". Políticos aproveitaram o protesto para criticar FHC. Houve atos de apoio aos sem-terra em capitais e no exterior.

Enquanto o *Estado* fez a vez de porta-voz oficial do governo, divulgando o documento preparado por FHC, falando de suas realizações e metas, a *Folha* procurou retratar a manifestação do dia anterior, que reuniu pelo menos 30 mil pessoas em protesto contra o governo. O leitor do *Estado*, no final tem a impressão de um governo atuante e decidido, que mantém o país sob controle, "sem vender ilusões". O leitor da *Folha* acaba tendo a dimensão do descontentamento da população (apoiada inclusive por manifestações no exterior) e percebe que o governo não vai tão bem assim.



olho vivo

As atividades de comparação exigem leitura assídua de jornais. Mas o professor não deve se preocupar em ler "de cado a rabo". Ninguém tem tempo pra isso, e o jornal já é organizado de modo a propiciar uma leitura rápida e ágil. Algumas dicas para o professor ler com mais rapidez, sem correr o risco de perder informações importantes são:

1. Ler todos os títulos, subtítulos, manchetes, legendas e fotografias;
2. Identificar os assuntos das matérias que mais chamaram a atenção, lendo os lides e, se possível o segundo parágrafo;
3. Depois da "olhada geral", ler as matérias que julga serem importantes para sua formação;
4. A seguir, ler o editorial, se ele trazer tema de interesse (alguns jornais trazem resumos dos editoriais na primeira página);
5. Ler artigos de autores de sua confiança. Se o tema for importante, é aconselhável estender a leitura a textos de autores que não costuma ler com tanta frequência;
6. Conversar com outras pessoas sobre os assuntos que estão nos jornais, para ver se alguém tem outras informações;

Anotações do professor

Estudos de caso

Encontro dos Sem-terra com o Presidente Fernando Henrique Cardoso, em 18/4/97

O Estado de S. Paulo

FH propõe reforma "sem ilusão"

Folha de S. Paulo

Sem-terra lidera ato contra FHC

O Globo

Pela terra, sem violência

Zero Hora

Sem-terra entram em Brasília como heróis

Jornal do Brasil

FH muda política fundiária

Notícias populares

Peãozada prensa FHC na parede

Declarações do ex-Ministro da Fazenda, Rubens Ricupero, em 3/9/94

Folha de São Paulo

Ricupero admite esconder inflação

"O que é bom a gente fatura, o que é ruim esconde", diz ministro Ricupero afirma à TV Globo que ajuda campanha de FHC

O Estado de São Paulo

Apoio a Cardoso leva PT a acusar Ricupero

Diário Popular

PT acusa ministro da Fazenda de ajudar Fernando Henrique

Jornal da Cidade

Fita do PT coloca Ricupero em apuros

Manchetes dia seguinte:

Folha de São Paulo

Itamar decide afastar Ricupero

Presidente toma decisão após conhecer declarações do ministro de que ele é mais importante que o governo

O Estado de S. Paulo

Entrevista leva Ricupero a se demitir

Diário Popular

Cai a máscara do Plano Real

Fonte: Maria Alice Faria, Como usar o jornal na sala de aula (Contexto, 1996)

Anotações do professor

Proposta de atividades

Comparação sistemática

Assim como fizemos nos exemplos da ficha, o professor pode fazer a comparação sistemática do tratamento dados pelos diversos jornais aos fatos. Os assuntos que merecem destaque nos jornais (geralmente de natureza política) podem ser separados em títulos e olhos, fotos, lides etc, e os alunos fazem a análise dos recortes, produzindo textos sobre as comparações. Esses textos podem ser publicados em um boletim da classe.

Com turmas mais

avanzadas, o professor pode avaliar o tratamento de um fato, desde que ele surge até desaparecer das páginas dos jornais. Além das informações que foram veiculadas, pode-se avaliar a opinião manifestada através do editorial, a opinião de colunistas e articulistas, o modo como as matérias sobre o assunto foram diagramadas e a conseqüente importância que o fato teve para os diversos meios. Os alunos podem listar as pessoas que foram entrevistadas em um e em outro jornal, calcular a porcentagem de espaço destinada ao assunto em cada veículo etc.

O professor deve estimular a produção de relatórios, quando os alunos terão a oportunidade de organizar dados, refletir e formar opinião sobre os problemas sociais do seu tempo. Sempre que possível, os textos devem ser divulgados. Essa prática pode difundir o hábito da leitura crítica.

A ideia das fichas está intimamente ligada ao objetivo geral do presente trabalho. A opção pela criação de uma ficha abarcando diversas fases da produção da bolacha foi feita pelo fato de que, ao longo do desenvolvimento, surgiram algumas "curiosidades" que dependiam não apenas da elaboração da receita, mas também da produção em escala. Certamente, a ideia principal de um jornal escolar era mostrar que os alunos não só sabem de teoria, mas também de prática. De acordo com a ideia "do dia da bolacha" e poderíamos mostrar na prática como um grupo de alunos se organiza para produzir um produto finalizado, como qualquer outro.

Assim, a ficha procurou reunir e organizar todos os dados necessários para a produção da receita, bem como de informações adicionais que os alunos poderiam encontrar para a produção.

Durante a elaboração das fichas, as Oficinas Pedagógicas da Delegacia de Fomento de Bauré, os participantes produziram a bolacha, usando equipamentos como máquina de amassar, batedeira, computador e forno. Em pouco mais de duas horas, as três equipes produziram uma página com receitas, ilustrações e diagramação artística. O desempenho das equipes foi muito bom, pois elas produziram a bolacha e a página em um tempo muito curto. Na prática, elas usaram a ficha como guia para a produção da bolacha e da página. A ficha 12, portanto, também não é apenas uma

FICHA 12

A última das fichas está indiretamente ligada aos objetivos gerais do presente trabalho. A opção pela inclusão de uma ficha abordando técnicas para produção de boletins escolares se justifica pelo fato de, após ter conhecimentos significativos sobre a “construção” seria desperdício não estimular os estudantes a pôr em prática tudo que aprenderam. Certamente, a efetiva produção de um jornal escolar, nos moldes em que se propõe aqui, irá coroar de êxito a proposta das fichas. Os alunos terão seus “dias de jornalista” e poderão conferir na prática como em que medida a informação jornalística é um produto fabricado, como qualquer outro.

Assim, a ficha procurou reunir e esquematizar todas as etapas necessárias para a produção dos jornais, sem perder de vista a realidade escolar em que estão inseridas. É, na verdade, um guia elementar para os professores.

Durante a apresentação das fichas, nas Oficinas Pedagógicas da Delegacia de Ensino de Bauru, os participantes produziram três boletins, usando equipamentos como máquina de escrever, mimeógrafo, computador e xerox. Em pouco mais de seis horas, as três equipes produziram uma página com matérias, ilustrações e diagramação satisfatória. O desempenho das equipes animou os participantes a produzir jornais daquele tipo com seus alunos. Na ocasião, eles avaliaram a ficha como suficiente para auxiliá-los com seus alunos. A ficha 12, portanto, também não sofreu correções.

Erros comuns que são fáceis de serem evitados

1. Considerar a produção do jornal como mais um trabalho escolar rotineiro, oficial de algumas disciplinas, considerando as técnicas pedagógicas habituais, utilizando nele como um instrumento processo de aprendizagem, sem definir os seus objetivos educativos mais tradicionais.

2. Produzir o jornal no âmbito de um grupo muito fechado e desligado das realidades da escola e da comunidade.

3. Apelar pouco ao conteúdo jornalístico e de comunidade, não explorando as diversas possibilidades, criando um jornal estéril, pouco ligado à demanda “real” da vida da comunidade escolar por ser pouco “realista”.

4. Assumir que o conteúdo do jornal seja definido a partir sobretudo das interesses pessoais

de quem nele colabora, esquecendo que a abrangência e a diversidade temática são fundamentais para captar leitores e criar um jornal vivo.

5. Permitir um esquema de funcionamento que leve a quebra do trabalho e da responsabilidade sobre duas ou três pessoas, normalmente professores. O protagonismo dos alunos nas diferentes fases da produção do jornal deve ser um ponto de honra.

6. Pensar que a que se utiliza no jornal são os textos que publica, esquecendo a grande importância que deve ter dada à apresentação gráfica.

7. Fazer uma gestão errada dos tempos de elaboração do jornal nas suas diferentes etapas, distorcendo os prazos de entrega dos

originais e a caracterização dos diversos materiais, considerando, sempre, uma política de flexibilização do jornal e a diagramação de colaboradores.

8. Não no processo de produção do jornal apenas uma sequência de tarefas e etapas que devem levar ao jornal mais ou menos eficaz, à criação do produto final, desperdiçando pelo caminho, e mesmo depois de o jornal estar pronto, todo um momento de reflexão de propósito e de quem dispõe um momento crucial mais importante do que a criação do jornal.

Santo SANTOS, Antônio + PEREIRA, Manoel. O Jornal Escolar. Porto, Editora ALE, 1992.

ORGANIZANDO A IMPRENSA ESCOLAR

Pesquisas na área de jornalismo escolar têm mostrado que, quando decidem fazer um jornal, não raro os educadores o concebem como um fim em si mesmo. Antônio Santos e Manuel Pinto, autores do livro "O jornal escolar" observam que os jornais escolares normalmente constituem um calhamaço de páginas grampeadas com a coleção de trabalhos escolares dos alunos, geralmente sem preocupações estéticas que, nem de longe, alcançam os resultados específicos do jornal escolar. Para os autores, um boletim definido e organizado significa, antes de tudo, uma ruptura com a prática pedagógica cotidiana, particularmente com aquela que se fundamenta no "supermercado" de conhecimentos que estão à disposição do aluno através de disciplinas que não têm nada de comum entre si.

Ademais, o jornal é um meio

adequado para estimular a reflexão, a organização de idéias, o debate e a participação social. Quando organizado, dá a medida da responsabilidade e da ética.

Como objetivos básicos da imprensa escolar podemos destacar o estímulo à divulgação de informações que sejam úteis à prática social dentro da escola, o exercício do trabalho em equipe e a possibilidade do "aprender a fazer", já que a produção jornalística tem etapas bem definidas, quando idéias inicialmente vagas vão tomando corpo e são finalmente, divulgadas para outras pessoas.

Durante a produção do jornal, o professor deverá ficar na retaguarda do processo orientando a iniciativa dos alunos e deve ter o cuidado de nunca inibir o entusiasmo que certamente surgirá na classe.

Objetivos

- Propiciar a oportunidade de os alunos serem produtores de comunicação, rompendo com o hábito da leitura passiva dos meios;
- Incentivar a prática do texto
- Promover a integração da comunidade escolar.

MATERIAL NECESSÁRIO

Varia de acordo com o modo de produção do jornal, como se verá adiante.

Pré-requisitos

Conhecer a estrutura dos jornais, dominar conceitos básicos do estilo jornalístico, de diagramação e de fotografia. Conhecer mecanismos de leitura crítica da imprensa.

Erros comuns que são fáceis de serem evitados

1. Considerar a produção do jornal como mais um trabalho escolar, sujeito, afinal às mesmas lógicas condicionantes das práticas pedagógicas habituais, não apostando nele como um excelente processo de contrariar as rotinas dominantes nas atividades educativas mais tradicionais.

2. Produzir o jornal no âmbito de um grupo muito fechado e desligado das realidades da escola e do meio.

3. Apostar pouco na inovação formal e de conteúdo, não explorando as diversas possibilidades, caindo num jornal cinzento, pouco variado e demasiado "escolar", onde a voz dos alunos acaba por ser pouco "audível".

4. Aceitar que o conteúdo do jornal seja definido a partir, sobretudo, dos interesses pessoais

de quem nele colabora, esquecendo que o alargamento e a diversificação temáticos são fundamentais para captar leitores e criar um jornal vivo.

5. Permitir um esquema de funcionamento que leve a que o grosso do trabalho e da responsabilidade caia sobre duas ou três pessoas, nomeadamente professores. O protagonismo dos alunos nas diferentes fases de produção do jornal deve ser um ponto de honra.

7. Pensar que o que dá valor ao jornal são os textos que publica, esquecendo a grande importância que deve ser dada à apresentação gráfica.

8. Fazer uma gestão errada dos tempos de elaboração do jornal nas suas diferentes etapas, dilatando os prazos de entrega dos

originais e a concretização dos diversos trabalhos, arriscando, com isso, uma notória desatualização do jornal e a desmotivação de colaboradores.

9. Ver no processo de produção do jornal apenas uma sucessão de tarefas e etapas que devem levar, de forma mais ou menos eficaz, à criação do produto final, desperdiçando pelo caminho, e mesmo depois de o jornal estar pronto, todo um manancial de situações de formação e de aprendizagem em si mesmas tão ou mais importantes do que a criação do jornal.

fonte: SANTOS, Antônio e PINTO, Manuel. *O Jornal Escolar*. Porto, Edições Asa, 1992.

Etapas da produção do jornal

A partir do momento em que decide produzir um jornal, a turma deve definir aspectos básicos da produção, tais como:

1. Os objetivos

★ O jornal vai promover a integração entre os alunos?

★ Vai reunir toda a comunidade escolar (incluindo professores e funcionários)?

★ Vai alcançar a comunidade ao redor da escola (jornal de bairro)?

★ Vai ser a voz oficial da escola? Ou vai ser um "jornal marginal", fazendo a crítica ao sistema estabelecido?

★ Vai servir apenas como espaço de exercício da prática jornalística?

Para definir os objetivos do jornal, a turma deve considerar as expectativas do público ao qual o impresso se destina

2. A equipe

★ Será de inteira responsabilidade dos alunos? Vai envolver a classe toda?

★ Vai contar com a colaboração dos professores de outras disciplinas? Vai contar com a colaboração de funcionários da escola? De pais de alunos?

Reunido o grupo, deve-se fazer a distribuição das tarefas, de acordo com as aptidões e disponibilidade de cada voluntário. Veja na próxima página um exemplo de organograma da imprensa escolar. Como já destacamos, a obrigatoriedade em participar do jornal é um erro.

3. Recursos e aspecto gráfico

★ Para a edição, a classe poderá usar: máquina de escrever, computador ou o jornal será manuscrito?

★ A reprodução será em fotocópia? Em mimeógrafo? Em gelatinógrafo? A escola tem como custear impressão em off-set?

★ É possível inserir publicidade para custear o jornal? A turma tem estrutura para fazer este trabalho?

É importante lembrar que a definição da periodicidade deve considerar os

recursos materiais disponíveis. Assim, um jornal rodado no mimeógrafo pode ser mais freqüente que outro rodado em off-set. Por outro lado, este último pode ficar mais atraente. A classe deve decidir o que é melhor para si.

4. Nome e logotipo

★ Será humorístico?

★ Levará o nome da escola?

★ Fará referência à condição dos jovens estudantes que o fazem?

★ Fará referência ao conteúdo específico do jornal?

O nome do jornal deve estar sintonizado com os objetivos. Assim, um jornal "marginal" pode adotar um nome humorístico. Já um jornal oficial da escola deve adotar o nome da instituição, por exemplo.

5. Organização do anteprojeto

Quando a turma já tiver escolhido as características básicas do jornal, deve-se sistematizar as idéias através de um anteprojeto. Esse exercício esclarece aspectos que ainda gerem dúvidas e funciona como um estatuto primário do boletim. Se a turma decidir fazer um jornal oficial da escola, direcionado aos familiares dos estudantes, por exemplo, não faz sentido publicar críticas mordazes ao sistema. O anteprojeto garante a manutenção da linha editorial previamente definida. Além disso, se a turma decidir inserir publicidade, um anteprojeto organizado facilita a atração dos patrocinadores, porque impressiona pela organização.

O anteprojeto deve ser formado por:

★ **Introdução** - este item apresenta a proposta.

★ **Objetivos** - deve conter os itens discutidos anteriormente, que caracterizam a proposta definida.

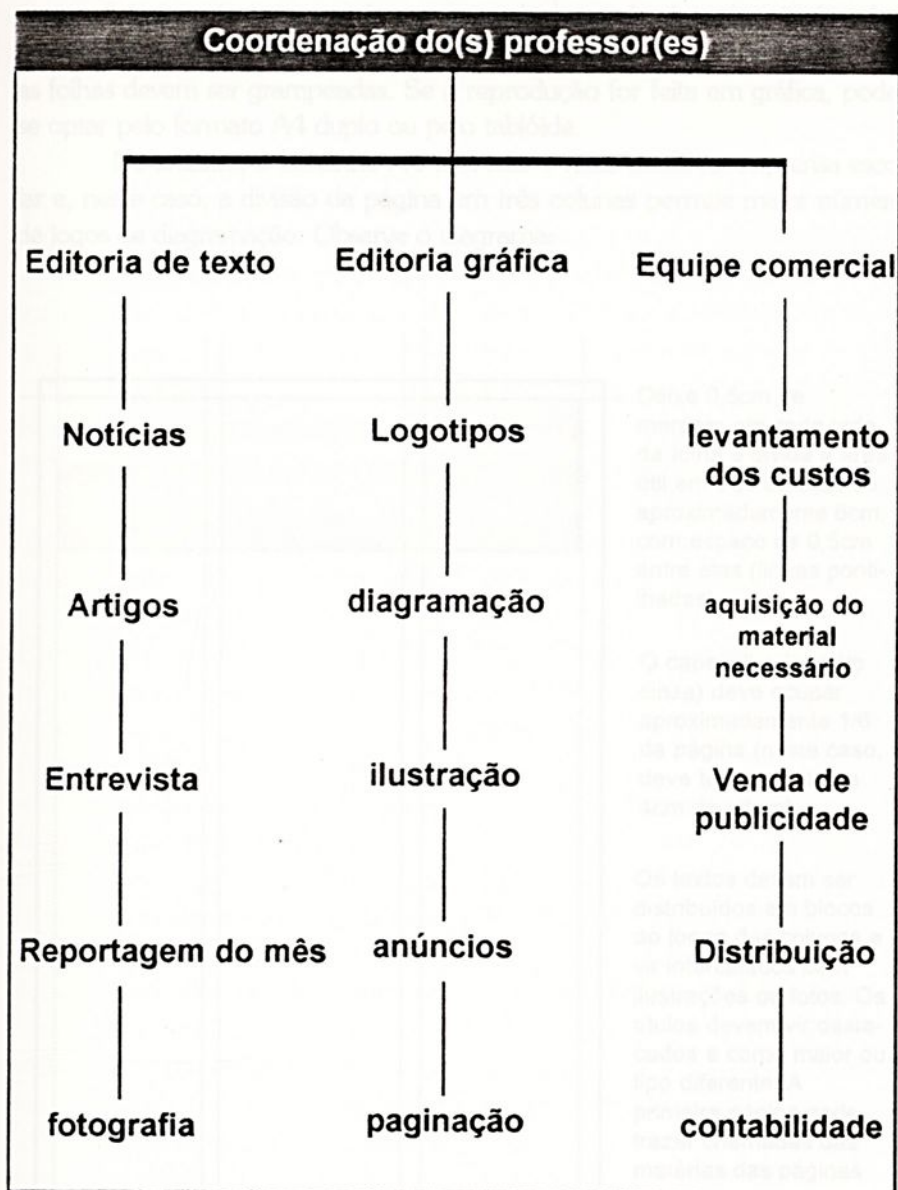
Anotações do professor

★ **Conteúdo** - um resumo dos assuntos que serão comumente abordados, pessoas que irão colaborar com artigos, se haverá quadrinhos, charges etc.

★ **Equipe responsável** - nome e função atribuída a cada pessoa.

★ **Recursos necessários** - materiais usados para cada edição (papel sulfite, papel carbono, número de fotocópias, custos de gráfica etc) e materiais permanentes (máquina de escrever, máquina fotográfica, mimeógrafo, material para fazer o gelatinógrafo, espaço para reuniões etc). Neste item também é conveniente levantar os custos do material necessário e listar aquilo que a escola já possui.

Modelo de Organograma para a imprensa escolar



Olho vivo

Antes de começarem a produzir o boletim, os alunos devem fazer uma avaliação dos jornais escolares que têm sido feitos. Cada equipe deve prestar atenção aos aspectos referentes à sua função. Assim, membros da editoria de texto avaliam o conteúdo das matérias, a editoria gráfica avalia a diagramação, a ilustração etc. A equipe comercial (se for o caso) levanta os custos aproximados do jornal, que tipo de empresa anuncia etc.

Também é preciso que todos tenham o hábito de ler jornais e tenham uma noção das expectativas do público-alvo da imprensa escolar. É importante lembrar que o jornal é feito para a massa de leitores e não para atender o gosto de quem escreve.

**Anotações
do professor**

This image shows a single sheet of white paper with horizontal blue or grey ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There is no handwriting or other markings on the paper.

A importância da diagramação

Como já vimos anteriormente, a concorrência acirrada leva os jornais a investirem no seu aspecto gráfico, na tentativa de superar o poder de atração do concorrente.

O cuidado com o aspecto estético deveria fazer parte da rotina dos jornais escolares, o que raramente acontece. A consequência do desleixo é o pouco interesse dos leitores. Talvez, devido ao pouco

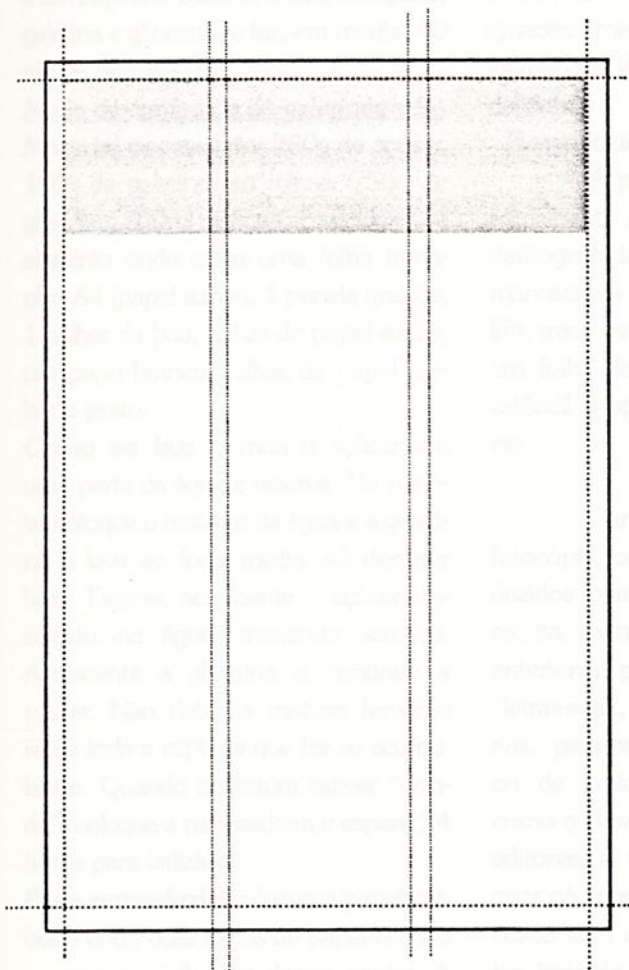
caso em relação ao planejamento gráfico é que muitos boletins escolares vão para o lixo antes que o leitor descubra textos interessantes que estão presentes ali.

É importante destacar também que o planejamento gráfico organiza as informações da página e propõe pontos de referência para o leitor traçar seu caminho de leitura, escolhendo os textos que lhe pareçam mais convenientes.

Informações técnicas

Em primeiro lugar, é preciso escolher um formato. Se a paginação for “caseira” (utilizando máquina de escrever, mimeógrafo, fotocópia etc), o formato mais adequado é o A4, tamanho do papel sulfite comum, e, neste caso, as folhas devem ser grampeadas. Se a reprodução for feita em gráfica, pode-se optar pelo formato A4 duplo ou pelo tablôide.

No entanto, o tamanho A4 tem sido o mais usado na imprensa escolar e, neste caso, a divisão da página em três colunas permite maior número de jogos de diagramação. Observe o diagrama:



Deixe 0,5cm de margem em cada lado da folha e divida a área útil em três colunas de aproximadamente 6cm, com espaço de 0,5cm entre elas (linhas pontilhadas)

O cabeçalho (quadro cinza) deve ocupar aproximadamente 1/6 da página (neste caso, deve ter por volta de 4cm de altura).

Os textos devem ser distribuídos em blocos ao longo das colunas e vir intercalados com ilustrações ou fotos. Os títulos devem vir destacados e corpo maior ou tipo diferente. A primeira página pode trazer chamadas das matérias das páginas internas



Olho vivo

É importante lembrar que a tendência de leitura da página é feita da esquerda para a direita e de cima para baixo. A organização da página deve, então, partir dessa perspectiva.

Mesmo na paginação caseira,

é possível incrementar a distribuição do texto, colocando determinadas matérias entre fios, deixando espaços para o "olho" (frase retirada da matéria e colocada com destaque no meio das colunas) etc.

Anotações do professor

This image shows a single sheet of white paper with horizontal blue or grey ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There is no handwriting or other markings on the paper.

Alternativas de reprodução

Cada escola tem suas possibilidades e o professor deve escolher o modo mais adequado de levar o jornal adiante. Com criatividade, é fácil produzir um jornal atraente, embora os recursos sejam limitados. Sugerimos aqui quatro maneiras, da mais artesanal à produção em gráfica.

Reprodução em gelatinógrafo

É o modo mais simples de reprodução de boletins. O gelatinógrafo é um copiador caseiro, à base de açúcar, gelatina e glicerina, e faz, em média, 40 cópias de cada vez.

Modo de confecção do gelatinógrafo:

Material necessário: 280g de açúcar, 100g de gelatina em folhas, 750g de glicerina, 300ml de água, 1 assadeira de alumínio onde caiba uma folha tamanho A4 (papel sulfite), 1 panela grande, 1 colher de pau, folhas de papel sulfite, um pano branco, folhas de papel carbono preto.

Como se faz: Derreta o açúcar em uma parte da água e reserve. Na panela, coloque o restante da água e a gelatina e leve ao fogo médio até derreter bem. Depois, acrescente o açúcar dissolvido na água, mexendo sempre. Acrescente a glicerina e continue a mexer. Não deixe a mistura ferver e retire toda a espuma que for se acumulando. Quando a mistura estiver "cozida", coloque-a na assadeira e espere 24 horas para utilizá-la.

Para reproduzir: coloque o papel carbono entre duas folhas de papel branco e escreva aquilo que deseja copiar. A folha que recebeu a substância do papel carbono deve ser colocada sobre o gelatinógrafo (com a parte escrita para baixo), pressionada e depois retirada. Está pronta a matriz. A partir daí, é só pressionar as folhas em branco sobre a gelatina para obter as cópias.

(Fonte: SANTOS, Antônio e PINTO, Manuel. *O Jornal Escolar*. Porto, Edições Asa, 1992.)

DICA: Para que o jornal fique mais atraente, incremente o aspecto visual usando títulos escritos com letra manus-

crita e textos datilografados alinhados à esquerda. Coloque capitulares desenhadas a mão e coloque alguns textos dentro de "caixas". Para facilitar a paginação, marque os espaços de cada elemento a lápis, antes de datilografar e desenhar.

Reprodução em mimeógrafo

A paginação é feita de modo semelhante à do gelatinógrafo: textos datilografados, títulos e capitulares manuscritos etc. Para facilitar o trabalho, trace os espaços de cada elemento em folha de seda, coloque-a sobre o estêncil e aplique os textos, desenhos etc.

Fotocópia

Para usar o recurso da fotocópia, os originais podem ser produzidos com máquina de escrever e escrita manuscrita, como nos casos anteriores, pode-se recorrer ao uso de "letras-sett", encontradas em papelerias, para escrever títulos e capitulares, ou de editores de texto eletrônicos como o *Word* e o *PageMaker*. Com os editores, a turma terá liberdade para criar páginas originais, usando recursos como letra em itálico e negrito, retículas, jogo de tipos com serifa e sem serifa etc. Os originais devem ser feitos em papel sulfite e depois reproduzidos.

Impressão em off-set

Este é o meio mais sofisticado de produção de impressos que se tem à disposição atualmente. Mas nem por isso tem difícil acesso. Para se ter uma idéia, basta saber que a impressão de 500 jornais no formato A4 duplo, com quatro páginas em papel sulfite custa por volta de R\$ 150,00. Neste caso, se a escola não tiver editor eletrônico, é possível contratar os serviços da

Anotações do professor

própria gráfica ou de terceiros para editar a página. Os textos devem ser entregues datilografados junto com um esboço da página (chamado de "espelho") feito a lápis em papel sulfite no tamanho do jornal. Para saber que espaço as matérias datilografadas irão ocupar na coluna de texto de 6cm de largura editorada na fonte "Times New Roman" tamanho 11 - que é o tipo mais comum para jornais -, deve-se multiplicar cada linha de 70 toques de máquina por 1,5cm. Assim, uma matéria de 15 linhas (com 70 toques por linha), ocupará, em média, 22 cm de coluna (15 X 1,5), e poderá, por exemplo, ser dividida em duas colunas de 11 cm mais o título. As fotos e ilustrações podem ser ampliadas ou reduzidas para entrarem na página. Neste caso, deve-se marcar o local da foto no espelho e, no verso dela, anotar o tamanho reservado na página.

Inserção de publicidade

Prática à primeira vista ousada, a inserção de publicidade pode ser tarefa fácil que garanta saldo suficiente para reprodução em fotocópia e até em off-set dos jornais. Para que se consiga angariar recursos, dois aspectos devem ser considerados: possuir uma “equipe comercial” comprometida com a tarefa de levar o projeto adiante, e organizar um projeto editorial convincente. O trabalho organizado impressiona, e garante anunciantes.

Para calcular os espaços destinados à publicidade, é preciso lançar numa planilha as despesas do jornal (que variam conforme o modo de reprodução) e dividi-las pelo número de anúncios. O resultado obtido será o valor de cada espaço. Normalmente, os jornais tamanho A4 reservam o rodapé das páginas (4,5 X20cm) para a publicidade. Observe o exemplo abaixo:



Olho vivo

O trabalho publicitário não se restringe à venda de anúncios. A equipe responsável por essa tarefa deve também cuidar da divulgação do próprio jornal, criando cartazes, colocando um painel com as manchetes do jornal dias antes da distribuição. Se o jornal puder ser vendido (prática que incrementa a renda), é preciso montar uma banca em um lugar privilegiado da escola etc.

O jornal pode também promover eventos como, por exemplo, palestras com pessoas de destaque na cidade que tenham sido entrevistadas pelo jornal ou tenham publicado artigos no boletim da escola etc.

Também é importante cuidar da “imagem institucional” do jornal. Assim, os repórteres e editores podem ter uma carteirinha de jornalista feita pela equipe de arte com carimbo da escola e foto de cada um, os vendedores do jornal podem ter crachás de identificação, igualmente com foto e carimbo da escola. A sala utilizada para as reuniões da equipe pode ter um cartaz com o nome do jornal na porta. O jornal pode apoiar campanhas na escola como a do “lixo no lixo”, por exemplo.

Como já dissemos, o aprendizado não se esgota com a entrega do jornal. É possível fazer muito mais.

jornal tamanho A4 duplo, quatro páginas impresso em papel sulfite em uma cor, com uma foto por página e tiragem de 500 exemplares. Periodicidade bimestral.			
Material permanente	custos	Material por edição	custos
03 máquinas de datilografia (a escola já tem)	0	impressão	R\$ 150,00
01 máquina fotográfica (descrever o modelo)	R\$ 40,00	1 filme, revelação e ampliação de oito fotos	R\$ 13,00
01 sala de reuniões (biblioteca)	0	1 pacote de papel sulfite	R\$ 2,50
01 painel para divulgar o jornal na escola	R\$ 20,00	TOTAL	R\$ 165,50
<i>O dinheiro para esses itens pode ser arrecadado com rifas, barracas em festas da escola etc.</i>		tamanho de cada anúncio: 4,5X9,0cm (horizontal)	
		total de anúncios no jornal : 8 (2 rodapés por página)	
		165,50 : 8 = 20,50	
		Cada anúncio custará, então, R\$ 20,50	

Se o jornal for montado na gráfica, é preciso mandar o leiaute dos anúncios junto com eventuais logotipos (impressos com boa qualidade) dos anunciantes para que seja montada a arte publicitária. Anúncios na primeira página podem custar cerca de 30% a mais que os das páginas internas.



Publicidade, sim ou não?

A inclusão de publicidade em jornais de escola é hoje cada vez mais freqüente, o que fica a dever-se, sobretudo, à necessidade de os jornais poderem dispor de recursos próprios que ajudem a garantir a continuidade da sua publicação. Se bem que nalgumas escolas esta opção continue a ser fonte de polémicas e se continuem a publicar muitos jornais sem publicidade, a verdade é que a tendência a favor dos anúncios parece estar a ganhar terreno, mencionando-se a seu favor argumentos que salientam ainda o fato de a publicidade, além de ser em si mesma informação, ser também um meio de ligar a escola com a comunidade envolvente, acrescendo ainda o fato de todo o trabalho envolvido no processo de inserção da publicidade constituir uma boa experiência para os alunos.

Alguns dos riscos mais visíveis que se pode correr com o recurso à publicidade decorre do fato de uma eventual ausência de critério poder levar à inclusão de matéria publicitária que contrarie alguns dos princípios educativos da escola (o mais visível será o da publicação de marcas e produtos alimentares menos aconselhados), ou a suspeita de que a inclusão da publicidade possa vir a fomentar situações de dependência informativa (nomeadamente através da promoção, em texto, de produtos ou serviços próximos dos que estão sendo vendidos por anunciantes, quer seja uma discoteca, uma loja de esportes ou uma emissora de rádio local). Por isso mesmo, se torna fundamental que os jornais que incluem publicidade estabeleçam regras bem explícitas a esse respeito e que os alunos em especial sejam alertados para aspectos importantes da publicidade, a começar pela necessidade de serem identificados os espaços onde ela aparece e de se evitar toda e qualquer confusão entre publicidade e jornalismo. Considerando o contexto de produção escolar desses jornais, será importante lembrar que a publicidade não pode apresentar a mulher em situação de inferioridade em relação ao homem e que as mensagens publicitárias dirigidas a crianças e adolescentes deverão sempre ter em conta sua vulnerabilidade psicológica.. (...)

fonte: SANTOS, António e PINTO, Manuel. *O Jornal Escolar*. Porto, Edições Asa, 1992.

Anotações do professor

Gráficas em Bauru

Se a turma decidir fazer um jornal impresso em off-set, é preciso entrar em contato com a gráfica para fazer um orçamento. Deve-se informar o tamanho do jornal (A4 duplo, tablóide etc), o tipo de papel que será utilizado (jornal, sulfite, couchê etc), se haverá foto ou ilustração e em quantas cores será impresso (só preto, preto e mais uma cor, quadricromia). Deve-se informar também que os originais serão entregues datilografados junto com um espelho das páginas e que a gráfica deve providenciar a editoração e a matriz de impressão (papel vegetal, laser filme, fotolito). Colocamos aqui os telefones de algumas gráficas em Bauru:

Fergraf
Rua Santo Antônio, 14-42
☎ 222-3755

Gráfica Coelho Bauru Ltda.
Rua Capitão Gomes Duarte, 6-18
☎ 223-9411 / 227-2168

Gráfica JG
Rua Castanheiras, 2-53
☎ 230-4188

Gráfica e Editora Joarte Ltda
Avenida Aureliano Cardia, 5-93
☎ 223-6592 / 234-6980



Cada professor conhece a sua turma e sabe qual será a periodicidade ideal para veicular o jornal. E, embora os prazos variem, as etapas são as mesmas para qualquer produção. Colocamos aqui o cronograma da elaboração de um jornal mensal, que é a periodicidade mais comum em boletins desse tipo. Esse cronograma entra em prática após o término do anteprojeto do jornal e da turma ter escolhido a melhor forma para a reprodução.

O jornal deve ser distribuído ou vendido, se for o caso. No final da semana, a turma deve se reunir para avaliar os resultados.

Blank handwriting practice paper with horizontal lines.

APLICAÇÃO NAS OFICINAS PEDAGÓGICAS

De acordo com a proposta de trabalho inicial da pesquisa, o material elaborado seria testado em três escolas estaduais, indicadas pela Delegacia de Ensino de Bauru. Entretanto, a estratégia não pareceu a mais indicada porque poderia soar impositiva para os professores. Embora eles solicitem orientações sobre o uso do jornal na sala de aula, há diferença entre sugerir propostas de trabalho e comunicar que um determinado docente e uma determinada turma foram escolhidos para testar um projeto. A mudança se justifica por dois motivos. Em primeiro lugar, um dos pressupostos fundamentais do trabalho com jornal é a espontaneidade; a leitura do jornal deve configurar-se como atividade dinâmica, participativa e sem imposições. Em segundo lugar, depois de testado, o material ficará à disposição daqueles que se sintam motivados a trabalhar com o jornal. Assim, um curso aberto aos que se interessassem pelo assunto surgiu como alternativa mais afinada aos propósitos da pesquisa. Entretanto, a simples oferta ofereceu riscos ao sucesso do projeto, por dois motivos: 1. as condições de trabalho precárias e os baixos salários obrigam os professores a assumir extensas jornadas, e acabam ficando com pouco tempo de sobra para estudar; 2. é notável a ausência de estímulo por parte do governo, para que os educadores invistam na própria formação. Sendo assim, havia o risco de o curso simplesmente não ter *quorum*.

A alternativa encontrada, então, foi ministrar as aulas dentro das Oficinas Pedagógicas¹ oferecidas pela Delegacia de Ensino, porque, de acordo com a legislação da Secretaria Estadual de Educação, nas oficinas os professores são convocados e têm o afastamento da sala de aula garantido naquele dia. Dessa forma, um número maior de escolas receberia uma cópia das fichas, cada instituição poderia mandar o professor que se interessasse pelo assunto e o público mínimo estaria garantido. Houve, porém, o inconveniente da necessidade de adequar o conteúdo à programação padrão das oficinas: uma reunião por mês, com oito horas de duração, durante os quatro meses do semestre letivo. Pouco tempo, na verdade, para a extensão das fichas.

Considerando-se tal disponibilidade, o programa de aplicação foi dividido em quatro oficinas, ministradas em 4 de abril, 6 de maio, 5 de junho e 1º de julho de 1997, das 8 às 12h e das 14 às 18h. Assim, durante o curso, os professores teriam tempo para ler as fichas em casa, testar

1. A Secretaria de Estado da Educação oferece diversas modalidades de cursos para professores, além das Oficinas Pedagógicas. O PEC — Programa de Educação Continuada é um exemplo, onde são oferecidos cursos de maior duração que as Oficinas. Entretanto, no caso deste curso, a Delegacia de Ensino de Bauru apontou as OP como melhor opção naquela oportunidade.

atividades e tirar dúvidas. A Delegacia de Ensino ofereceu 25 vagas.

PROBLEMAS E ACERTOS DAS AULAS

A situação ideal para a aplicação do material seria aquela em que os professores tivessem tempo hábil para discutir os conteúdos selecionados e testar todas as propostas de atividades. Mas, como, em geral, acontece com pesquisas desse tipo, a situação real raramente coincide com a ideal. E também neste caso, houve a necessidade das adaptações. Assim, com a carga horária oferecida pela Delegacia de Ensino, ou o material deveria ser reduzido, ou seria necessário fazer uma seleção de alguns pontos e deixar o restante a cargo dos professores. A segunda opção pareceu mais indicada, já que a prioridade era divulgar as fichas e não realizar um curso completo.

À primeira vista, a seleção de alguns conteúdos apenas parecia não prejudicar a receptividade dos professores mas, depois, viu-se que uma das principais reclamações dos participantes foi a falta de tempo para testar todas as propostas. Entretanto essa foi a forma viável.

A metodologia usada nas aulas foi a mesma proposta no material: conversas iniciais sobre o conteúdo de cada ficha, observação dos conteúdos nas páginas de jornais, participação dos “alunos” e execução das atividades.

Na primeira oficina, ministrada em 4 de abril, 25 professores estiveram presentes. Cada participante relatou aos colegas a experiência que tinha com o uso do jornal na sala de aula, e foi apresentado um panorama geral do uso da imprensa com estudantes — na escola, através de programas como *Folha Educação*, do jornal *Folha de S. Paulo*, passando por experiências como da UCBC, a União Cristã Brasileira de Comunicação Social, rádios comunitárias do Nordeste e a atuação da Andi, a Agência de Notícias da Infância, organização sediada em Brasília que avalia o desempenho da mídia em relação às notícias sobre a infância.

Depois, foram apresentadas as fichas de número 1 a 7, que abordavam a diversidade de títulos na imprensa e a estrutura elementar do jornal. Das atividades propostas nas fichas, foram selecionadas as que exigiam exame de jornais antigos, para mostrar, inclusive, uma sugestão de organização de arquivo. Embora o material deva ser continuamente renovado, já que a notícia é o produto mais perecível de todos, a seleção de atuações históricas da imprensa como, por exemplo, manipulação em tempo de eleições, devem ser guardadas em arquivo para reunir o desempenho do jornal por um período maior de tempo e facilitar a análise crítica.

No período da manhã, os professores compararam cerca de 40 títulos disponíveis na sala quanto a aspectos como tamanho, aspecto gráfico, público-alvo, seções e assuntos noticiados. A seguir vieram as atividades com a primeira página. Após uma breve avaliação das páginas expostas,



o grupo destacou elementos comuns (cabeçalho, logotipo, manchete, fotos, chamadas, índice, legendas, arte etc) de todas as páginas e sistematizou as particularidades dos quatro títulos estudados: *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo*, *Jornal da Cidade* e *Diário de Bauru*. A terceira atividade foi feita com a ficha sobre a segmentação em cadernos. A turma foi dividida em dois grupos e cada grupo organizou em uma ficha o nome dos cadernos de dois jornais disponíveis: *Folha de S. Paulo* e *Diário de Bauru*. Na ocasião, foi possível discutir o problema da seleção sobre que assunto vai para qual caderno e influência que a organização pode exercer na atribuição de significados aos fatos, pelo leitor.

À tarde, foi a vez das atividades com charges e quadrinhos. A classe foi dividida em três grupos e cada um realizou uma atividade. O primeiro grupo recortou matérias e fez uma exposição para a classe das considerações sobre o material reunido (que se referia à charge do cartunista Angeli sobre a expressão “neobobos” que o presidente Fernando Henrique Cardoso usou para criticar a oposição em 25 de março de 1997). O segundo grupo recebeu dezenas de folhas com histórias em quadrinhos recortadas de diversos jornais e revistas e organizou um álbum dividido em HQs críticas e HQs não-críticas. O terceiro grupo preencheu os balões sem texto de tirinhas do *Garfield* e do *Hagar*, ambas publicadas na *Folha de S. Paulo*, conforme sugeria a unidade. Como o tempo estava se esgotando, as fichas sobre a arte (número 6) e a publicidade (número 7) foram somente lidas e a mecânica de realização das atividades comentada.

A última atividade do dia foi feita com a ficha número 4. A sequência foi desrespeitada porque a ficha 4 (gêneros jornalísticos), embora seja significativa para desenvolver a leitura crítica, é demasiado complexa para ser utilizada nas escolas em questão. Os professores leram os textos da ficha e tiraram dúvidas com a coordenadora.

Em todas as oficinas houve o cuidado de se estabelecer um roteiro objetivo, toda vez que a atividade pedia uma análise qualquer. Assim, por exemplo, a avaliação da primeira página e de uma determinada charge foram feitas com base em uma série de questões que eram apresentadas aos professores. A ênfase no roteiro se justifica pelo fato de ser muito comum na prática pedagógica (não só no Ensino Fundamental e Médio mas, não raro, até na universidade) o professor pedir análises aos alunos sem definir critérios e objetivos. Assim, em todas as seções, a definição de objetivos claros foi enfatizada, porque é passo fundamental para alcançar resultados no aprendizado. Caso contrário as atividades se perdem e correm o risco de oferecer a leitura descompromissada dos jornal, sem fins pedagógicos.

A segunda oficina foi ministrada em 6 de maio, das 8 às 12h e das 14 às 18h. Desta vez, das 25 iniciantes, apenas 20 pessoas compareceram. A primeira hora de aula seria dedicada à avaliação do material recebido na seção anterior. Mas os professores alegaram não ter tido tempo de



ler tudo, quanto mais de aplicar com suas turmas. Neste dia, foram apresentadas as fichas de número 8 a 10, que abordavam as diversas linguagens presentes no jornal: o estilo do texto, a diagramação e as imagens fotográficas. Os participantes foram convidados a produzir títulos, lides e legendas para experimentar a linguagem jornalística. Cada participante recebeu um texto sem título, um quadro com repostas às cinco perguntas do lide e duas fotos sem legendas. Os que desejaram, mostraram sua produção aos colegas, e depois foram tiradas as dúvidas.

Na sequência, foram iniciadas as atividades com fotografia. Com auxílio de transparências e exemplos de fotos fixadas no quadro negro, foram expostos os conceitos da ficha número 8 — como critérios para publicação da foto, tipos de enquadramento, recursos plásticos utilizados — e a relação entre a foto e a legenda, comparando legendas que os jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo* deram para a mesma foto. Depois, os professores analisaram fotografias componentes de um arquivo que reunia imagens destacadas pela imprensa desde 92, segundo o roteiro proposto na ficha número 8. A atividade também foi recebida com entusiasmo, porque, segundo alegaram os participantes, as imagens atraem a atenção das crianças, e o professor geralmente não sabe como lidar com elas de maneira pedagógica. Na ocasião, uma equipe produziu uma reportagem fotográfica destacando a inadequação das instalações do prédio para a realização de aulas (no mesmo local funciona o Cefam)².

No período da tarde, os professores tiraram dúvidas sobre o uso da fotografia e iniciaram as atividades com a diagramação (ficha 9). Com auxílio de transparências, foram expostos conceitos como leitura comportamental das fontes, tipologia das letras e variações dos tipos. A seguir, os professores avaliaram o comportamento das letras em anúncios destinados a crianças, jovens e adultos, logotipos de jornais “sérios” e de exemplares sensacionalistas e tipos de letras usadas em jornais ingleses e norte-americanos.

A seguir, com auxílio da coordenadora, os professores destacaram características constantes na diagramação das páginas, tais como colocação de títulos em letras maiores no alto da página, distribuição do texto em colunas com a mesma largura, uso de fundos coloridos ou em cinza nos quadros complementares das matérias, uso de capitulares, legendas escritas em letras diferentes das usadas no texto corrido, uso de fios, destaques do texto em letras maiores no meio das colunas etc.

Depois, foram mostrados, através de transparências, diversos “esqueletos” de páginas retiradas dos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo* e os professores tentavam adivinhar de que jornal eram os esqueletos e se eram primeiras páginas ou páginas internas. Assim, intuitivamente, eles tentavam sistematizar a linguagem gráfica peculiar de cada meio.

2. Um exemplo de reportagem fotográfica feita pelos professores está em anexo

A seguir, vieram as atividades com perfil mais crítico. Após conhecer o conceito de percurso natural de leitura da página (de cima para baixo e da esquerda para a direita), os professores observaram diversas páginas e identificaram que assuntos foram colocados com mais destaque nas edições do mesmo dia dos quatro jornais disponíveis: *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo*, *Jornal da Cidade* e *Diário de Bauru*. Finalmente, eles elaboraram uma versão reduzida do “dicionário ilustrado do diagramador” (atividade proposta na ficha 9), e fizeram esboços de páginas, usando a técnica do mosaico, onde uma folha de papel de seda é colocada sobre a primeira página do jornal e o leitor cola retângulos de papel vermelho, amarelo e azul, em cima dos elementos que leu em primeiro, segundo e terceiro lugar, respectivamente, examinando os destaques de cada meio e a dinâmica de leitura da página. Foi uma das atividades mais interessantes de leitura realizadas; os docentes participaram e mostraram potencial crítico para compreender a atribuição de importância que cada meio deu aos fatos daquele dia.

A terceira oficina, ministrada em 5 de junho, abordou os mecanismos de leitura crítica da ficha número 11. O número de participantes caiu para 14. A programação começou com a leitura dos exemplos colocados nas fichas (que relatam manipulação através de manchetes, lides e fotografias). Depois, foi feita uma apresentação rápida dos mecanismos de falseamento da notícia sistematizados por Ciro Marcondes Filho (ver capítulo 3, página 58), com auxílio de transparências. Então, os professores se dedicaram à avaliação das versões de fatos, em especial sobre questões políticas, em jornais de arquivo. Assuntos como o escândalo dos precatórios em prefeituras e os abusos da polícia militar em favelas de São Paulo e no Rio fizeram parte das atividades. Praticamente o dia todo foi gasto com a leitura de jornais. A comparação de manchetes e fotos de primeiras páginas publicadas à época das eleições presidenciais de 94 rendeu ampla discussão e evidenciou a manipulação praticada pela imprensa. A atividade teve alguns pontos fracos. Por exemplo, na ânsia de desvendar a manipulação, muitos professores se afastavam da leitura criteriosa e passavam a destacar características imaginárias, salientando aspectos infundados, provavelmente por causa da falta de repertório cultural (ver anexo 4). De fato, a leitura crítica pressupõe bagagem cultural básica como conhecimentos de Filosofia, Sociologia, Ciência Política, etc.

A última oficina foi realizada em 1º de julho, no final do semestre letivo e, neste dia, os professores receberam a última ficha, sobre a produção de boletins escolares. Compareceram os mesmos 14 participantes da oficina de junho. A turma foi dividida em três equipes, que produziram uma página cada, usando três métodos propostos: máquina de escrever para paginação e reprodução em fotocópia e em mimeógrafo, e editor eletrônico de texto com reprodução em fotocópia. Antes de iniciar as atividades, o grupo leu e discutiu a importância pedagógica da produção do jornal inteiramente nas mãos dos alunos, com textos escritos por jovens e crianças. Muitos professores ficaram entusi-



asmados com a produção facilitada de boletins. O resultado fica aquém do visual ao qual as crianças estão acostumadas a ver na imprensa, mas, segundo os participantes, a dinâmica da produção é motivadora. No final da oficina, os participantes foram convidados a responder um questionário de avaliação do material e do curso. Os resultados vêm a seguir.

A RECEPTIVIDADE DOS PROFESSORES

Embora as oficinas tenham oferecido oportunidade para os professores tirarem dúvidas, fazerem críticas e sugestões, no final do curso foi distribuído um questionário anônimo opcional para quem quisesse manifestar suas opiniões. A opção pelo questionário se justifica pelo fato de os comentários durante os curso terem sido dispersos, não possibilitando uma avaliação sistemática das fichas. Dos 25 professores que participaram da primeira oficina, 14 compareceram até o final. E todos decidiram responder as perguntas, que investigavam as séries para as quais aquele grupo dava aulas, as atividades que desenvolviam com o jornal na sala de aula antes do curso, a sua opinião sobre a adequação do material à realidade escolar, a eficiência da metodologia utilizada nas oficinas e o significado que o curso teve para o seu aprimoramento pessoal. São essas as questões básicas que permitiram uma avaliação fundamental dos resultados do trabalho. O modelo do questionário aplicado está no anexo 3.

173

ANÁLISE DOS RESULTADOS

A maioria dos professores que freqüentaram as oficinas lecionam para a 5ª série (70%) e 6ª série (70%). Cerca de 50% dos educadores leciona para a 7ª série, 30% deles para a 8ª série, 15% para o 2º grau e 7% não responderam. Uma comparação com o primeiro questionário (que foi aplicado nas escolas), mostra que o público das oficinas é diferente dos professores consultados inicialmente. Lá, a maioria (cerca de 60%) lecionava para 6ª e 7ª séries. Em segundo lugar vinham os professores da 5ª série e, em terceiro, os professores da 8ª. A diferença, entretanto, não influi de modo decisivo na eficiência do material, já que as fichas não obedecem ordem rigorosa e podem ser descartadas quando convier (portanto, cada professor pode selecionar os conteúdos mais adequados para sua turma).

Durante as aulas, os docentes consideraram muito complexas algumas fichas como a dos gêneros jornalísticos (ficha número 4), a de planejamento gráfico (ficha número 9) e a de leitura

comparativa (ficha número 11) para os alunos de 5ª e 6ª série. Outras fichas como da análise da diversidade de títulos, leitura de quadrinhos e de fotojornalismo foram elogiadas pelos educadores de 5ª e 6ª séries. Tal receptividade já era esperada, porque os diferentes níveis de complexidade foram propositadamente planejados. Porque o plano era produzir um material que comece a ser usado na 5ª série (quando são feitas as atividades menos complexas), e à medida em que o aluno vai avançando na leitura, o professor pode elevar a complexidade das análises. Assim, pretende-se que, ao chegar na 8ª série, ou mesmo no Ensino Médio, o estudante tenha condições de produzir análises profundas da postura da imprensa. E é sempre melhor forçar para a frente que subestimar a capacidade dos estudantes.

Sobre o uso do jornal antes do curso, 85% dos professores afirmaram fazê-lo, 7,5% não usavam e 7,5% não responderam. O dado coincide com o primeiro questionário. Também lá, cerca de 80% dos entrevistados usavam o jornal. Entre as atividades desenvolvidas pelos docentes, antes do curso, eles destacaram:

1. Interpretação de textos, substituindo o livro didático pelo jornal (3 respostas);
2. leitura em sala de aula de matérias sobre assuntos de destaque na mídia para que os alunos formassem suas próprias opiniões (2 respostas);
3. identificação das informações básicas da notícia;
4. análise de propagandas e classificados publicados no jornal;
5. recorte de notícias interessantes;
6. uso da notícia como modelo para o aluno produzir seus textos;
7. leitura de matérias para produzir resumos e comentários (2 respostas);
8. leitura de notícias para aprender a gramática usada pelo jornalista (2 respostas);
9. leitura da primeira página (elementos que a constituem e função de cada um);
10. produção de lides, classificados e manchetes;
11. leitura de entrevistas;
12. interpretação de notícias através de teatro;
13. confecção de jornais imitando modelos conhecidos;
14. leitura e produção de histórias em quadrinhos;
15. estudo comparativo entre as chamadas da primeira página e a matéria completa publicada nas páginas internas;
16. comparação de manchetes e títulos;
17. estudo da evolução da notícia até sua conclusão;
18. estudo do discurso direto e indireto na notícia;

As respostas indicaram, além do que se investigava, dados interessantes sobre o comportamento dos professores. Assim, eles reclamam da falta de interesse e da dificuldade de concentração de seus alunos. Mas não são capazes, eles próprios, de responder uma questão por completo. Com efeito, nota-se que os professores descrevem as atividades, mas não relatam seus objetivos pedagógicos, embora a questão pedisse o relato (como se vê, apenas duas respostas — números 2 e 8 — estão completas).

Mas, apesar de truncadas, as respostas fornecem elementos satisfatórios para análise.

Assim, a resposta número 2 evidencia a leitura de textos sobre temas de destaque nos jornais para que os alunos formem suas próprias opiniões. Com efeito, tal prática significa uma superação do esquema tradicional da aula entediante e pouco produtiva do ponto de vista pedagógico, já que o texto, muitas vezes anacrônico e artificial, do livro pedagógico é substituído por textos autênticos, que trazem informações pertinentes à atuação do leitor em sociedade. Mas esse tipo de atividade não deve ser de todo comemorado. Vejamos porquê.

É hora de resgatar aqui a influência das teorias críticas sobre a atuação social do jornalismo, prática que, como já se salientou, não é muito comum em publicações que tratam do uso do jornal na escola. Assim, a substituição de textos do livro didático pelos do jornal remete para o problema do estabelecimento agenda da imprensa como agenda do público — quando os jornais destacam certos assuntos em detrimento de outros e acabam decidindo sobre o que o público deve pensar — e o professor deve estar atento para não continuar formando pessoas alienadas. A situação almejada é aquela em que o professor, por vezes, troca o manual escolar pelo jornal, mas efetua a leitura comparativa. Caso contrário, o aluno corre o risco de deixar de repetir um “credo” (o do livro), para repetir outro (o do jornal). A autonomia intelectual, porém, continua não sendo alcançada. Voltemos à manifestação dos professores.

A resposta número 8 destaca objetivos pedagógicos no aprendizado da língua. De fato, correntes pedagógicas atuais defendem o uso do que se convencionou chamar “documentos autênticos” no aprendizado. A alfabetização e o aprimoramento da leitura e da escrita no ensino escolar se daria, dessa forma, de maneira legítima, mostrando ao aluno a função das palavras para sua atuação em sociedade. Diferente, portanto, do ensino artificial conseguido com o uso, por exemplo, das cartilhas de décadas atrás. E a resposta número 8 mostra que os professores estão sintonizados com a postura atual.

Outras atividades como a interpretação de textos substituindo o livro didático pelo texto jornalístico, produção de história em quadrinhos e identificação das informações básicas da notícia

são, inclusive, sugeridas nas fichas. O problema aqui é a ausência de objetivos definidos e assim, uma atividade que pode ampliar o repertório cultural do aluno pode também confirmar um preconceito, se a meta do exercício não for definida antes, a fim de orientar a seleção de textos que serão usados na sala de aula.

A interpretação de notícias através do teatro é prática bastante comum nas escolas, conforme os professores destacaram durante as oficinas. Ao que parece, essa atividade é bem recebida pelos estudantes, que podem exercitar a criatividade, experimentar novas formas de expressão e encontrar um momento divertido na aula de Português.

As respostas mostram também que alguns professores já usavam mecanismos de leitura crítica, em práticas como a comparação de manchetes e a leitura de diversas primeiras páginas de jornais. Entretanto, são poucos os educadores que têm o repertório necessário para tal atividade, conforme foi constatado pela reação dos educadores durante a oficina que tratou dos mecanismos de comparação (ficha 11). Nessa ocasião, as opiniões se dividiram, e alguns participantes julgaram a busca da manipulação “um exagero de interpretação”.

Cabe ainda destacar que a ausência de objetivos é característica comum da prática pedagógica conservadora (não rara nas escolas estaduais) e que o uso do jornal nos moldes sugeridos pelo material (com metas definidas, notadamente voltados para colaborar na transformação do aluno ingênuo em sujeito crítico e atuante) constituem uma inovação na prática desses professores, que não se sabe se eles irão assimilar.

Quando são convidados a avaliar a adequação do material pedagógico, 50% dos educadores consideraram as fichas adequadas “em termos” à realidade da escola em que trabalham, 36% acharam os conteúdos adequados e 14% acharam que o material não está adequado à sua realidade escolar.

Quem considerou adequado, destacou características como a objetividade das fichas, o conteúdo “bem explicadinho”, a diversidade de abordagens oferecida, a diversidade de atividades propostas sobre um mesmo conteúdo, o caráter de novidade da abordagem sugerida e o fato de o material mostrar como o jornal é feito.

Quem considerou o material inadequado, destacou problemas relativos à escola e à situação profissional pessoal e não ao material, como, por exemplo, ausência de assinatura de jornais na escola e carga horária grande, que acarreta em falta de tempo para preparar as aulas.

Quem considerou o material adequado “em termos”, também usou argumentos, em geral, externos às fichas como a ausência de jornais, falta de outros materiais como cartolina, papel, cola, tesoura etc. Uma professora não viu utilidade na ficha sobre diagramação.

Aqui, cabe destacar que, de fato, a leitura de diversos jornais é fundamental, mas nada



impede que o professor leve jornais recentes, (que são material gratuito) para aplicar atividades como a leitura de fotos (ficha 8), o resgate do percurso do fato até a notícia impressa (ficha 3), e até o estudo da diversidade de títulos na imprensa, quando é possível recorrer a impressos que, em geral, são distribuídos por empresas, associações, sindicatos etc. Ainda sobre a fotografia, alguns professores argumentaram que não dispõem de recursos para fotografar com os alunos, atividade que foi sugerida na ficha 8, sobre o fotojornalismo. Entretanto, a mesma ficha traz uma série de outras atividades que podem ser feitas a partir da seleção de imagens de jornais recentes. De fato, a oferta de várias alternativas de trabalho foi preocupação constante na produção do material, porque a carência de jornais foi problema destacado já no primeiro questionário, que investigou a realidade escolar do universo onde o material seria aplicado.

Indagados se os conteúdos apresentados são suficiente para usar o jornal com seus alunos, 100% dos professores consideraram que sim. Uma professora destacou, entretanto, a falta de "textos propagandísticos". Pode-se concluir que, embora o material tenha trazido uma ficha sobre a função da propaganda, a mecânica de produção de textos publicitários não foi detalhada, como ocorreu com o estilo do texto jornalístico, e essa pode ser a queixa registrada. Há, inclusive, uma tendência entre os professores em confundir textos publicitários e textos jornalísticos, porque os dois estão presentes nas páginas dos jornais. De fato, a análise do texto publicitário não faz parte dos objetivos deste material específico, porque a principal preocupação foi mostrar em que medida a propaganda pode influir na definição da linha editorial, e que consequências a influência pode trazer para as possibilidades de aquisição de informação para o leitor. Por outro lado, a resposta pode também indicar a aprovação da sistematização das regras do texto jornalístico que acabaram por desmistificar o caráter de objetividade da imprensa (embora a ficha não tenha aprofundado a questão), evidenciando os artifícios empregados como a colocação de números exatos (e os casos em que os números são falácias), ou o uso de verbos no presente para criar a noção de instantaneidade, característica importante para imprensa se vender. Outro questionário cobrou mais detalhes na definição dos gêneros interpretativo e opinativo, mas não explicitou suas dúvidas. De fato, o assunto é complexo e a ficha (número 4) fez uma abordagem superficial. Por isso mesmo foi substituída.

A questão dos objetivos pedagógicos das fichas foi avaliada de maneira positiva pelos frequentadores das oficinas. 92% deles consideraram que as atividades propostas atingem os objetivos estipulados nas fichas e 8% consideraram que atingem "mais ou menos". Apenas 35% dos entrevistados justificaram suas respostas. Os que consideraram atividades e objetivos sintonizados argumentaram que na prática em sala de aula, as atividades têm dado certo. As respostas não oferecem condições de análise, porque não é possível saber o que exatamente é "dar certo". A questão foi colocada com o objetivo de avaliar as fichas em si, a partir da experiência docente. Quem respon-

deu “mais ou menos” não foi claro, argumentando algo do tipo: “*porque utilizo os textos jornalísticos também para verificar a elaboração tanto em sua forma como no conteúdo*”.

Indagados se estão tendo dificuldades para aplicar o material na sala de aula, os professores ficaram divididos: 42% responderam que não, 42% responderam que “mais ou menos”, 8% afirmaram que sim e 8% não responderam, alegando ainda não terem usado o material com seus alunos. As dificuldades apontadas, mais uma vez, referem-se ao contexto escolar e não ao material em si. Novamente, a falta de jornais e a falta de tempo para preparar as aulas são os empecilhos ao uso das fichas. Uma professora argumentou ter dificuldade em fazer os alunos “enxergarem as características”, como havia sido feito no curso; outra disse que seus alunos não tinham “pré-requisitos”, então era difícil usar o jornal com eles. O desinteresse dos estudantes pelo jornal também foi destacado, mas esse é um problema mais amplo, que extrapola a questão do uso da imprensa na escola. Ao que parece, as queixas rondam a realidade escolar precária e a falta de repertório dos próprios professores. O caráter de originalidade do trabalho proposto também deve ter gerado dificuldades na assimilação. Questões como a adequação dos conteúdos e as falhas que geram dificuldades talvez possam ser diagnosticadas posteriormente, depois que os professores tenham tido mais tempo para ler e usar as fichas.

A avaliação da metodologia empregada é questão importante para a apreciação das oficinas. Certamente o material estava muito extenso para a carga horária disponível, e o ideal seria que mais atividades pudessem ser experimentadas e houvesse mais tempo para discussão. Ainda assim, 86% dos participantes avaliaram a metodologia empregada como “eficiente, consegui aprender os conteúdos propostos” e 14% avaliaram como “razoável, tive dúvidas que não foram esclarecidas”. As queixas sobre a metodologia destacaram a necessidade de testar todas as atividades propostas ou, pelo menos, trazer um exemplo pronto de cada uma. Alguém sugeriu que todas as atividades devessem ser testadas em sala de aula antes de compor as fichas. As críticas procedem, certamente, mas a falta de tempo é problema de todos os dias de hoje, e nós não estaríamos livres dele. Quanto ao fato do teste prévio, a sugestão não é pertinente, já que as oficinas eram o teste, e contávamos com a experiência dos professores para avaliar o material.

A questão número 11, que solicitava uma apreciação sobre a conduta da coordenadora tem mais utilidade para o aprimoramento pessoal que para a pesquisa. E, de fato, os comentários tiveram caráter pessoal: “a coordenadora é muito simpática e domina os conteúdos”, “*tinha formação, mas falava muito rápido*”, “*Não deu muitos exemplos concretos*”, “*houve muita simpatia e boa vontade por parte da coordenadora, mas o tempo era muito curto*”, “*lamento o fim do curso, gostei muito da coordenadora*”.

Indagados sobre as consequências do curso para o aprimoramento pessoal, as respostas

foram:

1. "Gostei da metodologia nova apresentada. Minha prática era superficial."
2. "Já trabalhava com o jornal há três anos, mas usando só o texto. O curso me deu subsídios para trabalhar com charges, elementos gráficos, artes, que eu não vinha usando em sala de aula. O material será útil para eu aprofundar o estudo dos elemento não-verbais."
3. "Com o avanço tecnológico, a escola perdeu o interesse do aluno. O trabalho com o jornal nos ajuda a diversificar nossa prática, e ajuda a despertar o interesse dos nosso alunos. Eu estava precisando mesmo de dicas para desenvolver o senso crítico de meus alunos, de uma forma bem ativa, como essa."
4. "O curso foi importante para mim, porque aprendi maneiras diferentes de trabalhar com o jornal. Algo diferente: compor o jornal parte a parte e não, de repente, o jornal inteiro."
5. "Eu achava que já sabia trabalhar com o jornal, mas vi que desconhecia muita coisa. O material que nós recebemos daria para trabalhar o ano todo só com o jornal. Eu gostaria de fazer mais cursos com o jornal, para detalhar mais as atividades."
6. "Pude ampliar meus conhecimentos sobre o jornal."
7. "Foi importante tanto para o aprendizado profissional quanto pessoal. O modo de ensinar feito um bate-papo da coordenadora foi muito agradável. Gostei muito."
8. "O curso mostrou uma maneira diferente de usar o jornal. As técnicas apresentadas servem para motivar o aluno a ler o jornal."
9. "Aprendi a importância de usar o jornal por partes e não apresentá-los aos alunos como um todo. Senti dificuldades para preparar as atividades propostas, mas consegui resolver o problema com a troca de idéias com as colegas do curso."
10. "Aprendi a valorizar todas as partes do jornal e não só os textos. Também aprendi como um jornal é elaborado, quais são as fases do processo."
11. "O curso ofereceu atividades simples, que podem despertar o interesse dos alunos."
12. não respondeu
13. "O curso me ensinou a valorizar o jornal como recurso pedagógico. Percebi que os alunos participam mais das atividades, dão suas opiniões, pensam com coerência e sabem produzir textos."
14. não respondeu

As respostas aqui compiladas mostram que o material atendeu necessidades fundamentais dos professores. Em geral, as queixas se dirigem às condições de trabalho externas às fichas, mas o problema não deve ser desconsiderado, já que faz parte dos objetivos específicos da presente

pesquisa elaborar um material afinado com as características da realidade escolar pública estadual. É possível considerar, por enquanto, que, com a leitura detalhada posterior os professores comecem a organizar seus arquivos e elaborar atividades com jornais recentes, encontrando uma alternativa para a falta de exemplares na escola. A questão da carga horária excessiva, que dificulta a preparação das aulas é problema que está além das possibilidades desta pesquisa, já que não há como usar a imprensa sem a leitura atenta e contínua.

De um modo geral, parece que os professores estão mais atentos às possibilidades do jornal para estimular a leitura e a produção de textos e prender a atenção dos alunos. Mas a intenção de mostrar a notícia como um produto revestido de apelos mercadológicos, que nem sempre traz informações relevantes, e evidenciar a atuação parcial da imprensa, ao que parece, não foi bem sucedida com o público das oficinas. De fato, o aprendizado é complexo e falta nos educadores o repertório necessário para tal empreitada.

É chegada a hora, portanto, de “amarrar” todo o processo de desenvolvimento da pesquisa, partindo da proposta idealizada no início e alcançando os resultados concretos obtidos até aqui. Três fatores devem nortear as considerações finais. Em primeiro lugar, a adequação (ou inadequação) do material deverá ser revista. As condições em que as fichas foram divulgadas também serão consideradas na avaliação dos primeiros resultados e, em terceiro lugar, a formação do professor de Português deve ser considerada, já que ele é a ponte entre o material e o estudante. O próximo capítulo, portanto, faz as considerações finais.

PONTO DE PARTIDA E PONTO DE CHEGADA

Sistematizar atividades pedagógicas com o jornal, a fim de formar leitores críticos. Essa foi a linha de conduta seguida pelo presente trabalho, desde o primeiro contato com os professores das escolas estaduais de Bauru — quando foi feito o levantamento através do questionário, até a avaliação dos resultados obtidos. Assim, os mecanismos de averiguação da capacidade de análise crítica dos educadores, a revisão bibliográfica na área, a produção das fichas e a realização das oficinas nunca perderam de vista os critérios que definem o leitor atento às limitações da mídia.

A meta definida de início era, então, criar na sala de aula o hábito da desconfiança em relação à imprensa, através das atividades realizadas com o material produzido. Como já foi destacado no início, não há, no presente trabalho, mecanismo seguros de avaliação dos resultados na sala de aula, isto é, não há como medir a evolução do nível de reflexão para a mídia dos estudantes, por dois motivos. Em primeiro lugar, porque entre o material e o estudante há a intermediação do professor, marcado pela formação docente insatisfatória. Em segundo lugar, porque, embora as diretrizes estabelecidas pelo governo estadual pressionem os professores a levar o jornal para a sala de aula, o uso da imprensa não é obrigatório. Assim, muitos educadores podem ter acesso às fichas, considerar a importância do assunto, mas não ter a oportunidade de aplicá-las em sala de aula por qualquer motivo como falta de tempo para preparar as aulas, falta de exemplares na escola etc, necessidade de aplicar e corrigir número elevado provas para entregar as notas no prazo estabelecido etc. Tais fatores, no entanto, não indicam que o material é inadequado.

Assim, a avaliação efetivada alcançou a receptividade dos docentes e suas considerações sobre a adequação (ou inadequação) do material. A partir daí, as notícias que chegarem sobre o alcance das fichas vão oferecer dados para o estabelecimento de impressões genéricas. Vamos ao possível, portanto.

Sobre a adequação do material à realidade da escola pública de Ensino Fundamental, é correto dizer que as fichas atendem as necessidades fundamentais dos professores. Isto é, quem não sabe nada sobre o jornal, ao ler o material, adquire noção básica sobre a estrutura interna da imprensa e sobre os principais problemas que cercam a prática jornalística. Os números apresentados no capítulo 6 (página 176) sobre a avaliação nas Oficinas Pedagógicas comprovam a afirmação. Assim, 36% dos educadores consideraram o material adequado, e destacaram como argumentos para a avaliação o fato das fichas serem objetivas e detalhadas, oferecendo diversas possibilidades de abordagem dos conteúdos, de acordo com a estrutura disponível na escola.

Por outro lado, metade do público considerou o material adequado “em termos”, justificando a opção com a afirmação de que faltam jornais e outros materiais como papel, cola, tesoura etc na escola, e cerca de 15% deles considerou o material inadequado, justificando a posição com o mesmo motivo (falta de estrutura na escola) e falta de tempo para preparar as aulas. Os argumentos, fogem, portanto, do âmbito das fichas e alcançam a realidade precária da escola. Acontece, porém, que muitas respostas parecem não ter considerado todas as possibilidades das fichas, já que diversas atividades podem ser feitas com jornais de dias, semanas e até meses anteriores (e que são material de fácil acesso). Evidentemente, a aquisição de pelo menos duas assinaturas na escola é item importante para o sucesso da leitura crítica, mas não é essencial. Falta nesses professores a desenvoltura necessária para se adaptar às dificuldades e encontrar alternativas viáveis (justamente como acontece com as fichas, que oferecem gama variada de possibilidades). Parece ser própria do comportamento dos professores uma certa visão que pode ser chamada de “dogmática” da docência. Isto é, ou a escola oferece a estrutura necessária ideal, ou não há como trabalhar e, portanto, cada um deve se acomodar com as suas insuficiências. Aqui é preciso considerar a questão da formação do professor.

Assim, embora o desempenho, em geral, precário dos professores também seja aspecto externo ao material, tem implicações diretas no sucesso (ou fracasso) do projeto. Desdobrar problema tão complexo não é o caso aqui, mas cabe o comentário de que os cursos de licenciatura não privilegiam a autonomia intelectual e parecem não estar dando a devida importância à leitura da mídia para a formação do aluno. Entretanto, se se considerar o poder de penetração da TV, das revistas, dos jornais, do cinema, das histórias em quadrinhos etc na vida de crianças e jovens, o tratamento desses suportes de leitura passa a merecer tanta importância quanto a abordagem de outros tipos de texto, como o literário, que são o “supra-sumo” dos cursos de Letras. Se a leitura verdadeira só se concretiza quando o leitor é capaz de atribuir significado aos signos, então pode-se verificar que há pessoas saindo da faculdade analfabetas para a mídia. A questão é preocupante, porque são essas mesmas pessoas que estão formando os futuros leitores. E leitores que estarão amplamente expostos aos meios de comunicação e, na maioria dos casos, vão tomar decisões importantes como, por exemplo, eleger seus representantes políticos, com base nas mensagens que recebem da mídia.

E como é que o material produzido neste trabalho se insere no “mar de problemas” da Educação? Certamente deu sua contribuição, e abriu portas para uma reflexão ampla e produtiva acerca do uso dos meios de comunicação na escola. Vejamos.

Durante o processo de desenvolvimento da pesquisa, um aspecto se destacou logo de início e permaneceu “incomodando” todo o desenrolar do trabalho: os professores não têm repertório suficiente para distinguir o que é informação do que é “refugo” no jornalismo. Como, de resto, muitos jornalistas, com anos de prática, também não têm. A situação é só reflexo do processo de



massificação que tomou conta da sociedade, gerando condutas estereotipadas até na sala de aula, que é lugar destinado ao saber e portanto, à superação do lugar comum. Parece ser esse o grande desafio dos projetos de leitura crítica da mídia nos dias de hoje: vencer a massificação que tomou conta até do ensino, encontrar formas para que o estudante (e o professor) adquiram autonomia intelectual, pensem, enfim, por si próprios (e não como a mídia quer que pensem), reconheçam problemas sociais legítimos e encontrem soluções reais para todos eles. No campo dos estudos em comunicação, há quem diga que a mídia tem sobre nós o poder de influenciar nossas escolhas desde no que vamos comer, até em quem vamos votar. De fato, uma leitura imediata do panorama dos meios de comunicação aponta para a situação. Entretanto, quem se propõe a estudar o fenômeno, reconhece que aqui e ali sempre estão “pipocando” alternativas. Se elas não resolvem o problema, pelo menos mostram que a situação não está de todo perdida.

Foi o caso do presente trabalho. Os resultados do material são limitados, principalmente porque as fichas fazem abordagem rápida de aspectos técnicos do processo social da notícia. Se as atividades forem realizadas na escola, certamente haverá avanço na leitura crítica da mídia, mas o aprendizado realmente eficiente deve abraçar questões de ordem teórica (que nada mais são que a visão totalizante da prática truncada e problemática, especialmente no caso do jornalismo) e a formação, neste caso, é longa e contínua. E não tem como ser concluída em quatro oficinas de oito horas, certamente.

A esta altura, é conveniente acrescentar exemplos recolhidos da produção dos professores ao material de análise final. Como pode ser observado no anexo 4 — Atividades realizadas pelos professores durante as oficinas e mais tarde, na sala de aula — a prática posterior veio confirmar a tendência apontada na primeira avaliação, realizada com os participantes do curso, através do questionário. Isto é, os professores estão atentos às possibilidades do uso do jornal como material pedagógico atraente, porém complementar às atividades rotineiras previstas no plano de ensino. A leitura crítica do jornalismo, conseguida através do conhecimento da prática jornalística, salvo raras exceções, não foi “captada” pelos docentes, ao que tudo indica, por causa da falta de repertório crítico em geral. Vejamos um exemplo.

Durante a terceira oficina, realizada em 5 de junho de 1997 — que abordou mecanismos de leitura comparativa entre diversos jornais — foram apresentadas aos professores as primeiras páginas dos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, ambas do dia 30 de abril de 1997, que traziam a mesma foto e manchetes sobre o mesmo assunto: o adiamento da venda da Companhia Vale do Rio Doce, por causa de 19 liminares concedidas pela justiça (ver anexo). A foto trazia manifestantes contrários à venda entrando em choque com a polícia militar. No centro da foto, vê-se uma bandeira do PT (Partido dos Trabalhadores). Na *Folha*, a foto foi publicada ocupando a

altura da metade superior do jornal, com largura de quatro colunas, abaixo da manchete: "Fracassa tentativa de vender Vale". No *Estado*, foi feita uma montagem de fotos, que traz, à esquerda, o presidente Fernando Henrique Cardoso de perfil, com expressão cerrada. Seu olhar se volta para a mesma imagem publicada na *Folha* (a foto foi fornecida pela Agência Associated Press): manifestantes em choque com a polícia e a bandeira do PT no meio. As duas imagens estão logo abaixo da manchete: "Duelo na Justiça adia leilão da Vale". Como se sabe, antes de ler as matérias, o leitor já começa a atribuir significados à página, influenciado pela diagramação. Neste caso, é evidente a atribuição de significados levada a cabo pelo *Estado*: as liminares, antes de instrumento democrático, são o motivo para a confusão no leilão; a bagunça é resultado da briga entre o presidente e o PT. Com efeito, Fernando Henrique Cardoso aparece aos leitores do *Estado* aborrecido com os "desordeiros" da oposição. Pois bem, um grupo de professoras que participavam da oficina do dia 5 consideraram a interpretação das páginas "um exagero". É verdade que a leitura descrita oferece uma possibilidade de interpretação, mas que é fundamentada em critérios plausíveis. De fato, não esgota a questão, mas não é exagerada.

Em outra ocasião, quando os participantes estudavam as possibilidades de uso das charges, um grupo partiu da charge produzida pelo cartunista Angeli, da *Folha de S. Paulo*, sobre a expressão "Neobobismo", usada pelo presidente Fernando Henrique Cardoso para desqualificar a oposição, em 25 de março de 1997. Na ocasião, os professores leram e recortaram as informações sobre o assunto, e depois apresentaram a charge ao restante do grupo, seguindo roteiro previamente determinado (ver anexo). A charge trazia o presidente e dois acessórios, cada um com um sorvete enfiado na cabeça (o sorvete na testa é simbologia comum entre adolescentes, para descrever o comportamento de pessoas tidas como bobas — são tão "retardadas" que não são capazes de acertar a boca para tomar o sorvete e acabam acertando a testa...). Os acessórios olhavam o jornal, elogiavam a expressão divulgada na imprensa e perguntavam de onde é que o presidente havia tirado a frase, que respondia "Ah, sei lá! Foi uma coisa que me veio à cabeça!". A mensagem, neste caso, é simples e objetiva: o presidente chama a oposição de boba, mas, para o cartunista, bobo é o presidente. Entretanto, o grupo que apresentou a charge não soube ir direto ao assunto e ficou destacando características imaginárias do desenho como, por exemplo, a aparência mais submissa de um acessor em relação ao outro, ar de tristeza, tentaram atribuir significado ao gesto do presidente etc.

Também as três páginas de boletim produzidas pelos professores durante a última oficina (realizada em 1º de julho de 1997), mostraram que alguns participantes não se acostumaram com a linguagem visual da imprensa. Desrespeito às margens (os "respiros" que fazem a diagramação ficar equilibrada) e desobediência à distribuição do texto em colunas, por exemplo, mostram que a linguagem gráfica não desperta mesmo o interesse dos docentes, o que é um problema. Eles não vêem

importância em aprender e ensinar conceitos da diagramação na escola mas, continuamente, são enguidos pela diagramação dos jornais.

Em relação ao material recolhido nas escolas após o curso, pode-se dizer que, certamente, as atividades tornaram a aula de Português mais atraente para os alunos, mas o desempenho possível ainda não foi alcançado. As fichas de análise de títulos contém erros ou estão incompletas, a lógica de organização das primeiras páginas — montadas com recortes ou desenhadas — não seguiram de todo as características estudadas nas fichas, e os glossários apresentados parecem cópias das definições registradas no material, e não resultado da participação espontânea dos alunos. O jornal produzido pelos estudantes ("O Corujinha") tem aspectos positivos, como a definição da primeira página com chamadas, a colocação de anúncios, a diversidade de textos, trazendo entrevistas, artigos e reportagens, mas deixou a desejar em termos de diagramação. Com efeito, mesmo sendo manuscrito, poderia ter sido dividido em colunas e ter, assim, aspecto gráfico mais atraente.

O relato dos casos mostra que a falta de conhecimento para acertar o "x" da questão da imprensa é tarefa dispendiosa para os professores, por causa da formação precária que têm. Apesar do planejamento das fichas e dos esforços concentrados no curso, pouco se avançou na leitura crítica, provavelmente devido aos fatores "clássicos" já discutidos que, há muito, vêm emperrando a qualidade do ensino básico no Brasil.

O desafio da leitura crítica (do jornal e do mundo), portanto, se mantém em pé. Que os resultados deste projeto sirvam de estímulo a outros educadores, jornalistas e estudantes, que um dia perceberam como é perversa a atuação do meios de comunicação, e quão urgentes são as alternativas para esta escola e para este jornalismo que aí estão.

- BARTHES, Roland. *O Óbvio e o Obtuso*. Lisboa, Edições 70, 1982.
- BAUDRILLARD, Jean. *A sociedade de consumo*. Rio de Janeiro, Elfos, 1995.
- BENJAMIN, Walter. "Pequena História da Fotografia" in *Coleção Grandes Cientistas Sociais*. São Paulo, Ática, 1991.
- BLIKSTEIN, Izidoro. *Técnicas de Comunicação Escrita*. 8 ed. São Paulo, Ática, 1990.
- BORDENAVE, Juan E. Diaz. *Além dos meios e mensagens*. Petrópolis, Vozes, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. *Sobre a Televisão - seguido de A Influência dos Jornalismo e Os Jogos Olímpicos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1997.
- BOSI, Ecléa. *Cultura de massa e cultura popular: leitura de operárias*. 6 ed. Petrópolis, Vozes, 1986.
- BUCCI, Eugênio. *O peixe morre pela boca*. São Paulo, Scritta, 1993.
- CARPENTER, Edmund et MCLUHAN, Marshall. *Revolução na Comunicação*. Rio de Janeiro, Zahar, 1974.
- CENTRE DE LIAISON DE L'ENSEIGNEMENT ET DES MOYENS D'INFORMATION. *L'information dans les médias*. Paris: CLEMI, 1991.
- CITIELLI, Adilson O. "Palavras de Ordem - A Greve dos petroleiros e a reportagem que não houve" in revista *Comunicação e Educação* nº 4. São Paulo, USP / Editora Moderna, 1995.
- CHAUÍ, Marilena. *Conformismo e Resistência: aspectos da cultura popular no Brasil*. 4ed. São Paulo, Brasiliense, 1989.
- _____. *Cultura e Democracia*. 4 ed. São Paulo, Cortez, 1989.
- COELHO NETTO, J. Teixeira. *Semiótica, informação e comunicação*. São Paulo, Perspectiva, 1980.
- COLLARO, Antonio Celso. *Projeto Gráfico - Teoria e Prática da Diagramação*. São Paulo, Summus Editorial, 1996.
- DE FLEUR, Melvin L. e ROKEACH, Sandra Ball. *Teorias da Comunicação de Massa*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1993.
- DIJK, Teun A. Van. *Cognição, discurso e interação*. São Paulo, Contexto, 1996.
- ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. 4 ed. São Paulo, Perspectiva, 1990.
- ENCICLOPÉDIA Mirador Internacional. São Paulo, Encyclopaedia Britanica do Brasil, 1976. 7v e 16 v.
- FARIA, Maria Alice de Oliveira. *O jornal na sala de aula*. São Paulo, Contexto, 1989.
- _____. *Como usar o jornal na sala de aula*. São Paulo. Contexto, 1996.
- FOLHA DE S. PAULO. *Novo Manual da Redação*. São Paulo, Folha da Manhã, 1992.
- _____. *Folha Educação - Programa de Leitura de Jornal - 5ª a 8ª série*. São Paulo, Folha da Manhã.
- FREINET, Célestin. *Le journal scolaire*. Cannes, Cooperative de L'Enseignement Laic, 1974.
- FREIRE, Paulo e Frei Beto. *Essa escola chamada vida - Depoimentos ao repórter Ricardo Kotsho*. 7 ed. São Paulo, Ática, 1991.
- GADOTTI, Moacir. *A Educação contra a Educação*. 4 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- GARCIA, Othon M. *Comunicação em Prosa Moderna*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1967.
- GAUDÊNCIO, Francisco e REGO, Torquato do. *Jornalismo Empresarial - Teoria e Prática*. 2 ed. São Paulo, Summus Editorial, 1984.
- GIANOTTI, Vito. *O que é jornalismo operário*. São Paulo, Basiliense, 1988.
- GOMES, P.G. (org.). *Comunicação, Memória e Resistência*. São Paulo, UCBC e Edições Paulinas, 1989.
- GRAMSCI, Antonio. *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.
- GUTIERRES, Francisco. *Linguagem Total - uma pedagogia dos meios de comunicação*. São Paulo, Summus, 1978.

HERR, Nicole. *100 Fichas práticas para explorar o jornal na sala de aula*. Belo Horizonte, Editora Dimensão, 1997

_____. *Aprendendo a ler com o jornal*. Belo Horizonte, Editora Dimensão, 1997.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 1ª reimpressão. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação*. São Paulo, Cultrix, 1974.

KOTSHO, Ricardo. *A prática da reportagem*. São Paulo,

KUNSH, Maria M. *Comunicação e Educação: caminhos cruzados*. São Paulo, AEC/ Loyola, 1986

LAGE, Nilson. *Ideologia e Técnica da Notícia*. 2 ed. Petrópolis, Vozes, 1982.

_____. *Linguagem Jornalística*. 4 ed. São Paulo, Ática, 1993.

_____. *A estrutura da Notícia*. São Paulo, Ática, 1992.

LUCKESI, Cipriano C. *Filosofia da Educação*. 3 ed. São Paulo, Cortez, 1991.

MARCONDES FILHO, Ciro. *O Capital da Notícia*. 2 ed. São Paulo, Ática, 1989.

_____. (org.) *A linguagem da sedução: a conquista das consciências pela fantasia*. São Paulo, Com-Arte, 1985.

_____. *Quem manipula quem?*. Petrópolis, Vozes, 1986

_____. *Jornalismo Fin-de-Siècle*. São Paulo, Scritta, 1993.

MARTINS, Eduardo (org.). *O Estado de S. Paulo - Manual de Redação e Estilo*. São Paulo, S.A. O Estado de S. Paulo, 1990.

McLUHAN, Marshal. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo, Cultrix, 1986.

MEDINA, Cremilda A. *Notícia: um produto a venda*. 2 ed. São Paulo, Summus Editorial, 1988.

_____. *Entrevista: o diálogo possível*. 2 ed. São Paulo, Ática, 1990.

MELLO, José M. *Para uma leitura crítica da comunicação*. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

_____. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis, Vozes, 1985.

MENDES, Durmeval Trigueiro (org.) *Filosofia da Educação Brasileira*. 4 ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1991.

MERTON, Robert. *Sociologia: Teoria e Estrutura*. São Paulo, Mestre Jou, 1968.

MILANESI, Luiz Augusto. *O paraíso via Embratel*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.

MIRANDA, Orlando. *Tio Patinhas e os mitos da comunicação*. São Paulo, Summus, 1976.

MOLES, Abraham A. et alii. *Linguagem da Cultura de Massa*. Petrópolis, Vozes, 1973.

MORAN José Manoel. *Como ver televisão - leitura crítica dos meios de comunicação*. São Paulo, Edições Paulinas, 1991.

NOVAES Adauto (org.). *Rede Imaginária: televisão e democracia*. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.

O GLOBO. *Manual de Redação e Estilo*. 16 ed. São Paulo, Editora Globo, 1992

PEIRCE, Charles S. *Semiótica*. São Paulo, Perspectiva, 1977.

RABAÇA, Carlos A. e BARBOSA, Gustavo. *Dicionário de Comunicação*. 2 ed. São Paulo, Ática, 1995.

ROSSI, Clóvis. *O que é jornalismo*. São Paulo, Brasiliense, 1980.

SANTIAGO, Cláudia e GIANOTTI, Vito. *Comunicação Sindical - Falando para milhões*. Petrópolis, Vozes, 1997.

SANTOS, António e PINTO, Manuel. *O Jornal Escolar*. Porto, Edições Asa, 1992.

SAVIANI, Demerval. *Escola e Democracia*. 21 ed. São Paulo, Cortez/ Autores Associados, 1989.

SCHAFF, Adam. *A Sociedade Informática*. 4 ed. São Paulo, Editora Unesp / Brasiliense, 1993.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO - SÃO PAULO. *Proposta Curricular para o Ensino de Língua Portuguesa - 1º Grau*. São Paulo, 1992.

_____. *Prática Pedagógica - Ciclo Básico e 1º Grau*. São Paulo, 1994.

SILVA, Carlos Eduardo Lins. *Muito Além do Jardim Botânico*. São Paulo, Summus Editorial, 1985.

SOARES, Ismar de Oliveira. *Para uma leitura crítica dos jornais*. São Paulo, Paulinas, 1984.

_____. *Comunicação e criatividade na escola*. São Paulo, Paulinas, 1989.

- SODRÉ, Muniz. *A comunicação do grotesco*. Petrópolis, Vozes, 1971.
- SOUZA, Mauro W. de. *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo, ECA USP Editora Brasiliense, 1995.
- TADDEI, Nazareno. *Educar com Imagem*. São Paulo, Loyola, 1987.
- TÁVOLA, Artur da. *A liberdade de ver*. Rio de Janeiro, Fronteira, 1984.
- WATTS, Harris. *On Camera*. São Paulo, Summus, 1990.

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1

Modelo de questionário para o primeiro contato com os professores da rede

Anexo 2

Critérios para formatação das respostas abertas e fechadas do questionário

Anexo 3

Modelo de questionário aplicado para avaliar a receptividade dos professores após as Oficinas Pedagógicas

Anexo 4

Atividades realizadas pelos professores durante as oficinas e mais tarde, na sala de aula

MODELO DO QUESTIONÁRIO

1. Questionário nº
2. escola
3. sexo
4. idade
5. Formação universitária:
Instituição curso cidade ano de conclusão
6. Séries em que está lecionando no momento
7. Séries em que já lecionou e não leciona no momento
8. Já fez cursos de aperfeiçoamento? Quais?
9. Já fez algum curso sobre jornal na sala de aula?
10. Com que frequência você lê jornal?
todos os dias três vezes por semana, em média uma vez por semana, em média raramente
11. Você assina algum jornal?
12. Se assina, qual jornal?
13. Se não assina, compra algum jornal?
14. Qual jornal você mais compra?
15. Se não assina nem compra, onde você lê jornal?
16. Qual o jornal que você mais gosta?
17. Por que você gosta mais desse jornal?
18. Qual o jornal que você mais lê?
19. Qual o jornal que você menos gosta?
20. Por que você gosta menos desse jornal?
21. Você lê alguma revista?
22. Se lê, qual revista?
23. Com que frequência você assiste telejornais?
todos os dias três vezes por semana, em média uma vez por semana, em média raramente
24. qual o telejornal que você mais gosta?
25. Por que você gosta mais desse telejornal?
26. Qual telejornal você mais assiste?
27. Qual o telejornal que você menos gosta?
28. Por que você gosta menos desse telejornal?
29. Você acredita em todas as notícias que lê jornais e assiste na TV?
A. sim B. não C. mais ou menos D. não sei
30. Justifique sua resposta
31. Você acha que há diferenças nas versões que os diferentes jornais dão para um mesmo fato?
32. Se você acha que há diferenças, por que isso acontece?
33. Na sua opinião, que resultados podem ser alcançados usando o jornal nas atividades escolares?
34. Você já teve alguma orientação sobre como trabalhar com o jornal na sala de aula?
35. Se já teve, de onde veio essa orientação?
36. Você usa o jornal em suas atividades com os alunos?
37. Se usa, que tipo de atividades desenvolve utilizando o jornal?
38. Você encontra dificuldades para trabalhar com o jornal? Quais?
39. Que tipo de orientação você gostaria de receber para trabalhar com o jornal na sala de aula?
40. Você usaria um material pedagógico que sugerisse atividades com o jornal na escola?
sim não não sei



41. Quais dessas atividades você mais utilizaria? (enumere por ordem de preferência)

- () atividades que estimulem a leitura e conhecimento do jornal
- () leitura crítica de jornais
- () orientação para a produção de um jornal escolar

42. Agora faça as suas sugestões de conteúdos que deveriam ser tratados no material

43. Quantas aulas você teria disponíveis, por semana, para trabalhar com o jornal em cada classe?

44. Se você fosse produzir um jornal escolar com seus alunos, quais dessas técnicas teria à disposição para editar e fazer as cópias do jornal?

- () máquina de escrever e xerox
- () computador e xerox (cite o editor de texto)
- () mimeógrafo
- () outra maneira (descreva)

45. Alguma observação?

1. do 1º ao 5º ano
2. 6º ao 9º ano
3. 10º ano
4. 11º ano
5. 12º ano
6. 13º ano
7. 14º ano
8. 15º ano
9. 16º ano
10. 17º ano
11. 18º ano
12. 19º ano
13. 20º ano
14. 21º ano
15. 22º ano
16. 23º ano
17. 24º ano
18. 25º ano
19. 26º ano
20. 27º ano
21. 28º ano
22. 29º ano
23. 30º ano
24. 31º ano
25. 32º ano
26. 33º ano
27. 34º ano
28. 35º ano
29. 36º ano
30. 37º ano
31. 38º ano
32. 39º ano
33. 40º ano
34. 41º ano
35. 42º ano
36. 43º ano
37. 44º ano
38. 45º ano
39. 46º ano
40. 47º ano
41. 48º ano
42. 49º ano
43. 50º ano
44. 51º ano
45. 52º ano
46. 53º ano
47. 54º ano
48. 55º ano
49. 56º ano
50. 57º ano
51. 58º ano
52. 59º ano
53. 60º ano
54. 61º ano
55. 62º ano
56. 63º ano
57. 64º ano
58. 65º ano
59. 66º ano
60. 67º ano
61. 68º ano
62. 69º ano
63. 70º ano
64. 71º ano
65. 72º ano
66. 73º ano
67. 74º ano
68. 75º ano
69. 76º ano
70. 77º ano
71. 78º ano
72. 79º ano
73. 80º ano
74. 81º ano
75. 82º ano
76. 83º ano
77. 84º ano
78. 85º ano
79. 86º ano
80. 87º ano
81. 88º ano
82. 89º ano
83. 90º ano
84. 91º ano
85. 92º ano
86. 93º ano
87. 94º ano
88. 95º ano
89. 96º ano
90. 97º ano
91. 98º ano
92. 99º ano
93. 100º ano
94. 101º ano
95. 102º ano
96. 103º ano
97. 104º ano
98. 105º ano
99. 106º ano
100. 107º ano
101. 108º ano
102. 109º ano
103. 110º ano
104. 111º ano
105. 112º ano
106. 113º ano
107. 114º ano
108. 115º ano
109. 116º ano
110. 117º ano
111. 118º ano
112. 119º ano
113. 120º ano
114. 121º ano
115. 122º ano
116. 123º ano
117. 124º ano
118. 125º ano
119. 126º ano
120. 127º ano
121. 128º ano
122. 129º ano
123. 130º ano
124. 131º ano
125. 132º ano
126. 133º ano
127. 134º ano
128. 135º ano
129. 136º ano
130. 137º ano
131. 138º ano
132. 139º ano
133. 140º ano
134. 141º ano
135. 142º ano
136. 143º ano
137. 144º ano
138. 145º ano
139. 146º ano
140. 147º ano
141. 148º ano
142. 149º ano
143. 150º ano
144. 151º ano
145. 152º ano
146. 153º ano
147. 154º ano
148. 155º ano
149. 156º ano
150. 157º ano
151. 158º ano
152. 159º ano
153. 160º ano
154. 161º ano
155. 162º ano
156. 163º ano
157. 164º ano
158. 165º ano
159. 166º ano
160. 167º ano
161. 168º ano
162. 169º ano
163. 170º ano
164. 171º ano
165. 172º ano
166. 173º ano
167. 174º ano
168. 175º ano
169. 176º ano
170. 177º ano
171. 178º ano
172. 179º ano
173. 180º ano
174. 181º ano
175. 182º ano
176. 183º ano
177. 184º ano
178. 185º ano
179. 186º ano
180. 187º ano
181. 188º ano
182. 189º ano
183. 190º ano
184. 191º ano
185. 192º ano
186. 193º ano
187. 194º ano
188. 195º ano
189. 196º ano
190. 197º ano
191. 198º ano
192. 199º ano
193. 200º ano
194. 201º ano
195. 202º ano
196. 203º ano
197. 204º ano
198. 205º ano
199. 206º ano
200. 207º ano
201. 208º ano
202. 209º ano
203. 210º ano
204. 211º ano
205. 212º ano
206. 213º ano
207. 214º ano
208. 215º ano
209. 216º ano
210. 217º ano
211. 218º ano
212. 219º ano
213. 220º ano
214. 221º ano
215. 222º ano
216. 223º ano
217. 224º ano
218. 225º ano
219. 226º ano
220. 227º ano
221. 228º ano
222. 229º ano
223. 230º ano
224. 231º ano
225. 232º ano
226. 233º ano
227. 234º ano
228. 235º ano
229. 236º ano
230. 237º ano
231. 238º ano
232. 239º ano
233. 240º ano
234. 241º ano
235. 242º ano
236. 243º ano
237. 244º ano
238. 245º ano
239. 246º ano
240. 247º ano
241. 248º ano
242. 249º ano
243. 250º ano
244. 251º ano
245. 252º ano
246. 253º ano
247. 254º ano
248. 255º ano
249. 256º ano
250. 257º ano
251. 258º ano
252. 259º ano
253. 260º ano
254. 261º ano
255. 262º ano
256. 263º ano
257. 264º ano
258. 265º ano
259. 266º ano
260. 267º ano
261. 268º ano
262. 269º ano
263. 270º ano
264. 271º ano
265. 272º ano
266. 273º ano
267. 274º ano
268. 275º ano
269. 276º ano
270. 277º ano
271. 278º ano
272. 279º ano
273. 280º ano
274. 281º ano
275. 282º ano
276. 283º ano
277. 284º ano
278. 285º ano
279. 286º ano
280. 287º ano
281. 288º ano
282. 289º ano
283. 290º ano
284. 291º ano
285. 292º ano
286. 293º ano
287. 294º ano
288. 295º ano
289. 296º ano
290. 297º ano
291. 298º ano
292. 299º ano
293. 300º ano
294. 301º ano
295. 302º ano
296. 303º ano
297. 304º ano
298. 305º ano
299. 306º ano
300. 307º ano
301. 308º ano
302. 309º ano
303. 310º ano
304. 311º ano
305. 312º ano
306. 313º ano
307. 314º ano
308. 315º ano
309. 316º ano
310. 317º ano
311. 318º ano
312. 319º ano
313. 320º ano
314. 321º ano
315. 322º ano
316. 323º ano
317. 324º ano
318. 325º ano
319. 326º ano
320. 327º ano
321. 328º ano
322. 329º ano
323. 330º ano
324. 331º ano
325. 332º ano
326. 333º ano
327. 334º ano
328. 335º ano
329. 336º ano
330. 337º ano
331. 338º ano
332. 339º ano
333. 340º ano
334. 341º ano
335. 342º ano
336. 343º ano
337. 344º ano
338. 345º ano
339. 346º ano
340. 347º ano
341. 348º ano
342. 349º ano
343. 350º ano
344. 351º ano
345. 352º ano
346. 353º ano
347. 354º ano
348. 355º ano
349. 356º ano
350. 357º ano
351. 358º ano
352. 359º ano
353. 360º ano
354. 361º ano
355. 362º ano
356. 363º ano
357. 364º ano
358. 365º ano
359. 366º ano
360. 367º ano
361. 368º ano
362. 369º ano
363. 370º ano
364. 371º ano
365. 372º ano
366. 373º ano
367. 374º ano
368. 375º ano
369. 376º ano
370. 377º ano
371. 378º ano
372. 379º ano
373. 380º ano
374. 381º ano
375. 382º ano
376. 383º ano
377. 384º ano
378. 385º ano
379. 386º ano
380. 387º ano
381. 388º ano
382. 389º ano
383. 390º ano
384. 391º ano
385. 392º ano
386. 393º ano
387. 394º ano
388. 395º ano
389. 396º ano
390. 397º ano
391. 398º ano
392. 399º ano
393. 400º ano
394. 401º ano
395. 402º ano
396. 403º ano
397. 404º ano
398. 405º ano
399. 406º ano
400. 407º ano
401. 408º ano
402. 409º ano
403. 410º ano
404. 411º ano
405. 412º ano
406. 413º ano
407. 414º ano
408. 415º ano
409. 416º ano
410. 417º ano
411. 418º ano
412. 419º ano
413. 420º ano
414. 421º ano
415. 422º ano
416. 423º ano
417. 424º ano
418. 425º ano
419. 426º ano
420. 427º ano
421. 428º ano
422. 429º ano
423. 430º ano
424. 431º ano
425. 432º ano
426. 433º ano
427. 434º ano
428. 435º ano
429. 436º ano
430. 437º ano
431. 438º ano
432. 439º ano
433. 440º ano
434. 441º ano
435. 442º ano
436. 443º ano
437. 444º ano
438. 445º ano
439. 446º ano
440. 447º ano
441. 448º ano
442. 449º ano
443. 450º ano
444. 451º ano
445. 452º ano
446. 453º ano
447. 454º ano
448. 455º ano
449. 456º ano
450. 457º ano
451. 458º ano
452. 459º ano
453. 460º ano
454. 461º ano
455. 462º ano
456. 463º ano
457. 464º ano
458. 465º ano
459. 466º ano
460. 467º ano
461. 468º ano
462. 469º ano
463. 470º ano
464. 471º ano
465. 472º ano
466. 473º ano
467. 474º ano
468. 475º ano
469. 476º ano
470. 477º ano
471. 478º ano
472. 479º ano
473. 480º ano
474. 481º ano
475. 482º ano
476. 483º ano
477. 484º ano
478. 485º ano
479. 486º ano
480. 487º ano
481. 488º ano
482. 489º ano
483. 490º ano
484. 491º ano
485. 492º ano
486. 493º ano
487. 494º ano
488. 495º ano
489. 496º ano
490. 497º ano
491. 498º ano
492. 499º ano
493. 500º ano
494. 501º ano
495. 502º ano
496. 503º ano
497. 504º ano
498. 505º ano
499. 506º ano
500. 507º ano
501. 508º ano
502. 509º ano
503. 510º ano
504. 511º ano
505. 512º ano
506. 513º ano
507. 514º ano
508. 515º ano
509. 516º ano
510. 517º ano
511. 518º ano
512. 519º ano
513. 520º ano
514. 521º ano
515. 522º ano
516. 523º ano
517. 524º ano
518. 525º ano
519. 526º ano
520. 527º ano
521. 528º ano
522. 529º ano
523. 530º ano
524. 531º ano
525. 532º ano
526. 533º ano
527. 534º ano
528. 535º ano
529. 536º ano
530. 537º ano
531. 538º ano
532. 539º ano
533. 540º ano
534. 541º ano
535. 542º ano
536. 543º ano
537. 544º ano
538. 545º ano
539. 546º ano
540. 547º ano
541. 548º ano
542. 549º ano
543. 550º ano
544. 551º ano
545. 552º ano
546. 553º ano
547. 554º ano
548. 555º ano
549. 556º ano
550. 557º ano
551. 558º ano
552. 559º ano
553. 560º ano
554. 561º ano
555. 562º ano
556. 563º ano
557. 564º ano
558. 565º ano
559. 566º ano
560. 567º ano
561. 568º ano
562. 569º ano
563. 570º ano
564. 571º ano
565. 572º ano
566. 573º ano
567. 574º ano
568. 575º ano
569. 576º ano
570. 577º ano
571. 578º ano
572. 579º ano
573. 580º ano
574. 581º ano
575. 582º ano
576. 583º ano
577. 584º ano
578. 585º ano
579. 586º ano
580. 587º ano
581. 588º ano
582. 589º ano
583. 590º ano
584. 591º ano
585. 592º ano
586. 593º ano
587. 594º ano
588. 595º ano
589. 596º ano
590. 597º ano
591. 598º ano
592. 599º ano
593. 600º ano
594. 601º ano
595. 602º ano
596. 603º ano
597. 604º ano
598. 605º ano
599. 606º ano
600. 607º ano
601. 608º ano
602. 609º ano
603. 610º ano
604. 611º ano
605. 612º ano
606. 613º ano
607. 614º ano
608. 615º ano
609. 616º ano
610. 617º ano
611. 618º ano
612. 619º ano
613. 620º ano
614. 621º ano
615. 622º ano
616. 623º ano
617. 624º ano
618. 625º ano
619. 626º ano
620. 627º ano
621. 628º ano
622. 629º ano
623. 630º ano
624. 631º ano
625. 632º ano
626. 633º ano
627. 634º ano
628. 635º ano
629. 636º ano
630. 637º ano
631. 638º ano
632. 639º ano
633. 640º ano
634. 641º ano
635. 642º ano
636. 643º ano
637. 644º ano
638. 645º ano
639. 646º ano
640. 647º ano
641. 648º ano
642. 649º ano
643. 650º ano
644. 651º ano
645. 652º ano
646. 653º ano
647. 654º ano
648. 655º ano
649. 656º ano
650. 657º ano
651. 658º ano
652. 659º ano
653. 660º ano
654. 661º ano
655. 662º ano
656. 663º ano
657. 664º ano
658. 665º ano
659. 666º ano
660. 667º ano
661. 668º ano
662. 669º ano
663. 670º ano
664. 671º ano
665. 672º ano
666. 673º ano
667. 674º ano
668. 675º ano
669. 676º ano
670. 677º ano
671. 678º ano
672. 679º ano
673. 680º ano
674. 681º ano
675. 682º ano
676. 683º ano
677. 684º ano
678. 685º ano
679. 686º ano
680. 687º ano
681. 688º ano
682. 689º ano
683. 690º ano
684. 691º ano
685. 692º ano
686. 693º ano
687. 694º ano
688. 695º ano
689. 696º ano
690. 697º ano
691. 698º ano
692. 699º ano
693. 700º ano
694. 701º ano
695. 702º ano
696. 703º ano
697. 704º ano
698. 705º ano
699. 706º ano
700. 707º ano
701. 708º ano
702. 709º ano
703. 710º ano
704. 711º ano
705. 712º ano
706. 713º ano
707. 714º ano
708. 715º ano
709. 716º ano
710. 717º ano
711. 718º ano
712. 719º ano
713. 720º ano
714. 721º ano
715. 722º ano
716. 723º ano
717. 724º ano
718. 725º ano
719. 726º ano
720. 727º ano
721. 728º ano
722. 729º ano
723. 730º ano
724. 731º ano
725. 732º ano
726. 733º ano
727. 734º ano
728. 735º ano
729. 736º ano
730. 737º ano
731. 738º ano
732. 739º ano
733. 740º ano
734. 741º ano
735. 742º ano
736. 743º ano
737. 744º ano
738. 745º ano
739. 746º ano
740. 747º ano
741. 748º ano
742. 749º ano
743. 750º ano
744. 751º ano
745. 752º ano
746. 753º ano
747. 754º ano
748. 755º ano
749. 756º ano
750. 757º ano
751. 758º ano
752. 759º ano
- 7

FORMATAÇÃO DAS RESPOSTAS

1. Função

- Língua Portuguesa efetivo
- Língua Portuguesa não-efetivo
- História efetivo
- História não efetivo
- Geografia efetivo
- Geografia não-efetivo

2. Escola

3. Idade

- A. até 25 anos
- B. de 26 a 35 anos
- C. de 36 a 45 anos
- D. Mais de 45 anos

4. Sexo

5. Formação

- A. Instituição pública
- B. Instituição privada
- C. Capital / Interior / outros Estados
- D. Curso (Letras, História, Geografia, Pedagogia e outros)
- E. Ano de conclusão
 - a. Até 1970
 - b. entre 1971 e 1980
 - c. entre 1981 e 1990
 - d. depois de 1990

6. Séries em que está lecionando

5ª, 6ª, 7ª, 8ª, 1ª, 2ª e 3ª colegial

7. Séries em que já lecionou e não leciona no momento

5ª, 6ª, 7ª, 8ª, 1ª, 2ª e 3ª colegial

8. Cursos de aperfeiçoamento:

sim / não e jornal / outros

9. Frequência que lê jornal:

- A. Todos os dias
- B. Três vezes por semana, em média
- C. Uma vez por semana, em média
- D. Raramente

10. Assina jornal?

sim / não

11. Qual assina?

- A. Folha de S. Paulo
- B. O Estado de S. Paulo
- C. Jornal da Cidade
- D. Diário de Bauru
- E. outros

12. Se não assina, compra algum jornal?

sim/ não

13. Qual compra?

- A. Folha de S. Paulo
- B. O Estado de S. Paulo

- C. Jornal da Cidade
- D. Diário de Bauru
- E. outros

14. Se não assina nem compra, onde você lê jornal?

- A. na escola
- B. de terceiros

15. Qual o jornal que você mais gosta?

- A. Folha de S. Paulo
- B. O Estado de S. Paulo
- C. Jornal da Cidade
- D. Diário de Bauru
- E. outros

16. Por que você gosta mais desse jornal?

A. respostas argumentadas críticas:

- ⇒ ele é pluralista
- ⇒ estimula o debate
- ⇒ é menos conservador
- ⇒ apresenta profundidade de análises
- ⇒ traz informações objetivas que propiciam a discussão, inclusive em classe
- ⇒ possui jornalistas críticos em seu corpo editorial (Jânio de Freitas, por exemplo)

B. respostas argumentadas não-críticas

- ⇒ gosto do aspecto gráfico
- ⇒ é mais sucinto, leio com mais rapidez
- ⇒ é mais completo, traz mais cadernos
- ⇒ traz notícias da cidade
- ⇒ os textos são bem escritos
- ⇒ gosto do caderno "Mais!"
- ⇒ é mais didático
- ⇒ gosto dos artigos (Luiz F. Veríssimo)
- ⇒ gosto da variedade de assuntos
- ⇒ gosto da linguagem
- ⇒ são objetivos e imparciais
- ⇒ parece mais abrangente
- ⇒ é agradável de ler

C. respostas não-argumentadas

- ⇒ é o único que tenho acesso
- ⇒ já criei o hábito de ler só esse
- ⇒ é o único sincero
- ⇒ tem boas matérias
- ⇒ é o mais realista
- ⇒ é o menos político
- ⇒ porque tenho necessidade de me informar

D. não deram argumentos (deixaram a resposta em branco)

16. Qual o jornal que você mais lê?

- A. Folha de S. Paulo
- B. O Estado de S. Paulo
- C. Jornal da Cidade
- D. Diário de Bauru
- E. outros

17. Qual o jornal que você menos gosta?

- A. Folha de S. Paulo
- B. O Estado de S. Paulo
- C. Jornal da Cidade
- D. Diário deBauru
- E. Notícias Populares
- F. outros

18. Por que você gosta menos desse jornal?

A. respostas argumentadas críticas:

- ➔ não tem compromisso social
- ➔ é a voz dos privilegiados
- ➔ é sensacionalista
- ➔ banaliza a violência
- ➔ tem linha editorial conservadora
- ➔ banaliza fatos importantes
- ➔ trata as notícias de forma superficial (só entrevista uma fonte)
- ➔ é tendencioso

B. respostas argumentadas não-críticas

- ➔ não tem aspecto gráfico atrativo
- ➔ é muito dramático
- ➔ é muito extenso, tem textos longos
- ➔ traz reportagens melodramáticas
- ➔ deixa a desejar em termos de conteúdo e impressão
- ➔ tem muitas páginas
- ➔ não gosto da linguagem popular
- ➔ repete notícias da Folha
- ➔ traz muitas matérias policiais
- ➔ é muito analítico

C. respostas não-argumentadas

- ➔ me deixa deprimida
- ➔ não gosto do estilo
- ➔ é fraco
- ➔ não me interessa por ele
- ➔ não atende às expectativas dos leitores
- ➔ tem muitas notas policiais e economia via classificados
- ➔ péssima qualidade
- ➔ não acrescenta nada
- ➔ traz notícias ineficazes

D. não deram argumentos (deixaram a resposta em branco)

19. Qual o jornal que você mais lê?

- A. Folha de S. Paulo
- B. O Estado de S. Paulo
- C. Jornal da Cidade
- D. Diário deBauru
- E. outros

20. Você lê alguma revista?

sim / não

21. Qual revista?

- A. Veja
- B. Isto é
- C. Superinteressante

D. revistas femininas (Cláudia, Marie Claire, Elle, Nova etc)

E. Nova Escola

F. outros

22. Frequência que assiste telejornais:

A. Todos os dias

B. Três vezes por semana, em média

C. Uma vez por semana, em média

D. Raramente

23. Telejornal que mais gosta:

A. Jornal Nacional

B. TJ Brasil

C. Aqui Agora

D. Jornal da Manchete

E. Jornal da Cultura / 60 Minutos

F. Jornal da Bandeirantes

G. SPTV / SP Já

H. Jornal da Globo

I. outros

24. Por que você gosta mais desse telejornal?

A. respostas argumentadas críticas:

→ pela profundidade de cobertura dos fatos

→ parece ser o mais imparcial

→ emite opiniões críticas

→ não tem caráter sensacionalista

→ parece ser menos tendencioso

B. respostas argumentadas não-críticas:

→ é mais completo

→ tem linguagem mais leve

→ é mais sucinto

→ gosto dos comentários do B. Casoy

→ é mais abrangente

→ é mais sério

→ é bem articulado

→ é mais dinâmico

C. respostas não-argumentadas:

→ propicia atualização rápida

→ tem livre opinião

→ hábito

→ é o único que tenho possibilidade de assistir

→ é o único imparcial

→ traz notícias eficientes

→ é o mais informativo

→ proporciona notícias de algum respaldo

→ traz informe globalizado e recente

→ é mais variado

→ é mais recente

→ gosto da programação

25. Qual o telejornal que você mais assiste?

A. Jornal Nacional

B. TJ Brasil

- C. Aqui Agora
- D. Jornal da Manchete
- E. Jornal da Cultura / 60 Minutos
- F. Jornal da Bandeirantes
- G. SPTV / SP Já
- H. Jornal da Globo
- I. outros

26. Qual o telejornal que você menos gosta?

(idem 25)

27. Por que você gosta menos desse telejornal?

A. respostas argumentadas críticas

- ⇒ banaliza fatos importantes
- ⇒ teor ideológico de direita
- ⇒ é sensacionalista
- ⇒ é a voz oficial do governo
- ⇒ é tendencioso
- ⇒ só defende os interesses do Roberto Marinho
- ⇒ é alienante, mascara a notícia
- ⇒ é muito violento
- ⇒ tem um histórico de manipulação, voz oficial da direita

B. respostas argumentadas não-críticas

- ⇒ repete notícias
- ⇒ não é construtivo
- ⇒ não me identifico com a linha editorial
- ⇒ é muito trágico

C. respostas não-argumentadas

- ⇒ disponibilidade de horário
- ⇒ é muito escandaloso
- ⇒ só fala de desgraça
- ⇒ não condiz com a postura jornalística enquanto veículo de comunicação globalizante
- ⇒ as notícias não são bem passadas
- ⇒ não tem criatividade e organização
- ⇒ não tenho tempo de ver
- ⇒ é ridículo
- ⇒ é vulgar
- ⇒ não gosto da maneira como a notícia é passada

D. respostas sem argumento (em branco)

28. Você acredita em todas as notícias que lê nos jornais ou assiste na TV?

- A. sim
- B. não
- C. mais ou menos
- D. não sei

29. Justifique sua resposta

A. respostas argumentadas

- ⇒ muitas notícias são manipuladas para defender interesses particulares do jornal
- ⇒ Há a visão do sapo, que vê de baixo e a do pássaro, que vê de cima
- ⇒ A notícia existe dentro de um contexto, que nem sempre é retratado
- ⇒ As notícias traduzem a ideologia dos donos da empresa jornalística
- ⇒ Os jornais abusam de sua autoridade
- ⇒ A versão dos fatos varia segundo interesses específicos que estejam em jogo

- ➔ Os jornais distorcem os fatos em busca de maior público
- ➔ O jornalismo é parcial
- ➔ Não devemos considerar apenas imagens e comentários do repórter, é preciso verificar os antecedentes da notícia
- ➔ O jornalismo é o canal que a classe dominante tem para difundir sua ideologia
- ➔ Algumas notícias são forjadas para “enganar” o povo
- ➔ Os jornalistas filtram a notícia
- ➔ Há diferenças no tratamento do fato entre um jornal e outro
- ➔ A notícia é uma versão do fato, e toda versão é parcial

A. respostas não-argumentadas

- ➔ Nem tudo é verdadeiro
- ➔ Sempre há um fundo de verdade
- ➔ Os absurdos são muitos
- ➔ Algumas notícias escondem totalmente a verdade
- ➔ Há jornais que não são dignos de credibilidade
- ➔ Fico na dúvida
- ➔ Espero provas concretas antes de acreditar
- ➔ Acredito nos fatos, mas procuro interpretá-los de acordo com a minha experiência
- ➔ Acredito na informação, mas não na conclusão
- ➔ Nem tudo corresponde à vida real
- ➔ Procuro filtrar as informações
- ➔ Selecciono aquelas que vejo credibilidade
- ➔ O jornalismo da Globo é sério
- ➔ Há muita fantasia para seduzir o leitor / telespectador
- ➔ Nunca acredito em tudo que ouço
- ➔ Tem notícia que deixa a desejar

30. Você acha que há diferenças nas versões que os diferentes jornais dão para um mesmo fato?
sim / não

31. Se você acha que há diferenças, por que isso acontece?

A. respostas argumentadas

- ➔ ideologia, interesses políticos e particulares
- ➔ sensacionalismo para vender
- ➔ descompromisso com a sociedade
- ➔ orientação política de direita
- ➔ orientação política e religiosa de cada jornal
- ➔ a concorrência obriga os jornais a fazerem de tudo para atrair o leitor
- ➔ não há como ser 100% objetivo e imparcial
- ➔ limitações culturais e histórico do jornalista que faz a notícia

B. respostas não-argumentadas

- ➔ A TV Cultura não precisa apelar
- ➔ Erros gráficos e redacionais
- ➔ depende da linha seguida
- ➔ cada pessoa tem um ponto-de-vista
- ➔ o fato principal não muda
- ➔ por falta de veracidade dos fatos
- ➔ falta seriedade
- ➔ falta profissionalismo
- ➔ jornais tradicionais não precisam de sensacionalismo para vender
- ➔ é possível haver diversas maneiras de se falar uma notícia
- ➔ as diferenças fazem parte da individualidade de quem faz a notícia

- tem jornalista que exagera
- talvez haja interesse na mídia na forma de narração dos fatos
- variam dependendo do público que querem atingir
- os pressupostos teóricos de cada cidadão permeiam suas ações orais e escritas

32. Na sua opinião, que resultados podem ser alcançados usando o jornal nas atividades escolares?

Respostas abertas

33. Você já teve alguma orientação sobre como trabalhar com o jornal?

sim / não

34. Se já teve, de onde veio essa orientação?

- A. cursos
- B. faculdade
- C. livros sobre o assunto
- D. troca de experiências com colegas

35. Você usa o jornal em suas atividades com os alunos?

sim / não

36. Se usa, que tipo de atividades desenvolve utilizando o jornal?

- A. Leitura e comentários de reportagens, artigos, entrevistas etc.
- B. recorte de notícias e montagem do jornal mural
- C. cópia e resumos de textos jornalísticos
- D. outras atividades

37. Você utilizaria um material pedagógico que sugerisse atividades para trabalhar com o jornal na sala de aula?

sim / não / não sei

38. Quais dessas atividades você mais empregaria? (enumere por ordem de preferência)

- 1. atividades que estimulem a leitura e conhecimento do jornal
- 2. leitura crítica de jornais
- 3. orientação para produção de um jornal escolar

123, 132, 213, 231, 312, 321

39. Agora faça suas sugestões de conteúdos a serem tratados no material

- A. temas específicos (educação sexual, saúde, economia etc)
- B. análise de conteúdos (fotos, textos etc)
- C. respostas vagas
- D. informações gerais sobre jornalismo
- E. Informações técnicas sobre jornalismo
- F. Leitura crítica

40. Quantas aulas você teria disponíveis, por semana, para trabalhar com o jornal em cada classe?

1, 2, mais de 2

41. Se você fosse produzir um jornal escolar, quais dessas técnicas teria à sua disposição para editar e reproduzir o seu jornal?

- A. máquina de escrever e xerox
- B. computador e xerox (qual editor?)
- C. mimeógrafo
- D. outros (descreva)

MODELO DE QUESTIONÁRIO APLICADO PARA AVALIAR A RECEPTIVIDADE DOS PROFESSORES DURANTE AS OFICINAS PEDAGÓGICAS

1. Séries para as quais você leciona:

☐ 5ª ☐ 6ª ☐ 7ª ☐ 8ª ☐ 2º grau

2. Você usava o jornal na sala de aula antes de fazer o curso?

☐ sim ☐ não

3. Descreva, de maneira sucinta, as atividades que você desenvolvia antes de fazer este curso, e quais eram seus objetivos.

4. Sobre o material pedagógico que você recebeu nas oficinas, você considera que:

- a. ☐ está adequado à realidade da escola em que leciono
- b. ☐ não está adequado à realidade da escola em que leciono
- c. ☐ está adequado em termos à realidade da escola em que leciono

Por quê?

5. Os conteúdos do material são suficientes para você usar o jornal com seus alunos?

☐ sim ☐ não

6. Se não são suficientes, que assuntos você considera que ficaram faltando?

7. Na sua opinião, as atividades propostas atingem os objetivos de cada ficha?

☐ sim ☐ não ☐ mais ou menos

Por quê?

8. Você está encontrando dificuldades para trabalhar com o jornal da forma que foi proposta nas fichas?

☐ sim ☐ não ☐ mais ou menos

Descreva suas dificuldades

9. Sobre a metodologia utilizada no curso, você considera que:

- a. ☐ foi eficiente, consegui aprender os conteúdos propostos
- b. ☐ foi razoável, tive dúvidas que não foram esclarecidas
- c. ☐ foi insuficiente, aprendi pouco e tive muitas dúvidas

10. Em que conteúdos você teve dúvidas? Por que você considera que teve essas dúvidas?

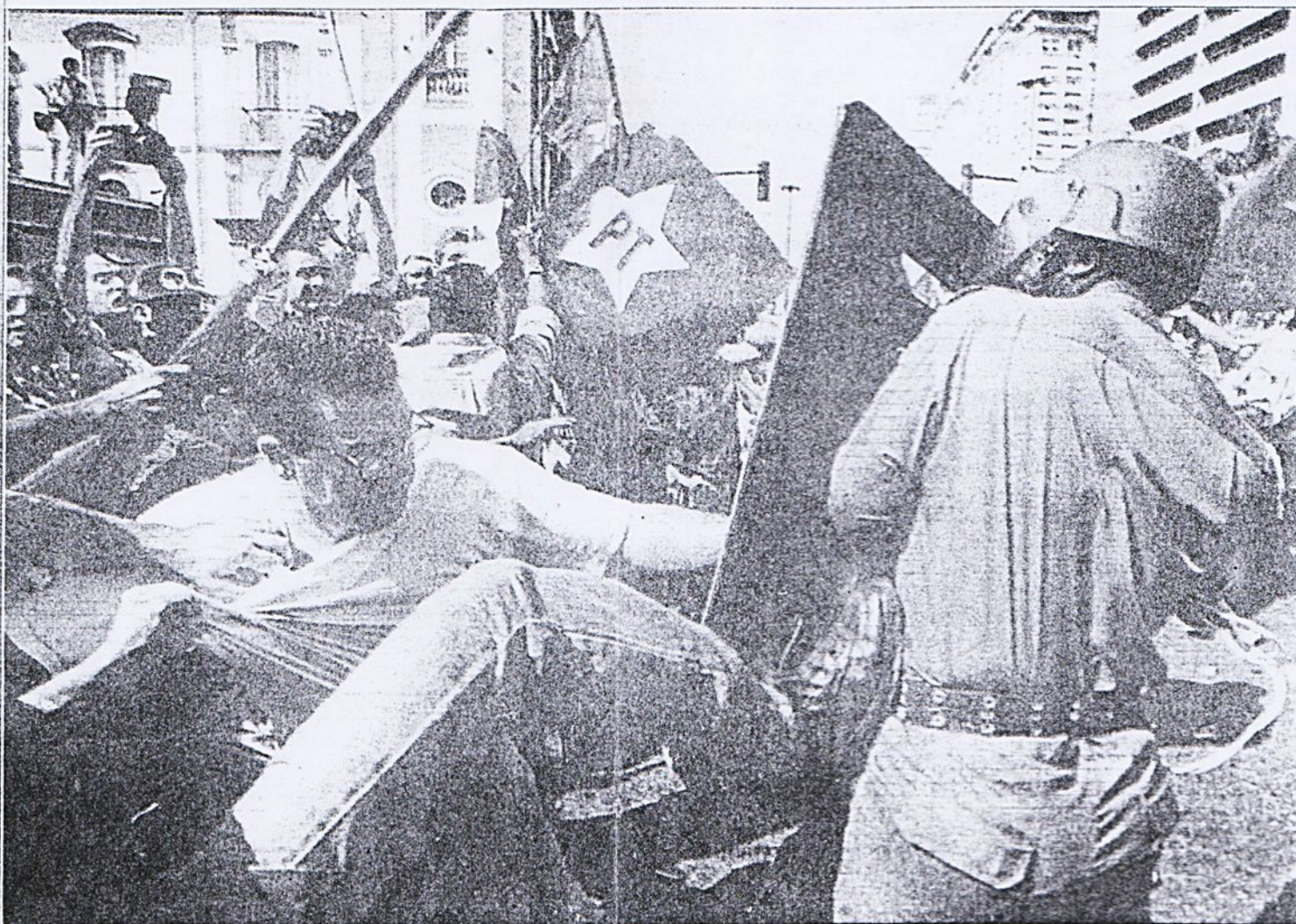
11. Você tem algum comentário a fazer sobre a maneira como a coordenadora apresentava os conteúdos?

12. Utilize este espaço para comentar que significado o curso teve para o seu aprimoramento profissional. Se precisar, peça outra folha para escrever.

Anexo 4

ATIVIDADES REALIZADAS PELOS PROFESSORES DURANTE AS OFICINAS E NA SALA DE AULA

Duelo na Justiça adia leilão da Vale



Até o fim da noite,
governo esperava
derrubar duas liminares
e realizar a venda

Um verdadeiro duelo jurídico, criado pela concessão de 19 liminares contra a privatização da Vale do Rio Doce, obrigou ontem o governo a adiar o leilão de venda da estatal, que estava marcado para as 10 horas, no Rio. Por volta das 20 horas, os advogados do BNDES haviam obtido a cassação de 17 liminares. Apenas duas, impetradas no Tribunal Regional Federal (TRF) de São Paulo, continuavam em vigor. Para derrubá-las, os advogados da União entraram com ação no Superior Tribunal de Justiça (STJ) pedindo a suspensão das liminares com base em tese de "conflito de competência": argumentaram que o TRF de São Paulo é órgão incompetente para manter a liminar. O presidente do STJ, Romildo Bueno de Souza, poderia decidir sobre o assunto ainda ontem à noite. Um parecer favorável permitiria a realização do leilão até a meia-noite ou hoje de manhã. Para evitar novos problemas de "chuva de liminares" em vários pontos do País, o presidente do Supremo Tribunal Federal, Sepúlveda Pertence, sugeriu a elevação da jurisdição para análise de ações. Com essa medida, os autores não poderiam recorrer a juizes de primeira instância. **Páginas B1, B7 e B9 e B18**

Vale?
Que vale?

Manifestantes entram em choque com policiais: em Brasília, FH dissimula preocupação

Confronto no Rio deixa 29 pessoas feridas

Um confronto entre policiais militares e cerca de 5 mil manifestantes contra a privatização da Vale do Rio Doce deixou 29 pessoas feridas, ontem pela manhã, perto da Bolsa de Valores do Rio. O sindicalista Anderson

Guimarães da Silva, da CUT de Belo Horizonte, sofreu fratura na mão direita ao tentar apagar uma bomba de efeito moral para arremessá-la de volta contra os guardas. Houve outras manifestações à tarde. Em

Brasília, o presidente Fernando Henrique Cardoso procurou dissimular a preocupação do governo. "Vale, hoje? Vale o quê? Vale-refeição?", perguntou ele aos jornalistas que pediam sua opinião. **Páginas B1 e B8**

Novo delegado-geral muda cúpula da polícia paulista

O novo delegado-geral de Polícia Civil, Luiz Paulo Braga Braun, afastou ontem os chefes de oito departamentos. O Departamento de Investigações Sobre Crimes Contra o Patrimônio (Depatri) dará lu-

gar ao Departamento de Combate ao Crime Organizado. O secretário da Segurança, José Afonso da Silva, disse que não pretende substituir o comandante da PM, coronel Claudionor Lisboa. **Páginas C1 e C3**

Para CPI, bancos deverão demitir quem usou títulos

Os senadores da CPI dos Títulos defendem a demissão de funcionários dos bancos que permitiram a circulação dos títulos e participaram do lucro irregular. Para o relator Roberto Requião (PMDB-PR), o próprio

banco deve ser comprometido caso se recuse a demitir. Para ele, se não houvesse participação do comprador final dando garantia de compra para o papel, as emissões não chegariam ao mercado. **Páginas A6 e A7**

Prazo para declaração termina hoje

O prazo para entrega da declaração do Imposto de Renda e para o pagamento da cota única ou da primeira cota termina hoje. Postos da Receita e agências de bancos autorizados nas principais cidades funcionarão além do horário normal para receber declarações e cotas. A entrega também pode ser feita pela Internet. **Página B5**

Mobutu vai a encontro com Kabila

O presidente do Zaire, Mobutu Sese Seko, e o líder das forças rebeldes, Laurent Kabila, concordaram ontem em reunir-se para discutir a crise. O zoológico de Kisangani, no centro do país, perde atrações: o elefante foi comido por soldados famintos e só resta a caveira do chimpanzé amestrado. **Página A12**

Motoristas de ônibus ameaçam fazer greve

Página C5

MEC vai elevar número de questões do provão

Página A18

Blair é favorito na véspera da eleição

Página A14

Brasil vai negociar tarifas com os EUA

Página B6

Balança tem déficit de US\$ 621 milhões no mês

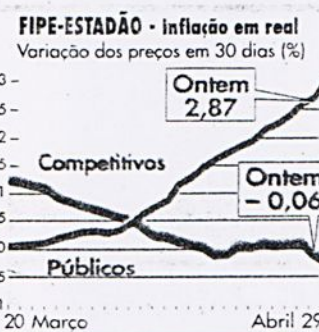
Página B3

Velocista da Jamaica será atração no Rio

Página E6

O sistema judiciário permite confusões que são usadas para tumultuar o leilão da Vale. Petições ideológicas transformam-se em liminares concedidas ideologicamente.

"O uso ideológico do aparelho judiciário", na página A3



6 voos por dia
Vôos KK, diretos e saídas de Congonhas

A previsão para o Estado é de sol, com aumento de nebulosidade à tarde. Na capital, entre 15 e 27 graus. **Página C6**

	Dólar	Comércio	Venda
Comercial	1,062	1,063	
Turismo	1,050	1,080	
Paralelo	1,115	1,140	
Franquia dia 1º	1,1242%		
UFIR de 1997	R\$ 0,9108		

Assinaturas por telefone, na Capital
858-9000
Demais localidades, ligue
0800-149000
Classificados por telefone, na Capital
856-9922
Demais localidades, ligue
0800-149922

HOJE	88 Páginas
(A) Primeiro Caderno - 18	(E) Esportes - 6
(B) Economia - 18	(G) Agricultura - 24
(C) Cidade - 8	(H) Mídia e Cultura - 4
(D) Caderno 2 - 10	(Inf. public.) - 4

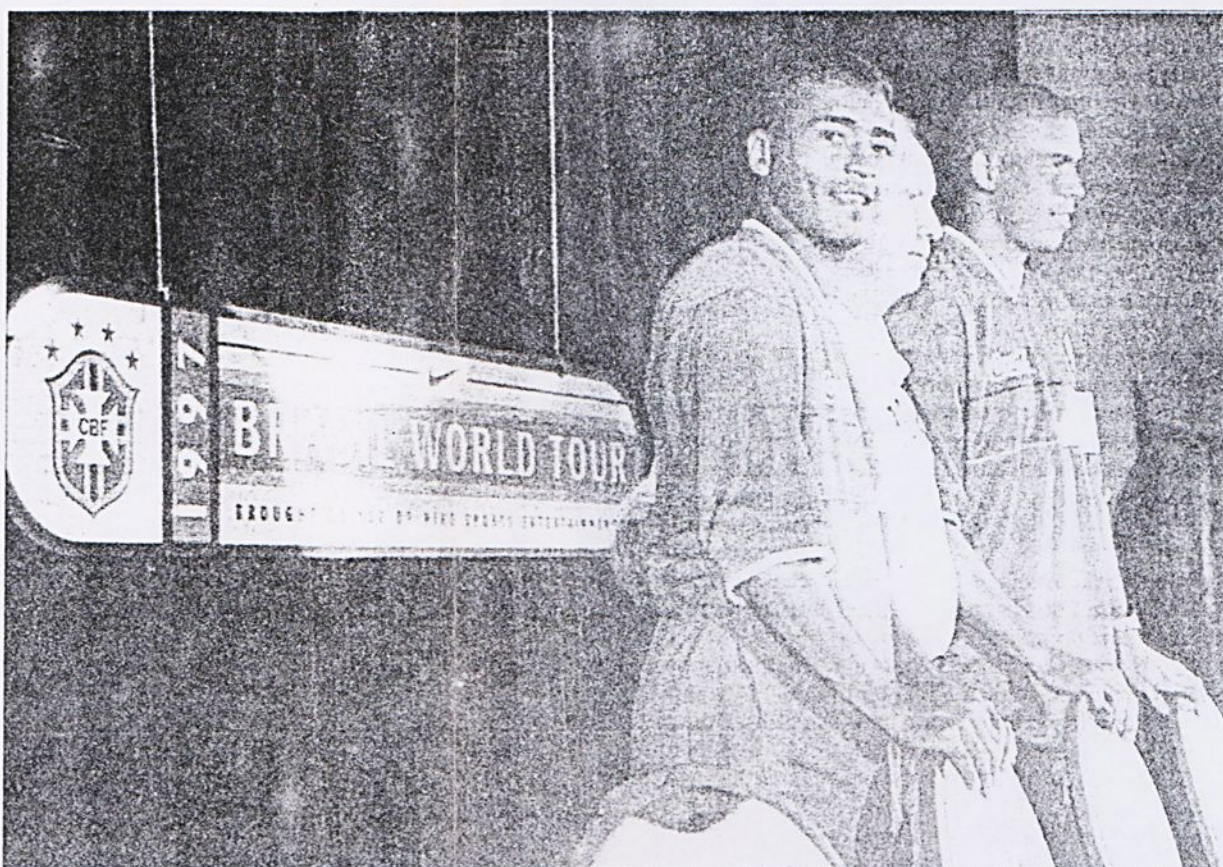
O ESTADO DE S. PAULO
http://www.estado.com.br

Pedreiro diz que sem-terra fez execução

O pedreiro Edson Lucena disse ontem à polícia de Londrina que o segurança José de Oliveira já tinha se rendido quando foi morto pelo sem-terra, no domingo. Contratados pelo arrendatário da Fazenda Borborema (PR) para expulsar acampados, eles estavam juntos quando foram atacados. Em Alagoas, o assassinato de um trabalhador rural por pistoleiros criou tensão em vários acampamentos. Entidades de defesa dos direitos humanos e a polícia tentam acalmar a revolta dos sem-terra. **Páginas A15 e A16**

D. Lucas diz que Igreja não deve isolar-se

O presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), d. Lucas Moreira Neves, cardeal-arcebispo de Salvador, refutou ontem as acusações de que a entidade tem assumido funções de partido político por tratar também de temas nacionais e não só religiosos, como os sem-terra e as privatizações. "A Igreja jamais aceitará ser confinada à sacristia", disse d. Lucas em entrevista ao Estado. Ele lamentou o fim do subsídio do governo para o ensino de religião nas escolas. **Página A17**



Entre goleadores

Zagallo, ao lado de Romário e Ronaldinho, em Miami: técnico diz que México será bom teste

Zagallo coloca em campo 8 dos campeões de Parreira

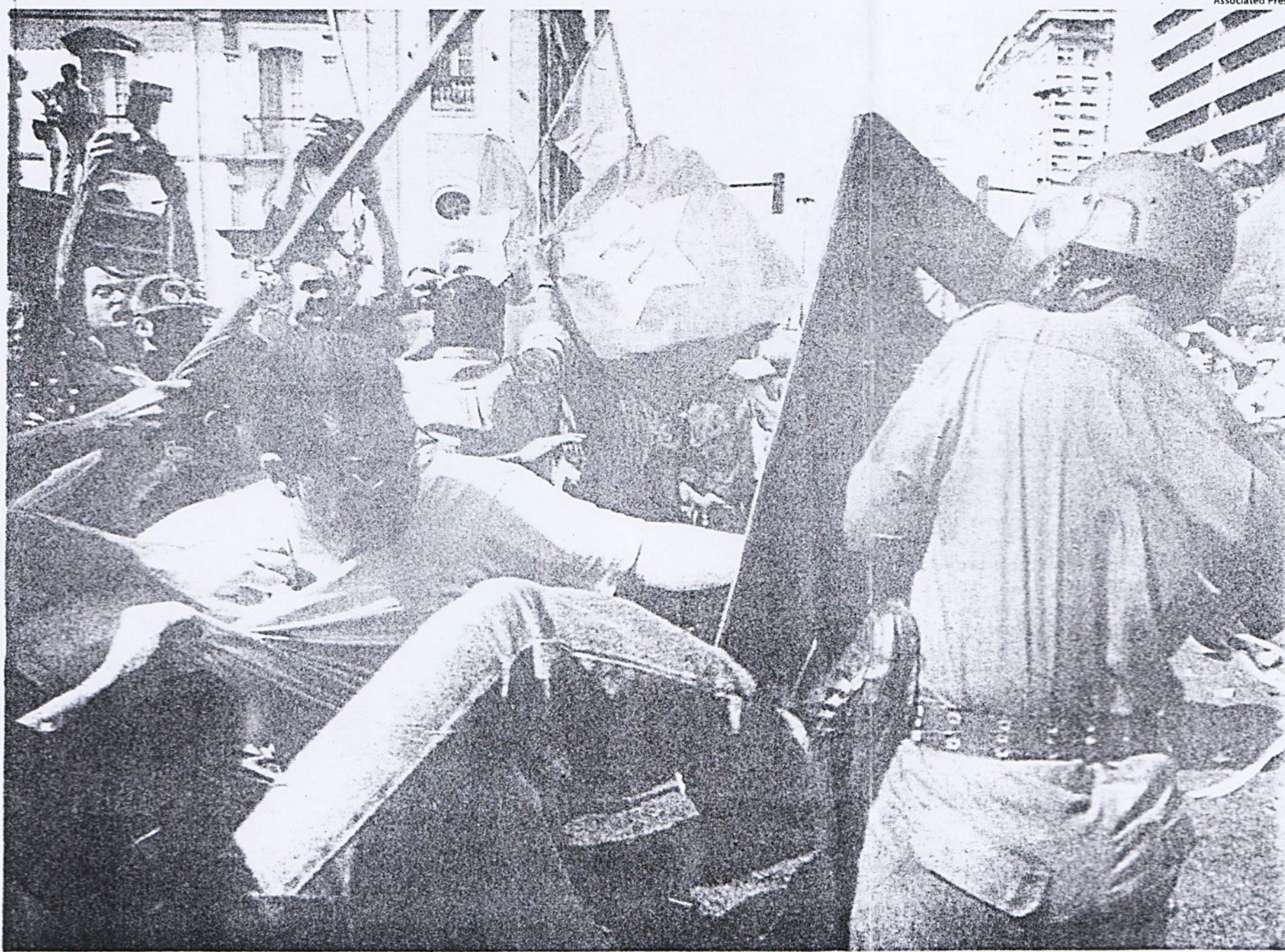
Com oito jogadores campeões mundiais, a seleção brasileira faz hoje, em Miami, uma partida amistosa contra o México, que servirá para o técnico Zagallo definir as últimas vagas da lista para o Torneio da França, em junho. Esse jogo será um bom teste, segundo o técnico Zagallo, que participou ontem de uma entrevista coletiva ao lado dos goleadores Romário e Ronaldinho. Os dois atacantes estão escalados, assim como outros seis da Copa

do Mundo de 1994: Taffarel, Cafu, Márcio Santos, Mauro Silva, Dunga e Leonardo. A estrela da entrevista foi Ronaldinho, do Barcelona, que respondeu perguntas sobre seu futuro após o campeonato espanhol. É a volta da seleção aos Estados Unidos, três anos após a conquista da Copa e um ano depois da decepção na Olimpíada. O jogo começa às 20 horas e a TV Bandeirantes e a SporTV anunciam a transmissão de Miami. **Página E1**

Trânsito deve piorar a partir de hoje à tarde

O trânsito começa a ficar complicado a partir das 17 horas de hoje para os paulistanos que vão viajar no feriado do Dia do Trabalho. Nesse horário, estão previstos congestionamentos na cidade. Mais de 1,5 milhão de veículos devem trafegar pelas estradas estaduais, segundo o DER. Bancos e supermercados fecham amanhã e voltam a funcionar na sexta. **Página C4**

Fracassa tentativa de vender Vale



Manifestantes contrários à privatização da Vale entram em choque com a polícia perto da Bolsa de Valores do Rio, onde seria realizado o leilão

★ Justiça rejeita recurso e privatização fica suspensa

★ STJ analisa novo pedido e governo espera leilão hoje

O governo não conseguiu derrubar ontem duas liminares concedidas pela Justiça Federal de São Paulo que suspenderam o leilão de privatização da Companhia Vale do Rio Doce, marcado para as 10h na Bolsa do Rio.

A União chegou a apresentar três recursos ao Superior Tribunal de Justiça, na tentativa de cassar as liminares (decisões provisórias). A noite, o STJ indeferiu dois dos recursos — o terceiro pedido deve ser analisado hoje.

“Temos um inimigo ardiloso e competente”, disse Luiz Carlos Mendonça de Barros, presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, responsável pelo leilão. “Não estávamos prontos para a utilização ilegítima das ações populares por opositores ferrenhos e histéricos”, afirmou.

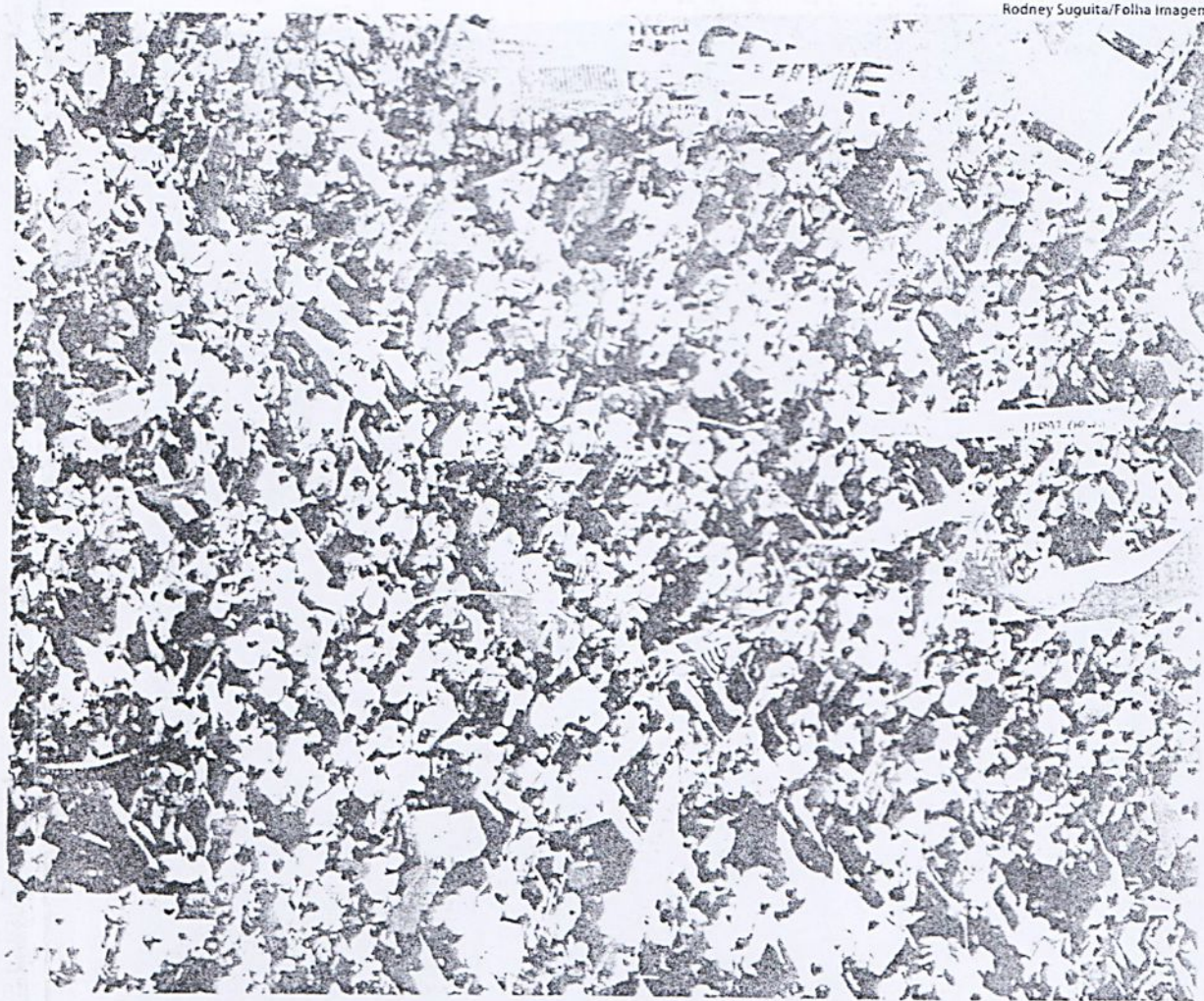
A principal ação contra a venda pede o cancelamento do edital. Na madrugada de ontem, o Tribunal Regional Federal de São Paulo confirmou, pela segunda vez, liminar contra o leilão concedido na última sexta. Até o julgamento do recurso do BNDES, previsto para dia 8 ou dia 9, o leilão está suspenso, diz o TRF.

No Rio, pela manhã, conflito entre manifestantes e a PM deixou 33 feridos. Próximo à Bolsa, 3.500 pessoas, segundo a PM, ou 14 mil, para os líderes, encurralaram 20 policiais, que reagiram com bombas de efeito moral.

Os manifestantes passaram o dia na Bolsa e comemoraram a suspensão do leilão às 17h30. Segundo a PM, o ato reuniu 2.500 pessoas. Para organizadores, eram 10 mil. **Brasil**



Com o rosto pintado de verde e amarelo, estudantes protestam contra a venda da mineradora



Na praça 15, ato reúne 2.500 pessoas, segundo a polícia, e 10 mil, de acordo com organizadores

ÍNDICE

1 Brasil	esporte
Elio Gaspari 1-12	Agência 3-12
Erratas 1-3	Alberto Helena Jr. 3-12
Panela 1-4	Automobilismo 3-14
Panela do Leitor 1-3	Camp. Paulista 3-11
Tendências 1-3	Placar 3-12
Truando 1-3	Televisão 3-12
Viagem 1-10	Vôlei 3-14
2 Dinheiro 1-12	4 Ilustrada 4-2
Atas e Editoriais 2-6	Horoscopo Joyce Pascowitch 4-2
Câmbio 2-8	Netvox 4-10
Empresas e Ações 2-8	Quadrinhos 4-10
Finanças 2-9	Televisto 4-4
Lista Nassif 2-9	5 Informática 5-4
Mercado 2-8 a 2-11	Canal Aberto 5-4
Op. Econômica 2-2	Guia de Compras 5-8
Panela S/A 2-2	Infocap 5-11 a 5-20
Termômetro 2-2	Estudo tem 5-11
3 Cotidiano 3-6	78 Páginas 20 de Informática
Matrosia 3-6	20 de Informática
Mortes 3-6	5-11 a 5-20
Polícia 3-1 a 3-3	5-11 a 5-20

informática

Veja dicas para instalar programas

Confira 50 dicas para instalar ou remover programas de computador. Aprenda também como ampliar a memória do micro, assegurando maior rapidez no uso de jogos. **Pág. 5-1**

Termina às 20h prazo do IR via Internet

A Receita determinou que as declarações de Imposto de Renda sejam enviadas pela Internet só até as 20h (horário de Brasília). Postos da Receita e bicos manterão plantão até as 22h (horário local) em todo o país. Hoje é o último dia para entrega da declaração de R. O atraso acarreta multa no mínimo R\$ 165,74. **Pág. 7**

brasil

Opinião da Folha
Leia os editoriais “Vale, pedras e ideologia”, acerca de leilão; “Quantidade e qualidade”, sobre exportação; e “Aberração eleitoral”, sobre desincentivo à privatização. **Pág. 1-2**

AMANHÃ

Trabalho infantil é analisado

Caderno especial mostra amanhã a vida de crianças que trabalham. **Pág. 1-16 e 17**

mundo

Pesquisa dá 5% a Tony Blair

Líder trabalhista britânico deve ser eleito amanhã. O servidor John Major, atual: 29%, tem 29%. **Págs. 1-16 e 17**

Programa o seu feriado

Os serviços a partir de amanhã

- Postos de combustível**
Facultativo amanhã e domingo
- Bancos**
Abrem só na sexta
- Supermercados**
Fechem amanhã
Podem abrir no domingo
- Lojas e shoppings**
Podem abrir no domingo

Estradas	Horários de maior movimento
Anchieta/Imigrantes, Anhanguera/Bandeirantes e Trabalhadores	Hoje Das 20h às 24h
	Amanhã Das 9h às 15h
Nas demais rodovias	
Hoje	Das 17h às 22h
Amanhã	Das 8h às 14h

Pág. 3-2

BOA NOTÍCIA

Vacina protege macaco de HIV

Pesquisadores do Centro Médico da Universidade da Pensilvânia (EUA) conseguiram imunizar três chimpanzés contra o vírus da Aids. Vacina foi feita com genes enfraquecidos do HIV tipo 1. **Pág. 1-20**

Belo Horizonte inicia programa do centenário

Um ato político em defesa do emprego, amanhã, marca o início das comemorações do centenário de Belo Horizonte, que acontece em 12 de dezembro. A programação prossegue até junho do ano que vem. Mais de 200 eventos culturais, esportivos, de lazer, políticos e de preservação da memória estão previstos. **Pág. 3-8**

ATMOSFERA

Tempo no Brasil **Pág. 3-9**

Chuvras no Nordeste	
Mínima 3°	Máxima 35°
Santa Catarina	Roraima

Amanhã Chuvras no Norte

ORIENTE-SE

30 de abril	Pág. 2-1
■ Poupança (19/5)	1,1242%
■ Dólar* cotações de 29/4, em R\$	
paralelo	1,110 / 1,135
turismo	1,050 / 1,080
livre	1,0627 / 1,0629
■ Bolsas	Índice de 29/4
SP +0,98%	Rio +0,80%

* compra e venda respectivamente



'Neobobismo' O presidente Fernando Henrique Cardoso beija a primeira-dama, Ruth, na posse de conselheiros do Comunidade Solidária, no Planalto. Em discurso, FHC atacou o "neobobismo" dos críticos que vêem o governo preocupado só com o mercado e disse que o Brasil vive um momento em que "ainda não deu a volta por cima, mas já sacudiu a poeira" Pág. 1-11

Folha, 25/03/97

Para FHC, ^{25/03} crítica revela 'neobobismo'

da Sucursal de Brasília

O presidente Fernando Henrique Cardoso rebateu ontem as críticas que são feitas à área social do governo e classificou de "neobobismo" a política dos que afirmam que ele só se preocupa com o mercado financeiro, deixando de lado os investimentos sociais.

"Só quem não tem nada na cabeça é que fica repetindo que o governo só se preocupa com o mercado, que é neoliberal. Eu já disse isso uma vez, isso é 'neobobismo'", afirmou FHC diante dos conselheiros do programa Comunidade Solidária, que tomavam posse no Palácio do Planalto.

Segundo o presidente, quem diz que o governo diminuiu o gasto com a área social está "dizendo bobagem". "Se não me falha a memória, dois terços do gasto público no Brasil vão para a área social."

Para FHC, as críticas são feitas por "preguiça", "má-fé" e "ignorância". "Ou é tentativa de embuste; fazer de conta que está se fazendo menos do que está (se) fazendo", completou.

"Não é essa coisa simples de olhar no computadorzinho lá do Siasf (Sistema Integrado de Administração Financeira), gastou tanto, perdeu, ganhou. Isso é jogo de criança, não é sério", afirmou.

FHC citou como exemplo o caso das cestas básicas. Disse que muitas vezes são feitas comparações erradas "para dar um escândalo" e dizer que o governo está gastando menos com cestas básicas.

"(Quem diz isso) Esqueceu de ver o seguinte: que nós dobramos o número de cestas básicas, de 3,5 milhões para, eu creio, 7 milhões —algo assim", afirmou.

Antes do discurso de FHC, Ruth Cardoso havia dito que é preciso ampliar as ações do programa e torná-lo "mais visível". Em seguida, FHC disse que irá atendê-la.

Para ele, o Brasil vive um momento em que a sociedade "ainda não deu a volta por cima, mas já sacudiu a poeira". "(A sociedade) Começa a perceber que é preciso atuar com outro espírito, com maior convergência, com critérios mais objetivos, somando forças da sociedade civil, do governo e sempre com transparência."

Fo no. 25/03/97

NEOBOBBISMO

O presidente FHC cunhou mais uma expressão para satirizar (e desqualificar) a oposição de esquerda ao governo. Batizou como "neobobismo" a política dos que afirmam que ele só se preocupa com o mercado financeiro, descuidando do social.

Há pelo menos três questões políticas implícitas no arroubo retórico presidencial. Uma é o seu gosto pela "boutade", traindo um pendor pela ironia professoral. Mas há, também, a questão substantiva de avaliar as políticas sociais de seu governo. E há uma questão de filosofia política.

É uma questão de gosto, que não é cabível julgar, se suas ironias têm maior ou menor graça.

Quanto à efetividade de suas políticas sociais, o mínimo que se pode dizer, acompanhando a primeira-dama Ruth Cardoso, é que as ações sociais do governo FHC carecem de visibilidade. O que, aliás, não chega a espantar: nesse setor as notícias mais fortes e frequentes são negativas, das mortes por incúria em clínicas médicas à incapacidade do governo fede-

ral de fazer frente ao MST; passando por avaliações ainda polêmicas sobre o real efeito distributivo da estabilização econômica.

Finalmente, há uma questão de filosofia política, pois o presidente FHC pressupõe que "a sociedade" esteja começando a perceber "que é preciso atuar com outro espírito, com maior convergência".

Entretanto, a noção de "convergência" pode esconder riscos de "despotismo esclarecido".

O tema da "convergência" é central na obra do cientista político italiano Norberto Bobbio.

Para evitar o despotismo, é necessário o pluralismo. Assim, para Bobbio, é possível a convergência numa sociedade quando, por meio do debate, das eleições e da opinião livre, as partes em conflito aperfeiçoam a democracia, produzindo consensos.

Mas o risco a que FHC se expõe é crer que o Brasil hoje conta com uma convergência acabada, ao satanizar a oposição e imaginar um consenso ideal em torno de si mesmo.

Atividade com charge

1. A que faz a diferença a charge?

2. Quem são os personagens envolvidos?

3. Qual é a proposta do charge? em relação ao fato?

4. Você concorda com ele? Por quê?



Folha de 5. Reculo

26/03/97

O Jornal Nosso

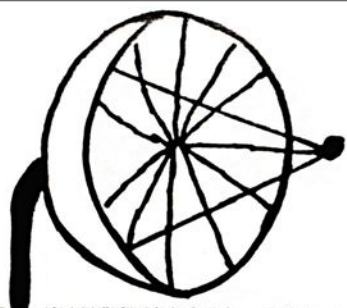
Alexandra Bujokas de Siqueira

Atividade com charge

1. A que fato se refere o desenho?
2. Quem são as pessoas envolvidas?
3. Qual é a posição do chargista em relação ao fato?
4. Você concorda com ele? Por quê?



Folha de S. Paulo, 26/03/97



ATUAL

Bauru, 04 de julho de 1997

Produzido pelos professores na Oficina de Jornal - Ano I - Nº I - 01

Jornal em Sala de Aula D.E. Bauru Promove Curso

A Delegacia de Ensino de Bauru promoverá um curso sobre o uso do jornal em sala de aula. O curso será destinado a professores de português e será ministrado pela professora Terezinha Mestrinelli Paranhos, docente da E.E.P.G. "Durval Guedes de Azevedo".

A profª Terezinha trabalha com jornal há três anos, devido à pesquisa-piloto, desenvolvida para tese de mestrado em Comunicação pela Unesp - Campus de Bauru.

Segundo a Profª, além de focar a estrutura dos elementos do jornal, ela também trabalha a estrutura textual de acordo com o gênero.

No curso promovido pela D.E., os conteúdos abordados serão: "Estudo e Análise da Estrutura do Texto Jornalístico". Conceitos de como o texto jornalístico é impresso e elaborado, tais como: editorial, artigo, entrevista, farão parte da pauta do curso.

O objetivo pedagógico será fazer com que o aluno aprenda a elaborar um texto jornalístico, com uma organização textual apropriada, bem como desenvolver o poder de síntese, além de adquirir meios de entender e analisar outros textos semelhantes.

Ainda de acordo com a professora Terezinha, "para o jornal ser trabalhado de maneira eficaz, o aluno, além de conhecer os elemen-

tos que compõem o jornal, deve ser orientado também sobre a estrutura do texto jornalístico, de acordo com sua finalidade".

O curso será promovido na segunda sexta-feira de agosto e a responsável por ele será a profª Maria de Lourdes Tezani Pittoli, supervisora da D.E. de Bauru, que falou sobre o objetivo da promoção de eventos deste tipo:

"O jornal, sendo bem conhecido pelos professores, poderá também ser conhecido pelos alunos."

"O objetivo da Delegacia de Ensino ao promover cursos desse tipo é principalmente mostrar ao professor opções diversificadas de trabalho com a Língua Portuguesa. A partir daí, que haja a multiplicação das atividades nas escolas junto aos demais professores de outras disciplinas. O jornal, um dos mais importantes portadores de textos, sendo bem conhecido pelos professores, poderá também ser conhecido pelos alunos. Fazer jornais em sala de aula é uma atividade riquíssima, significativa em todos os aspectos: linguísticos, comuni-

cativos, atual, enfim, a gama de positividade é muito grande. Além disso tudo, por mais que se trabalhe com jornal, há sempre algo mais a se trabalhar e a mesmice do dia-adia vai se tornando coisa do passado. É um renovar constante e o processo de conhecimento vai se fazendo de modo gostoso e enriquecedor!"

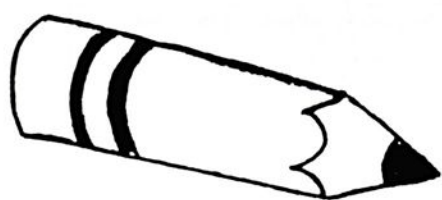
Poderão participar do curso de agosto somente os professores que foram convocados para o curso sobre uso de jornal em sala de aula, uma vez que este segundo curso será continuidade daquele primeiro.

EXPEDIENTE

Jornal produzido pelas professoras: Elisabeth Lemos de Aquino Neves; Silvana de Cássia da Silva Pedro, Rosemeire Aparecida Alves, Jane Andréia Guarnieri Souza e Nícia Valéria Biondo de Godoy.



FATOS E DADOS

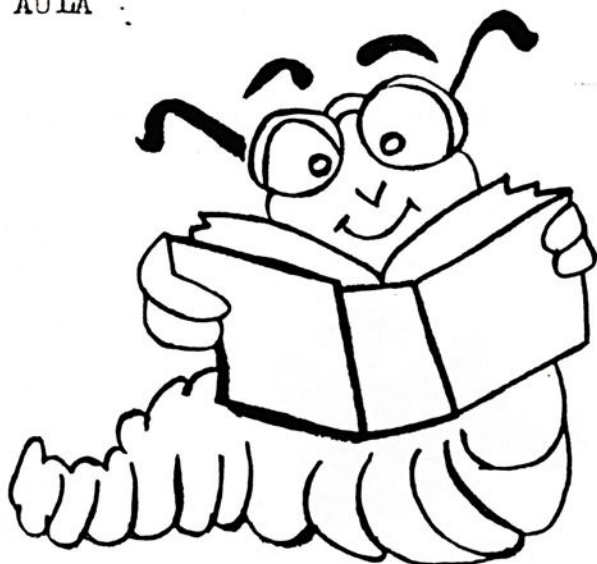


OFICINA JORNALÍSTICA

ANO I - Nº 01

A IMPRENSA CHEGA À SALA DE AULA

Através do curso "Jornal em sala de aula" promovido pela Delegacia de Ensino de Bauru, professores da rede vêm desenvolvendo uma série de atividades onde utilizam o jornal como material didático na sala de aula.



No último dia 04 de julho, reuniram-se para apresentar os resultados obtidos. Segundo a professora, Terezinha M. Paranhos, o trabalho despertou o interesse dos alunos pela notícia, principalmente pelo ato de poder fazer uma análise mais profunda e pessoal com relação a primeira página. Já a professora Ivone Silva utilizou o projeto para "quebrar" a rotina dando oportunidades aos alunos de falar sobre assuntos como tragédias, esportes e depois induzi-los a produzir matérias.

O projeto, apesar de estar começando, obteve êxito, conseguindo encontrar nos alunos uma "reação positiva e participativa", na opinião da professora Iraci Verardo. Para o ano de 1998, novos cursos serão realizados para aprofundar o tema.

E X P E D I E N T E

Coordenadora: Alexandra Bojokas

Equipe de professoras: Maria Zilda Santos
Rosa Maria C. Farias
Maria Lúcia Baffi
Maria José Silva
Zenir Leira
Marcia Vianna

Jornal dos PROFESSORES

Boletim produzido pelos professores do curso "O jornal na sala de aula" promovido pela D.E. de Bauru.
Nº 1 - Julho / 1997

JORNAL NA SALA DE AULA: UMA NOVA ALTERNATIVA

Curso ensina professores a usar o jornal em sala de aula.

Os professores de Português da Rede Pública participaram, uma vez por mês, durante o período de abril a julho, de uma Oficina de Jornal oferecida pela Delegacia de Ensino de Bauru. O curso foi ministrado pela jornalista Alexandra Bujokas de Siqueira, sob a responsabilidade da professora Maria de Lurdes Tezani Pittoli, assistente técnico-pedagógico da Oficina de Português.

Três professoras foram entrevistadas quanto ao aproveitamento do curso.

Segundo as professoras Nícia Valéria Biondo Godoy, EEPG "Parque Santa Edwirges" e Jane

Andréia Guarmeri Souza, EEPG "Profa. Ada Cariani Avalone" o curso trouxe muitas informações novas e atingiu os objetivos propostos. "Aguardo as férias para digerir melhor o material

**As atividades que
serão
desenvolvidas
após o curso
proporcionarão a
formação do senso
crítico.**

oferecido", disse Nícia. A professora Maria Zilda B. Santos, da EEPG "Prof. Francisco Alves Brizola" observou que as atividades práticas deveriam ser mais aprofundadas. Nícia acrescentou que tal fato ocorreu devido ao curto es-



paço de tempo. "Deveria ser com mais vagar e duas vezes por mês", lamentou.

Todas as professoras entrevistadas foram unânimes em expressar sua expectativa quanto à aplicabilidade do material ofertado, com vistas a despertar no aluno o interesse pela leitura das várias linguagens utilizadas nos jornais. Esperam, também, que as atividades que serão desenvolvidas após o curso proporcionem "a formação do senso crítico".

JORNAL PRODUZIDO POR:
DEVANIL R.F. SABAG
ROSINEI G. VITA
SRACI M.F. VERARDU
TEREZINHA
MARIA AD. MATTOZINHO

IVONE A SILVA

Nome do jornal ou revista: <i>mic</i>	
Local de publicação: <i>Brasília D.F.</i>	Local ou locais em que circula: <i>nacional</i>
Preço do exemplar: <i>gratuito</i>	
Periodicidade: <i>mensal</i>	Número médio de páginas: <i>8</i>
Diretor ou diretores <i>Jânia Mara Vargas</i> <i>Engelica Torres</i>	Editor ou editores <i>Engelica Torres</i>
Pessoas que participam do jornal ou revista (nome e função) <i>chefe central de produção jornalística - Beth Nardelli</i> <i>Editora Engelica Torres</i> <i>secretária de redação Maryland Souza</i> <i>edição e editorial eletrônica</i> <i>alô comunicação</i>	
Público-alvo: ☐ público geral ☒ público específico Qual?	Aspecto gráfico: tamanho <i>35 por 30 cm</i> tipo de papel ☒ fotos ☒ ilustrações ☐ impresso em uma cor ☐ impresso em duas cores ☒ colorido
Tipo de anunciantes <i>não tem</i>	Assuntos abordados <i>Plano Nacional de Educação</i> <i>democratização do acesso</i> <i>começo na universidade</i> <i>mobilização nacional</i> <i>todos crianças na escola</i> <i>matrículas Educação</i> <i>Salário Educação</i>

Nome do jornal ou revista: <i>Informativo - Conferen</i>	
Local de publicação: <i>Região da Conf</i>	Local ou locais em que circula: <i>Minas Gerais São Paulo Rio de Janeiro Santa Catarina Rio Grande do Sul</i>
Preço do exemplar: <i>forti barra</i>	
Periodicidade: <i>mensal</i>	Número médio de páginas: <i>12</i>
Diretor ou diretores <i>Manoel Francisco de Santana Ary Gomes dos Santos Emílio Benina Souza Raimundo Soares Figueiredo</i>	Editor ou editores <i>Conferen</i>
Pessoas que participam do jornal ou revista (nome e função) <i>Roberto Galvão de Faria Romão (MG) Presidente Paulo Antônio Gomes Jardim (SP) 1º Vice Presidente Diascomb Bandal (S.C) 2º Vice - Presidente Leda Aíllia Santos Pereira (BA) 1ª Secretária José Sebastião dos Santos (SE) 2ª Secretário João Paulo Vieira Rocha (TO) 1º Tesoureiro</i>	
Público-alvo: () público geral ☒ público específico Qual? <i>Professores alunos, serventes etc.</i>	Aspecto gráfico: tamanho <i>31 altura 22 largura</i> tipo de papel <i>Sulite</i> ☒ fotos ☒ ilustrações () impresso em uma cor ☒ impresso em duas cores () colorido
Tipo de anunciantes <i>Não tem propaganda</i>	Assuntos abordados <i>50 Anos - Bem Vindo Boa ligação TAM Resistência Passiva à LDB aulas e Disciplinas Securitização Desobediência e Jurisprudência Inadimplência: Um novo título de nódoa Bem Vindo à Boa da 'Alumogênica' Desobediência de Ansino</i>

O JORNAL

EM SALA DE

AULA

Jornal d

Exemplar avulso R\$ 0,80 - Domingo R\$ 1,00

Consórcio regional vai

Reserva de Mata Atlântica é desconhecida

A maioria dos baurruenses desconhece a existência da Estação Ecológica que fica apenas 10 quilômetros da cidade.

Trata-se de uma reserva de 100 alqueires de Mata batizada



Jad Zoghbeib inspeciona setor de congelados e Confiança Max

Grêmios entre Para comemorar o tricampeonato da Copa do Brasil, o Grêmio jogará ne

nome: Allan Bruno Cullar 3: C n: 01 Garde

Trabalho de Português

O jornal em sala de aula

I - São meios de informações:

- os pequenos jornais de sindicatos, ou o de bairro
- jornais locais
- jornais da grande imprensa.

II - Necessidade da leitura de vários jornais:

- para confrontar dados
- perceber se há manipulação da notícia (está correta?)
- aproximar-se da realidade dos fatos

III - Função do jornal

- informar os leitores

IV - Para acompanhar o ritmo da vida das pessoas e facilitar a leitura:

- as notícias não curtas.
- a linguagem é simples e direta.
- texto sintetiza os dados relevantes.
- a divisão é em cadernos e seções.
- o aspecto gráfico é agradável.

V - Os leitores devem conhecer as características da imprensa para proporcionar:

- fa leitura dinâmica, facilitando o acesso rápido às informações:
- economia de tempo, indo direto à página que interessa.
 - familiarizando com a linguagem jornalística, pode adquirir capacidade de sintetizar e analisar dados.

VI - É necessário que o leitor conheça a estrutura e a divisão do jornal:

- para ser um eficiente instrumento de leitura crítica porque a forma como o jornal ordena os fatos, revela seu modo de compreender as relações sociais.

1ª página do jornal.

I - Objetivos:

- Funcionar como vitrine: afastar ou atrair o leitor.
- Trazer resumo dos principais assuntos.
- Trazer principais assuntos do dia (de acordo com o jornal).
- Indicar a linha editorial do jornal: conservador, progressivista de vanguarda (renunciar às tradições), popularesco, nativista etc.
- Funcionar como uma espécie de índice.
- Trazer informações corriqueiras como o valor do dólar, a previsão do tempo, etc.

Obs: Para definir a primeira página, os editores se reúnem no período da tarde, quando o jornal já tem a maioria das matérias prontas. A palavra fi-

nal e dada pelos diretores de Redação.

II - Conteúdos da primeira página.

Logotipo - letras ou palavras desenhadas para representar uma marca, uma empresa ou uma instituição ou, nos jornais, vem no alto da página, fazendo parte do cabeçalho.

Jornal da Cidade



Cabeçalho - Elemento gráfico que traz nome, data, número, local de publicação, preço e periodicidade do jornal.

A folha de S. Paulo e o Estado de S. Paulo trazendo nome do diretor e as cidades para onde são enviados.

avulso: R\$ 0,80 - Domingo: R\$ 1,00

Manchete - Tipo principal impresso em letras maiores na 1ª página do jornal ou revistas. A manchete informa aquilo que o jornal julga ser mais importante assunto no dia.

Consórcio regional vai gerir saúde

Titulos - São as frases colocadas no início das matérias, para que o leitor saiba de que se trata o texto. Os títulos das matérias mais importantes vão para a 1ª página do jornal.

**Reserva de
Mata Atlântica
é desconhecida**

**Auditor do
TCE morre
na Bauru-Jaú**

Fotos - são os componentes gráficos que o leitor vê em 1º lugar, quando editadas com destaque.



Legendas - textos explicativos que acompanham a foto. Deve ser curto e direto, pode ter ou não um título.



Jaú Zoghëib inspeciona setor de congeiados do Confiança Max

Crédito - indicação do autor dos textos, fotos e artes do jornal. O Jornal de S. Paulo também indica se a matéria foi feita por jornalistas da reportagem local.



Cortes - são elementos gráficos que representam figuras, ornamentos e letras em superfície plana. No jornalismo são informações apresentadas na forma de tabelas, mapas, quadros e gráficos preferencialmente usando recursos da cor. Além dos gráficos e tabelas que completam os textos, traz também a previsão do tempo, resultados de jogos de futebol, índice de juros, poupança.

METEOROLOGIA



Tempo nublado, com períodos de sol e chuva. Temperatura em declínio.
Pág. 30
 Em Bauru: 14C/21C

INDICADORES ECONÔMICOS

DÓLAR

	Compra	Venda
Comercial	1,0701	1,0708
Turismo	1,055	1,085
Paralelo	1,115	1,130

Cotações de sexta-feira



POUPANÇA
 25/5 26/5
 1,0952% 1,1112%



UFIR
 (janeiro a dezembro)
R\$ 0,9108



LOTERIAS

Confira os números da Loteria Federal
PÁGINA 9

Quem batiza Atlântica é a Associação

Grêmio jogara

Chamada - pequeno texto que sai na primeira página e resume as informações publicadas pelo jornal sobre o assunto. Dá a publicação do caderno e número da página interna onde está impressa a matéria completa.

O Noroeste joga hoje à tarde contra a Matonense, em Matão, pensando em manter a invencibilidade de sete jogos e se aproximar das finais do campeonato. Claudécir volta ao time e Raudnei estreia. O esquema será cauteloso. **PAG. 20**

Índice - lista que indica a ordem dos cadernos e a página das seções fixas do jornal como, por exemplo, a folha de S. Paulo caderno 5 ilustrada, página 7 Televisão. O índice também o número total de páginas da edição e a tiragem do jornal naquele dia.

OPINIÃO.....	2
DESTAQUES.....	6
ESPORTES.....	18
REGIONAL.....	21
PESCA, LAZER & TURISMO.....	24
BRASIL.....	25
INTERNACIONAL.....	31
RESUMO DA SEMANA.....	32
CLASSIFICADOS.....	33

Cidades da 1ª página.
Estudo comparativo dos jornais.

1- Qual é o nome deles?

Diário de Baurer
Folha de S. Paulo
Jornal da Cidade
O Estado de S. Paulo

2- São do mesmo tamanho ou não de tamanhos diferentes?

São de tamanhos diferentes. Diário de Bauru é o maior. O Jornal da Cidade, O Estado e a Folha de S. Paulo são do mesmo tamanho.

3- Qual é o maior? e qual é o menor?

O maior é o Diário de Bauru, os outros são do mesmo tamanho.

4- Em quantas cores eles são impressos?

Jornal da Cidade: verde, marrom, azul, amarelo, vermelho, roxo, laranja, cinza, rosa,

Estado de S. Paulo: vermelho, roxo, amarelo, azul, verde, marrom,

Diário de Bauru: Preto e Branco

Folha de S. Paulo: verde, azul, marrom, preto, vermelho, laranja, roxo, amarelo,

5- Qual tem mais desenhos?

O Estado de São Paulo

6- Qual tem mais fotos?

Jornal da Cidade

7- Em que tipo de papel eles são impressos?

Papel reciclável.

8- Como é o layout de cada um deles?

Folha de S. Paulo as letras são pretas, maiúsculas e de forma.

Jornal da Cidade as letras são pretas e minúsculas só J e C são maiúsculas.

Estado de S. Paulo, as letras são azuis e
maiúsculas

Diário de Bauru, as letras são pretas e
maiúsculas.

9- Qual é a tiragem de cada um deles?

A Folha de S. Paulo é 514.144 exemplares
e o restante não consta.

10- Qual é a periodicidade de cada um deles?
Todos são diários.

11- Para quem eles são feitos (pessoas adultas, cria-
ças, donos de empresas, trabalhadores, jovens, homens,
mulheres, donas de casa, etc.)
Para todos

12- Eles tratam de algum assunto específico? Qual as-
sunto? Ou tratam de assuntos gerais? Porque você
acha isso?

Tratam de assuntos gerais: opinião, destaques, apa-
resca e turismo, Brasil, internacional, classifica-
ção da semana, esportes, regional.

13- Qual deles é mais bonito?

Jornal da Cidade

14- De qual você mais gostou?

Jornal da Cidade.

Relatório

Estudo Comparativo dos jornais

Os jornais analisados foram: Jornal da Cidade, Diário de Bauru, O Estado de S. Paulo e a Folha de S. Paulo. Eles são de tamanhos diferentes; o Diário de Bauru é o maior.

São impressos em cores diferentes. Jornal da Cidade, O Estado de S. Paulo e a Folha de S. Paulo são coloridos; o Diário de Bauru é preto e branco.

O Estado de S. Paulo tem mais desenhos e o Jornal da Cidade tem mais fotos. O tipo de papel que os jornais são impressos é reciclável.

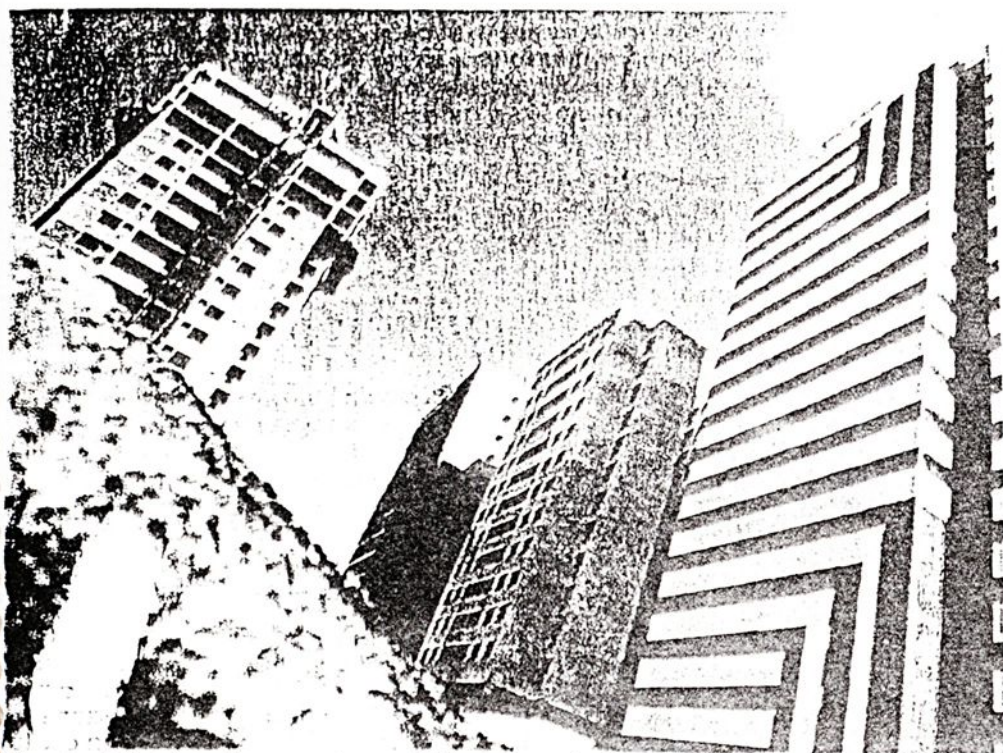
O logotipo do Jornal da Cidade: escritos com letras iniciais (J.C.) maiúsculas; O Diário de Bauru: letras de formas maiúsculas e pretas; O Estado de S. Paulo é em letras maiúsculas e azuis; a Folha de S. Paulo letras de forma, maiúsculas e pretas.

A tiragem da Folha de S. Paulo é de 514.144 exemplares; sendo que nos jornais: Jornal da Cidade, Estado de S. Paulo e o Diário de Bauru não constam a quantidade de exemplares vendidos.

Os jornais comparados são diários. São feitos para todos os tipos de pessoas e tratam de assuntos gerais, o mais bonito é o que eu mais gostei é o Jornal da Cidade.



18 de Bauru disputam hoje a moderna eleição despolitizada



Plt a Encol em Bauru serão concluídos pelos próprios compradores: previsão para entrega é de 14 meses



Rubens Cardia

Moçada Adolescentes como a estudante Paula Calipo Londolo, 15, acreditam que uma boa fragrância ajuda a compor o visual. **Página H1**

‘Órfãos’ da Encol vão tocar obras

Futuros moradores de quatro prédios da Encol em Bauru acabam de assumir obras paradas da construtora, em concordata desde o ano passado. Segundo a comissão que reúne compradores de 152 apartamentos na Vila Universitária, serão investidos 6 milhões de reais no próprio bolso para garantir o término dos empreendimentos em até 14 meses.

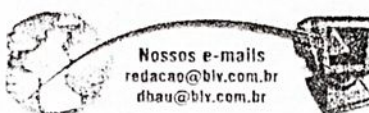
A nova construtora pode ser contratada ainda em outubro.

Uma empreiteira já trabalha em pequenos acertos nos residenciais Fontaine Bleau, Porto Real, Porto Príncipe e Villeneuve. “Agora somos incorporadores e credores da Encol”, diz o vice-presidente da comissão, Primo Mangialardo. O advogado dos futuros moradores, Evandro Joaquim, avalia que o sucesso de ações na Justiça deu segurança para a retomada das obras com recursos próprios. **Páginas B1 e B2**

edição com	dia-a-dia	E
84 páginas	acontece	E2
1º caderno	baixos	E4
opinião	exterior	E
diário político	oferta & procura	F
economia	cultura etc	G
indicadores	circuito diário	G2
esportes	horoscopo	G6
na grande área	quadrinhos	G6
eleições	tv	G7
	moçada	H

Dólar	Ouro
R\$ - Compra/Venda	BM&F R\$ 11,60
Paralelo 1,3109/1,3300	Queda de 0,94%
Comercial 1,1842/1,1847	

Nebulosidade variável com chuvas isoladas
mínima: 14
máxima: 33



Nossos e-mails
redacao@biv.com.br
dhau@biv.com.br

OPINIÃO

Editorial avalia a responsabilidade civil do voto e a importância histórica da participação do eleitor na escolha de seus representantes em cargos majoritários e proporcionais.

A repórter **Fernanda Villas Boas** escreve sobre o revival das “rainhas do lar”: profissionais de sucesso que estão abandonando a carreira para cuidar da casa e acompanhar o crescimento dos filhos.

‘Amélia’ moderna
investe na economia
Página E12

Cientistas buscam a
cicatrização perfeita
Página E9

Beijo na boca ajuda
a esquentar relação
Página E14

‘Casais diferentes’
vencem preconceito
Página E15

Canonização de Edith
Stein é comemorada
Página E2

LOGOTIPO

A Paralela

SP, RJ, MG, PR e SC: R\$ 2,00
Demais Estados: ver
tabela na página A4

O ESTADO DE S. PAULO

RUY MESQUITA
Diretor-Responsável

Julio Mesquita (1891-1927)

Julio de Mesquita Filho (1927-1969)

ANO 118

DOMINGO

Francisco Mesquita (1927-1969)

Julio de Mesquita Neto (1969-1996)

SÃO PAULO, 11 DE MAIO DE 1997

CABEÇALHO

TÍTULO

CHAMADA

TÍTULO

CHAMADA

TÍTULO

TÍTULO

CHAMADA

TÍTULO

CHAMADA

TÍTULO

CHAMADA

GRUPO

NATHALIA DENISE 30
INDRA PERSEGUIM 26
JANAINA GRASSI 27
LUIZ FERNANDO 6
5-C

ARTE

ÍNDICE

ARTE

ESPECIAIS Mães acham que filhos vão mudar o País

A modelo Ingrid Rambo, de 22 anos, e a menina de rua E.F.V., de 17, têm em comum a pouca esperança no futuro do Brasil e a convicção de que seus filhos serão transformadores do mundo. O filho de E.F.V., Alexandre, nasceu há um mês na Casa das Mães da Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor (Febem) e significa para sua mãe o mesmo que Victor representa para Ingrid: fonte de coragem.

Página C3



Esperança
A modelo Ingrid e o filho Victor: nascimento é encarado como desafio em um mundo violento

LEGENDA

Livro revela agente de Israel no País

MOISÉS RABINOVICI

O historiador Nachman Falbel revela no livro *Manasche: Sua Vida e Seu Tempo* a existência de um herói brasileiro da fundação de Israel. Seu nome é Manasche Krzepick (1898-1985), judeu polonês que por 61 anos foi brasileiro. Serviu como agente em negócios de armas e envio de dinheiro para Israel, sob embargo dos EUA. Da nome a jardim em Jerusalém.

Página A20

Rodízio vai a votação e tem apoio de 77%

Psicólogos afirmam medida a reduzir muito rigor na restrição ao tráfego de veículos

Para a maioria dos paulistas ouvidos em pesquisa realizada pelo Instituto de Opinião e Pesquisa, o rodízio de veículos na Grande São Paulo este ano deveria ser compulsório e com multa, durar quatro meses e incluir caminhões e carros a álcool. O projeto deve ser votado esta semana na Assembleia Legislativa e divide os deputados. O levantamento mostra que o apoio ao rodízio cresce entre os proprietários de carro, passando de 50% no ano passado para 69% agora. Entre os passageiros de ônibus e metrô, o índice de aprovação é ainda maior: 83%. Na média, 77% dos paulistas defendem a restrição de circulação.

de veículos. Entre os que se opõem ao rodízio, o principal motivo apresentado é a má qualidade do transporte coletivo. Este ano o governo do Estado pretende incluir no rodízio os caminhões e os carros a álcool. A medida deve atingir São Paulo, Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, Diadema, Mauá, Taboão da Serra, Osasco, Guarulhos e Foz de Iguaçu. Quem desrespeitar a proibição de circulação pode ser multado em R\$ 111. Na segunda autuação, o valor da multa dobra.

Página C1



Tráfego livre
Camila Espinosa: apoio total ao esquema

MANCHETE

CHAMADA

FOTO

Hidrovia da soja reduz frete em 30%

Escocamento da produção do Centro-Oeste atingirá 3 milhões de toneladas por ano

PABLO PEREIRA

Dentro de cinco anos, cerca de 3 milhões de toneladas de soja produzidas em Mato Grosso, Rondônia, Acre e Amazonas seguirão anualmente o curso do Rio Madeira até o Porto de Itacoatiara, no Rio Solimões, Amazonas,

rumo à Europa e Ásia. A hidrovia Madeira-Amazonas é uma estrada d'água de 1.115 km que até o ano 2001 deve multiplicar por dez o atual volume de transporte de produtos. "A ideia é fazer com que a hidrovia se transforme numa Avenida 23 de Maio", afirma John Veasey, diretor da Hermosa, empresa que administra a hidrovia. Foram investidos R\$ 50 milhões no projeto, que reduz o custo do frete em 30%. A hidrovia funciona desde março.

Páginas A26 e A27



RUMO AO ATLÂNTICO

Falta afeta a produção da indústria

As indústrias do ABC descobrem que o futebol afeta a produção. Pesquisa indica que a derrota do Corinthians quinta-feira, por exemplo, elevou o índice de faltas. Para estimular os empregados a trabalhar, a Mercedes-Benz incluiu a redução de faltas como meta em acordo sobre participação nos lucros.

Página B1

Papa sugere liberdade para Líbano

João Paulo II foi saudado ontem por dezenas de milhares de pessoas em Beirute, ao iniciar histórica viagem ao Oriente Médio. O papa fez uma discreta defesa da retirada das tropas estrangeiras do Líbano ao falar em liberdade para "filhos e filhas" do país. A Síria tem 35 mil soldados no Líbano e Israel, 2 mil.

Página A18

Cresce papel da mulher na Justiça

A presença de três juízas como protagonistas da batalha judicial durante o leilão da Vale reafirmou a tendência sobre o aumento do número de mulheres na magistratura. Quase 600 de 4 mil juizes entraram nos últimos meses em magistraturas. Muitas delas garantem que não sofrerão discriminação na carreira.

Página A24

Encontro de BH indicará rumo da Alca

Divergências entre EUA e Mercosul são o maior obstáculo para a declaração conjunta que ministros de 34 países pretendem assinar na reunião que começa sexta-feira, em Belo Horizonte. A declaração abrirá caminho para a reunião de chefes de Estado sobre a Área de Livre Comércio das Américas (Alca), em 98.

Página B3



Dedicação
Arminda: dupla jornada

Juristas são envolvidos em polêmica

Dois dos responsáveis por uma liminar contra o leilão da Vale, os juristas Fábio Konder Comparato e Eros Grau, já redigiram pareceres a favor da privatização. Contratados por empresas do Estado de São Paulo, eles usaram argumentos opostos àqueles de sua ação contra a venda da Vale.

Página A8

Brasileiros tentam reagir nas pistas

Os pilotos brasileiros tentam reagir neste domingo em duas corridas, após mau início de temporada. O SET mostra o GP do Brasil de Fórmula Indy, às 13 horas, no Rio. A Indy passa o GP de F-1 de Mônaco, às 9h30. Rubens Barrichello larga em 10º e Frenzen, na pole.

Páginas E1, E6 e E7

Terremoto no leste do Iraque pode ter causado 800 mortes

A agência oficial do Iraque informou que cerca de 800 pessoas morreram e centenas ficaram feridas neste sábado, quando um terremoto atingiu o leste do

país. Onze aldeias foram destruídas e duas cidades tiveram grandes estragos. O tremor foi sentido a até 300 quilômetros do epicentro.

Página A21

NOTAS E INFORMAÇÕES
A criação da Alca é um teste para a diplomacia dos Estados Unidos em tempo de paz. Para vencer esse teste, o governo de Clinton terá de entender os interesses entrelaçados dos demais países.

"A reunião de Belo Horizonte", na página A3

ÍNDICES FIPE-ESTADUAL	Variação em 30 dias
Índice Geral	2,78
Indústria	2,81
Comércio	2,74
Transporte	2,70
Alimentação	2,71
Aluguel	2,71
Salário	2,71
Preço Consumidor	2,71
Preço Nacional	2,71

TEMPO	Variação em 30 dias
Índice Geral	2,78
Indústria	2,81
Comércio	2,74
Transporte	2,70
Alimentação	2,71
Aluguel	2,71
Salário	2,71
Preço Consumidor	2,71
Preço Nacional	2,71

HOJE	Tiragem
(A) Primeiro Caderno	734.149
(B) Economia	
(C) Cidades	
(D) Caderno 2	
(E) Esportes	
(F) Classificados	
(G) Telejornal	

Conselho do PT pode aumentar divergência

Plano Plurianual não cumpriu metas

Mobutu marca novo encontro com Kabila

Empate com São José classifica São Paulo

Vereador do Guarujá é morto com 3 tiros

Nove pessoas morrem em chacinas no Rio

NO PRÓXIMO DOMINGO:

Help!

Técnicas de Redação e Literatura

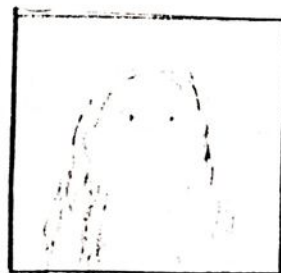
UM GUIA PRÁTICO PARA MELHORAR SEU TEXTO

TODO DOMINGO NO ESTADO

PARTIR ÀS 10h



GAROTOS E GAROTAS DE CLASSE ALTA SÃO OS QUE MAIS CONSOMEM DROGAS



INDICE

MERCADO

DOLLAR ORO

TEMPO



DIÁRIO

DA GALERA

PALMAM
14/3/16!
Fim para o
ano
2000

NO 1º Nº 1 Quinta-feira, 22 de outubro 98 R\$ 0,30 RUA ANTERO DOMINI



Moçada Adolescentes como o estudante Paulo Calipo Londolo, 15, acreditam que uma boa fragrância ajuda a compor o visual. **Página H1**

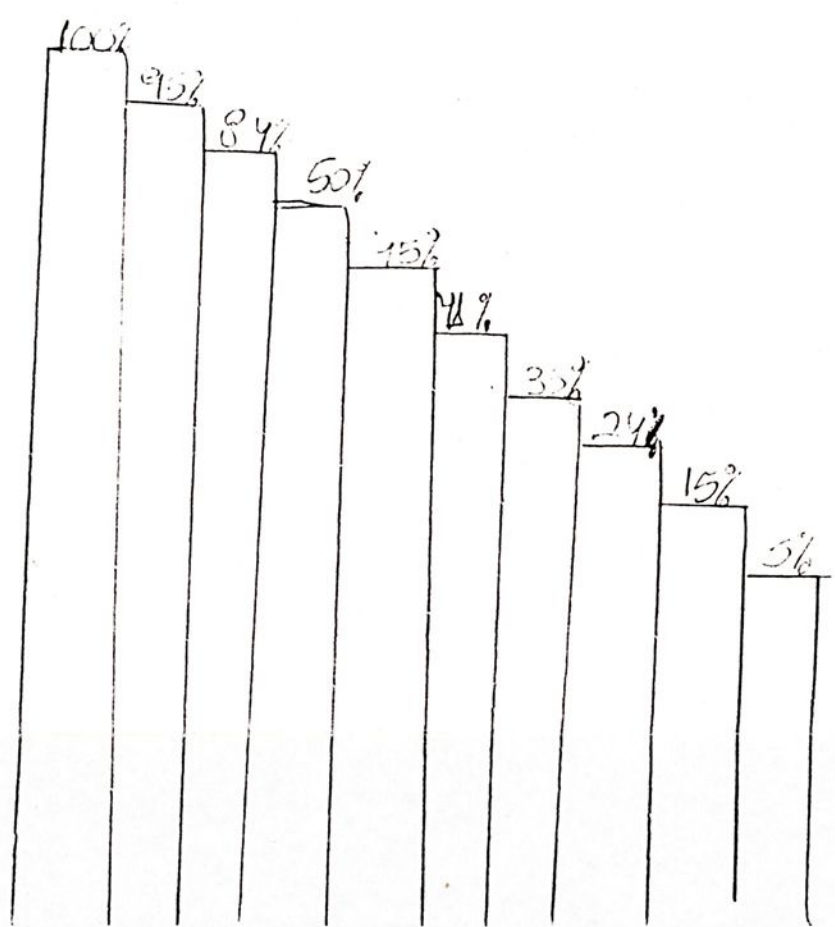
HOJE OS ADOLESCENTE ADORAM ANDAR PERFUMADOS. PAULA DE 15 ANOS ACREDITA QUE UMA BOA FRAGRÂNCIA AJUDA A COMPORTA O VISUAL!

CO-KHAM
ARALA BAURI

PÁGINA H5

- ÍNDICE
- Edição com 5 pag.
 - 1º Caderno OPINIAO ACONTECIMENTO
 - 2º Caderno esportes cultura.
 - 3º Caderno.
 - HOROSCOPO
 - QUADRINHOS
 - T.V
 - 4º Caderno FERTAS E ulturas.
 - Internet.

PESQUISA NA região de BAURU mostra mais Ado. Gravid.



Bauru, 8 de outubro de 1998

nome: Renata Santos Christini 7º ano

nome: Rosely de Brito Nascimento 7º ano

nome: Cizeli Maria Simões Sene 7º ano

nome: Bruno Maldonado Duarte 7º ano

nome: Debora Quimenes 7º ano

logotipo → Desenho ou representação gráfica do símbolo, ou o nome do jornal.

cabçalho → É impresso as datas, valor do jornal, ano e dia.

manchete → Principal notícia que, destaca no jornal.

arte → Desenho ou figura representando o manchete.

chamadas → É que está impresso na 1ª página, divulgando o que vai aparecer nas próximas páginas.

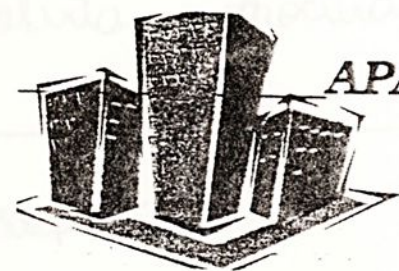
fotos e legendas → É a figura e ~~exemplos~~ em baixo retratando o assunto da figura.

índice → Apresentamos os assuntos e as páginas do jornal em 1ª parte.

titule → nome do jornal em: jornal da cidade, Diário de Bauru.

PROCURA

CADERNO DE NEGÓCIOS DO DIÁRIO



APARTAMENTOS
À VENDA &
PERMUTAS



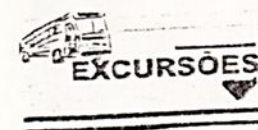
NEGÓCIOS &
OPORTUNIDADES



RESIDÊNCIAS
À VENDA &
PERMUTAS



COMÉRCIOS À VENDA



SÍTIOS &
FAZENDAS



Nome da escola: Núcleo de ensino Renovado

Nome do aluno: Bruno, Debora, Gizeli, Renata e Rosely

Número: _____ série: 7º

Data: 12/11/98

CADERNO	CONTEÚDO
Dia - a - Dia	noticias que ocorrem no dia - a - dia, ofertas de Supermercados, slogan e etc.
Cultura	show, apresentações, programação de T.V. filmes, novelas, Horoscopo, quadrinhos, cruzadinhas, esportes etc...
Oferta, e procura	vendas, locação, de carros residenciais, animais, terrenos, empregos, cursos, telefones etc e etc.
Esportes	fala sobre, jogos de futebol, corridas, resultados de jogos, classificação de jogos, e etc.
moçada	Tem opinião, testemunhas, casos, sugestões das galera etc
Economia	noticias referentes ao dinheiro Bolsas, aposentadorias, empréstimos, lucros e etc.
Empresas	coisas sobre industrias, comuaõ, e etc.
Exterior	noticias de países de fora.



Um incêndio matou 65 jovens entre 14 e 20 anos e deixou outros 162 feridos (27 em estado grave) numa danceteria de Gotemburgo (Suécia). A tragédia aconteceu durante a festa de Halloween. As causas do incêndio ainda são desconhecidas. Página F1

DIÁRIO

esportes

+ cultura + exterior

GP do Japão define o campeão mundial
Plínio Marcos é o destaque do *Cena Aberta*
Martins renova contrato até dezembro/99
Baryshnikov traz *HeartBeat:mb* para o Brasil

Taça São Paulo custaria
50.000 para o Noroeste

Santos terá o reforço de
Viola amanhã na Vila

Inter e Botafogo decidem
o futuro em Porto Alegre

O CORUJINHA

EEPG Prof. Tese VIRANDIA



DESTAQUES

Redatores - William, Fernanda, Eliane, Criel, Bruna, Letícia da Silva, Thaísa.

Desenhista - Letícia da Silva

Propagandistas - Ana Lúcia, Tais de Souza - Letícia da Silva

Repórteres - William, Carlos, Ana Paula, Eliane, Gustavo, Lucas, Thaísa, Lorraine, Giverson, Renan, Fernanda, Letícia da Silva, Lajane, Tais de Souza, Ana Lúcia, Alexandre e Silvana

Diretora - Sueli

Fatos e Curiosidades da Escola
Classificadores

Antônio Especial - Uruguaiana

PÁG. 2

Gatinhos e Gatinhos Autôno 1998.

O melhor amigo

Solmo 117

Brasil 500 anos no ano 2000

PÁG. 1



Como eles pensam

???

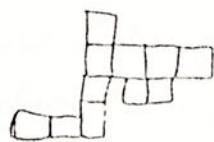
Entrevista de mês



PÁG. 3

Espago livre de leitor

Cruzadinha



Aniversariantes do mês

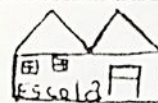


Advinhe se foi capaz

?

PÁG. 4

Normas da Escola



Pesquisa - Fatores Positivos e Negativos da Escola

Culinária



Para Refletir

??

PÁG. 5

Nossa Missão - Levar informações sobre a Escola para melhor conhecimento de todos.

2ª edição H

COMO ELES PENSAM

leli - Um exemplo de vida - Papa João Paulo II com humildade e dedicação se entrega para resolver os problemas do mundo, até mesmo debilitado.

ourdes - Um pensamento. Daí por quê para Deus não é filho único, mas irmãos de muitos.

unides - Se o mundo fosse acabar amanhã o que você faria hoje?
Aproveitaria e máxime que eu pudesse e dia e a noite.

laria Dinato - O que você mudaria na Escola? Os pais, participando mais da escola para que seu filho(a) respicite Melhor, que deem mais orientações em casa também.

prival - Para quem você tiraria o chapéu? Deus E para quem não tiraria? Políticos.

aria (secretaria) - Um pensamento - Com fé em Deus, eu me entrego, confio, creio e agradeço.

3na - Como seria para você a escola ideal? Seria aquela baseada em amor e no respeito. Onde cada pessoa, alunos e funcionários, visse no seu próprio a imagem de Deus. Onde cada aula seria ministrada com a alma.

aria Ana - Uma crítica qualquer a qualquer pessoa. Cummento da passagem dos ônibus escolares? Ao prefeito Izze Filho e a quem for de Direito.

ide - O que você acha que deveria mudar urgente no Brasil? O sistema político econômico que diminuisse e levasse o piso salarial dos trabalhadores.

andra - Qual seu maior sonho? É ganhar na loteria e não mais trabalhar. (Sandra Manduca)

los - Qual seu maior sonho? Que as crianças do mundo inteiro não passem mais fome, que todo mundo tivesse saúde para aproveitar mais a vida. Felicidade para você.

inia - O que você mudaria na Escola? Mudaria o Merceio. Faria um espaço maior.

itina - Qual o acontecimento mais importante na sua vida? O nascimento dos meus filhos.

andra - A melhor qualidade em uma pessoa? Sinceridade E a pior? Falsidade.

Entrevista do mês

ome - Maria Estela Ruiz Stefanon de Souza.
niversário dia 28 mês - junho

ome do filho(s) - Luciana Ruiz S. de Souza

animal de estimação - gato

ato preferido - Strogonoff - (é apenas um deles)

m livro que mais gostou de ler - O pequeno Príncipe.

estaria de ter outra profissão? - Sim

qual? - Comerciante (gostaria de ser dona de uma floricultura).

o lugar que gostaria de conhecer - Disney

o exemplo de vida - Irmã Dulce.

o que mais valoriza em uma pessoa - a sinceridade eo que não gosta - o egoísmo.

m sonho - Poder corrigir o mundo (eu sei que é só sonho).

na crítica qualquer a qualquer pessoa - Não concordo com a diferença social entre as pessoas. Todos devem ter oportunidades iguais (Moradia, emprego, assistência médica).

ma mensagem - Que a criança do hoje possa ser uma luz para clarear o mundo de amanhã...!!!

Venha comprar pastéis, sabor carne, queijo. São deliciosos!!

Festa do pastel na escola 16/05/98.



FATOS E CURIOSIDADES DA ESCOLA

Você sabia que:

- A coruja é o símbolo da escola. Muitas delas fazem moradia aqui na escola.
- A professora Lara já escreveu e publicou um livro chamado "Lombrão do passado".
- O professor Antônio da 4ª série também é piloto.
- A Estela tem um gato persa amarelo que toma banho e cheira talco de bebê.
- A aluna Tais da 2ª série é modelo e desfila sempre em Liliçã.
- A professora Sueli tocava na fanfara quando estudava.
- Fernanda Carolina da 4ª B dança ballet.
- O Bruno da 4ª B pratica judô.
- O Adoniz da 4ª B pratica capoeira.
- As alunas Danielle Tamires e Jesimaria regentam aulas de jazz.
- O Rafael e o Fernando Henrique vão na escolinha de futebol.
- O Marcos gosta de desfilar.
- A Suzel é ótima desenhista.
- A Flaviana faz computação.
- O Wellington é bobinho (esotérico).
- Parabéns! São todos alunos da 4ª B da professora Maria Ana.

Doka-Vam

Doka-Vam não precisa ir de avião e só falar com a Dona Katina e não precisa dirigir e car-
ne e pode ficar sossegado.



Quer ficar linda? Disk Thelma você não vai se arrependendo. As roupas dela são lindas!



Classificados

Vende-se

- Rodutor da natura - professora Maurício.
- Rodutor do Amor - Evrides.
- Livros jurídicos - professora Elaine.
- Peixe de água doce - professora Ligia.
- Salgadinhos - alunos Luis Gustavo.
- Boné de lã - mãe da aluna Wellem.
- Cadernos espirais diferentes - mãe do aluno Rogério.
- Serviço de funerária - pai da aluna Bruna.

Curso na Escola

- curso de bordado em telas de segunda a sexta-feira das 14:30h às 16:30h. O curso é dado pelas mães dos alunos.

Escola de judô e jiu-jitsu
rua Carlos de Campos.

Escola Judami

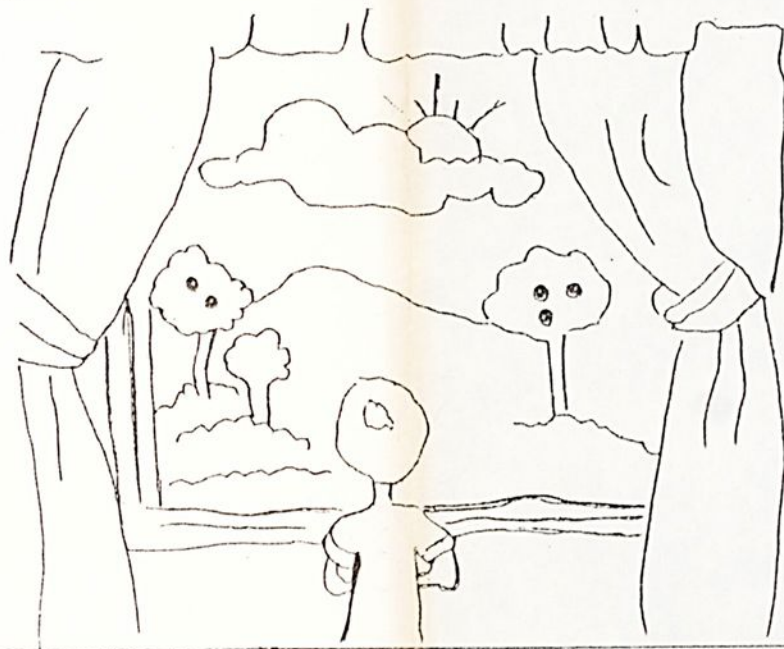


CANTINHO ESPECIAL

Texto enviado pelo padre Carlos Antonio Pessoa

ORAÇÃO

A oração é na verdade um diálogo com Deus. Cada pessoa é livre numa conversa. Alguns dizem que a melhor oração é amar, pois o amor tudo transforma. Dão muitas as definições da oração mas o que na verdade é importante é que ela seja uma oração simples, pequena mas do coração. Quando rezamos devemos nos entregar a Deus, ele é a nossa fortaleza e segurança. A oração também é um bom dom de entrega e por isso ela deve ser feita num clima de paz. Dizia Santo Cipriano, um grande Santo da nossa Igreja: "Quem antes reza duas vezes, por isso podemos também fazer uma bela oração e ser uma oração. As crianças, desde cedo devem aprender a rezar, confiando no Senhor e colocando sua vida nas mãos dele. Que a nossa vida de oração nos ajude".



Cruzadinha sobre a Escola

4-

Aniversariantes de Abri

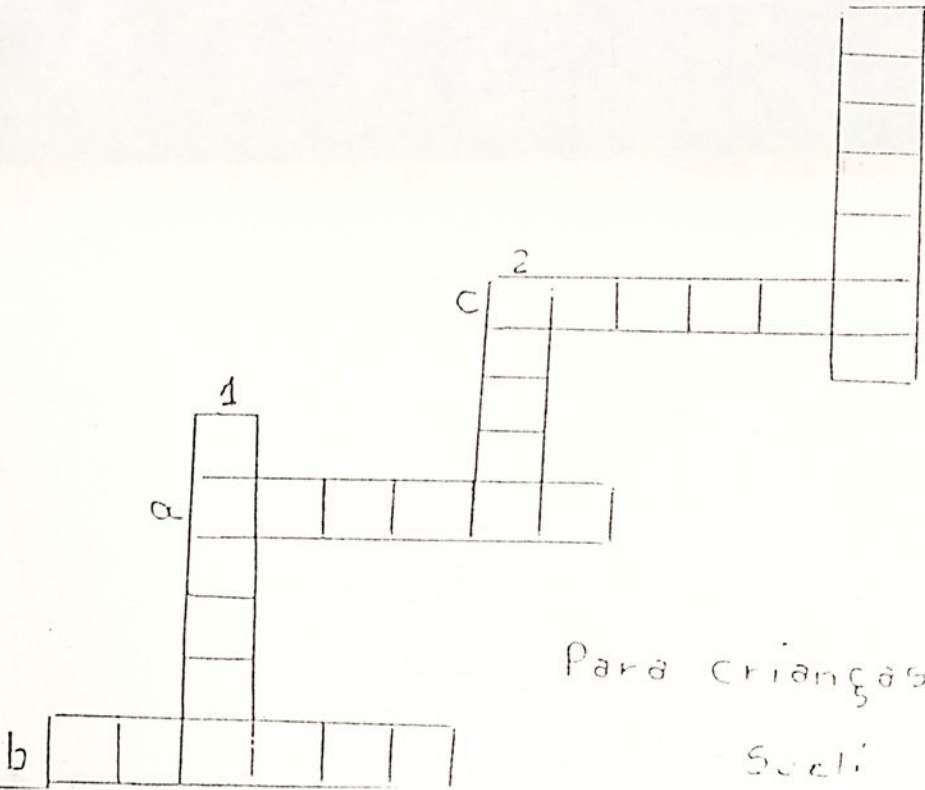
VERTICAL

1. Que símbolo da escola.
2. Ela sempre filma as festinhas na escola.
3. Ele deixa as salas de aula limpinhas.

HORIZONTAL

- a. Professores e alunos fazem todos os dias antes de ir para suas classes.
- b. Nome da professora que começa com E e termina com E.
- c. Professora da 1ª série da manhã.

3



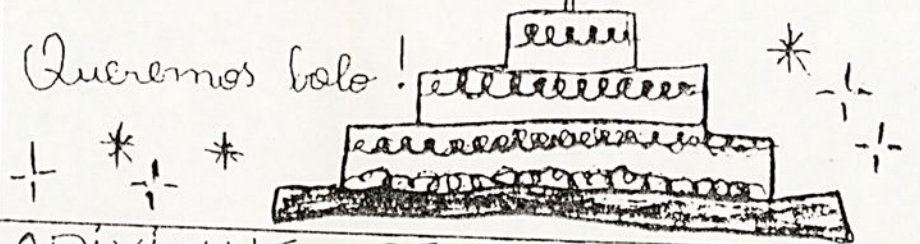
Para crianças

Socli

Quem faz aniversário dia 25 de Abril é a professora NILDA da 1ª série da manhã.

Parabéns e que Deus a abençoe.

Queremos bolo!



ADIVINHE SE FOR CAPAZ

Alunos da 2ª série F da profª Rosa

- 1- O que é que tem espinha e não tem coroa?
- 2- O que é o que está em pé e corre deitado?
- 3- O que é o que imita a bola e depois rola?
- 4- O que é o que entra dentro da água e não se molha?
- 5- O que é o que está em pé fica deitado e deitado fica em pé?

Resposta na página 5.

Espaço livre do professor. MARA.3.3B

As loucuras do El Niño no mundo

O fenômeno El Niño é um dos responsáveis por grandes tragédias climáticas em todo planeta.

Desde o ano passado, vem provocando mudanças radicais em vários pontos do nosso globo como:

- Maremoto no México
- Tempestades para o deserto do Arizona
- Inundação no Rio Grande do Sul
- Secas na África
- Calor esaldante na Nova Zelândia
- Incêndios nas florestas tropicais devido a
- Clima seco...

O fenômeno desvia as chuvas da região para o oceano, tempestades elétricas, ventos constantes fazem o resto.

O fogo é uma presença constante em nossas matas e florestas, consumindo fazendas e parques nacionais, até residências nos arredores. Os incêndios e os demais acontecimentos são um desastre de natureza humana e ambiental.

O que fazer? ...
Temos sempre que manter a esperança de dias melhores.

Espaço livre do aluno.

Desenho enviado ao jornal pelo aluno Rafael de Souza aluno da professora Jara!



SIQUEIRA, A. B. *O Jornal e a Educação - Leitura crítica, comunicação e criatividade no Ensino Fundamental*. Marília, 1999, 238p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Campus de Marília, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho".

RESUMO

Material pedagógico destinado a auxiliar o professor de Português do Ensino Fundamental na formação de leitores críticos de jornais foi desenvolvido na forma de fichas diversas, que abordaram desde mecanismos de produção noticiosa até orientações e sugestões de atividades múltiplas, passando por análises de notícias e reportagens. Os subsídios para a elaboração das fichas se desdobraram em três perspectivas, a saber: 1) Conhecimentos das áreas de Pedagogia e Didática, norteados pela preparação de um material de fácil utilização em sala de aula; 2) Conhecimentos sumarizados após uma breve revisão de teorias críticas da comunicação, evidenciando as limitações da prática jornalística e destacando, aos professores, formas de falseamento da realidade empregadas pelo jornalismo atualmente; e 3) Informações sobre o perfil intelectual de parte dos professores da rede estadual de Ensino de Bauru, SP, obtidas a partir de pesquisa qualitativa. O material foi aplicado em quatro oficinas pedagógicas, ministradas após acordo feito com a Delegacia de Ensino de Bauru, atingindo 25 professores de português da rede estadual de Ensino de Bauru, que registraram suas impressões sobre o material através de questionário de pesquisa qualitativa. Suas respostas indicam o êxito da proposta, ainda que apontem meios de aperfeiçoamento das próprias fichas.

Palavras-chave: Imprensa; leitura crítica; Ensino Fundamental.

SIQUEIRA, A. B. *Newspapers and Education - Critical reading, communication and creativity in Grade School*. Marília, 1999, 238p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Campus de Marília, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho".

ABSTRACT

Didactic material meant to help teachers of Portuguese in Grade School in the formation of critical readers of newspapers was developed in the form of diverse lessons, which cover from mechanisms of production of the news to orientations and suggestions for multiple activities, going through analyses of news and stories. The data used for the elaboration of the lessons comprehend three perspectives, which follow: 1) Knowledge from Pedagogy and Didactics, guiding the preparation of lessons easy to use in the classroom; 2) Knowledges summarized after a brief revision of the critical theories of communication, stressing the limits of jornalistic practice and pointing out to teachers the forms of fabrication of reality used by journalism today; and 3) Information about the intelectual profile of part of the teachers employed by the state school system in Bauru, SP, obtained from qualitative research. The didactic material was applied in four pedagogic workshops, carried out due to an agreement established with the Teaching Office of Bauru, reaching 25 teachers of Portuguese from the state school system in Bauru, who gave their impressions about the lessons through questionnaire of qualitative research. Their answers indicate the success of the proposal, though pointing out ways of improving the didactic material itself.

Keywords: Media; critical reading; Grade School.

